



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

PERCURSOS, PERCALÇOS E PRAZERES DE UMA ANTROPÓLOGA FEMINISTA

NA VIDA ACADÊMICA

**MEMORIAL DE TÍTULOS PARA PROGRESSÃO FUNCIONAL À
PROFESSORA TITULAR**

CECILIA MARIA BACELLAR SARDENBERG

Professora Associada IV

Departamento de Antropologia

Matrícula SIAPE : 0282875

Período para Progressão: de 01/06/2012 a 30/05/2014

Salvador, Bahia

Abril, 2016

Cecilia Maria Bacellar Sardenberg

PERCURSOS, PERCALÇOS E PRAZERES DE UMA ANTROPÓLOGA FEMINISTA

NA VIDA ACADÊMICA

**Salvador, Bahia
2016**

*À memória de minha colega e amiga, Ana Alice,
pela parceria no trabalho, na militância e na alegria de viver.*

*Para minha Tia Cecília,
pelo nome, pelo carinho e pela força.*

*Para minha irmã Sonia Maria,
pelo nosso envelhecer juntas, sem brigar por política.*

*E para meus netinhos, João Henrique e Luana,
pela alegria que trouxeram a minha vida!*

SUMÁRIO

Introdução

1. Atividades de Formação
 - 1.1 Origens e Formação Pré-Universitária
 - 1.1.1 O Curso Primário e o Ginásio
 - 1.1.2 O Colegial e a Experiência de Intercâmbio nos Estados Unidos
 - 1.2 Formação Acadêmica Universitária e as Lutas para Concluí-la
 - 1.2.1 O semestre na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae (1967)
 - 1.2.2 O Mundo de Pernas para o ar: Visualizando o Racismo nas entranhas do monstro em Sumter, South Carolina
 - 1.2.3 Trabalho no Banco e Aprendizado de Classe em Decatur, Illinois
 - 1.2.4 Sofrendo Discriminação de Gênero no Trabalho e Descobrimo o Feminismo
 - 1.2.5 Cursos noturnos na Southern Illinois University-Edwardsville, SIUE (1970-1974)
 - 1.2.6 Enfim: Bacharelado em Antropologia na Illinois State University, ISU (1974-1977)
 - 1.3 Mestrado/Doutorado – Boston University
 - 1.3.1 Boston University 1977-1981 – Primeiros Momentos
 - 1.3.2 Boston University – 1984-1986
 - 1.3.3 Boston University 1995-1996
 - 1.4 Estágio Pós-Doutoral como Visiting Fellow no Institute of Development Studies – IDS/Inglaterra
 - 1.5. Curso de Formação, Gender and Development Training Center, Holanda -2002

2. Atividades de Ensino
 - 2.1 Ensino de Línguas
 - 2.2 Ensino no Âmbito Acadêmico anterior à UFBA
 - 2.2.1 Monitoria (Undergraduate Teaching Assistantship – UTA) no Departamento de Antropologia da Illinois State University-ISU (1976-1977)
 - 2.2.2 Graduate Teaching Assistantship (GTA) e Graduate Teaching Fellowship (GTF) na Boston University (1978-1979)
 - 2.2.3 ‘Lecturer’ no Programa de International Development and Social Change da Clark University, Worcester, Massachusetts, USA

- (1986)
- 2.2.4 Professora Assistente na Univ. Católica de Salvador
 - 2.3 Atividades de ensino na Universidade Federal da Bahia
 - 2.3.1 Departamento de Antropologia
 - 2.3.2 Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
 - 2.3.3 Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos
 - 2.3.4 Programa de Pós-Graduação em Antropologia
 - 2.4 Participação como Docente em Cursos de Especialização (Latu Sensu)
3. Atividades de Orientação e Participação em Bancas de Avaliação
- 3.1 Orientação de Monografias de Conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais
 - 3.2 Orientação de Monografias de Cursos de Especialização
 - 3.3 Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado
 - 3.4 Participação em Bancas de Avaliação de Trabalhos
4. Atividades de Pesquisa
- 4.1 Linhas e Grupos de Pesquisa
 - 4.2 Projetos de Pesquisa Desenvolvidos
 - 4.2.1 Pesquisas de Cunho Etnográfico
 - 4.2.2 Pesquisas Institucionais
5. Atividades de Extensão
- 5.1 Atividades de Assessoria e Consultoria
 - 5.2 Projetos de Articulação e Intercâmbio Acadêmico
 - 5.3 Cursos de Extensão
 - 5.4 Coordenação, Organização e Participação em Eventos
6. Produção Científica, Técnica e de Divulgação
- 6.1 Trabalhos Elaborados 1975-1984
 - 6.2 Trabalhos Elaborados 1985-1994
 - 6.3 Trabalhos Elaborados 1995-2004
 - 6.4 Trabalhos Elaborados 2005-2015
 - 6.5 Alguns Trabalhos de Destaque
7. Títulos da Carreira e Atividades Administrativas
- 7.1 Década de 1980
 - 7.2 Década de 1990
 - 7.3 Década de 2000

7.4 Década de 2010

8. Atividades Associativas e Editoriais

8.1 Atividades Associativas

8.2 Atividades Editoriais

9. Bolsas, Auxílios e Homenagens

9.1 Bolsas de Estudos e Pesquisa

9.2 Auxílios a Projetos de Pesquisa e Extensão

9.3 Auxílios à Organização e Participação em Eventos

9.4 Homenagens

Considerações Finais: Vivendo o Feminismo

Referências Bibliográficas

Anexos

Quinze Anos do NEIM: uma avaliação crítico afetiva

Minha amiga Ana Alice e eu

INTRODUÇÃO

Conquistar o título de “Professora Titular de Antropologia” na Universidade Federal da Bahia será para mim a coroação de uma longa jornada profissional. Para tanto, sou levada a elaborar este “Memorial de Títulos”, que deverá dar conta de tudo quanto tem sido minha aventura como antropóloga feminista nos meus quarenta e alguns anos de vida acadêmica.

Segundo rezam os editais e manuais, tal ‘Memorial’ deverá apresentar uma análise crítica dessas atividades e do período de formação profissional da narradora, valendo-se, para tanto, de ‘uma forma discursiva, circunstanciada e de uma perspectiva histórica’. Trata-se, por assim dizer, de um “[...] comentário analítico sobre o percurso acadêmico e títulos apresentados” (SOVIK, 1997, p.1), ou de um “[...] retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos”(NOVAES, 1985, p.35).

Mas há de se lembrar: um memorial, tal como as autobiografias e outras formas de memórias, faz parte do campo das ‘autoridades’, ou seja, dos “[...] discursos de construção de *selves* que, quando lidos, se transformam em comunicados entre sujeitos participantes de um circuito comunicativo” (SCHMIDT apud VERSIANI, 2005, p.23). Pode-se mesmo falar do memorial como uma ‘autoetnografia’, ou como uma vertente mais realista da escrita de si (KILNER, 2006, p.15).

Ao assumir esta tarefa, portanto, vejo-me frente às mesmas dificuldades postas para antropólogos e antropólogas na elaboração de uma etnografia: construir uma narrativa que se quer ‘ostensivamente científica’ a partir de uma experiência fundamentalmente ‘biográfica’ (GEERTZ, 2009, p.22). Mas, como elaborar e me situar em um texto proposto como ‘perspectiva íntima’ e, ao mesmo tempo, ‘avaliação distanciada’ do meu caminhar na construção de um saber antropológico que se quer feminista? E como cavar fundo nos lastros desse caminho sem expor minhas vulnerabilidades – ou melhor, como não deixar de fazê-lo?

Para mim, pelo menos, será impossível deixar a emoção de lado em uma escrita ‘vulnerável’ por definição. Sobre essa questão nos alerta Ruth Behar (1996, p.14, minha tradução), ao falar de uma etnografia vulnerável: “Vulnerabilidade não significa que vale qualquer coisa. A exposição do *self* que também é um expectador deve nos levar a lugares aos quais não poderíamos chegar de outra forma. Deve ser essencial ao argumento, não uma manobra decorativa, não exposição por si só”.

Deverei, pois, ir fundo no pessoal, mas mostrando as conexões, intelectuais e emocionais, entre os meandros do meu caminhar. Deverei buscar em minha trajetória os aspectos e instâncias vividas que foram os principais filtros por meio dos quais vim a perceber o mundo, fazer escolhas, me tornar feminista e socialista, estudar antropologia, ingressar na vida acadêmica e escrever o que escrevo. Mas, pergunto, como delimitar com precisão a posição de onde parti e os caminhos por onde enveredei nesse processo? Como poderei reconhecer e distinguir ‘acaso de

necessidade' ou, por assim dizer, as 'artimanhas do acaso' (PEIRANO, 1997) nesse meu caminhar? E como voltar a percorrer na memória os vários meandros desse caminho sem impregná-los da lógica do presente?

Penso como Margaret Rago (2013, p.43) que “[...] a escrita de si é uma grande aventura – a aventura de contar-se”. E como diz ela, nesse espaço autobiográfico cabem não apenas diferentes tipos de narrativas de si (blogs, memórias, diários, e poderíamos acrescentar também o ‘memorial de títulos’), como também diferentes estilos de narrativas - do ‘confessional’ a uma verdadeira ‘prática de autoconstituição’ (2013, p.55) ou de subjetivação, que nos permite “cartografar a própria subjetividade,” rompendo com os códigos normativos que nos foram impostos (2013, p.43).

Certo é, porém, que nosso autoconhecimento é sempre incompleto e só pode ser entendido em relação ao mundo social mais amplo que nos precedeu e moldou (BUTLER, 2015). Porque o sujeito se constitui na ação e em redes de relações em que vivencia a experiência (RAGO, 2013, p.42-43), razão pela qual a subjetividade não só se mostra múltipla e contraditória, como também relacional e situacional. Como bem coloca Sonia Álvarez, ao nos falar de políticas de tradução: “Nossos múltiplos “locais” ou posições de sujeito mudam, de forma crucial para a política da tradução, de acordo com nossos movimentos e passagens por “localidades” espaço-temporais. Nossas subjetividades são, ao mesmo tempo, baseadas no lugar e des-localadas ou mal colocadas” (ALVAREZ, 2009, p. 745).

Sem dúvida, essa perspectiva “[...] pressupõe a complexidade e singularidade do *self* como somatório e acúmulo de suas múltiplas pertencas, decorrentes de sua singular trajetória de identificações com diferentes grupos socioculturais, memórias e tradições [...]”. Isso nos obriga a “[...] uma reflexão sobre suas implicações para a produção de conhecimento formal, produzido por sujeitos localizados nos espaços institucionalizados das academias” (VERSIANI, 2005, p.232). Quer dizer, diz respeito também ao que produzimos como ‘memorial de títulos’.

Entendo que a construção da subjetividade perpassa a da identidade, esta também vista como múltipla e contraditória, vez que nenhum demarcador de identidade, a exemplo de gênero, pode ser entendido sozinho. Precisa ser pensado em relação aos demais que o entrecortam, tal como raça, classe, idade, geração, sexualidade, dentre outros. E, a depender das matrizes de opressão vigentes em diferentes sociedades, no tempo e no espaço, cada situação implicará em um contexto distinto de intersecção e, portanto, de poder e (des)empoderamento para sujeitos diferentemente posicionados (SARDENBERG, 2015c).¹

A identidade de uma pessoa é o produto de várias posições de sujeito distintas, mas, os diferentes marcadores de identidade não têm o mesmo peso em diferentes situações. Se em uma dada situação gênero emerge como o marcador mais relevante, em outra, pode ser raça ou classe. O contexto pode criar condições para nos tornar mais vulneráveis ou, ao contrário, nos permitir ter mais privilégios. Não por acaso, as

¹ Todos os textos de minha autoria estão elencados no Capítulo VI deste Memorial.

teorias feministas da identidade e subjetividade trabalham hoje com uma retórica de espacialidade, argumentando que: “Ao invés da perspectiva individualista dos modelos de desenvolvimento, na nova geografia figura a identidade como um sítio historicamente imbricado, uma posicionalidade, uma situação, um ponto de vista, uma intersecção, uma rede, uma encruzilhada de múltiplos conhecimentos situados” (FREEDMAN, 1998, p.19, minha tradução).

Por tudo isso, ao enveredar por esta ‘aventura de contar-me’, deverei ir me situando nos diferentes espaços que cruzei, delineando minhas diferentes ‘posicionalidades’ neles, ou seja, como gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, geração e nacionalidade, situação de deficiência ou não, dentre outros tantos marcadores sociais, se intersectaram nesses diferentes contextos ao longo da minha trajetória, ora me posicionando em diferentes situações de vulnerabilidade, ora de usufruto de privilégios (SARDENBERG, 2015c).

Acredito que, para melhor me situar nessas diferentes posições que marcaram minha trajetória de vida e acadêmica, a noção de *outsider within*, ou de ‘forasteira dentro’, cunhada por Patricia Hill Collins (1986), me será fundamental. Patricia Hill-Collins propôs essa noção de ‘forasteira dentro’ tendo por base a experiência das negras norte-americanas que trabalhavam como empregadas domésticas, sendo consideradas ‘parte da família’, mas sabendo que não pertenciam de fato a essas famílias brancas. *Outsider within* é, portanto, a situação de quem está dentro, mas não pertence, uma situação marginal que oferece, no caso dessas mulheres negras, uma perspectiva distinta sobre elas próprias, sobre família e sociedade. Da mesma forma, também as mulheres negras no mundo acadêmico estão em uma situação de ‘forasteiras dentro’, tendo acesso ao mundo acadêmico por meio do seu treinamento e diplomas, mas nunca, de fato, pertencendo à ‘roda’, uma situação ou perspectiva que lhes tem permitido elaborar uma análise distinta de raça, classe e gênero.

Identifico esse marco de ‘forasteira dentro’ como definidor do próprio exercício da observação participante, fundamental na construção da etnografia nos moldes antropológicos. E marco esse também presente em minha vida desde a mais tenra idade pelo fato de, por um acidente de parto, ter nascido com uma paralisia visual, hoje mais ou menos superada, mas que na infância me colocava nas margens. Uma situação que tentei superar com a dança, com minhas habilidades no bambolê e sendo uma boa aluna!

Da mesma forma, o fato de ser menina de classe média, filha de bancário, mas estudando em colégios de ‘burguesas’ e ‘aristocratas’, sempre me fez sentir, por assim dizer, como um peixe fora d’água. Também as questões de nacionalidade, de classe e de raça que vieram à baila com minha experiência de estudante do Brasil no exterior, depois, como jovem esposa morando em um *trailer court* ao lado de uma base aérea no sul dos Estados Unidos; ou como estudante estrangeira em Boston e paulista paulistana na Bahia, contribuíram para que eu me sentisse uma ‘forasteira dentro’ por grande parte da minha vida.

Tal situação é análoga à noção de ‘consciência mestiça’ com que trabalha Gloria Anzaldúa (2000), uma poeta feminista chicana e lésbica radicada nos Estados Unidos:

“Comecei a pensar: “Sim, sou chicana, mas só isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso por si só também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, sou produto de mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra.” Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entrelugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero? Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência nas fronteiras. [...] Eu precisava, por conta própria, achar algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade. “ (ANZALDÚA apud LIMA, 2005, p.691).

Como espero demonstrar neste memorial, esse sentimento de ‘entrelugar’ tem marcado minha trajetória, minhas andanças e mudanças, ‘prá lá e prá cá’, entre Brasil, Estados Unidos e Inglaterra, ou entre São Paulo e Salvador. Creio mesmo que meus deslocamentos no espaço, geográfico, social e cultural, me levaram a romper com meus condicionamentos de classe, raça/etnia e de gênero, dentre outros, propiciando o desabrochar em mim dessa ‘consciência mestiça’ de que nos fala Anzaldúa.

Mas, em 1980, em meio a essas andanças, aportei na Bahia, fiz concurso para a cadeira de Teoria Antropológica no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia-UFBA e, sendo aprovada e contratada em 1982, aqui fiquei. No ano seguinte (1983), junto com amigas queridas – Ana Alice Alcantara Costa, Alda Britto da Motta, Maria Luiza Belloni e Maria Amélia Almeida – fiz parte do grupo de feministas que criou o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, o ‘meu lugar’ desde então. Por isso mesmo, a história do NEIM merece um lugar especial na minha história, razão pela qual incluo, nos anexos, cópia do livreto que elaborei por ocasião do seu 15º aniversário (SARDENBERG, 1998).

Espero tornar evidente ao longo deste memorial que, a partir da criação do NEIM, minha vida acadêmica se entrelaça à própria história desse Núcleo e à de Ana Alice Costa, que nos deixou para sempre, em dezembro de 2014 (SARDENBERG, 2015a, 2015b). Na verdade, desde que ela se foi, tentei várias vezes retomar a elaboração deste memorial, iniciada tempos antes, quando ainda planejávamos fazer uma defesa compartilhando a mesma banca. Mas empaquei esse ano todo, desde o seu falecimento, por não conseguir falar da minha trajetória no NEIM sem minha amiga. Concluí, por fim, que nossas lutas para avançar o Feminismo Acadêmico no Brasil se entrelaçam, de tal forma, que escrever sobre elas é também narrar a trajetória de Ana Alice nessa minha história.

Ressalto que sou grata a Roberto Cardoso de Oliveira (p.32), por afirmar que “[...] o texto não espera que seu autor tenha, primeiro, todas as respostas para, só

então, poder ser iniciado.” E como o mesmo autor acrescenta: “É no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados da observação sistemática.” Portanto, melhor seguir em frente, narrando esta minha ‘aventura.’ Vamos a ela!

1. ATIVIDADES DE FORMAÇÃO

Neste primeiro capítulo, dedicado às minhas atividades de formação, faço uma viagem no tempo e espaço percorrendo os caminhos traçados desde o ensino fundamental, realizado em São Paulo, até os estágios pós-doutorais no *Institute of Development Studies-IDS*, na Inglaterra. Tomo a liberdade de iniciar com o meu 'início', discorrendo sobre minhas origens familiares e formação pré-universitária, de sorte a melhor contextualizar minha situação social em termos de origem de classe e como tal situação irá se transformar com minhas mudanças de país ao longo do tempo.

Creio ser importante também fazer essa volta no tempo, já que sou parte da geração dos chamados 'anos rebeldes', a geração que viveu toda sua juventude sob os difíceis anos da ditadura militar no país. Como se verá adiante, mesmo que não tenha sofrido diretamente na pele os efeitos mais danosos desse regime, trago a sua marca na minha trajetória de vida, por ter sido levada a ir viver no exterior. Espero tornar-se evidente aqui, também, que as desigualdades de gênero sofridas por eu ser mulher vivendo em sociedades patriarcais foram amenizadas em parte pelos privilégios de classe e de raça dos quais usufruí no Brasil. No exterior, sofri um 'downgrade' em relação à classe, mas o fato de ter pele clara em um mundo racista, mesmo sendo vista como 'latina', ou seja, não branca, operou como marcador no sentido de me tornar menos vulnerável ao racismo. Tudo isso demarcou minhas experiências de vida e formação nos diferentes contextos em que fui construindo minha identidade e minha consciência de ser e estar no mundo.

Dar essa volta maior ao delinear os caminhos traçados nas minhas atividades de formação será também uma forma de preencher as muitas lacunas dessa trajetória, tão evidentes para quem apenas se debruça sobre meu 'currículo Lattes'. É um grande prazer poder, finalmente, situar minha trajetória acadêmica dentro desse contexto muito mais amplo que é minha história de vida!

1.1 Origens e Formação Pré-Universitária

Essa história se inicia na Pró-matre Paulista, na cidade de São Paulo, precisamente às 06 horas da manhã do dia 12 de junho de 1948, quando, adiantando-me quase dois meses no termo normal de uma gravidez, nasci. Naquela manhã fria de junho, o jornal *Folha da Manhã* anunciava haver cessado "a luta em todas as frentes da Palestina" (com várias acusações de violação de trégua) e ressaltava a "importância de um acordo final com a União Soviética", tanto da parte da França e Inglaterra, quanto dos Estados Unidos.²

No Brasil, porém, vivia-se um intervalo democrático sob o governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, eleito em 1946 para suceder Getúlio Vargas, depois de

² <http://acervo.folha.com.br/fdm/1948/06/12/1/>

mais de uma década de ditadura. Mesmo assim, o processo democrático ainda engatinhava por aqui, vez que nosso direito à cidadania mostrava-se ainda bastante frágil, sobretudo para nós, mulheres: já havíamos conquistado o direito ao voto e à educação superior, mas ainda nos educavam ‘para o lar’, para a maternidade, para a domesticidade. Não tínhamos direito a crédito, não podíamos trabalhar sem autorização do pai ou do marido, não tínhamos meios contraceptivos seguros, tampouco o direito à interrupção voluntária da gravidez. Caberia a minha geração de mulheres conquistar novos espaços de atuação, uma conquista ainda não de todo consolidada e para a qual venho militando há mais de quatro décadas.

À bem da verdade, como filha de uma família das chamadas ‘camadas médias urbanas’, enfrentei menos dragões do que outras mulheres de minha geração para abrir esses caminhos. Meu pai, Izalco Sardenberg Junior, era funcionário do Banco do Brasil, e minha mãe, Maria Candida Bacellar Sardenberg, então ‘dona de casa’, ambos filhos de funcionários do Banco do Brasil – um gerente (Ruy Dantas Bacellar, meu avô materno) e outro subgerente (Izalco Sardenberg, meu avô paterno), da agência centro do Banco em São Paulo. Contudo, de ambos os lados, as famílias tinham origens bem mais humildes.

Do lado paterno, meus antepassados eram imigrantes que vieram do condado de Valais, Suíça, chegando ao Brasil em 1819, no navio *Heureux Voyage*. Eles integraram a primeira leva de colonos suíços trazidos para cá a convite de D. João VI, fundando, em tempo, as cidades de Macaé e Nova Friburgo no Estado do Rio de Janeiro e Casimiro de Abreu, no Espírito Santo.

Jean-Laurent Sottenberg (traduzido para ‘Sardenberg’ no Brasil), bisavô de meu avô Izalco, era um dos poucos letrados dentre esses imigrantes. Pouco afeito ao trabalho na roça, conseguiu colocação na Biblioteca de D. Pedro I no Rio de Janeiro, levando para lá sua esposa, Marie Françoise Cretton, de apenas dezesseis anos, que dera a luz a um filho na mesma época em que nascera D. Pedro II. Não se sabe como, nem por que, Marie Françoise, bisavó de meu avô, foi escolhida para ser a nutriz de D. Pedro II. Foi assim que seu filho veio a chamar-se Pedro D’Alcântara Sardenberg, sendo agraciado com uma Bolsa do Império para cursar direito em São Paulo e, posteriormente, ser nomeado Secretário da Educação de Mato Grosso.³ Seu neto mais velho, Olyntho, meu bisavô, fez carreira militar, morrendo cedo na vida de complicações cardiovasculares. Como filho mais velho, meu avô Izalco viu-se obrigado a ir trabalhar para ajudar a mãe a criar os irmãos, conseguindo colocação no Banco do Brasil, mas direcionando todos seus irmãos homens para carreiras militares.⁴

³ Consta também que Jean Laurent recebeu do Imperador 400 hectares de terras num local chamado Casimiro de Abreu, que permanece nas mãos da Família Sardenberg (CARRON: CARRON, 1986). Veja-se, também, NICOULIN (1995); BON (1994); SANGLARD (2003).

⁴ De acordo com o relato de Fernando Pinheiro em seu blog, meu avô paterno, Izalco Sardenberg, foi empossado no Banco do Brasil em 1918, aposentando-se em 1948 (ano em que nasci), quando era Contador da Agência de São Paulo, capital, época em que meu avô materno, Ruy Dantas Bacellar, era o Gerente. Veja-se: <http://fernandopinheiroescritor.blogspot.com.br/2013/01/spaulo-galante-vii.html>

Do lado da família de minha mãe, também algumas carreiras militares e de bancários se destacaram. Consta que dois irmãos Bacellar migraram de Portugal no século XIX e aportaram na Bahia; um foi para o Maranhão, enquanto o outro se estabeleceu em terras baianas, na região de Entre Rios e Inhambupe. Um de seus netos, meu bisavô Elizeu Dantas Bacellar, alistou-se no Exército e foi para o sul lutar na Guerra do Paraguai, levando consigo um violão e uma espada de prata que, até hoje, circulam pela família.⁵ Por seu desempenho na guerra, foi agraciado com o mérito de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa – medalha que por muito tempo decorou uma caixinha dourada na mesinha de sala da casa de meus avós.⁶

Depois de dar baixa no Exército, meu bisavô Elizeu tornou-se “Solicitador da República” (uma espécie de advogado – ou rábula), casando-se no Rio de Janeiro com Maria Candida da Rocha Bacellar. Ela era descendente de negros, mas fora criada como filha por família de classe média, sendo treinada como professora de línguas. Em uma época em que poucas mulheres sabiam ler e escrever, principalmente as mulheres negras, minha bisavó Maria Candida fundou e dirigiu uma escola em Limeira, no interior do Estado de São Paulo. Com a morte de meu bisavô, ela foi obrigada a fechar a escola, vez que, à época, era vedado às mulheres serem oficialmente donas de escola. Ela morreu poucos anos depois, deixando órfão meu avô Ruy, caçula da família, ainda adolescente (14 anos). Ele passou a viver um pouco aqui, um pouco ali, com cada um de seus irmãos mais velhos. Estudou engenharia na Escola Politécnica de São Paulo, mas, por falta de recursos para continuar os estudos, acabou optando, como meu outro avô, Izalco, por também trabalhar no Banco do Brasil.⁷

Na verdade, salvo o bisavô paterno de minha avó materna, o armador português Manoel Baltazar da Cunha Fortes - que veio para o Brasil com a família real em 1808, tornando-se, em tempo, dono de grandes armazéns e do Casarão do Porto, em Ubatuba, hoje um museu⁸ -, nos demais ramos das minhas famílias materna e paterna não existiu nenhum grande industrial, nenhum grande proprietário de terras, ninguém, por assim dizer, com bens de ‘raiz’. Ao contrário, foram todos integrantes de camadas da pequena burguesia, seja como profissionais liberais (dentistas, farmacêuticos, médicos, engenheiros, advogados), ou trabalhando como comerciantes, militares, bancários, professores e professoras.⁹ Aliás, são dignas de nota as professoras nas gerações que me precederam, principalmente pela linha materna: minha bisavó, Maria Candida (avó paterna de minha mãe), minha avó

⁵ <https://www.yumpu.com/pt/document/view/10991639/ordens-do-dia-guerra-do-paraguai-conde-d/759>

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperial_Ordem_da_Rosa

⁷ Sobre a carreira de Ruy Dantas Bacellar no Banco do Brasil, veja-se:

<http://fernandopinheiroescritor.blogspot.com.br/2013/01/spaulo-galante-v.html>

⁸ Sobre o ‘Sobradão do Porto’, onde cresceu minha avó materna, veja-se: http://fundart.com.br/dt_portfolio/sobradao-do-porto/

⁹ O único ramo “paulista quatrocentão” da família parece ter vindo do lado materno, da avó materna de minha mãe, minha bisavó Cândida Augusta (Martins Ferreira) Ribeiro Gonçalves, cuja família tinha longas raízes em Bragança. A genealogia desse ramo da família consta em um livreto publicado em 1945, pela Indústria Gráfica Siqueira, de São Paulo, sob o título *Os Martins Ferreira e os Ribeiro de Bragança*, no qual não consta a autoria. Meus pais e minha irmã são citados na página 54; mas nem eu, nem meu irmão éramos nascidos na época de publicação dessa genealogia.

materna, Noemia Gonçalves Bacellar, formada pela então Escola Normal da Praça, mais tarde Colégio Estadual Caetano de Campos, em São Paulo, exercendo a função de professora em grupos escolares da cidade de Barretos, interior de São Paulo, e minha mãe, também Maria Candida (mais conhecida por 'Dóca', ou Doquinha), que estudou Letras na Universidade de São Paulo.

Minha mãe chegou a lecionar por algum tempo, mas, à época do meu nascimento, como bem cabia então às jovens senhoras das camadas médias, já se dedicava apenas às 'prendas do lar'. À bem da verdade, minha família vivia então de forma modesta, dependendo apenas do ordenado do meu pai como bancário, residindo, primeiro, em um pequeno apartamento na Rua Dona Hipólita, no Jardim Paulistano e, depois, em uma casa de vila na Rua dos Pinheiros: meus pais, Sonia Maria, minha irmã mais velha, hoje funcionária aposentada do Banco do Brasil, e eu. Meu irmão caçula, Walterson - carinhosamente chamado de 'Pítico' ou apenas 'Piti' pela família e hoje um conceituado jornalista, conhecido por todos como 'Berg' - só viria ao mundo nove anos mais tarde. Já residíamos, então, em uma casa maior na Alameda Ministro Rocha Azevedo, presente do meu avô ao filho.

1.1.1 O Curso Primário e o Ginásio

Eu cresci como filha do meio, a tal do 'sanduíche', mas nem por isso deixei de ser mimada. Em consequência de um parto a fórceps, sofri fratura do crânio à altura do olho esquerdo, sendo acometida por convulsões por boa parte do meu primeiro ano de vida, o que exigia cuidados redobrados por parte de minha mãe. O músculo do olho também foi afetado no processo, resultando em paralisia parcial da vista esquerda e no uso de óculos, desde bem pequena, com um ocasional tapa-olho. Isso foi motivo para muito 'bulling' por parte de coleguinhas da escola, para quem eu era a 'zarolha', a 'quatro-olhos', a 'vesguinha' e por aí vai. Tudo compensado – ainda bem - pelos carinhos, cuidados e mimos da família. Mas creio que vem daí, desse 'bulling' sofrido quando criança devido à deficiência visual, minha empatia para com as pessoas discriminadas, excluídas, subalternas. E de me sentir desde pequena na escola como uma 'forasteira dentro' (HILL-COLLINS, 1986), alguém que estava lá, mas não pertencia de fato ao grupo. Acrescente-se aqui o fato de meu sobrenome ter origem judaica em uma época em que o preconceito contra judeus ainda era grande no país!

As progressões de meu pai na carreira bancária, em um período em que funcionários do Banco do Brasil ainda gozavam de prestígio, privilégios e de um salário razoável, possibilitariam que eu usufruísse das benesses de família de classe média 'remediada'. Assim, desde pequena, seguindo os passos de minha irmã e os conselhos médicos do oftalmologista de que a dança poderia me ajudar a ter mais equilíbrio nos movimentos, frequentei os cursos de ballet da academia de D. Kitty Bodenheimer,¹⁰

¹⁰ Sobre Kitty Bodenheimer, veja –se: <http://dancamoderna.com.br/2015/danca-moderna-no-brasil-os-pioneiros/>. Veja-se, ainda, SOARES(2002).

bailarina alemã vinda ao Brasil por ocasião da ‘Semana de Arte Moderna’ de 1922. Ela se apaixonou por nossa terra e ficou por aqui, tornando-se famosa por seu estúdio de ballet para meninas e jovens, que dançavam em festivais anuais encenados no Teatro Municipal de São Paulo e no de Campinas. Foi assim que pisei nesses palcos como ‘Dunga’ (em 1956) dos Sete Anões e ‘anjinho’ e ‘cupido’ na ‘Oficina do Papai Noel’ (em 1957). Fui também um ‘miosótis’ dançando, ao vivo, no Programa ‘Teatro da Juventude’ da TV Tupi de São Paulo, quando tive ocasião de conhecer Júlio Gouveia e Tatiana Bellinki, grandes educadores e teatrólogos dedicados à infância e juventude.¹¹

Por certo, o ballet me ajudou a vencer muitos medos causados pelo preconceito sofrido, ainda mais quando, em um evento de encerramento do ano no Externato Nossa Senhora de Lourdes, onde cursei o jardim de infância e o primário até o 2o. ano, fui a ‘estrela’ da festa, dançando a ‘Aquarela do Brasil’ vestida de baiana – e sem meus óculos. Que felicidade!

Mas, confesso que, apesar do ‘bulling’ e do rígido regime disciplinar imposto pelas diretoras, D. Nelly e D. Aracy (morria de medo delas!), trago boas lembranças dessa minha primeira escola. Também, pudera: escola particular, voltada para crianças das classes privilegiadas, oferecia um ensino excelente (inclusive com iniciação à língua francesa já no jardim da infância). Usufruí bastante do que me ofereciam, ganhando gosto pelo estudo e destacando-me sempre entre as/os ‘primeiros/as da classe – talvez mesmo por compensação!¹²

No 3º ano primário, com o nascimento de meu irmão e a mudança da família para a casa na Alameda Ministro Rocha Azevedo, passei a frequentar o Externato Meira, na Rua Padre João Manuel, bem mais perto de casa, me enturmando bem com as crianças da vizinhança, muitas estudantes da mesma escola. Assim, mesmo com os óculos e a ‘zarolhice’ causada pela paralisia na vista, consegui vencer o ‘bulling’ pulando corda no recreio e na rua e me esmerando no ‘bambolê’. Essa escola, também particular e para crianças das camadas médias, oferecia, como a outra, bom ensino com iniciação à língua inglesa, contribuindo para que eu tivesse uma ótima formação primária. Mas, no 4º ano, meus pais me transferiram para o Colégio Sacré-Coeur de Marie, no Jardim Europa, colégio de freiras onde minha irmã Sonia estudava. Excelente aluna, ela me deixou um exemplo difícil a seguir!

Como outros colégios confessionais de freiras de tradição francesa, só para meninas, criados no primeiro cartel do século passado, também o Sacré-Coeur de Marie começou como um dos “[...] refinados educandários para as moças da sociedade daquela época” (BRITTO, 2009, p.41).¹³ No início dos anos sessenta, contudo, quando eu ainda frequentava o ginásio, procedeu-se, gradativamente, a uma mudança de orientação na formação das jovens – de uma formação voltada apenas para ‘o lar’,

¹¹ Veja-se https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Gouveia e https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatiana_Belinky

¹² Os Externatos dos quais tenho notícia em São Paulo, tais como, o Nossa Sra. de Lourdes, o Elvira Brandão, o Ofélia Fonseca, foram criados e dirigidos por mulheres, muitas vezes duplas de irmãs, professoras, que impunham temor aos alunos, assumindo uma postura dita ‘masculina’. Eram, por assim dizer, mais ‘reais que o rei’, ou seja, mais rígidas e disciplinadoras que homens diretores de escola.

¹³ Veja-se, também, HENRIQUES (2006)

para uma em que se vislumbrava o ingresso de mulheres no ensino superior e sua participação em atividades sociais e produtivas (MORRA, 2009; NUNES, 2000).

Em especial, inspiradas na Teologia da Libertação, algumas freiras do Colégio passaram a dar grande importância a nossa participação na ação pastoral, com destaque para a Ação Católica, levando-nos a participar da Juventude Estudantil Católica – a JEC.¹⁴ Assim, todas as terças-feiras pela manhã, eu seguia com Mère Consolata e algumas colegas do ginásio para fazer um trabalho de catequese e de ação social na antiga Favela do Aeroporto (destruída depois por Jânio Quadros). Aos domingos, bem cedo, ia de ônibus da escola com uma turma de meninas do Sacré-Coeur de Marie e rapazes do Colégio São Bento fazer trabalho semelhante em Vila Carolina. É claro que aí rolava muita ‘paquera’ e namoro junto com as outras atividades; mas, isso contribuía para manter nosso interesse nesse trabalho. Ademais, essas práticas missionárias nos permitiam ter uma aproximação com uma realidade bastante diferente da nossa e incentivar nosso compromisso com uma ação transformadora da sociedade.

Mas, vejam as contradições: ao lado de tais atividades, eu participei, também, no início dos anos 1960, das aulas de dança de salão da Madame Poças Leitão, então oferecidas na sede da Associação Cristã de Moças, na Alameda Campinas, espaço seletivo da direita paulista.¹⁵ Ali sim corria solta a ‘paquera’ entre as jovens meninas dos colégios de freiras e os rapazes dos colégios de ordem religiosa, como o São Bento, o São Luís, o Santa Cruz, enquanto aprendíamos a dançar marcha, bolero, swing, tango, valsa e, é claro, rock’n roll! De fato, dancei muito rock, twist, hully-gully, passo do elefantinho e iê-iê-iê nas festinhas da época, com o pessoal da ‘turma da Rocha Azevedo’ e vizinhanças, gente com quem joguei queimada (ou ‘baleado’) na rua e, anos mais tarde, troquei as primeiras juras de amor.

No Sacré-Coeur de Marie, participei também dos festivais de dança de Mère Aparecida, de quadrilhas e peças teatrais – uma vez até vestida de freira (!) –, de times de vôlei e das atividades do nosso Grêmio Estudantil, para o qual fui eleita vice-presidente em 1963, meu último ano de ginásio e, sem dúvida, o último dos ‘anos dourados’ para a minha geração. No ano seguinte, 1964, fui cursar o científico no Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, mais conhecido por Colégio Des Oiseaux, na Rua Caio Prado. Eu cursava aí o primeiro ano científico quando, no final de março daquele ano, aconteceu o golpe que instalou no país a ditadura militar sob a qual minha geração viveu toda a sua juventude, adentrando pela vida adulta.

1.1.2 O Colegial e a Experiência de Intercâmbio nos Estados Unidos

Para a maior parte das jovens moçoilas do Des Oiseaux, contudo, o golpe não pareceu causar um grande impacto. Ao contrário, pertencentes, em sua maioria, a

¹⁴ Sobre a JEC, veja-se: http://www.pucsp.br/cedic/fundos/juventude_estudantil.html

¹⁵ Veja-se: <http://www.dancadesalao.com/madame/>

famílias das camadas abastadas, que apoiaram (ou mesmo mediaram) a abrupta mudança de governo, minhas colegas não questionaram o processo de destruição da democracia no país (como não questionam a ameaça a nossa jovem democracia sofrida agora). E confesso que eu, muito embora não fizesse parte dessa minoria abastada – sentia-me, aliás, uma verdadeira ‘forasteira dentro’ naquela escola, uma *outsider within* -, tinha em minha família muitos udenistas e militares que também apoiavam o golpe. Aos quinze anos, com pouca ou quase nenhuma sofisticação política, também eu não me dei conta da gravidade do que ocorria com o país, mesmo participando das atividades da JEC. Só algum tempo depois foi que comecei a tomar consciência dos horrores da ditadura...

Mas, em meados dos anos sessenta, a exemplo do que ocorria no Sacré-Coeur e em outros colégios de freiras em São Paulo, também no Des Oiseaux se configurava uma mudança de ‘modelo’ para a formação das jovens, investindo-se na nossa formação para o ensino superior. De fato, o Des Oiseaux só oferecia os cursos científico e clássico para o segundo grau, ao tempo em que outros colégios de freiras, como o Sacré-Coeur, ainda ofereciam Normal e Secretariado, cursos tradicionais para mulheres. Não por acaso, a despeito da perspectiva de Graziela Perosa (2006) sobre essa escola para meninas ser uma formadora de ‘esposas’ para as elites, o Des Oiseaux produziu várias mulheres de renome, a exemplo das antropólogas Ruth Cardoso, Lia Zanotta Machado e Norma Telles, das sociólogas Maria Christina Bruschini e Mariza Figueiredo, da teóloga Ivone Gebara, da psicóloga e ex-prefeita de São Paulo e ex-Ministra do Turismo e da Cultura, a senadora Martha Suplicy, da musicóloga, cantora, compositora e também ex-Ministra da Cultura, Ana Maria Buarque de Hollanda, das premiadas cientistas Beatriz Barbuy e Márcia Catharina Zanaga Trapé, da escritora Dinah Silveira de Queiroz, das poetisas Betty Vidigal e Flora Figueiredo, dentre muitas outras. E, acrescentando-se, quase todas elas feministas declaradas.

Vale lembrar que, no início dos anos sessenta, vivíamos um momento de ebulição da Bossa Nova com a produção de musicais de protesto, tais como, “Opinião” e “Arena Conta Zumbi”, de Festivais da Canção onde tanto “A Banda”, quanto “Pra Não Dizer Que Falei de Flores”, conquistavam as plateias, sem esquecer dos Festivais de Cinema, com o nosso Cinema Novo ganhando espaço mundo afora.

Em compasso com o momento, no Des Oiseaux se enfatizava, então, a apreciação pelas artes. Eram promovidos shows de bossa-nova no auditório do colégio, nos quais se apresentava Chico Buarque de Hollanda com suas irmãs, Ana e Cristina, nossas colegas;¹⁶ foi organizada uma semana do ‘cinema novo’, com mostra do filme vencedor da Palma de Ouro, “O Pagador de Promessa”, seguida de um debate com Geraldo Del Rey, ator principal e; promoviam-se recitais de poesia, além de cursos de teatro com os atores Rodrigo Santiago, Paulo Villaça e Odavlas Peti.

¹⁶ Aliás, tive o privilégio de ver Chico Buarque na porta do colégio todos os dias, quando ia buscar as irmãs e a namorada...

Eu fiz o curso com Paulo Villaça¹⁷ no primeiro semestre de 1965, participando da apresentação final como integrante do jogral e representando a personagem cômica ‘Maricota’ em “O Judas em Sábado de Aleluia”, uma comédia de costumes de Martins Pena.¹⁸ Lembro-me que consegui provocar muitos risos na plateia, sendo bastante aplaudida e recebendo elogios de meu professor, Paulo Villaça. Ele até sugeriu que eu continuasse a fazer teatro. E eu pensei, seriamente, em seguir seus conselhos, mas, logo no início das férias de julho daquele ano (1965), tive notícia de que havia sido agraciada com uma Bolsa de Estudos do *American Field Service International Scholarships – AFS*,¹⁹ para fazer um ano de intercâmbio na *St. Teresa High School*,²⁰ em Decatur, Illinois, nos Estados Unidos da América do Norte.

Foi assim que, em 27 de julho de 1965, com apenas dezessete anos, me vi embarcando em um grande avião da extinta Panam, com mais de duzentos outros jovens brasileiros e argentinos a bordo, seguindo do Rio de Janeiro para Nova Iorque. Foi uma viagem bastante longa, pois, na época, ainda era necessário fazer escala para reabastecimento da aeronave em San Juan, Porto Rico. Depois de duas noites em Nova Iorque, veio mais outra longa viagem, desta feita, de cerca de quase dois dias em um ônibus da Greyhound de Nova Iorque a St. Louis, no Estado de Missouri, onde a Família Shiel, que seria minha ‘família americana’ naquele ano, me aguardava. Eu cheguei ao meu destino, mas, mais da metade do pessoal continuou seguindo viagem no ônibus para a Califórnia! Ufa!

Essa experiência de intercâmbio foi, de fato, um importante marco em minha vida. E não apenas pelos lugares e pessoas que conheci, as amizades que construí e pela oportunidade de aperfeiçoar meu domínio da língua inglesa (abrindo-me muitas portas desde então), mas, sobretudo pela experiência de imersão total em um novo modo de vida (cultura?). Creio mesmo que essa experiência – aliás, mais uma em que me senti uma *outsider within* - em muito se assemelhou à experiência do ‘rito de passagem’ antropológico, o trabalho de campo com imersão total e observação participante, nos moldes delineados por B. Malinowski (1925/1984), no capítulo inicial dos *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Mesmo que a cultura norte-americana não fosse tão distante, ou tão ‘exótica’ em relação a nossa e, mesmo que ganhar desenvoltura na língua inglesa fosse certamente bem mais fácil do que na tobianesa, aprender a viver como adolescente norte-americana do Midwest não foi tarefa fácil. Demandava um constante exercício de observação participante, mas sem o devido treino para tanto, o que dificultava ainda mais nosso entrosamento na vida americana.

Confesso que não foram poucos os momentos vividos no estilo *anthropological blues*, de que nos fala Roberto da Matta (1978). Lembro-me, em especial, de uma *slumber party* (festa de pijamas) para a qual fui convidada, logo no meu primeiro mês na cidade de Decatur, com a presença de cerca de vinte jovens, minhas colegas de

¹⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Villa%C3%A7a

¹⁸ Veja-se: http://www.passeiweb.com/estudos/livros/o_judas_em_sabado_de_aleluia

¹⁹ Veja-se: <http://www.afs.org/>

²⁰ <http://www.st-teresahs.org/>

turma na St. Teresa naquele ano. Fiquei tão atordoada com tanta menina falando inglês com gíria adolescente e me fazendo mil e uma perguntas ao mesmo tempo, que acabei fingindo estar com sono e me aconchegando em um cantinho da sala para poder descansar minha cabeça e fugir dali, pelo menos em pensamento. Concentrei-me, então, na música tocando ao fundo: e foi ali, naquela noite, o início da minha paixão pelos Beatles, paixão essa que perdura até hoje e, que, em anos recentes, me levou a Liverpool, com meu filho, João, para fazer uma ‘tour dos Beatles’ oficial!

Meu ano nos Estados Unidos como bolsista do AFS me colocou em contato, não apenas com a vida norte-americana, como também de vários outros países por intermédio de outras/os jovens, como eu, também bolsistas, tanto do AFS quanto de outros programas de intercâmbio. Só em Decatur e cidades circunvizinhas, por exemplo, éramos mais de vinte bolsistas, nos encontrando periodicamente em festas, reuniões e outras atividades específicas. Tornei-me especialmente próxima de Terry Yeoh, da Malásia, Madeleine Briquet, da França, Maria Cristina Gerosi, da Argentina e de Anita Tanthana, da Tailândia, tendo a felicidade de reencontrar algumas delas muitos anos depois por meio do Facebook.

Nossas atividades como bolsistas do AFS incluíam a concessão de uma série de entrevistas e de palestras para clubes, igrejas e outras escolas, muitas vezes com um público considerável. Nessas ocasiões, eu era instada a falar sobre minha vida no Brasil e a fazer comparações com os Estados Unidos. Isso me obrigava a traduzir de uma cultura para a outra, fazendo, por assim dizer, do “estranho familiar e do familiar exótico”, aprendendo, assim, na prática, os primeiros passos de um “fazer antropológico”. Mas, é claro, na época, eu não tinha a menor consciência de estar exercitando algo semelhante a esse fazer. Tampouco soube reconhecer como choque cultural o sentimento de me sentir perdida, tanto nas primeiras semanas da minha chegada aos Estados Unidos, quanto do meu retorno a São Paulo um ano depois, pois a vida em terras brasileiras não parou, não ficou suspensa no ar esperando meu retorno. Havia aí, contudo, uma importante diferença: enquanto na St.Teresa High School eu participara de todas as atividades como uma *outsider within*, essa sensação, embora presente logo que retornei ao Brasil, foi se dissipando aos poucos, na medida em que o sentimento de pertença se alojava novamente em mim.

Ao final do meu ano na St. Teresa, recebi meu diploma de *High School*. Para torna-lo válido no Brasil, me submeti a exames de revalidação específicos no Colégio Pedro II, o que tornou desnecessário voltar a cursar o científico com minhas colegas no Des Oiseaux. Ganhei, assim, um semestre no qual me dediquei a dar aulas de inglês – minha primeira atividade lucrativa – e a trabalhar como voluntária para o Comitê do AFS de São Paulo, entrevistando famílias para receberem intercambistas dos Estados Unidos.

1.2 Formação Acadêmica Universitária e as Lutas para Concluí-la

Neste subcapítulo, proponho-me a discorrer sobre minha trajetória acadêmica universitária – do curso de graduação aos estágios pós-doutorais – revelando como os marcos de gênero e classe produziram idas e vindas nesse percurso, de sorte a estendê-lo a mais de duas décadas. Contudo, apesar de fragmentado, tal percurso foi profundamente enriquecedor devido a mudanças radicais na minha ‘posicionalidade’ (SARDENBERG, 2015d) e, assim, nas minhas experiências de vida, inclusive em termos de trabalho, proporcionando-me importantes *insights* - como *outsider within* – em modos de vida bastante diferentes dos meus de origem.

Por certo, como se verá adiante, meu percurso na graduação foi o mais fragmentado de todos, implicando em interrupções e mudança de cursos e universidades, em função, na sua maior parte, dos marcadores de gênero. Casei-me em dezembro de 1967 com um cidadão norte-americano, servindo na Força Aérea durante a Guerra do Vietnã. Isso implicou minha mudança de São Paulo para Sumter, na Carolina do Sul e, posteriormente, de volta para o Brasil e, de novo, de volta a Illinois.

1.2.1 O semestre na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae

Quando, ao final do ginásio, optei por fazer o curso científico, tinha em mente estudar medicina, interesse esse que havia sido fomentando, originalmente, por meio de um namorado aluno da Escola Paulista de Medicina (hoje UNIFESP). Meu interesse foi ainda mais aguçado durante os jogos de basquete entre a ‘Pauli’ (pessoal da Paulista) e a ‘Poli’ (Escola Politécnica da USP), nos quais eu o acompanhava e ouvia a Bateria 51 cantando uma cantiga da Pauli que assim dizia: “Medicina, medicina, não é coisa prá menina.” Confesso ter me sentido ultrajada com essa cantiga e desafiada a ingressar em uma faculdade de medicina, chegando mesmo a me inscrever para o vestibular da USP (para entrar na famosa ‘Pinheiros’ de Medicina) e começar a fazer um cursinho para tal fim.

Todavia, no meu ano de intercâmbio nos Estados Unidos não cursei nenhuma disciplina na área de Biologia, Física ou Química, demandadas para o vestibular de medicina, pois as disciplinas então oferecidas nessas áreas, no St. Teresa, eram menos avançadas do que as cursadas por mim no Brasil. Sem esse reforço, me senti bastante despreparada para enfrentar o disputado vestibular, ou mesmo acompanhar as aulas do cursinho. O despreparo me levou ao desinteresse. Desisti de prestar o temido exame, quase em cima da hora.

Mas, é claro, eu queria continuar estudando! Por sugestão de uma amiga, pensava em cursar Ciências Sociais na USP, no entanto, quando fui fazer a inscrição para tentar o vestibular nessa área, já era muito tarde. Eu adorava (e ainda adoro!) literatura e, assim, acabei me inscrevendo, no último dia possível, para o vestibular de Letras (Português e Inglês) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes*

Sapientiae, associada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).²¹ Prestei o vestibular em fevereiro de 1967, mas me sentia incerta quanto ao resultado, pois não tivera o tempo desejado para me preparar. Foi, portanto, uma agradável surpresa quando procurei meu nome na lista de aprovados e constatei ter obtido a primeira colocação!

Cursei o primeiro semestre de Letras no *Sedes*, de março ao final de junho de 1967, obtendo boas notas e mantendo sempre um bom convívio com as colegas e professoras. Contudo, não consegui me interessar muito pelo curso. Na verdade, o ponto alto do semestre aconteceu logo no início, na ocasião em que tive o prazer de ser a tradutora da palestra proferida no *Sedes* pelo *Maharishi Mahesh Yogi*,²² *criador da Meditação Transcendental*, quando de sua primeira visita ao Brasil, ocorrida poucos meses antes dele ficar famoso como o “Guru dos Beatles”.

No entanto, naquela época de efervescência de manifestações contra a ditadura, eu queria mais era participar das mobilizações estudantis que se avolumavam então por todo o Brasil, particularmente contra os acordos MEC-USAID. Acreditávamos que o objetivo maior desses acordos era a fragmentação dos nossos cursos, de sorte a dificultar a articulação e organização de estudantes. Lembro-me, em especial, de uma passeata de protesto em frente ao Consulado dos Estados Unidos, então operando no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, onde funcionavam, também, dois cinemas: o Rio e o Astor. Quando a polícia chegou para desbaratar nossa manifestação, corri com mais duas outras colegas para o Cine Astor onde estava passando o filme “Quem tem medo de Virginia Woolf?”. Ficamos lá sentadas por duas sessões, mas só me recordo de ter assistido o filme, de fato, anos depois, tal era meu medo de ser pega pela polícia!

Todavia, o pior foi voltar para casa e encontrar minha mãe desesperada, certa de eu ter sido presa – dois ou três casos dessa ordem já haviam acontecido na família. E depois, é claro, lidar com as restrições impostas em relação a minha participação em futuras manifestações. Confesso que ficou difícil. Some-se a isso a visita nas férias de julho de meu namorado americano, que fora convocado para servir nas forças armadas americanas e estava vivendo em uma base aérea na Carolina do Sul, podendo ser enviado a qualquer momento para uma ‘tour’ na Guerra do Vietnã! Resultado: noivamos no final de julho antes de seu retorno à base e eu desisti do curso de Letras. Casei-me em dezembro de 1967, aos dezenove anos, ficando no aguardo da papelada da imigração para me mudar para os Estados Unidos, mas com a firme intenção de voltar a estudar.

²¹ https://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-Memorial_Profa_Salma.pdf

²² https://pt.wikipedia.org/wiki/Maharishi_Mahesh_Yogi

1.2.2 O Mundo de Pernas para o ar: Visualizando o Racismo nas entranhas do monstro em Sumter, South Carolina

Só consegui viajar na segunda semana de abril de 1968, pouco depois da missa de sétimo dia do estudante secundarista, Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela polícia da ditadura em 29 de março no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, missa essa realizada na Igreja da Candelária no dia 4 de Abril.²³ Nesse mesmo dia, também o líder do movimento pelos Direitos Civis dos negros, nos Estados Unidos, o Reverendo Martin Luther King, Jr., era assassinado em Memphis, Tennessee, o que veio a provocar repetidas manifestações de protesto (*riots*) nos bairros negros das principais cidades do país.²⁴

Eu cheguei à Atlanta, na Georgia, para fazer conexão em direção à Columbia, Carolina do Sul, em 8 de abril de 1968, na noite anterior ao sepultamento do Reverendo King, também em Atlanta. O aeroporto fervilhava de gente, muitos chorando ou com o semblante entristecido, gente vinda de diferentes cidades americanas e de outros países para a cerimônia do dia seguinte.

Para me buscar no aeroporto, em Columbia, meu marido fora obrigado a obter uma autorização especial com seu comandante, haja vista a ordem de toque de recolher emitida pela polícia do Estado em consequência dos *riots*. E, de fato, por todo o trajeto de cerca de 90 km, do aeroporto em Columbia, até a Shaw Air Force Base (Shaw AFB), em Sumter, vimos fogo, manifestações, confrontos com a polícia. Fomos parados várias vezes pela polícia no trajeto, sendo obrigados a mostrar, a cada parada, a autorização do comandante para estarmos na estrada e chegarmos à Sumter.

Já era, pois, madrugada quando finalmente chegamos ao ‘parque de trailers’ (*trailer park*) que seria minha nova moradia pelos próximos seis meses. Assim, só na manhã seguinte, à luz do dia, pude me dar conta dos arredores. E foi um choque constatar que, aquilo antes imaginado como ‘romântico’ – morar em um trailer em uma base aérea – se traduzira em morar em um caixote de metal, com cômodos interligados e bastante espremidos, estacionado em um lote com chão de terra batida, em frente à base aérea, mas do outro lado da estrada que levava à Sumter, ou seja, *on the wrong side of the tracks*.

Com efeito, apesar do nosso pequeno trailer azul ser rodeado por lindas roseiras e sombreado por uma frondosa árvore, logo descobri que morar em um ‘trailer’ era pertencer a uma das camadas menos prestigiadas da sociedade americana, um status social identificado como *trailer trash*. Na verdade, enquanto em Decatur eu havia sido a estudante do AFS e bastante ‘paparicada’ em minha escola – fui rainha das missões e uma das princesas na *Homecoming Court* – minha situação em Sumter, principalmente na Shaw AFB, era totalmente oposta. Ser estrangeira, brasileira, latino-americana não era ali algo a ser celebrado. Eu era apenas mais uma ‘esposa de soldado

²³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Edson_Lu%C3%ADs_de_Lima_Souto

²⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Luther_King_Jr.

estrangeira' e, acrescenta-se, 'não branca', por ser 'latina', e morava agora em um *trailer park*. Em pouco mais de 24 horas, portanto, eu despencara vários degraus na pirâmide social. Uma experiência que, apesar dos pesares, contribuiu significativamente para a construção, em tempo, de uma epistemologia perspectivista, interseccionada, no meu pensar (SARDENBERG, 2002a).

A Shaw AFB é uma das maiores bases aéreas nos Estados Unidos e incluía, na época, uma área residencial, mas, só para oficiais e pessoal de carreira (de 'staff sargent' para cima) e suas famílias. Na época em que vivi ali, os demais militares moravam na cidade (a 13,5 km da base) ou nos parques de trailers que circundavam a base, como aquele em que fui residir. Ali viviam casais jovens, como nós, alguns com filhos pequenos, famílias de pessoal alistado sem patente.

Logo que cheguei, fiz amizade com algumas das jovens esposas que não trabalhavam fora de casa, mas não consegui me adaptar muito bem ao seu ritmo de vida: dar conta das tarefas domésticas pela manhã, para nos reunirmos no trailer de uma ou de outra e passar a tarde juntas, assistindo *soap operas* (novelas) na televisão. Acostumada a morar em São Paulo e a circular pela cidade com as colegas de faculdade, sentia-me tolhida morando em um lugar longe de tudo e sem transporte. E sem transporte, porque, apesar de termos um carro, eu não podia dirigir vez que minha carteira de motorista do Brasil logo perdeu sua validade e não pude tirar uma carteira local, por força da 'ordem patriarcal de gênero': eu era mulher, com menos de 21 anos, e precisava da autorização do pai (que devia ser residente local) ou do marido (que também deveria ter mais de 21 anos) para poder me inscrever para um *driver's permit*!

Para escapar das tardes em frente à televisão, ou lendo sozinha em casa, passei a frequentar a biblioteca da base. Foi assim que vim a conhecer ali Margaret Mead lendo *Sexo e Temperamento*, que me despertou para a antropologia, bem como Simone de Beauvoir, que me encantou com *O Segundo Sexo* e me levaria, em tempo, para o feminismo. Anos mais tarde, escrevi um artigo dedicado as duas sob o título, "Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir", no qual dou asas a imaginação criando uma ficção científica, ao utilizar trechos de suas obras para construir um diálogo imaginário entre as duas (SARDENBERG, 2000a).

Mas, naquela época, ler Simone me fez ver que seria impossível, para mim, crescer como pessoa se continuasse na total dependência em que me encontrava. Consegui, então, convencer meu marido que precisávamos nos mudar para a cidade para eu poder trabalhar, ajudar nas despesas, quem sabe poder voltar a estudar na University of South Carolina.²⁵

Foi assim que nos mudamos para uma casinha geminada na Dogwood Drive, em Sumter, e eu consegui trabalho como comerciária na Cato's Department Store,

²⁵ <http://www.sc.edu/>

uma loja de roupas femininas, na Westmark Plaza.²⁶ Foi meu primeiro emprego (em São Paulo eu dava aulas particulares de inglês) e, também, a primeira vez que sofri assédio moral. Eu trabalhava, normalmente, das 9 às 18hs, dependendo de transporte público para chegar ao trabalho. Pegava o ônibus das 8hs para chegar dentro do horário, chegando sempre meia hora antes de bater o ponto. Um dia em que chovia muito, eu me atrasei em sair de casa e acabei perdendo o ônibus das 8; peguei o das 8:30, chegando para bater o ponto às 9:10hs, ou seja, dez minutos atrasada. Por azar, nesse dia a supervisora regional, cujo nome eu enterrei há muito tempo, estava lá. Nem bem fui chegando, ela começou a gritar comigo, não me dando a menor chance de explicar o atraso, tampouco permitindo que a gerente da loja pudesse retrucar dizendo que eu chegava meia hora antes todos os dias! Mas, minha raiva maior foi de mim mesma: por chorar incontrolavelmente e deixar que aquela mulher horrível me fizesse de gato e sapato. No mesmo dia, no meu horário de almoço, saí de lá e consegui emprego na Woolco's Department Store (subsidiária da Woolworths),²⁷ que ficava no mesmo shopping center, pedindo minhas contas na Cato's assim que voltei do almoço!

A Woolco's era uma grande loja de departamentos e eu fui trabalhar no balcão de joias, na verdade, uma franquia de outra empresa funcionando dentro da Woolco's. Além de ser responsável pelas vendas, eu tinha que aprender a tirar e colocar pulseiras de relógio e aumenta-las e diminuí-las de acordo com o braço do freguês ou freguesa e, o pior, era obrigada a limpar as pratas que ficavam sempre dispostas em um balcão ao lado. Resultado: até hoje tenho ódio de enfeites de prata!

Mas trabalhar na Woolco's foi uma importante aprendizagem. Nos horários de descanso (15 minutos de manhã e 15 à tarde) e de almoço, havia sempre outras funcionárias no *employees' lounge*, onde as conversas sobre trabalho, família, filhos e televisão rolavam sem cessar. A maioria das pessoas que trabalhava ali era de fato composta por mulheres, algumas casadas com soldados da aeronáutica e de fora, como eu. Contudo, grande parte das demais era das classes trabalhadoras locais, filhas e esposas de operários ou de pequenos proprietários rurais, quase todas brancas e, diga-se de passagem, bastante preconceituosas, quando não abertamente racistas.

Conforme mencionado anteriormente, para chegar ao trabalho eu dependia de transporte público, pegando sempre os ônibus que rodavam pela Broad St. No ônibus, eu era geralmente a única não negra. Minhas companheiras de trajeto eram quase todas faxineiras, ou empregadas domésticas, em geral – tal qual retratado no filme “Histórias Cruzadas”, exibido em nossas telas em anos recentes.²⁸ O trajeto até a Westmark Plaza era longo, com tempo suficiente para conversas com companheiras de

²⁶ Fiquei surpresa ao constatar que ainda existe uma cadeia de lojas Cato's, inclusive uma em Sumter, embora hoje em novo lugar: [Cato Fashions - Jessamine Mall in Sumter](http://www.mystore411.com/store/view/10910120/Cato-Fashions-Sumter). <http://www.mystore411.com/store/view/10910120/Cato-Fashions-Sumter>

²⁷ Já as lojas da Woolco's não sobreviveram, foram fechadas nos anos 1980. Veja-se: <https://en.wikipedia.org/wiki/Woolco>

²⁸ Veja-se http://www.imdb.com/title/tt1454029/?ref=nm_film_act_17

assento, o ‘papo girando’, na maioria das vezes, sobre minha (estranha para elas) presença no ônibus. Ao tomarem conhecimento de que eu era do Brasil, ficavam curiosas por saber se, de fato, as relações raciais eram diferentes na nossa suposta ‘democracia racial’, ainda que não se expressassem exatamente dessa forma. Isso foi me levando a refletir sobre a questão, abrindo meus olhos para, em tempo, reconhecer a força do racismo entranhado na sociedade brasileira. Anos mais tarde eu iria compreender também que, andando naquele ônibus, eu estava adentrando pelas “entranhas do monstro”, ao conhecer mais de perto a vida das mulheres negras norte-americanas vivendo no Sul dos Estados Unidos nos anos 1960.

1.2.3 Trabalho no Banco e Aprendizado de Classe em Decatur, Illinois

Nos últimos seis meses que passei em Sumter, South Carolina, comecei a buscar meios de voltar a estudar, pensando em ingressar no campus local da University of South Carolina (USC). Tratava-se de uma universidade pública, estadual, mas, como todas as universidades públicas nos Estados Unidos, era paga, as taxas de matrícula estando muito além das minhas possibilidades. Conversando sobre esse meu interesse com minha colega de trabalho no balcão de joias, que estudava na USC, fiquei sabendo do grande déficit de professores/as, principalmente para escolas de primeiro grau, que caracterizava aquele período na Carolina do Sul e da possibilidade de conseguir uma bolsa. Fiquei sabendo também que, em virtude desse déficit, as escolas paroquiais estavam aceitando estudantes como professoras/es, muito embora para se lecionar mesmo no primeiro grau fosse necessário ter um curso de graduação.

Fui então conversar com o pároco da igreja perto de onde eu morava, que tinha escola vinculada, descortinando-se a possibilidade de dar aulas lá, contanto que eu voltasse a estudar – o que pretendia fazer, mediante uma bolsa para futuros professores. No entanto, nesse interim, meu marido recebeu ordens de relocação, estipulando que se apresentasse na base aérea de San Francisco, Califórnia, dentro de um mês, onde pegaria o avião para as Filipinas, lá ficando até o fim do seu período de serviço militar na Aeronáutica.

Pensei muito em permanecer em Sumter, seguindo meus planos. Mas, por força do custo de vida e do salário reduzido que receberia na escola paroquial (a bolsa da USC só cobriria as taxas escolares), bem como da pressão de familiares, inclusive do meu próprio marido para que eu não “ficasse sozinha em um lugar estranho” (condição de gênero!), acabei voltando ao Brasil, indo morar com meus pais até que meu marido terminasse seu período de serviço nas Filipinas. Foram cerca de seis meses em que eu fiquei em compasso de espera, não conseguindo adiantar meus estudos nem encontrar trabalho fora das aulas particulares de inglês, sentindo-me, por assim dizer, em um limbo, sem controle do meu próprio destino.

Comecei então a me preparar para prestar novo vestibular no Brasil, mas, com o retorno de meu marido das Filipinas, em janeiro de 1970, voltamos para Decatur,

Illinois, sua cidade natal e onde eu havia morado como estudante do AFS. Essa foi também uma situação temporária, porquanto aguardávamos os resultados da sua solicitação de matrícula na Southern Illinois University (SIU-E),²⁹ na cidade de Edwardsville, além da resposta ao pedido da bolsa do governo americano para veteranos – a tal de “GI Bill” – para financiar seus estudos. Nesse meio tempo, comecei a trabalhar em um banco, o Citizen’s National Bank of Decatur,³⁰ iniciando no ‘departamento geral,’ que cuidava da correspondência, passando depois por diferentes departamentos como parte do meu treinamento para me tornar *teller*, uma caixa de banco.

Esse período passado em Decatur mostrou-se bastante revelador no tocante ao ‘habitus de classe’ de diferentes segmentos da população local.³¹ Eu estava sempre em contato com minha ‘família americana’, a família com a qual eu havia morado durante meu ano do AFS (e com a qual ainda mantenho fortes laços de amizade!). Tratava-se de uma família de classe média alta, apreciadora do bom e do melhor sem, contudo, cair no esnobismo ou consumismo. Ao contrário, os membros da família tinham poucas peças de vestuário, mas eram de boa qualidade, duradouras, o mesmo em relação aos carros que dirigiam. No entanto, frequentavam o ‘country club’, moravam em bairro nobre, passavam férias de inverno na Flórida e de verão no Lago Michigan e todos os filhos faziam faculdade em universidades privadas. Eram católicos, de origem irlandesa, mas abraçavam perspectivas políticas ditas ‘progressistas’: um dos meus ‘irmãos’ foi um *conscientious objector*, ou seja, não serviu o exército por convicções pacifistas, o outro integrou o ‘Peace Corps’ (Corpo de Voluntários da Paz), trabalhando por mais de três anos como voluntário na Ilha de Truk, famosa para nós, antropólogas e antropólogos, pelo trabalho de Ward Goodenough.³²

Já a família de meu marido, com a qual convivi bem de perto, era de classe trabalhadora. Os pais eram divorciados e meu sogro trabalhava com britadeiras para o Departamento de Energia Elétrica de Illinois, perfurando o solo para instalar redes elétricas subterrâneas na cidade. Ele morava em um trailer, mas dirigia um carro imenso, luxuoso e não perdia um jogo de baseball do seu time, não importando onde fosse o jogo. O marido de minha sogra era operário da Caterpillar, uma indústria fabricante de tratores, bastante ligado ao pessoal do sindicato, filiado ao AFL-CIO, uma das maiores centrais sindicais dos Estados Unidos. Mas há de lembrar que os sindicatos norte-americanos naquele período (anos 1960-1970) não primavam por ideias progressistas...

Minha sogra, Vera, era pentecostal, bastante religiosa, dedicando-se às funções da sua igreja, que lhe tomavam várias noites por semana. Afora a igreja e a família, sua grande paixão eram as *yard* ou *garage sales*, que aconteciam principalmente na

²⁹ Veja-se: <http://www.siu.edu/>

³⁰ Esse banco fechou em 1988. Veja-se: <http://www.usbanklocations.com/the-citizens-national-bank-of-decatur-3647.shtml>

³¹ Uso aqui a noção de ‘habitus’ tal qual proposta por Pierre Bourdieu (2007).

³² Sobre o estudo de Goodenough em Truk, veja-se: https://en.wikipedia.org/wiki/Ward_Goodenough

primavera, quando as famílias faziam uma limpeza geral nas suas casas e vendiam o que não mais queriam em liquidações, com as peças (de roupas velhas a móveis ou até mesmo velhos automóveis) expostas nos jardins ou garagens. Em geral, essas *sales* eram (e ainda são, creio eu!) marcadas para os sábados, com anúncios publicados nos jornais locais, atraindo muita gente, mulheres em especial. Na verdade, eram atividades menos rentáveis em termos monetários do que sociais, ou seja, funcionavam mais como espaços de sociabilidade para as mulheres de uma comunidade, tanto como vendedoras, quanto compradoras.³³

E, de fato, eu frequentava essas *sales* com minha sogra, mais como diversão. Geralmente, saíamos cedo, com a listagem dos anúncios publicados no jornal nas mãos, visitando quatro a cinco casas em uma manhã. Minha sogra sempre encontrava gente conhecida e ficava ‘jogando conversa fora’ aqui e ali, mas nós duas sempre voltávamos com um monte de coisas, muitas sem a menor utilidade, que comprávamos nessas ocasiões (aliás, identifico em minha mesa de trabalho pelo menos dois objetos que adquiri nessas liquidações!).

Vera era de origem rural e vez por outra íamos visitar seus pais no sítio em que moravam. Eles haviam penado durante os anos da Grande Depressão e viviam apenas de uma pequena aposentadoria (“social security”), fazendo aproveitamento total de tudo pela casa! Até as flores de abóbora empanadas (‘fried pumpkin blossoms’) serviam de alimentação (uma delícia, por sinal), o frango ensopado sendo engrossado por uns bolinhos de chuva (‘chicken’ dumplings’) para render mais, as latas aproveitadas como regadores e canecos, um grande fogão à lenha para aquecer a casa toda no inverno. Quando vejo o quadro “American Gothic” de Grant Wood,³⁴ sempre me lembro deles: Grandma Harrington de vestido de florzinhas até quase o tornozelo, Grandpa Harrington com um macacão, tal qual o da referida pintura!

Destaco essas questões neste memorial, pois os contrastes de classe entre os dois núcleos familiares que eu frequentava então eram imensos, me permitindo ter uma visão mais ampla da vida das famílias americanas do ‘Midwest’ como a ‘forasteira dentro’ que eu era, para usar, mais uma vez, da perspectiva de Patricia Hill Collins (1986). Essa vivência contribuiu para que eu fosse construindo, aos poucos, uma noção de classe muito mais abrangente do que a definição estrutural (‘lugar ocupado no processo de produção’), tão ao gosto do Marxismo estruturalista. Fui me dando conta, aos poucos, da relevância dos diferentes valores, ideologias e práticas de classe cotidianas, que são parte constitutiva das vivências de classe, ou o que eu mais tarde, ao ler Pierre Bourdieu (1979), compreenderia tratar-se de *habitus* de classe.

³³ Estudos têm proposto que essas “sales” proliferam não apenas por seu valor econômico, mas como espaços de sociabilidade, frequentados principalmente por mulheres, tanto como ‘vendedoras’, quanto como ‘compradoras’. Veja-se, por exemplo, R. Landman (1987).

³⁴ Veja-se: [https://pt.wikipedia.org/wiki/American_Gothic_\(pintura\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/American_Gothic_(pintura))

1.2.4 Sofrendo Discriminação de Gênero no Trabalho e Descobrimo o Feminismo

Com o início do semestre letivo na Southern Illinois University, Campus de Edwardsville, em setembro de 1970, nos mudamos primeiro para uma casinha em Bethalto, Illinois, na época, um povoado com pouco mais de 1000 habitantes, relocando, depois, para um apartamento em Edwardsville, Illinois, onde ficava a universidade. Antes mesmo de nos mudarmos, fui procurar emprego como *teller* (caixa bancária) no Edwardsville National Bank and Trust Co.,³⁵ o principal banco da cidade. Acabei trabalhando ali por quatro anos, não só aprendendo bastante sobre bancos e fazendo grandes amizades (que preservo até hoje), como também começando a me conscientizar sobre a discriminação contra a mulher no espaço de trabalho.

Aliás, tal conscientização já fora despertada na primeira entrevista com o presidente/gerente do banco, quando ele me perguntou o que eu fazia para evitar filhos! Eu tinha só 22 anos de idade e não costumava falar sobre tais questões, muito menos com um homem totalmente estranho. Confesso que fiquei bastante chocada, mas não me dei por vencida. Perguntei-lhe por que o interesse nessa questão da minha vida pessoal, ao que ele respondeu: “Não vamos treinar você para o cargo e daqui a seis meses você engravidar!” Por certo, tal questão jamais era colocada para os homens.

Várias outras questões que emergiram no curso do trabalho me deixaram alerta para as desigualdades de gênero, sobretudo no que diz respeito à divisão sexual de tarefas, cargos e os salários correspondentes. Por exemplo, nos porões do banco havia uma copa-cozinha, usada pelos funcionários e funcionárias para as ‘breaks’ e horário de almoço, já que quase todo mundo – pelo menos todo o ‘baixo clero’ do banco – levava sua marmita. A cada semana, uma das funcionárias (por ordem alfabética) ficava encarregada da limpeza dessa copa-cozinha: os homens estavam livres desse encargo. Cabia a eles abrir e fechar o banco, uma responsabilidade que também era semanal, mas vista como tarefa essencialmente masculina.

Eu aprendi logo os procedimentos do banco e acabei me tornando uma das treinadoras de novos ‘*tellers*’. Treinei mulheres e homens, até que um dia descobri que eu ganhava menos que os ‘*trainees*’. Não tive dúvidas, fui tomar satisfações com o presidente: por que eu ganhava menos? ‘Ora,’ me disse ele, ‘você está aqui porque seu marido é aluno da SIUE. Daqui a pouco ele se forma e vocês vão embora; por que investir em alguém que não vai ficar conosco?’ Fazia sentido, mas era só meia verdade, pois vários dos *trainees* que passaram por mim também estudavam na SIUE e foram embora quando se formaram, mas, eles eram homens!

Apesar de tudo isso, eu gostava muito do meu trabalho, principalmente o fato de lidar diretamente com o público. Na época de Natal, eu me divertia vestida de ‘Mother Christmas’ (ou Mamãe Noel), sentada em uma mesa ao lado da nossa grande

³⁵ Esse banco sobreviveu até 1988, quando foi anexado pela empresa Mark Twain, sendo renomeado como “Mark Twain Edwardsville Bank”. Veja-se: http://usbanks.landoffree.com/bank/Mark_Twain_Edwardsville_Bank

árvore de Natal vendendo carnês de “Christmas’ Clubs”. Tratava-se de um tipo de poupança com depósitos semanais (de cinco, dez, vinte cinquenta ou cem dólares), só sendo possível descontar o tal carnê no final do ano, com os juros incluídos.

Nesse banco, trabalhei em vários setores e diferentes janelas de atendimento como teller. Fiz muita hora extra trabalhando aos sábados, pela manhã, na “*walk up window*”, uma janela de teller que abria para a calçada e, às sextas-feiras, na ‘*drive-in window*’, uma janela nos fundos do banco que atendia pessoas em seus carros. Naquela época (1970-1974), é bom lembrar, quase nada era automatizado, nem mesmo a gaveta onde as transações na janela do *walk-up* e *drive-in* eram passadas: era tudo na base do ‘muque’ mesmo. Lembro-me que ao fim do dia (nas sextas-feiras trabalhávamos até às 19h30) eu saía de lá com o braço doído, de tanto empurrar e puxar a tal gaveta!

Grande parte dos clientes que eu atendia na janela do *drive-in* era de operários da Granite City Steel, uma imensa siderúrgica localizada em uma cidade vizinha. Eles vinham com suas esposas depositar o salário semanal, mas, quem controlava os depósitos dos cheques eram as mulheres. Elas depositavam a maior parte do valor do cheque na conta, descontando uma pequena quantia em dinheiro para ser dividida com os companheiros. Muitas das minhas colegas de banco eram casadas com operários da Granite City Steel e pude observar que elas também se encarregavam de fazer todos os pagamentos da casa, tomando conta do dinheiro da família. Esse era também o procedimento que observara ter lugar na casa de minha sogra e entre outras famílias operárias americanas com as quais convivi naquela época, um costume bastante diferente das famílias operárias que mais tarde viria a estudar em Salvador.

No banco, durante o verão, quando acontecia o Mississippi River Festival – algo semelhante ao Rock in Rio que se estendia por algumas semanas – eu ficava encarregada da venda dos bilhetes no banco e de contar e depositar as somas arrecadadas com a venda das bilheterias durante os shows. Eu contava sacolas e mais sacolas de dinheiro – nem consigo imaginar hoje a quantidade de dólares que já passaram por minhas mãos! -, mas era bastante rápida e precisa na contagem! Tinha o maior orgulho desta minha habilidade, orgulho de um trabalho bem feito! A lembrança desse orgulho me permitiu empatizar com as operárias que estudei anos mais tarde, quando me falavam do orgulho das peças que produziam como tecelãs!

Os últimos dois anos que passei em Edwardsville (1972-1974) foram os melhores. Primeiro, porque eu comecei a me envolver com o movimento feminista. Foi ali que comecei a participar das reuniões semanais do comitê local da National Organization for Women – NOW, me envolvendo também na campanha presidencial de George McGovern, que tinha o apoio das feministas da NOW e que se opunha a guerra do Vietnã. Ao mesmo tempo, eu finalmente voltara a estudar! Isso se tornou possível só depois que conseguimos moradia no ‘Tower Lake Apartments’, dentro Campus da Southern Illinois University, em um apartamento subsidiado para alunos

com família, o que significou uma grande economia nos gastos com aluguel, permitindo que eu voltasse a estudar, cursando disciplinas à noite.

1.2.5 Cursos noturnos na Southern Illinois University- Edwardsville, SIUE

Em grande parte das universidades norte-americanas, como no caso da SIUE, os dois primeiros anos são bastante abertos, interdisciplinares, só se fechando mais nos dois últimos anos, quando se faz a concentração na área, ou *'major'*, que se pretende cursar. Quem estuda só à noite, contudo, tem um leque de escolhas bem menor, mas, assim mesmo, tive oportunidade de cursar ótimas disciplinas. Dentre elas, cursei Introdução à Antropologia, disciplina essa que confirmou meu interesse pelas Ciências Sociais e, no particular, pela Antropologia. De fato, tive um professor excelente – um *'doutorando'* – que soube fazer uma abordagem bastante caprichosa dos quatro campos da antropologia: sociocultural, biológica, arqueologia e linguística. Tenho, até hoje, as copiosas notas feitas durante aquele meu primeiro encontro com a antropologia, acontecido há mais de quarenta anos...

Durante esse período na SIUE, aproveitei também a possibilidade de ganhar créditos por meio de “exames de proficiência” (*proficiency tests*), pagando uma pequena taxa e me preparando, sozinha, para as provas. Consegui, assim, aprovação (e os créditos correspondentes) em disciplinas de Espanhol e História Mundial. Juntando com os créditos que trouxe do *Sedes Sapientiae*, pude acumular o equivalente a um pouco mais de um ano de estudos, bagagem essa que levei para a Illinois State University, em Normal, Illinois, onde finalmente concluiria meu bacharelado.

Mas deixei em Edwardsville amigas queridas, minhas colegas do banco, Connie Forck, Lavetta Bratton e Ann Schmidt, com as quais ainda me correspondo regularmente (viva a internet!!!). Temos nos reunido periodicamente, a última vez, em St.Louis, em 2006, com um novo encontro planejado, quiçá, para dezembro deste ano (2016). Essas amizades, carregarei em minha bagagem para sempre...

1.2.6 Enfim: Bacharelado em Antropologia na Illinois State University, ISU

Em 1974, quando meu marido se formou e foi trabalhar para a General Telephone of Illinois, nos mudamos para a região de Bloomington-Normal, cidades gêmeas na área central do estado de Illinois. Foi uma escolha feita a dois, para possibilitar o meu retorno aos estudos em tempo integral. Decidida a voltar a estudar, mas ainda sem meios de custeio para meus estudos, me inscrevi na seleção para trabalhar como *civil servant* (funcionária pública) na Illinois State University-ISU, em Normal, Illinois, sendo aprovada e assumindo o posto de assistente administrativa no *Purchasing Office* (Setor de Compras). Isso me permitiu usufruir de uma bolsa parcial para funcionários, com a possibilidade de cursar até duas disciplinas por semestre, *'de graça'*. Contudo, trabalhando tempo integral, estava limitada a escolha de disciplinas oferecidas no horário noturno, mas consegui, junto aos meus supervisores diretos –

que incentivavam a qualificação dos funcionários -, a autorização necessária para fazer disciplinas no meu horário de almoço e trabalhar até mais tarde, de sorte a pagar o tempo extra necessário para assistir as aulas. (Talvez, ao lerem esse meu memorial, meus alunos possam então compreender porque fico bastante enervada quando vejo gente perdendo disciplinas por excesso de faltas...).

Naquele meu primeiro ano na ISU, consegui cursar quatro disciplinas do ciclo básico,³⁶ bem como ganhar créditos por meio de exames de proficiência em Sociologia I, Geografia Mundial e Psicologia Geral. No verão de 1975, um semestre acadêmico compacto na ISU, me matriculei finalmente em uma disciplina do Departamento de Antropologia: Estudo Independente, a ser desenvolvido sob a orientação do Prof. Jonathan Reyman, um arqueólogo que frequentava bastante nosso escritório por conta de um projeto de pesquisa que coordenava.

Meu estudo nessa disciplina se voltou para um levantamento sobre povos nativos da América Latina, que teve como produto final meu primeiro trabalho no campo da Antropologia: “Ecological Factors in the Collapse of Classic Mayan Civilization: A Re-Examination” (Fatores Ecológicos no Colapso da Civilização Maia Clássica: Um Re-exame) (SARDENBERG, 1975b).³⁷ Escrito a partir de uma perspectiva da ecologia humana, o trabalho procurou examinar, com o apoio da bibliografia então disponível, qual o possível peso dos fatores ambientais e do meio de sobrevivência dos antigos Maias, como causas do colapso dessa civilização. Sem dúvida, foi um trabalho bastante ambicioso para uma iniciante, mas me dediquei com tanto afinco a esse estudo que mereci o conceito “A”. Fiquei tão apaixonada pelas civilizações da Meso-América fazendo esse levantamento, que angariei recursos, aqui e ali, para passar o recesso de fim de ano, Natal e Ano Novo, viajando pelo México com minha amiga e colega, Deborah Donnellan, visitando, em especial, zonas arqueológicas na região de Oaxaca.

A essa época, eu já havia conseguido me tornar aluna de tempo integral de Antropologia na ISU, tendo sido agraciada com uma bolsa de estudos concedida pela *Illinois State Scholarship Commission (ISSC)*, que custeou minhas taxas de matrícula por quatro semestres, ou seja, de setembro, de 1975, até minha formatura, em maio de 1977. Destarte, no segundo semestre de 1975, foi possível me matricular em sete (07) disciplinas, inclusive no Seminário sobre Mulheres na Atualidade, minha primeira disciplina em Estudos sobre Mulheres (quando li, pela primeira vez, “A Mística Feminina”, de Betty Friedan, “A Dialética do Sexo”, de Shulamith Firestone, e “Sisterhood is Powerful”, de Robin Morgan). Cursei também disciplinas no Departamento de Antropologia: Princípios de Arqueologia, com o Prof. Edward Jelks, Etnografia e Ecologia Humana, com o Prof. Robert Dirks, e Evolução Humana, com o Prof. Martin Nickels, obtendo o conceito A em todas as disciplinas e uma GPA (média

³⁶ Ciência e o Homem (sic) Moderno, Fundamentos de Linguagem e Estatística.

³⁷ Todos os meus trabalhos estão listados em ordem cronológica crescente no Capítulo VI deste Memorial.

geral) de 4.0/4.0! Mas nesse semestre, só elaborei um trabalho que merecesse ser aqui citado, a saber: “Early Humans in South America, A Critical Review” (SARDENBERG, 1975c), elaborado para a disciplina Evolução Humana, trabalho esse em que procurei dar continuidade ao elaborado no estudo independente sobre povos da América Latina.

Cursar essas disciplinas como aluna de tempo integral, regularmente matriculada, trouxe importantes mudanças. É lógico que a mais importante foi ter tempo suficiente para me dedicar aos estudos. Mas houve uma virada no sentido de me fazer sentir, mais uma vez, como uma *outsider within*. Explicando melhor: enquanto eu estudava de noite, tinha colegas que, como eu, eram mais velhos que a média dos estudantes universitários, muitos já casados e trabalhando durante o dia. Já como aluna de tempo integral, a maior parte de meus colegas era de jovens, solteiros, sem outras responsabilidades e com experiência limitada à escola secundária.

Aos poucos, fui me identificando com pessoas mais velhas que, como eu, voltavam a estudar: mulheres que, devido a casamento ou filhos, haviam abandonado a faculdade e voltavam agora determinadas a se formar, pessoas aposentadas que queriam também uma nova chance e, como era típico para a época em questão, um número ainda maior de rapazes, veteranos de guerra que, tal qual meu marido, usufruíam das benesses da GI Bill. Acabei me tornando parte de um grupo de colegas que se encaixava nesse perfil, como no caso de Debby Donnellan, minha amiga até hoje! Como éramos mais velhas, até mesmo com idade próxima a algumas de nossos mestres, a exemplo de Brett Williams, nossa professora de ‘Linguagem e Cultura’, então recém doutorada e hoje uma Professora Titular conceituada da American University, nos tornamos próximas e eles – a elas, em especial.

De fato, havia no *campus* muitas mulheres, professoras e estudantes, que se identificavam com os ideais feministas dos quais eu comungava e ao lado de quem participei de vários eventos em defesa dos direitos das mulheres. Cheguei a fazer parte do grupo de mulheres articuladoras da Students’ Association for Women-SAW, a primeira organização estudantil para mulheres da ISU. Esse grupo participou da organização do “*Alice Doesn’t Day*” em Bloomington-Normal, que teve lugar em 29 de outubro de 1975, no Campus da ISU, quando se realizou, no país todo, uma ‘greve de três horas’ por parte das mulheres, para protestar contra nossa marginalização no mercado de trabalho. Deixando de cumprir as tarefas que nos eram alocadas durante o período de ‘greve’, nos propúnhamos a demonstrar a importância do trabalho feminino na sociedade.³⁸ Participamos, também, de ações na Assembleia Legislativa de Illinois, em Springfield, para pressionar os deputados do estado a aprovarem o “Equal Rights Amendment- ERA”, que incluía o princípio da igualdade entre os sexos, não contemplado até hoje na Constituição Norte-Americana (isso implica dizer que meu bracelete da campanha do ERA ainda continua válido!).

³⁸ Veja-se: http://www.civilrights.uga.edu/cities/macon/now_strikes2.htm

O ano de 1976 se iniciou com algumas importantes mudanças em minha vida. Por certo, a maior foi minha separação do meu marido e minha mudança para a sede da *sorority Phi Beta Pi* (um tipo de ‘república feminina’), onde fui trabalhar como *Housemother*, ou seja, como supervisora. Eu dispunha de um pequeno apartamento de sala e cozinha conjugada, mais quarto e banheiro, dentro da residência, mas convivia de perto com as jovens (cerca de 30) que ali residiam, fazendo minhas refeições com elas e dando-lhes assistência nas inúmeras pequenas crises que ali aconteciam. Era um trabalho um tanto desgastante, por eu ter que ‘estar no ar’ 24 horas por dia, mas além de não pagar aluguel, nem pelas refeições, eu ainda recebia um pequeno salário, crucial para a minha manutenção. Outra vantagem era a proximidade da Universidade – na verdade, ficava quase dentro do campus da ISU - o que me permitia ganhar tempo e economizar no transporte.

Mas talvez o maior *fringe benefit* ou *bônus* desse trabalho como supervisora foi ter a oportunidade de desenvolver uma observação sistemática ou mesmo ‘participante’ da vida universitária do Midwest dos Estados Unidos nos anos 1970, na situação de uma ‘forasteira dentro’. Passei então a redigir um diário de campo da minha vivência na *sorority*, comentando minhas observações com minha colega e amiga, Debborah Donnellan. Pareceu-nos importante pensar as *sororities* como um tipo de instituição total voluntária, tal qual conventos, escrevendo um trabalho juntas sob o título, “A Different Kind of Nunnery” (SARDENBERG; DONNELLAN, 1977), que foi publicado em uma coletânea organizada por Rob Gordon e Brett Williams sobre ‘instituições totais’, em homenagem a Erving Goffmann. Nesse trabalho, argumentamos que instituições totais voluntárias, dessa ordem, para mulheres, só se mantinham em pé criando um clima de família e uma linguagem de parentesco fictício, de sorte que as colegas se tornavam ‘irmãs’, havia a figura da ‘housemother’, as ex-alunas eram ‘madrinhas’. Senti-me lisongeadada quando me dei conta de que esse nosso argumento serviu para uma tipificação das instituições totais, tal qual esboçado por Christie Davies (1989) anos depois.

No início de 1976, também fiz parte de um grupo de alunos que criou a organização estudantil Friends of Anthropology, contando com o apoio do corpo docente do Departamento de Antropologia da ISU e de suas famílias. Eles e elas marcaram presença inclusive no nosso time de *softball* (um basebol mais suave), além de contribuírem para a confecção de camisetas para o nosso time, que estampavam um mapa genealógico como logomarca da “Friends”.³⁹ Eleita presidente dessa organização, tive o imenso prazer de passar um dia inteiro, em Abril de 1976, ciceroneando a Profa. Dra. Margaret Mead, por ocasião de sua visita à ISU. Isso incluiu ir buscá-la em outra universidade localizada a cerca de 80 km de Normal, o que me proporcionou tempo só com ela, mas no qual ela dominou a conversa, perguntando sobre minha vida e comentando sobre o Brasil, tema sobre o qual ela parecia estar

³⁹ Ainda funcionando em 1986 <http://www.mocavo.com/New-Student-Record-Illinois-State-University-1986-Volume-1986/239111/12>

muito bem informada! Guardo até hoje minha cópia de *Coming of Age in Samoa*, seu livro sobre as adolescentes de Samoa, com dedicatória e assinatura dela para mim...

Embora minha área de concentração se voltasse para a Antropologia Sociocultural, na ISU, tal como na SIUE, a formação em antropologia seguia (e, creio eu, ainda segue) uma abordagem de ênfase nos quatro subcampos da disciplina (antropologia sociocultural, biológica, arqueologia e linguística antropológica). Seguindo essas diretrizes, cursei Comportamento dos Primatas (Prof. Martin Nickels), Pré-História do Velho Mundo (Prof. Edward Jelks), Linguagem e Cultura (Profa. Brett Williams) e Conceitos Chave na Antropologia (Prof. Robert Dirks), além de Política dos Países em Desenvolvimento, com o Prof. Joel Verner, do Departamento de Ciência Política. Creio que essa formação mais generalista me forneceu um esteio bastante sólido para os estudos antropológicos, ainda que deixando a desejar no que concerne a um embasamento filosófico mais aprofundado.

Nesse primeiro semestre de 1976, meu principal trabalho foi elaborado para a disciplina de Ciência Política. Intitulado “The Fight is On, Brazil, a Revolution in the Making” (SARDENBERG, 1976a), esse trabalho de mais de 30 páginas teve como objetivo analisar as condições socioeconômicas e políticas no Brasil em termos de pré-condições para o deslanchar de uma ‘revolução’. Para escrevê-lo, li Carlos Marighela (*Pela Libertação do Brasil*), Régis Debray (*Revolução na Revolução*), Márcio Moreira Alves (*Um Grão de Mostarda*), e João Quartim (*Ditadura e Luta Armada no Brasil*), autores e livros proibidos no Brasil na época, dentre outros. Hoje considero o trabalho bastante sofrível em termos teóricos – fiz uso de uma abordagem funcionalista e ainda por cima, nada sofisticada -, mas elaborei uma análise apaixonada sobre o que acontecia no país então, visto por alguém que estava longe e sedenta por mudanças. Creio mesmo que foi meu trabalho de expiação por ter saído do Brasil sem me engajar nas lutas contra a ditadura. Voltar a esse trabalho neste momento atual em que nossas liberdades – o Estado de Direito - no país encontram-se novamente ameaçadas tem me causado profundos pesadelos...

O primeiro semestre de 1976, além de ser enriquecedor em termos das disciplinas cursadas, abriu novos espaços de atuação para mim. Um dos principais fatores nessa direção foi minha participação na Conferência da Central States Anthropological Association, que teve lugar em St. Louis, Missouri, quando, por intermédio da Profa. Dra. Brett Williams, vim a conhecer a Profa. Dra. M. Estellie Smith, da State University of New York (SUNY-Oswego), que se tornaria minha principal tutora no trabalho de campo. Filha de uma portuguesa da Ilha da Madeira que fora criada na cidadezinha de Provincetown, Massachusetts, a Dra. Smith vinha trabalhando há anos com populações de origem luso-fônica na Costa da Nova Inglaterra, planejando passar o verão naquela cidadezinha pesquisando as cooperativas de pescadores de lá, que eram, em sua maioria, de origem portuguesa. Ela não falava português e me convidou para trabalhar como sua assistente de campo – convite imediatamente aceito!

Foi assim que passei três meses em Provincetown trabalhando com a comunidade luso-fônica local, aprendendo a fazer trabalho de campo com a Dra. Smith. Essa experiência foi muito enriquecedora em muitos aspectos, dando origem, inclusive, a três trabalhos: a) “Provincetown: a summer’s view” (SARDENBERG, 1976b), elaborado como relatório de estudo independente, b) “Ethnicity in Provincetown” (SARDENBERG, 1977a), elaborado como trabalho final da disciplina Antropologia Política e apresentado e aprovado para apresentação na Reunião da Northeastern States Anthropological Societies e, mas recentemente, a c) “Revisitando o Campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista,” (SARDENBERG, 2014b) publicado na *Revista Mora*, na Argentina, no qual faço uma revisita crítica a três momentos e contextos distintos onde desenvolvi trabalho de campo, mostrando como a intersecção de vários marcadores sociais nos constroem enquanto diferentes *personnas* no campo.

No ano de 1976 se comemorou o “Bicentennial”, ou seja, o II Centenário da Independência dos Estados Unidos de sua situação anterior de colônia inglesa. Milhares de eventos tiveram lugar por todo o país naquele ano, bem como a atuação de movimentos sociais distintos, principalmente dos povos nativos norte-americanos, que entendiam esse bicentenário como representando “200 anos de dominação.” Um desses importantes movimentos foi o White Roots of Peace, movimento liderado pelos Mohawks, uma das nações dos Iroqueses estudados por Louis Henry Morgan, um dos ‘pais’ da antropologia norte-americana. Durante o ano do bicentenário, lideranças Mohawk viajaram pelos quatro cantos do país visitando universidades para falar do seu movimento, um desses grupos chegando à ISU e arregimentando uma dezena de estudantes para segui-los!

Juro que fiquei bastante tocada, tentada até, com tudo isso. Mas já havia me comprometido com a Dra. Estellie Smith para o trabalho de campo com os portugueses em Provincetown, onde passaria o verão, além da promessa de ajudar minha professora e amiga, Brett Williams, a dirigir seu caminhão U-Haul (que experiência!!!) de mudança até Washignton, D.C., de onde seguiria para Boston e de lá até Provincetown.

Ademais, por conta do Bicentenário, estava acontecendo uma grande ‘feira das nações’ em Washington, D.C., onde comunidades de imigrantes de várias nacionalidades que constituem a população norte-americana estavam reunidas no “Folklife Festival”, promovendo comemorações étnicas. Eu queria participar dos eventos promovidos pelos portugueses.⁴⁰ Por certo, valeu a pena ir! Em particular, foi bastante interessante observar a revivescência da consciência étnica nas terceiras gerações de imigrantes ali presentes, incentivando meu interesse em questões de ‘etnicidade’.

No meu retorno do trabalho de campo em Provincetown, passei a trabalhar como Monitora (‘Undergraduate Teaching Assistant-UTA’) na disciplina ‘Introdução à

⁴⁰ Veja-se: <http://www.festival.si.edu/about-us/mission-and-history/smithsonian>

Antropologia' sob a coordenação do Prof. Dr. Robert Dirks, função que ocupei por dois semestres seguidos (setembro de 1976 a maio de 1977). Eram turmas de cerca de 100 alunos/as, estando eu encarregada de preparar e corrigir provas, auxiliar estudantes no uso da Human Relations Area Files (muito importante antes da existência da internet) e de fazer uma conferência-aula por semestre, escolhendo, para tanto, falar sobre Evolução Humana, sob o título "The Skeletons in our closet" (SARDENBERG, 1978).

Nesse mesmo semestre, além de disciplinas do currículo básico e do Estudo Independente desenvolvido em Provincetown, cursei ainda Antropologia Política com o Prof. Dirks, para quem escrevi o trabalho baseado no estudo em Provincetown (SARDENBERG, 1977a), aceito para apresentação no Encontro da Northeastern Anthropological Society, e a disciplina, Pesquisa em Estudos sobre Mulheres, uma das primeiras disciplinas sobre pesquisa feminista oferecidas nas universidades americanas. Foi para essa disciplina que comecei a escrever um trabalho sobre epistemologia, só concluído há poucos anos, trabalho esse que considero uma das minhas principais contribuições aos estudos feministas no Brasil, publicado sob o título "Da crítica feminista à ciência, a uma ciência feminista?" (SARDENBERG, 2002a).

No final de 1976, tive ainda a oportunidade de participar como *student assistant* da reunião anual da American Anthropological Association, realizada em Washington, D.C., ocasião em que um simpósio sobre sociobiologia, com a participação de Earl Wilson, um de seus mais ferrenhos defensores, atraiu um grande público, eu inclusive, mas ao lado dos seus críticos! Por certo, para nós, antropólogos e antropólogas, sobretudo para nós feministas e antirracistas, essa crítica se tornava fundamental, haja vista a proposta central de Wilson (1975): o biológico como determinante das interações humanas, fundamentando-se na suposta tendência evolucionária de genótipos individuais maximizarem seu sucesso reprodutivo. Daí porque a 'Nova Síntese', proposta por aquele mesmo autor, no sentido das humanidades e ciências sociais serem incorporadas na Biologia Evolucionária! A defesa de Marshall Sahlins (1976) da relevância da 'cultura' sobre a biologia e, assim, da Antropologia enquanto disciplina, foi então – como em anos mais recentes também (veja-se SAHLINS, 2004) – uma 'tábua de salvação' para sairmos daquele mar essencialista de determinismo biológico!⁴¹

Esse debate ainda estava quente no primeiro semestre de 1977, meu último semestre na ISU, esquentando as aulas da disciplina "Adaptações Afro-Americanas" (Afro-American Adaptations) ministradas pelo Prof. Robert Dirks, quando denunciávamos a defesa implícita do racismo pela socio-biologia. Nesse semestre, dentre outras disciplinas, cursei Métodos de Pesquisa na Antropologia, escrevendo para esta última disciplina meu melhor trabalho do semestre, "Truck Stop Behavior" (SARDENBERG, 1977b), um trabalho baseado em pesquisa sobre as interações entre

⁴¹ Uma excelente discussão sobre a crítica feminista à Sociobiologia encontra-se no livro de Susan Hekman (1990), *Gender and Knowledge: Elements of a Post-Modern Feminism*.

caminhoneiros e garçonetes em restaurantes de beira-de-estrada, voltados para os motoristas de caminhão. Pensada como uma pesquisa mais aprofundada, ela acabou se baseando, em grande medida, apenas em observações sistemáticas. O trabalho expressa toda essa frustração da pesquisadora que não conseguiu fazer sua pesquisa, avaliando, porém, o quanto se pode aprender apenas com o “olhar”, tal qual nos ensina Roberto Cardoso de Oliveira (2000) em “O trabalho do antropólogo”.

Apesar de meus tropeços no início do curso de graduação, com interrupções e mudanças de universidades, consegui, finalmente, concluir meu curso, me formando com *High Honors*. Fui indicada, duas vezes, para a premiação do ‘Bone Scholar Award’, tendo eu recebido menção honrosa, como também para uma Danforth Fellowship para a qual cheguei a ser finalista, não podendo afinal ser agraciada por não ter cidadania americana. Creio que devo tudo isso aos professores e professoras maravilhosas da ISU, que me levaram a amar a antropologia com sua maneira amiga, não pretenciosa e apaixonada de ensinar, me convidando a aprender. Por tudo isso, sou agradecida aos Professores Robert Dirks, Martin Nickels, Brett Williams e, muito especialmente, ao Professor Edward Jelks e sua esposa, Judy Jelks, um casal maravilhoso que sempre teve as portas abertas para nós, a turma de antropologia da ISU de 1977.⁴²

De fato, nossa turma de formandos/as da Antropologia optou por fazer uma cerimônia de formatura bem informal, indo depois para a casa dos Jelks para um “cook out” bem ao estilo americano do Midwest: hamburgers, hot-dogs e milho regados a muita Budweiser! Ao cair da tarde, sentamo-nos ao redor do Professor Jelks que, com seu violão, nos brindou com cantigas picantes, muitas provavelmente de sua própria autoria!

Em 1986, voltei a visita-los, desta feita com meus filhos, Marina e João, ainda pequenos. Mais uma vez, Judy e Ed Jelks abriram suas portas para mim, fazendo um ‘cook out’ de boas vindas, com a presença dos Profs. Martin Nickels e Robert Dirks e suas famílias. Isso há 30 anos e as saudades e carinho por eles não se esmaeceram... Ainda me correspondo vez por outra com o Rob Dirks e com Brett Williams. E pretendo visitar os Jelks no final do ano, quando espero voltar a Illinois para as comemorações dos 50 anos de minha formatura do curso secundário na St. Teresa High School, em Decatur.

1.3 Mestrado/Doutorado – Boston University

Quando escolhi cursar o Bacharelado em Antropologia, sabia que estava optando por uma carreira acadêmica, para o que seria necessário fazer o doutorado. Nos Estados Unidos existia a possibilidade de se ir direto do Bacharelado para um Curso de Doutorado, o título de mestre sendo conquistado no caminho. Com isso em

⁴² Sobre o Prof. Edward Jelks, veja-se: https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_B._Jelks

mente, me preparei para me submeter aos exames do GRE, algo semelhante ao ENEM para quem quer cursar pós-graduação. Depois, me inscrevi e fui aceita nos programas de doutorado em Antropologia da University of Illinois, American University, University of Florida, University of Texas, Brown University e Boston University. Optei por esta última por me oferecer bolsa de estudos e a possibilidade de dar continuidade aos estudos iniciados em Provincetown, com a população de origem portuguesa na Nova Inglaterra, e de trabalhar com o Prof. Dr. Anthony Leeds, que havia realizado pesquisas no Brasil e com imigrantes portugueses também. Além do mais, a Boston University não só era a ‘alma mater’ do Dr. Martin Luther King, que ali obtivera seu título de Doutor em Teologia, como também uma das universidades com um corpo estudantil dos mais atuantes durante os anos 1970,⁴³ tornando-a ainda mais atraente para uma ativista como eu. Sem esquecer que Boston era – e ainda é – um dos mais importantes centros acadêmicos da costa leste, contando com universidades famosas, tal como, Harvard, Massachusetts Institute of Technology – MIT, Tufts, Brandeis, Boston College dentre outras, além da Boston University.

Fui para Boston com o coração pulando, cheia de energia para estudar, estudar, estudar e terminar logo meu curso. Mas, como se verá adiante, também no meu curso de pós-graduação enfrentei duas longas interrupções, razão pela qual, para melhor contextualizar as minhas idas e vindas, elaborei uma periodização dos meus três momentos passados lá.

1.3.1 Boston University 1977-1981 – Primeiros Momentos

Mudei-me para Boston no final de maio/1977, carregando todos meus pertences em um caminhão U-Haul, tal qual o que ajudei minha professora e amiga, Brett Williams, a dirigir para Washington. Na mudança para Boston, porém, meu amigo Ken, marido de minha colega e amiga Rose, dividiu a direção comigo. Ken era das Ilhas Fiji e nunca tinha ido para a costa leste. Aceitou ir comigo me ajudar na mudança e a me instalar em troca do bilhete de volta e de um lugar para ficar e conhecer Boston.

Nessas situações de mudança, é sempre bom poder contar com amigos. Além de Rose e Ken e Jenna, minha ‘roomate’ em Normal, Illinois, tive ainda o apoio de Michael Lieber, em Boston, que havia sido professor da Boston University e conseguiu um quarto na casa/comuna em Wellesley, onde vivia com sua companheira, para que eu pudesse ficar até conseguir um lugar para morar. E ainda contei com a ajuda de Arthur Victor, que eu conhecera antes em Provincetown; ele descobriu para mim o apartamento em Brighton, bem em frente a uma Sinagoga para onde me mudei. Na esquina, havia um armazém-lanchonete de propriedade de um cubano que também acabou se tornando um amigo, com quem eu praticava meu ‘portanhol’.

Ciente de que a bolsa da BU só começaria a ser paga no final de setembro, com o início das aulas, e que até lá eu precisaria de algum meio de sobrevivência, saí à cata

⁴³ Veja-se: <http://www.bu.edu/today/2009/been-there-done-that/>

de um emprego. Tive sorte em logo conseguir uma colocação como secretária da diretora da biblioteca do Emerson College, na Berkeley Street, bem nas redondezas de onde explodiram as duas bombas durante a maratona de 2013. Em maio de 1977, quando cheguei a Boston, porém, ali era um lugar tranquilo! Perto da Copley Square, do Boston Commons e do Gardens, na Arlington Street, onde eu costumava ir almoçar com colegas, degustando deliciosos ‘meatball subs’ que comprávamos em Beacon Hill. Que saudades!

Devo confessar que esses primeiros meses em Boston foram um marco importante em minha vida: além de Boston ter sido a primeira cidade na qual fui morar por minha própria escolha, essa foi a primeira vez em que morei sozinha e me tornei dona de meu próprio nariz. Foi um momento importante para mim do feminismo como vivência, tal como nas palavras de Margareth Rago (2013, p.28) quando afirma que os feminismos podem ser considerados:

“[...] como linguagens que não se restringem aos movimentos organizados que se autodenominam feministas, mas que se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas, que atuam no sentido de libertar as mulheres de uma cultura misógina e da imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina nos marcos da heterossexualidade compulsória.”

De fato, como a mesma autora acrescenta adiante, “[...] transformação social implica não só em um projeto político, mas também transformar um estilo de vida, ou “estética da existência”, criada na experiência individual e social” (2013, p.49). Posso então dizer que nesses meus primeiros meses em Boston comecei a mudar minha ‘estética de existência’. Por isso mesmo, na época, achei importante registrar essa experiência em um dos primeiros trabalhos que elaborei no meu curso de pós-graduação na BU, intitulado “Impressionism and Impressions on Getting to Know Boston” (SARDENBERG, 1977c, p.3), onde assim afirmei:

“I came to Boston that summer to stay, to study like so many others did. I left Illinois and its drabby cornfields one morning, without regrets, only too glad to escape its monotonous plains. I came by truck – a huge rental truck – hauling along all that been left of ten years of marriage, of ten years of being persons that were not me, that were not of me, and that I did not want to be. I hauled furniture, books, old photographs. Everything else – the persons I was not, the feelings I did not want to feel, the memories I did not want to have – I threw out of the window. They stayed, I hope, somewhere between Illinois and Massachusetts, probably in the long and never-ending hills of the Pennsylvania Turnpike.”

Como se poderia esperar, o trabalho ficou ensaístico demais, ou autobiográfico demais, para ser considerado então um trabalho acadêmico, tal qual observou a Profa. Eva Hunt ao avalia-lo.

Minha turma no doutorado da BU era pequena – éramos apenas quatro mulheres, Terry Childs, Pamela Sankar, Sylvia dos Reis Maia e eu - e nos tornamos

bastante próximas, trabalhando sempre juntas, na medida do possível. Tínhamos uma carga horária de leitura e de elaboração de trabalhos semanal bem pesada no primeiro ano na disciplina ‘Proseminar’, ministrada com muita garra pela Dra. Eva Hunt, mesmo estando ela já bastante debilitada por conta de um câncer que avançava a passos largos.

Embora eu fora para a BU para ser orientada pelo Prof. Anthony Leeds, ele se encontrava fora de Boston nesse meu primeiro ano por lá, razão pela qual, por sua indicação, fiquei sob a orientação da Profa. Eva Hunt. Tive, assim, o privilégio de ser aluna de Eva Hunt e testemunhar, de perto, seu brilhantismo. Tenho muito orgulho de ter tirado boas notas nas quatro disciplinas que cursei sob a sua batuta (‘Proseminar’ I e II, ‘Field Techniques in Anthropology’, e ‘Kinship Analysis’). E jamais poderei esquecer a sua tenacidade durante os meses finais da doença. Mesmo acamada e medicada por opiáceos que lhe deixavam entorpecida e, com minha filha, Marina, então bebezinha, deitada a seu lado, ela me ditou um trabalho – seu último trabalho – que seria apresentado à Universidade de Chicago, onde obtivera, décadas antes, o título de Doutora.

Com o falecimento da Profa. Dra. Eva Hunt em dezembro, de 1979, passei a ser orientada do Professor Anthony Leeds, que já havia retornado da licença sabática em Portugal meses antes, mas soube bem entender que eu não poderia me afastar da Profa. Hunt em um momento tão delicado. ‘Tony’, como era informalmente chamado, realizou seu trabalho de campo para a tese em Uruçuca, Bahia, nos anos 1950, e era muito ligado ao Brasil e aos brasileiros. Era uma pessoa muito especial e atenciosa com seus orientandos e orientandas, chegando a ir me buscar no aeroporto quando voltei a Boston, nos anos 1980, com meus filhos pequenos, para dar continuidade a meus estudos. Todas as quintas-feiras, Tony e sua esposa Liz Leeds, que também fez trabalho de campo no Brasil, nas favelas do Rio de Janeiro, reuniam em sua imensa casa em Dedham pesquisadores, professores e estudantes para um jantar – cada pessoa levava um prato – seguido de apresentações de trabalhos para discussão. Tive a sorte de poder participar de vários desses jantares e de me apropriar desse costume: faço esse tipo de reunião com minhas orientandas sempre que possível!⁴⁴

Em fins dos anos 1970, início dos anos 1980, havia na BU um núcleo de professoras feministas, algumas delas inclusive no Departamento de Antropologia – Susan Brown, Maureen Giovaninni e Jane Guyer – das quais tive o prazer de ser aluna e também assistente de pesquisa (Maureen Giovaninni) e trabalhar como monitora (‘Teaching Fellow’) na disciplina “Female Perspectives in the Study of Cultures” (Susan Brown e Maureen Giovaninni). Sob a coordenação de Susan Brown, Pamela Sankar, algumas outras colegas da BU e demais universidades de Boston e eu, organizamos o coletivo responsável pela publicação da ‘National Conference for Women in Anthropology Newsletter’, o Boletim da Conferência Nacional de Mulheres na Antropologia, rede articulada por Eleanor Leacock, em New York, que mais tarde daria

⁴⁴ Tony e Liz são co-autores do livro *A Sociologia Urbana no Brasil* (LEEDS; LEEDS, 2015), recém-lançado.

lugar à Association for Feminist Anthropology da American Association of Anthropology. Foi nesse boletim que publiquei uma resenha sobre livros no campo da Antropologia da Mulher, sob o título: “A critical review of Murphy and Murphy’s *Women of the Forest* and Wolff’s *Women and the Family in Rural Taiwan*” (SARDENBERG, 1977f).

Nessa época, cursei a disciplina ‘Matrilineal Societies’ com a Profa. Susan Brown, elaborando como trabalho final um artigo baseado em uma releitura crítica, na perspectiva feminista, dos trabalhos de Robert Murphy sobre os índios Mundurucu do Rio Tapajós, que intitulei: “Matrilocality and Patrilineality in Mundurucu Society: A Reinterpretation” (SARDENBERG, 1980). Por um bom tempo, fiquei fascinada com a forma de organização social dos Mundurucu – seu regime ‘dis-harmônico’ na perspectiva de Lévi-Strauss – a ponto de pensar em realizar meu trabalho de campo entre eles. Na procura por material bibliográfico sobre os povos da região em questão, me deparei com “O Selvagem e o Inocente”, de David Mayberry-Lewis (1980). Nesse livro, Mayberry-Lewis relata seu período de trabalho de campo entre os povos nativos da Região da Amazônia, mencionando os problemas que ele e sua família enfrentavam com o teto da cabana infestado de baratas. Foi o que me bastou para mudar de ideia – tenho pavor de baratas, principalmente se forem voadoras!!!

Cursando a disciplina Antropologia Aplicada (“Applied Anthropology”), com a Profa. Maureen Giovannini, escrevi um trabalho sobre cabo-verdianos em Boston, também perdido nessa minha longa caminhada, mas que serviu de base para um outro trabalho, desta feita para a disciplina “Proseminar”, cursada com a Profa. Eva Hunt, trabalho este que teve por título: “Cape Verdean Migration, Strategic Unions, and the Definition of Marriage” (SARDENBERG, 1978c). Fiquei bastante interessada em seguir trabalhando com a comunidade cabo-verdeana em Boston e com a questão dos ‘casamentos estratégicos’ como problema possível para minha tese doutoral, começando até mesmo a aprender um pouco de ‘criolo’, o idioma do Cabo Verde. Mas, com o nascimento de minha filha e o desejo de todos e todas nós, estudantes de pós-graduação vivendo então em Boston, de voltarmos para o Brasil com a anistia, acabei abandonando aquela ideia.

Devo ressaltar que a pesquisa para a realização do referido trabalho só se tornou possível com o apoio de colegas de origem cabo-verdeana, que cursaram a disciplina Applied Anthropology comigo, bem como de Helena, uma cabo-verdeana, minha vizinha, quando residia no Ringe Towers Apartments, em Cambridge, Massachusetts. Tratava-se de um ‘housing development’, ou seja, um complexo residencial para famílias das camadas populares de Boston, sendo ocupado principalmente por negros. Pude assim constatar o racismo institucional contra negros nos Estados Unidos, principalmente por parte da polícia de Boston, com meus próprios olhos. A começar pela presença constante de uma viatura de polícia na porta do prédio em que vivia, com o constante assédio aos moradores. Eu mesma e meu companheiro na época, também brasileiro e aluno de doutorado em Economia na BU, passamos por

uma situação bastante assustadora quando, supostamente com base em uma falsa denúncia, policiais invadiram nosso apartamento à procura, até hoje, não sei bem do que. Não respeitaram nem mesmo o fato de eu estar em estado avançado de gravidez da minha filha, Marina, me empurrando nada gentilmente quando abri a porta! Pelo fato de sermos brasileiros e, portanto, latinos, ou seja, não brancos, não se deram ao trabalho de apresentar mandado de busca e apreensão, entrando porta adentro sem pedir licença. Só não fizeram pior por descobrirem que éramos doutorandos na BU – aliás, se assustaram com tal fato - , nos avisando que ali não era um bom lugar de moradia para nós! Nesse caso, parece que o fato de sermos ‘forasteiros dentro’ (*outsiders within*) nos salvou da brutalidade policial racista de Boston: nem sempre nossos vizinhos tiveram a mesma sorte...

À bem da verdade, esse meu primeiro período em Boston foi bastante positivo. Além do nascimento de minha filha, tive o prazer de ter ótimas colegas e ser aluna de professoras e professores não só competentes como solidários: Eva Hunt, Tony Leeds, Susan Brown, Maureen Giovannini, Jane Guyer e Daniel Mc Call , do Departamento de Antropologia, Roy Glasgow, do Departamento de História, e Terry Freiberg e Susan Eckstein de Sociologia. Além disso, tive a oportunidade de assistir a algumas conferências do Prof. Howard Zinn, historiador conhecido por seus estudos sobre a classe trabalhadora americana e por ter organizado os famosos ‘sit ins’ e ‘teach ins’ em protesto contra o envolvimento americano na Guerra do Vietnã.

Aliás, naquela época, na BU, havia um grupo de professores bastante progressistas, a exemplo do Prof. Zinn, Prof. Leeds, Profa. Susan Brown e dos Professores Terry Freiberg e Susan Eckstein, esses dois últimos responsáveis pela coordenação do ‘Summer Seminar in Critical Social Theory’. Esses seminários anuais reuniam muitos pesquisadores e estudantes, participando de cursos de pensadores de renome na época. Tive assim a grata oportunidade de ser aluna de Ernest Mandel, Andre Gunderfrank, Robin Blackburn e Goran Therborn, não me perdoando até hoje por ter perdido os seminários de Nicos Poulantzas, oferecidos no verão anterior a minha chegada à BU!

Uma das melhores disciplinas que cursei durante minha primeira jornada na BU foi ‘Development and Underdevelopment’, sob a regência da Profa. Susan Eckstein. Essa disciplina congregou boa parte do pessoal que frequentava os ‘Summer Seminars’, uma turma maravilhosa de estudantes, que levava os debates da sala de aula para os cafés e bares dos arredores. Gente com quem até hoje mantenho fortes laços de amizade, a exemplo de José Sérgio Gabrielli de Azevedo, ex-presidente da Petrobrás e hoje professor aposentado do Departamento de Economia da Ufba, Brigitta Schultz, Professora aposentada da University of Maryland e Pamela Sankar, Professora do Bioética da Universidade da Pennsylvania.

Com esta última, Pamela, que à época era minha colega também no Doutorado em Antropologia, escrevi dois trabalhos para essa disciplina. Um deles, uma bibliografia anotada sobre crítica à Teoria da Dependência (“Dependency Theory: An

Annotated Bibliography”), perdeu-se pelo caminho... O outro, “The Sugar Economy in the Brazilian Northeast: Transformations in the Relations of Production, 1888-1964” (SARDENBERG; SANKAR, 1979), acabou sendo desdobrado, posteriormente, em dois trabalhos. Um, lidando com a produção de açúcar sob o regime escravocrata e os primeiros momentos depois do fim da escravidão, ficou sob a responsabilidade de Pamela Sankar. O outro, sob minha responsabilidade, voltou-se para a penetração de relações de produção capitalista e a luta de classes na economia açucareira. Esse último trabalho, “Class Struggle and the Spread of Capitalist Relations of Production in the Brazilian Northeast” (SARDENBERG, 1979) foi inicialmente elaborado para a disciplina sobre ‘Gramsci, Althusser, Poulantzas’, oferecida pelo Prof. Dr. Terry Freiberg, sendo também aceita para apresentação no Encontro da Northeastern Anthropological Association, a ser realizado em Amherst, MA, em Abril de 1980.

A boa receptividade em relação a esse trabalho me despertou o interesse em desenvolver meu projeto de tese sobre movimentos sociais no campo, particularmente sobre as ligas camponesas no Nordeste, dentro da perspectiva da antropologia marxista. Uma viagem de carro visitando vários lugares no Nordeste, realizada no verão de 1979, aguçou esse meu interesse, com proposta de realização de trabalho de campo em Pernambuco. Meu exame de qualificação de doutorado, realizado em maio de 1981, válido também para o título de *Master of Arts in Anthropology*, voltou-se, portanto, para essa temática, tal qual esboçada na bibliografia submetida à banca na ocasião.

Contudo, por força de motivos familiares, meus planos de estudar movimentos no campo em Pernambuco acabaram nunca sendo realizados. Meu companheiro, pai de meus filhos, recebeu uma oferta de vir para o recém-criado Mestrado em Economia da UFBA. Com uma filha ainda bebê, não tive condições nem de ficar sozinha em Boston, nem de ir sozinha para o campo em Pernambuco, sobretudo quando veio uma segunda gravidez. Em agosto de 1980, voltei para o Brasil e vim morar em Salvador. Meu título de mestre foi concedido precisamente em setembro de 1981, quando nascia meu filho, João. Em Abril de 1982, me submeti a concurso público para a disciplina Teoria Antropológica do departamento de antropologia da Ufba, obtendo a 2ª.classificação e sendo contratada como Professora do Departamento de Antropologia e Etnologia.

Discuto minha atuação na UFBA em maiores detalhes no próximo capítulo. Aqui, porém, se faz necessário introduzir a criação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, o NEIM, que iria fazer toda a diferença em minha vida. A ideia surgiu da parte de Ana Alice Costa, que eu havia conhecido na época do referido concurso, principalmente com o ‘movimento dos concursados’ (sobre o que discorrei mais adiante), e que ingressara no Departamento de Ciência Política. Recém chegada do México onde participara de grupos feministas, Alice já integrava então o Grupo Feminista Brasil Mulher de Salvador (eu só ingressaria nesse grupo mais tarde). Em um encontro feminista no Rio de Janeiro, Alice conversou com Fanny Tabak,

coordenadora do Núcleo de Estudos da Mulher – NEM, da PUC/RJ, que sugeriu a criação de um núcleo semelhante na UFBA.

Dito e feito: assim que voltou do tal encontro, Alice reuniu um grupo de professoras feministas que atuavam na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, eu dentre elas, com a proposta de criação do NEIM, imediatamente acatada por nós. O núcleo foi oficializado em maio de 1983, vinculado ao então Mestrado em Ciências Humanas, sendo integrado por Ana Alice Costa, do Departamento de Ciência Política, Alda Britto da Motta e Maria Luiza Belloni, de Sociologia, Maria Quartim de Moraes, pesquisadora visitante no Mestrado, Maria Amélia Almeida, mestranda no programa, e eu, lotada no Departamento de Antropologia.

Não vou aqui adentrar pela história do NEIM. Conforme indiquei na introdução deste Memorial, incluo nos anexos um artigo que escrevi sobre essa história, bem como outro sobre Ana Alice Costa, *in memoriam*. Mas creio que ficará bastante evidente que minha trajetória acadêmica, a partir da criação do NEIM, será profundamente marcada por minha atuação no Núcleo e minhas parcerias com Ana Alice, sendo difícil separá-las.

1.3.3 Boston University – 1984-1986

Antes de ser contratada pela UFBA, comecei a dar aulas de Antropologia Social na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Salvador. Trabalhei também em dois projetos vinculados à ISP-UFBA: em um Projeto sobre reflorestamento, desenvolvido pela COPENER, com uma bolsa de assistente de pesquisa do CNPq e, depois, como documentadora no Curso de Serralheria para Mulheres, do CESUN, financiado pelo Pathfinder Fund.

No Projeto do Pathfinder, trabalhei por cerca de 24 meses, entre 1982 e 1984, acumulando grande quantidade de material de campo sobre relações de gênero, família e trabalho entre as camadas populares de Salvador. Com a autorização do Pathfinder para uso desse material de campo para minha tese, solicitei e fui agraciada com um bolsa da CAPES para retornar a Boston. A essa época, já estava separada do pai dos meus filhos, que se recusou a conceder a autorização necessária para eles viajarem comigo para o exterior. Enfrentei, assim, uma longa batalha de mais de seis meses, tentando conseguir autorização da Justiça da Bahia para levar meus filhos comigo. Nesse período, meu ex-companheiro não só pediu o cancelamento da minha bolsa junto a CAPES, como também me acusou de tentativa de sequestro dos meus filhos, me tornando personagem das páginas policiais dos jornais da cidade.

Nem tudo, porém, foi desesperador: conforme esclareci em artigo recente sobre a questão da posicionalidade da/o pesquisador/a em trabalho de campo antropológico (SARDENBERG, 2014b), essa situação revelou minha vulnerabilidade de gênero, trazendo uma importante mudança na minha relação com as mulheres do projeto em que trabalhava, ou seja, permitiu uma maior aproximação com minhas interlocutoras.

Mas não foram poucos os problemas enfrentados para voltar a Boston com dois filhos pequenos (de 3 e 5 anos) e tentar trabalhar na tese. Por certo, tive o apoio da minha família de origem e de amigos e amigas em Salvador e em Boston, bem como do empenho de meu orientador, Tony Leeds. Mas, concluir meu trabalho, dentro do pequeno espaço de tempo que me fora concedido pela Justiça da Bahia para eu permanecer com meus filhos no exterior, não foi tarefa fácil. Ao contrário, foram muitas as dificuldades, principalmente as financeiras. A bolsa da CAPES não cobria as despesas de estadia, muito menos as de creche das crianças. Vivenciei, assim, os problemas que mães de filhos pequenos, mães trabalhadoras enfrentam quando não dispõem dos recursos necessários para cobrir custos com creches ou cuidadoras para as crianças. E constatei como minha situação era bastante distinta da dos homens, meus colegas do Brasil, que também tinham filhos pequenos. Eles contavam com suas companheiras para cuidar dos filhos, recebendo apoio extra da CAPES para elas (as companheiras)!

Não posso esquecer, porém, que muitas pessoas me apoiaram e assistiram nesse período. Agradei a elas, uma por uma em minha tese, mas destaco aqui Tony Leeds, meu orientador, pelo apoio amigo, em todos os momentos; meus sobrinhos, Ricardo Afonso Sardenberg e Rodrigo Afonso Sardenberg, por ficarem conosco em Boston, estudando e me dando força com as crianças; Graciete e Carlos Gentil Marques e suas filhas, vizinhos de porta e amigos para sempre, pelo apoio cotidiano indispensável; José Sérgio Gabrielli e a saudosa Eliza Rocha, sempre presentes para o que fosse preciso; M.Estellie Smith e Charles Bishop, por confiarem a casa deles em Oswego, New York, em minhas mãos durante o verão de 1986 e; Libbett Crandon e seus pais, por abrigarem a mim e a meus filhos em sua casa em Chestnut Hill, enquanto aguardávamos nossas passagens de volta ao Brasil. E, é claro, minha família de origem e minha família no NEIM que, do Brasil, me mandavam todo tipo de apoio material e emocional.

Apesar de todo esse apoio, fato é que não consegui concluir a tese antes do prazo estabelecido pela Justiça da Bahia. E, pouco depois do meu retorno ao Brasil, Tony Leeds faleceu, repentinamente. Fiquei perdida! Ademais, num curto espaço de tempo depois disso, perdi também minha avó, minha mãe e meu pai. E meu trabalho de tese ficou parado, por anos...

Nesse período, vivenciava-se no Brasil o processo de redemocratização, os movimentos pelas 'Diretas Já' e a campanha por uma Constituição mais progressista, a partir de emendas populares. O Grupo Brasil Mulher, do qual eu fazia parte, bem como o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, órgão da Universidade Federal da Bahia, criado em 1983 e no qual, conforme já mencionado, venho trabalhando desde então, viram-se largamente envolvidos nessas campanhas. Em especial, nos voltamos para a coleta de assinaturas para as emendas populares pertinentes às questões de gênero e direitos das mulheres, envolvendo-nos, também,

na elaboração da proposta do Capítulo da Mulher, da Constituição do Estado da Bahia, e em emendas populares para a Lei Orgânica do Município de Salvador.

Era um momento importantíssimo para o país – mas de otimismo, de crença em um futuro cada vez mais democrático e de avanço dos nossos direitos e também dos estudos feministas nas universidades. O NEIM investiu muito nisso. Começamos a nos envolver com a articulação de redes de pesquisadoras feministas (a exemplo da REDOR e REDEFEM, sobre as quais falarei mais adiante) e na promoção de cursos, dentre outras atividades, tudo isso me ocupando cada vez mais e deixando cada vez menos tempo e espaço para a conclusão da tese. Confesso que, com a efervescência dos desdobramentos das atividades que desenvolvíamos, acabei deixando a tese de lado, embora ainda interessada pela temática proposta, ou seja, gênero, família e trabalho.

1.3.3 Boston University 1995-1996

Os anos 1990 chegaram trazendo a exigência da titulação de doutorado para avanços na carreira acadêmica e como pesquisadoras. Também se impunha como essencial no que se referia à legitimidade e reconhecimento do feminismo acadêmico em nosso meio (SARDENBERG, 2015d). Para dar continuidade às atividades de ensino, pesquisa e extensão, nós, integrantes do NEIM/UFBA, sentimos a necessidade de buscar essa titulação. Ana Alice Costa e eu entendemos que era hora de voltarmos e retomarmos nossos estudos – ela na UNAM, no México, eu na BU, nos Estados Unidos – e começamos a preparar o terreno para a volta.

Nessa época, estávamos trabalhando com o Centro da Mulher Suburbana-CEMS (hoje Centro da Mulher Baiana) e, principalmente, com a Associação de Moradores de Plataforma – AMPLA. Parte do meu trabalho com a AMPLA envolvia a facilitação de oficinas com o Grupo de Mulheres Idosas, de Plataforma, vindo delas a informação sobre a Fábrica São Braz, que ali funcionou por mais de oitenta anos. Muitas das mulheres participantes do grupo eram antigas operárias dessa fábrica e me incentivaram a desenvolver o estudo sobre a história da São Braz e de seu operariado, estudo esse que serviu de base para o desenvolvimento da minha tese doutoral. Mas minha ideia era dar continuidade aos estudos sobre gênero, classe, trabalho e família entre as camadas das classes trabalhadoras que eu havia iniciado com meu trabalho como documentadora no Projeto do Pathfinder, olhando então para mulheres operárias.

Para elaborar e defender a tese, apresentei o novo projeto ao Departamento de Antropologia da Boston University, com cartas de apoio de Heleieth Saffiotti, nossa querida amiga que também se foi, Rebecca Reischmann, da Fundação Ford, que havia nos acompanhado na articulação da REDOR e da REDEFEM, Jane Guyer, que fora minha professora anteriormente na BU, bem como Dolores Shapiro, amiga de longa data que à época estava como professora em New Jersey. Com esse apoio de peso, o Departamento de Antropologia me readmitiu, indicando a Profa. Dra. Sutti Ortiz,

especialista em antropologia econômica e em América Latina, como minha orientadora.

Com a aprovação do pleno do Departamento de Antropologia da UFBA, onde eu estava lotada desde 1982, candidatei-me e obtive, então, junto a CAPES, uma nova bolsa de doutorado no exterior para concluir minha tese, permanecendo nos Estados Unidos de dezembro de 1994 a setembro de 1996.

Desta feita, meus filhos já eram adolescentes (13 e 15 anos) e pressionaram o pai para que ele lhes concedesse autorização de saída do país comigo, sem maiores problemas. E já eram suficientemente crescidos – até mesmo, bastante independentes – de sorte que pude me dedicar à elaboração da tese.

Tendo em vista que essa tarefa não implicaria em visitas constantes à Boston University, meus filhos e eu fomos morar na cidade costeira de Gloucester, no Cape Ann, em Massachusetts, a cerca de 40 minutos de Boston. Cidade pesqueira de renome, Gloucester atraiu uma população imigrantes de italianos e portugueses, originalmente envolvidos na pesca. E, talvez mesmo por concentrar uma significativa população de origem portuguesa, a cidadezinha passou a atrair, também, na época em que lá moramos, um crescente número de imigrantes brasileiros, principalmente mulheres, algumas das quais se tornaram nossas amigas. Dentre elas, destaco, em especial, Rosângela Souza e Luciane Musso Maia e, através delas, Jane Winsor, todas as três amigas queridas sem as quais teria sido difícil – talvez até mesmo impossível – enfrentar o rigoroso inverno da região e, novamente, a situação de ‘outsider within’ que se vivencia como residente no exterior.

Para mim e meus filhos foi um período difícil, porquanto o custo de vida nos Estados Unidos estava acima do que a bolsa e o salário cobriam. Mas foi um bom aprendizado e um momento importante de ficarmos próximos. Marina, então com 15 anos, ia trabalhar na lanchonete ‘Dunkin Donuts’ como garçonete depois que voltava da escola, juntando dinheiro para comprar um som potente que trouxe consigo para o Brasil. João, com apenas 13 anos e, assim, abaixo da idade para conseguir emprego nos Estados Unidos, trabalhou como voluntário no ‘summer camp’ do YMCA local, assistindo também nossa amiga, Rosângela, nas aulas de dança latina que ela oferecia em Gloucester. Ele rompeu com a timidez de quem ainda não dominava totalmente o idioma local, se candidatando e sendo escolhido para atuar em uma peça de teatro da escola, a Gloucester High School.

E eu me dediquei totalmente à tese, passando boa parte da escrita tentando descobrir qual era, de fato, a minha tese! Intitulada “On The Backyards of the Factory: Gender, Class, Power and Community in Bahia, Brazil” (SARDENBERG, 1997a), a tese versou sobre o antigo operariado baiano, tal qual expresso no ‘abstract’, que reproduzo a seguir:

“This dissertation reconstructs and analyzes work relations and everyday life of men and women textile workers in a working-class neighborhood, owned by the mill, in the outskirts of the city of Salvador in Bahia. It also traces the

transformation of the neighborhood and of the textile mill from 1875 to 1960. It relies on the combined results of six-years of intermittent field research in the community and in-depth interviews and life histories of twenty men and women who had worked in the factory. It is also based on the analysis of data from payroll books and other company records for a sample of 385 employees. The study takes a gender perspective and shows that women's experience of factory work was unlike that of men. Men and women had distinct domains of influence and faced different struggles. Although the factory relied largely on the employment of the women from the community, patriarchal gender relations dominated in the workplace. Not only was the chain of command in male hands, but it was also men who led and took an active role in the local unions and in collective actions centered in the workplace. Industrial and union paternalism was reinforced by a gender ideology that emphasized women's domesticity. It served to restrict the participation of women in labor organizations and limit their role in union-led strike movements. Women have only vague and inaccurate recollection of the strikes that were effectively organized when they themselves were part of the work force. They also idealize the paternalistic organization of the factory and the owner who put it in place. At the same time, the textile mill's reliance on a female labor force enhanced the position of women in their household. A right to a house or house lot and a paycheck made other members of the domestic group dependent on her. It resulted on more egalitarian gender relations within the "backyard of the factory" than within the factory itself. It indicates that gender relations, as well as class relations, do not interlock in fixed ways but that they are flexible and fluid, varying according to the sphere where men and women interact." (SARDENBERG, 1997a, p.xiii-xiv).

Concluída em agosto de 1996, a tese foi defendida em dezembro do mesmo ano, tendo como membros da banca, além da Profa. Dra. Sutti Ortiz, minha orientadora, e o Prof. Dr. Charles Lindholm, como Segundo Leitor, as Professoras Doutoras Susan Eckstein, Regina Blaszczyk e Jenny White, todas da Boston University. De acordo com os regulamentos da Boston University, contudo, o título de "PhD in Anthropology" só foi concedido em Janeiro de 1997, tendo sido posteriormente revalidado no Brasil pela Universidade Federal da Bahia. Mais à frente, nos capítulos sobre Atividades de Pesquisa e Publicações, delinearei os desdobramentos da tese doutoral ao longo dos anos.

1.4 Estágio Pós-Doutoral como Visiting Fellow no Institute of Development Studies – IDS/Inglaterra

No início dos anos 2000, fomos procuradas no NEIM/UFBA por um representante do Conselho Britânico, órgão do Department for International Development-DFID, da Grã-Bretanha, que nos falou do programa 'Higher Education Link', por meio do qual poderíamos estabelecer parcerias com universidades britânicas para o intercâmbio de pessoal docente e pesquisadoras/es. Tendo conhecimento dos

trabalhos desenvolvidos por pesquisadoras da ‘Subordination of Women Workshop-SOW’, muitas vinculadas ao Institute of Development Studies – IDS, na University of Sussex, Inglaterra, interessei-me em articular uma parceria com aquele órgão (IDS).

Foi assim que enviei uma mensagem para a Dra. Andrea Cornwall, Fellow no IDS, procurando saber se haveria interesse em articularmos uma proposta de parceria por meio do Conselho Britânico. Ela me respondeu prontamente, confirmando seu interesse e lembrando-me que já nós conhecíamos, tendo-nos encontrado anos atrás, quando da sua primeira vinda a Salvador (1992). Agendei, assim, uma visita ao IDS, realizada em novembro de 2001 com o apoio do Conselho Britânico, tendo aproveitado essa ida à Inglaterra para participar, também, do I Seminar, ‘A New Girl Order?’, que teve lugar em Londres.

Essa visita deu muitos frutos: Andrea Cornwall e eu elaboramos um projeto de Higher Education Link entre o NEIM/UFBA e o IDS, intitulado ‘Strengthening Gender and Development Studies in Northeastern Brazil’ (2002-2005), que foi aprovado e iniciado em 2003, tendo nós duas como co-coordenadoras, e a supervisão amiga, de Roberta Kacowitz, por parte do Conselho Britânico.⁴⁵ Na implementação do Projeto, o Conselho Britânico custeou as estadias, ao passo que a FAPESB (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia) nos apoiou no custeio das passagens. Usufruí, assim, entre 2003 e 2006, de três períodos de estágio pós-doutoral de cerca de três semanas de estadia no IDS como Visiting Researcher, cada um, o que abriu novas possibilidades de intercâmbio e de trabalho conjunto. Destaque-se, em especial, a elaboração e desenvolvimento do Projeto “Pathways of Women’s Empowerment Research Programme Consortium”, financiado inicialmente pelo Department for International Development-DFID, do Governo Britânico (2006-2012) e, posteriormente, pelo governo norueguês (2010-2015).⁴⁶

Falarei mais sobre esse projeto adiante. No momento, cabe observar que, na qualidade de Coordenadora (‘Hub Convenor’) para a América Latina do Projeto Pathways – na UFBA conhecido como Projeto Trilhas do Empoderamento de Mulheres/TEMPO -, tive a possibilidade de usufruir também de vários estágios menores no IDS como pesquisadora visitante, bem como um estágio pós-doutoral de três (3) meses, de outubro de 2013 a janeiro de 2014. Nesse período, participei como professora visitante do seminário sobre “Gender and Development” do Programa de Mestrado em Gênero e Desenvolvimento da Univ. de Sussex em parceria com o IDS, ministrando dois seminários: um sobre Feminismos Transnacionais e outro sobre Gênero, Poder e Empoderamento. Participei, também, como conferencista convidada do simpósio, “Theorizing Gender and Development In and Through Teaching. Challenges and Possible Futures Workshop for GAD Teachers’, que teve lugar na Universidade de Bergen, Bergen, Noruega, em novembro de 2013, quando apresentei

⁴⁵ Veja-se: http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/projetos/proj_des_04.pdf

⁴⁶ Sobre o Projeto Pathways veja-se www.pathwaysofempowerment.org. Veja-se, também, o link para o projeto no Brasil: <http://www.projototempo.neim.ufba.br/>

o trabalho ‘Teaching Gender and Development in Brazil: Theoretical and Practical Political Issues’.

Meus estágios no IDS me renderam, também, participação em uma série de diferentes eventos, quais sejam:

- Conferência sobre “Feminist Fables and Gender Myths: Repositioning Gender in Development Policy and Practice,” realizado no IDS, University of Sussex, Falmer, UK, de 2 a 4 de julho, 2003, quando apresentei o trabalho “Back to Women? Translations, Re-Significations, and Myths of Gender in Development Policy and Practice in Brazil” (SARDENBERG, 2005);

- Conferência sobre ‘Women's Empowerment and Gender Equality: Beijing + 10 and Beyond,’ realizado no IDS, University of Sussex, Brighton, Grã-Bretanha, em setembro de 2004, ocasião em que apresentei o trabalho ‘With a Little Help of our Friends’ (SARDENBERG, 2004);

- Seminário ‘Global Challenges to Women's Human Rights: 25 Years of CEDAW,’ organizado pela Womenkind Worldwide, no Portcullis House, Westminster, Inglaterra, em setembro de 2004, quando apresentei o trabalho: ‘Feminist organisation and the future of women’s human rights: the perspective from Brazil;’

- “IDS40 Conference”, evento que marcou os 40 anos do Institute of Development Studies, realizado no IDS, em Brighton, Inglaterra, em outubro de 2006, tendo eu participado como debatedora na mesa sobre “Power and Inequality”;

- Pathways of Women’s Empowerment RPC Workshop, Luxor, Egito, outubro de 2006;

- Participação no Colóquio “Strategy Planning Workshop of the Feminist Network on Gender, Development and Information Society Policies”, October 5-7, 2007, Bangalore, Índia, promovido pelo IT for Change, quando apresentei o trabalho ‘Looking at Sexuality and Identity in the Information Society from a Latin American Feminist Perspective: Implications for policy formulation,’ (SARDENBERG, 2007);

- Conferência “Reclaiming Feminism – Gender and Neo-Liberalism,” realizada pelo Pathways of Women’s Empowerment RPC, no Institute of Development Studies (IDS), Brighton, UK, de 9 a 10 de julho de 2007, quando apresentei o trabalho “Liberal vs Liberating Empowerment: A Latin American Feminist Perspective” (SARDENBERG, 2009);

- “Sexuality and Development Workshop” promovida pelo Sexuality and Development Group do IDS e o Pathways of Women’s Empowerment RPC, na Univ. of Sussex, Brighton, Inglaterra, de 3 a 5 de abril de 2008, quando apresentei o trabalho ‘Ageing Women and Culture of Eternal Youth” (SARDENBERG, 2014);

- Conferência “Voicing Demands: Feminists Reflecting on Strategies, Negotiations and Influence”, realizada pelo Pathways of Women’s Empowerment RPC com o apoio da Rockefeller Foundation Bellagio Center, Bellagio, Itália, de 2 a 9 de novembro de 2009, quando apresentei o trabalho “Thirty Years of Feminisms in Brasil:

Plurality and Diversity”, escrito em parceria com Ana Alice Costa (SARDENBERG; COSTA, 2010);

- Participação na Mesa organizada pelo UK Gender and Development Network, One World Action e Amnesty International para o Fórum de ONGs da 54a Reunião Anual da Comissão do Status da Mulher (CSW) da ONU, realizada no UN Church Center, N.York, em março de 2010, quando apresentei uma comunicação sobre “Feminists and the MDGs: Perspectives from Brazil;”

- Participação em mesa organizada pela UN-Women (ONU Mulheres) durante a 56a Reunião da Comissão do Status da Mulher – CSW, apresentando a comunicação sobre ‘Domestic Violence and Women's Access to Justice in Brazil, ', 2012;

- Participação na Conferência “Pathways of Women's Empowerment: Taking Stock and Moving on’ realizada pelo Pathways of Women’s Empowerment RPC em parceria com a School of Oriental e Asian Studies – SOAS da University of London, SOAS, Londres, fevereiro de 2012, apresentando o trabalho “Sexual Practices, Contraception and Abortion among Women of the Working Classes of Bahia” (SARDENBERG, 2013);

- Participação como Debatedora no ‘Expert Group Meeting - ‘Envisioning women’s rights in the post 2015 context’”, organizado pela UN Women, em N. York, outubro de 2014 (SARDENBERG, 2014);

- Participação na 59a Reunião da CSW/ONU, com apoio da UN-Women, março de 2015, integrando a Delegação Brasileira.

Além da participação nesses eventos, meus estágios no IDS também propiciaram minha participação, desde 2003, como membro integrante da International Advisory Committee-IAC do BRIDGE - Gender and Development Research and Information Service, serviço vinculado ao Grupo de Gênero e Sexualidade do IDS/Brighton. Como integrante da IAC, participei também dos seguintes eventos internacionais:

- Fórum da AWID – Association for Women’s Rights in Development, Bangkok, Tailândia, outubro de 2006;

- Fórum da AWID, Istambul, Turquia, maio de 2012.

Mesmo com esse amplo leque de participações em esferas internacionais (e sem contar aqui as que envolvem a América Latina), um avaliador de meu projeto para o CNPq ainda achou que minha inserção internacional é apenas ‘média’. Vá entender...

1.5. Curso de Formação, Gender and Development Training Center, Holanda –

Sob os auspícios do Conselho Britânico, tive a oportunidade de participar por duas semanas, durante o mês de fevereiro de 2002, do Curso de Formação para Formadores, oferecido pelo Gender and Development Training Center, em Alkmaar, na

Holanda. Tratava-se de um curso intensivo oferecido em português para participantes do Brasil, Portugal e países lusofônicos da África. Foram duas semanas passadas em uma pequena pousada, à beira mar em Egmond aan Zee, com comida maravilhosa e a companhia de pessoas que só me fizeram crescer! Dentre elas, Carla Gisele Batista, à época vinculada ao SOS Corpo, que depois viria para o PPGNEIM cursar o mestrado sob minha orientação.

Como desdobramento desse curso, dois outros semelhantes foram oferecidos no Brasil, sob a minha coordenação: um primeiro em Salvador, Bahia, em junho de 2002, promovido pelo NEIM/UFBA em parceria com o Conselho Britânico e; um segundo curso de Formação de Formadoras/es, em Recife, Pernambuco, em setembro de 2002, sob a coordenação do SOS/Corpo em parceria com o NEIM/UFBA e o Conselho Britânico.

Como parte dessas atividades, fiz a tradução para o português do texto de Naila Kabeer, “From Feminist Insights to an Analytical Framework: an institutional perspective on gender inequality”, publicado originalmente em inglês (KABEER, 1999) tradução esta recentemente publicada na *Revista Feminismos*, sob o título, “Desde as contribuições feministas, para um quadro analítico: as desigualdades de gênero em uma perspectiva institucional” (KABEER, 2013).

.....

Neste capítulo, vimos as muitas voltas e retomadas que marcaram o longo processo de minha formação acadêmica até agora. Digo, ‘até agora’, pois considero que esse processo deve ser algo constante, principalmente em se tratando da construção de uma carreira acadêmica. Nos próximos capítulos, portanto, veremos como o ensino, a pesquisa e as atividades administrativas, bem como as de extensão e militância, têm contribuído sobremaneira para minha formação contínua.

2. ATIVIDADES DE ENSINO

Neste capítulo, percorro os caminhos que me levaram à carreira docente e, em especial, ao Departamento de Antropologia e Etnologia da FFCH, onde estou lotada desde meu ingresso na UFBA em 1982. Relaciono, também, os cursos de pós-graduação aos quais estive e estou vinculada, destacando, aqui, no particular, o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos do NEIM – o PPGNEIM, criado em 2006, programa esse do qual sou uma das fundadoras e no qual tenho o maior orgulho de ser responsável pela cadeia de Teorias Feministas. Delineio aqui, também, as diferentes disciplinas oferecidas por mim ao longo dos anos, reservando para o capítulo seguinte (III), a discussão sobre minhas atividades de orientação, bem como participação em bancas de avaliação de trabalhos acadêmicos.

2.1 Ensino de Línguas

Quando criança, uma das minhas atividades favoritas era ‘brincar de escolinha’, eu fazendo o papel de professora. Mas, na verdade, nunca me interessei por cursar Magistério (na minha época, chamado de Curso Normal) – ensinar crianças pequenas nunca fez parte dos meus desejos. O ensino em si me interessava e minha primeira atividade remunerada acabou sendo o ensino de inglês como professora particular. De fato, um dos benefícios mais significativos de minha estadia nos Estados Unidos com a bolsa do American Field Service – AFS foi o aprendizado da língua inglesa, o que me possibilitou também ensinar esse idioma. Comecei, assim, a ensinar inglês para jovens e adolescentes como professora particular, atividade essa iniciada logo após meu retorno dos Estados Unidos como bolsista e que se estendeu até minha de volta para lá, após meu casamento (08/1966 a 12/1967).

Todavia, verdade seja dita, minha clientela era reduzida, limitando-se a colegas, amigas e seus irmãos e irmãs menores. Para ganhar a atenção desses jovens, minhas aulas eram baseadas em canções de preferência dos e das alunas, valendo-me das letras para discutir interpretação de texto, expressões idiomáticas e gramática inglesa. Trabalhei também como professora de inglês, desta feita para o Fisk, em Salvador, Bahia, quando me mudei de volta para o Brasil (01/1981 a 07/1981), usando para tanto o método definido por essa escola de línguas.

Tive também a oportunidade de ensinar português para americanos. A primeira vez foi como atividade voluntária vinculada à Communiversy, um programa da Student Union (União de Estudantes) da Illinois State University – ISU para a comunidade local, na época em que cursava o Bacharelado em Antropologia (1976-1977). A segunda deu-se em Salvador, no início dos anos 1990, quando trabalhei como consultora para o Curso *English For You* elaborando material didático e lecionando

português para uma turma de professoras e professores americanos da Escola Panamericana de Salvador.

2.2 Ensino no Âmbito Acadêmico Anteriores à UFBA

Este ano de 2016 estarei comemorando 40 anos de ensino no âmbito acadêmico! Comecei a ensinar antropologia em 1976, na qualidade de monitora enquanto aluna de graduação, continuando até os dias de hoje, oferecendo disciplinas de teoria antropológica para estudantes de graduação e pós-graduação. E, desde a criação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – PPGNEIM da UFBA, em 2006, venho também ministrando seminários de teoria feminista.

2.2.1 Monitoria (Undergraduate Teaching Assistantship – UTA) no Departamento de Antropologia da Illinois State University-ISU (1976-1977)

Quando passei a cursar o Bacharelado em Antropologia na ISU, em tempo integral, tive conhecimento da oferta de bolsas de monitoria para graduandos, me inscrevendo e sendo selecionada para ser monitora na disciplina “Introduction to Cultural Anthropology”, ministrada pelo Prof. Dr. Robert Dirks nos semestres I e II do ano letivo 1976-1977, pelo que também recebi os devidos créditos.

Minhas tarefas como monitora nessa disciplina incluíam acompanhar as aulas ministradas pelo Dr. Dirks, compilar listas de chamada, dar assessoria a estudantes no uso das Human Relations Area Files e participar na elaboração e correção das provas. Além disso, tive também que elaborar e apresentar uma aula durante o semestre, escolhendo, para tanto, a temática da Evolução Humana, apresentada sob o título “The Skeletons in Our Closet”. Boa parte dessa apresentação se baseou na disciplina “Human Evolution”, oferecida pelo Prof. Dr. Martin Nickels, no Departamento de Antropologia da ISU, uma das melhores disciplinas que tive o prazer de cursar!

Essa experiência de monitoria foi fundamental, não apenas para o meu treinamento no ensino de antropologia, como também para a definição da minha carreira como docente. Foi ali que tomei gosto pelo ensino universitário e me apaixonei pela antropologia, tendo muito a agradecer ao Prof. Rob Dirks por ter contribuído para que eu seguisse nessa direção - uma decisão da qual jamais me arrependi.

2.2.2 Graduate Teaching Assistantship (GTA) e Graduate Teaching Fellowship (GTF) na Boston University (1978-1979)

Como aluna do Programa de Doutorado em Antropologia da Boston University, atuei como Graduate Teaching Assistant (GTA) da Profa. Dra. Susan Brown e, posteriormente, como Graduate Teaching Fellow (GTF) da Profa. Dra. Maureen

Giovannini, na disciplina “Female Perspectives on the Study of Cultures.” Oferecida para todos os programas da BU, com aulas duas vezes por semana, essa disciplina reunia turmas de mais de 100 alunas/os, em um grande auditório, para uma conferência-aula semanal com a docente responsável. No outro dia de aula as reuniões se davam em grupos menores, cada um com cerca de 25 estudantes, sob a responsabilidade das “Teaching Assistants” (alunas de primeiro ano da pós-graduação) e “Teaching Fellows” (segundo ou mais anos de pós-graduação).

No ano de 1978, fui responsável por duas turmas dessa disciplina, uma por semestre. Tratava-se de uma disciplina introdutória à Antropologia da Mulher, então despontando no cenário acadêmico nos Estados Unidos, representando, para mim, também o ingresso no campo dos estudos feministas, dessa feita como docente, com destaque para a Antropologia Feminista, campo da Antropologia ao qual venho me dedicando desde então!

Foi em preparação para essa disciplina (‘Female Perspectives...’) que vim a ler a monografia de Yolanda e Robert Murphy (1974), *Women of the Forest*, sobre os índios Munduruku, objeto da resenha publicada na *Women in Anthropology Newsletter* (SARDENBERG, 1977f) e, posteriormente, trabalho no qual me baseei também para escrever “Matrilocality and Patrilineality in Munduruku Society: A Re-examination from a Feminist Perspective” (SARDENBERG, 1980).

Para essa disciplina, também me embrenhei na leitura da coletânea *Towards an Anthropology of Women*, organizada por Rayna Reiter (1975), cuja introdução bem discorre sobre a questão do *male bias*, o viés androcêntrico na Antropologia, com reflexões que me ajudaram a desenvolver uma leitura crítica feminista de textos antropológicos. Essa coletânea, é bom lembrar, contém, dentre outros artigos, o texto maravilhoso de Gayle Rubin (1975), “The traffic in women: notes on the ‘political economy’ of sex”, hoje um ‘clássico’ no qual a autora teoriza sobre o sistema sexo-gênero, essencial para a construção da problemática de gênero; o artigo de Ruby Rohrlich-Leavitt, Barbara Sykes e Elizabeth Weatherford (1974), “Aboriginal Woman: Male and Female Perspectives”, do qual fiz uso, anos mais tarde, na elaboração de meu texto sobre ordens prático-simbólicas da menstruação (SARDENBERG, 1994), sobretudo no que diz respeito a visões distintas entre homens e mulheres sobre a menstruação; o de Karen Sacks (1974), “Engels Revisited: Women, the organization of production, and private property”, que traz um importante diálogo com Engels na perspectiva da Antropologia Feminista e; o artigo de Susan Brown (1974), uma das professoras responsáveis pela disciplina em questão, “Love Unites Them and Hunger Separates Them: poor women in the Dominican Republic”, onde ela trata do fenômeno da “monogamia em série” praticada por suas interlocutoras, bem como pelas ex-operárias da Fábrica São Braz que estudei para a minha tese de doutoramento. Tudo isso mostra que o ensino é, de fato, um importante meio de aprendizado!

2.2.3 'Lecturer' no Programa de International Development and Social Change da Clark University, Worcester, Massachusetts, USA (1986)

Por indicação do meu orientador, Prof. Anthony Leeds e convite da então Coordenadora do Departamento de 'International Development and Social Change' (atualmente, Department of International Development, Community, and Environment) da Clark University, Profa. Dra. Barbara Thomas-Slayter, atuei no segundo semestre de 1986 como docente responsável por duas disciplinas: 'Introduction to Cultural Anthropology' e 'The Family and Sex Roles'.

A primeira disciplina ('Introduction') se baseava em ementa curricular semelhante à disciplina na qual eu havia trabalhado como monitora do Prof. Robert Dirks na ISU, congregando, também, uma turma com mais de 100 estudantes. Isso me obrigou a fazer avaliações baseadas em provas com questões objetivas, principalmente porque eu não tinha monitoras/es trabalhando comigo. Já na outra disciplina sobre família e papéis de gênero, com uma turma de estudantes menor (cerca de 40 alunas/os), foi possível trabalhar mais com discussões na sala de aula e avaliações mais qualitativas.

Nas duas disciplinas, porém, tive a oportunidade/liberdade de trabalhar com uma perspectiva de gênero, feminista, em um momento em que essa perspectiva se firmava como 'Antropologia do Gênero'. Para tanto, escolhi a coletânea organizada por Michelle Z. Rosaldo e Louise Lamphere (1974), *Women, Culture, and Society*, traduzida para o português e publicada no Brasil em 1979, sob o título "A Mulher, a cultura e a sociedade". Em especial, trabalhei com o artigo de Nancy Chodorow (1974), "Estrutura Familiar e Personalidade Feminina", além do texto de Carol Stack, "O Comportamento Sexual e Estratégias de Sobrevivência numa Comunidade Negra Urbana." E como não poderia deixar de ser, também me baseei no texto de Sherry Ortner, "Está a Mulher para o Homem, assim como a Natureza está para a Cultura?". Recentemente, tive a oportunidade de escrever uma resenha especial desse texto, que irá integrar uma nova tradução dessa clássica coletânea!

Em julho de 2006, tive a oportunidade de participar como integrante do Projeto Pathways e a convite de Elisa Martinez, então pesquisadora do CARE International, de um seminário realizado na Emory University, em Atlanta, Georgia, USA, que tratou de Gênero, Desenvolvimento e Empoderamento de Mulheres. Foi aí que tive a grata satisfação de reencontrar, pela primeira em mais de trinta anos, a Profa. Dra. Barbara Thomas-Slayter, minha supervisora nesse meu período na Clark University, e saber que ela ainda se lembrava de mim e com apreço!

2.2.4 Professora Assistente na Univ. Católica de Salvador (03/1982-09/1982)

Em Março de 1982, me candidatei e fui selecionada para atuar como Professora Assistente na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Salvador – UCSal, na Bahia, ficando responsável pela disciplina Antropologia Social. Naquela época, a diretora da Escola era a Profa. Liliana Mercuri, que me confiou essa disciplina a ser

oferecida no primeiro semestre de 1982, para uma turma de mais de 50 alunas do Curso de Serviço Social.

Foi a minha primeira experiência docente em âmbito universitário no Brasil, exigindo de mim muitas horas de preparo semanal para as aulas, haja vista que todo meu treinamento acadêmico anterior havia sido feito nos Estados Unidos e, portanto, na língua inglesa, havendo assim muitos termos técnicos que eu desconhecia em português. Lembro-me que percorria as prateleiras da Livraria Civilização Brasileira, então na Rua Carlos Gomes, à procura de livros de antropologia que pudessem me ajudar a encontrar os termos apropriados no preparo das aulas. Foi assim que lendo Roberto Cardoso de Oliveira (2000), Roberto da Matta (1978), Gilberto Velho (1978) e a coletânea organizada por Edson Nunes (1978), comecei a mergulhar na ‘antropologia brasileira’, um mergulho necessário dado o meu treinamento anterior que colocava as antropologias de ‘outros mundos’ nas margens.

Confesso, porém, que estranhei muito a dificuldade em encontrar livros sobre ‘antropologia da mulher’ e ‘antropologia de gênero’ produzidos aqui. A coletânea *Perspectivas Antropológicas da Mulher* organizada por Bruna Franchetto e Maria Luiza Heilborn (1982) foi uma feliz exceção. Aliás, faço uso dessa coletânea até hoje, inclusive no semestre atual em que leciono a disciplina Curso Monográfico em Antropologia Feminista.

Vale registrar que mal terminei o semestre em questão me vi acamada, com hepatite, não podendo assumir uma nova turma na UCSal de imediato no semestre seguinte. Logo depois, fui notificada de que havia sido convocada para assumir o cargo de Professora na Universidade Federal da Bahia, para o qual havia prestado concurso público no início do ano. Interrompi assim meu repouso forçado pela hepatite para entrar com meu pedido de demissão da UCSal e assinar meu contrato com a UFBA.

2.3 Ensino na Universidade Federal da Bahia (09/1982 até hoje)

Este ano de 2016, completo 34 anos como docente da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia, no Campus de São Lázaro – minha segunda casa por todos esses anos! Mas minha primeira visita à FFCH e, mais especificamente, ao Departamento de Antropologia, órgão no qual estou lotada desde 1982, se deu há mais tempo, em outubro de 1980, logo no mês seguinte a minha mudança de Boston para Salvador com a família.

Naquela época – e, na verdade, por muito tempo – o Departamento de Antropologia ficava na ‘senzalinha’, uma pequena edificação entre o ‘casarão’ de São Lázaro e o prédio de Psicologia, para nós conhecido como ‘Iguatemi’. Eram quatro pequenas salas cheirando a mofo e cheias de insetos repugnantes, transformadas depois em instalações para uso dos vigilantes até que, já caindo aos pedaços, foi derrubada para dar lugar à barracquinha de Dona Teresa, hoje sob os cuidados de sua filha.

Na primeira vez que lá estive, conversei com a Profa. Dra. Yeda Castro, Chefe do Departamento, que me informou sobre os planos de um concurso público para teoria antropológica, com a abertura de várias vagas. Interessada no referido concurso, voltei ao departamento meses depois, desta feita grávida de 4 meses de meu filho, João, e trazendo comigo minha filha Marina, à época com 18 meses. Encontrei-me, novamente, com a Profa. Yeda, então Chefe do Departamento de Antropologia, que me apresentou à Profa. Consuelo Pondé, sua vice, que faleceu em 2015. Lembro-me que ficamos as três conversando sobre as dificuldades enfrentadas por nós, mulheres, para dar conta das demandas da vida acadêmica tendo que cuidar também da família, Consuelo afirmando que, assim mesmo, criara 4 filhos.

Voltei mais uma vez ao departamento depois do nascimento de meu filho, para me inscrever para o Concurso, mas o tão esperado edital ainda não havia sido publicado. Conheci então o Prof. Jeferson Bacelar, chefe do Departamento, que me convidou para participar como palestrante da Semana de Antropologia, a se realizar no início de dezembro. Recordo-me que esse evento foi realizado no Museu Costa Pinto, no Corredor da Vitória. Na noite da minha fala, levei meu filho João, então com três meses, pois ainda o amamentava. Ele dormiu serenamente no cestinho, só acordando para mamar... Nessa mesma noite, conheci a Profa. Maria Hilda Paraíso, atual Diretora da FFCH, e os Profs. Luiz Mott, Ronaldo Senna, Thales de Azevedo e Vivaldo Costa Lima, todos do Departamento de Antropologia, ali presentes. Conheci também a Profa. Dra. Eunice Durham, da USP, palestrante convidada. E encontrei mais uma vez o Prof. Jeferson Bacelar, que me falou da vaga de docente para a disciplina Antropologia Social na UCSal.

Todavia, o edital para o tal concurso da UFBA – que abriria mais de 400 vagas para docentes em vários departamentos - só sairia no ano seguinte (1982). Fiz logo minha inscrição, mas tive uma desagradável surpresa, quando a Congregação da FFCH não pode homologá-la em virtude de meus diplomas, tanto o de Bacharelado em Antropologia, da ISU, quanto o de Mestrado em Antropologia Social, da BU, não estarem ainda revalidados no Brasil. Fui informada, porém, que para revalidar meu diploma de Bacharelado, eu teria que voltar a cursar disciplinas de graduação, muito embora já tivesse o Mestrado. Já meu diploma de mestrado da BU havia acabado de chegar, mas estava sem o reconhecimento do Consulado Brasileiro em Boston. E o tempo urgia!

Resultado: com um empréstimo de meu amigo José Sérgio Gabrielli, meu colega na Boston University e desde nos anos 1980, também na UFBA, comprei passagem e viajei da noite para o dia para Boston, obtendo a documentação e assinaturas necessárias na BU para o devido reconhecimento no Consulado, voltando de imediato a Salvador. Tudo isso em um espaço de 3 dias, tempo suficiente para dar entrada no pedido de revalidação do diploma de Mestrado na UFBA e, com ele, solicitar, mais uma vez, a homologação da minha inscrição para o concurso para ingresso no Departamento de Antropologia, só assim deferida. Mas valeu a pena!

O Concurso foi realizado em abril daquele ano (1982), constando de prova teórica escrita, prova didática e análise de currículo com base em barema específico. Na prova escrita, sentei-me entre Ordep Serra, hoje Professor Aposentado do Departamento de Antropologia, e Roberto Albergaria, também aposentado pelo Departamento e meu querido amigo, recém-falecido. Antes do sorteio do ponto, comentávamos como poderia cair qualquer um, menos ‘Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia’, que implicaria em uma longa discussão. Para nosso desalento, porém, eis que esse tal ponto foi o sorteado! Mais creio que me saí bem...

Na prova didática, contudo, me dei bem melhor: o ponto sorteado foi ‘Marxismo e Antropologia’, tema constante do meu exame de qualificação para o doutorado na BU, realizado um ano antes e sobre o qual eu me sentia bastante segura. Quem o sorteou para mim foi a Profa. Dra. Luzinete Simões, então Vice Coordenadora do Colegiado do Curso de Ciências Sociais da UFBA, hoje aposentada pela Universidade Federal de Santa Catarina e minha parceira em várias atividades vinculadas ao PROCAD – Programa de Intercâmbio Acadêmico que o PPGNEIM desenvolve com a UFSC. Até hoje sou agradecida à Luzinete...

Na banca do concurso sentaram os Professores Luiz Mott, Carlos Ott e Julio Braga, que me cumprimentaram ao final da aula, mesmo tendo eu passado um mau pedaço. Na noite anterior, eu estava muito tensa dando os últimos retoques nos Planos de Aula a serem entregues à banca no dia seguinte, após o sorteio do ponto. Meus filhos, então pequenos, Joãozinho ainda bebê, sentiram essa tensão e acordaram chorosos várias vezes durante a noite. Para não perder a hora – o sorteio do ponto seria ao meio-dia e eu não poderia atrasar – caí na besteira de tomar um ‘Reativam’, um estimulante, que ajudou, mas não sem causar problemas. Poucos minutos antes de concluir o tempo mínimo para minha aula, tive vários segundos de ‘branco total’. Não sabia quem eu era, onde estava, o que estava acontecendo! Ainda bem que consegui voltar a mim antes do tempo se esgotar e concluir a aula – tida como excelente pelo Prof. Ott!!!

Passado o concurso e tendo sido classificada dentre os cinco a serem convocados – Edwin Reesink, eu, Roberto Albergaria, Yolanda Paradella e Ordep Serra, nessa ordem de classificação – restou-me aguardar a chamada. Quando dois meses se passaram e nada de convocação oficial, um grupo de candidatos e candidatas classificadas/os no Concurso resolveu se reunir e pressionar a UFBA e, por fim, o Ministério da Educação – MEC, para a implementação das vagas já abertas por decreto. Foi nesse grupo que vim a conhecer minha grande amiga, Ana Alice Alcantara Costa, aprovada no concurso para Ciência Política, com quem mais tarde fundaria o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM e daria início a nossa ‘aventura’ no Feminismo Acadêmico no Brasil, sobre o que detalharei mais adiante (SARDENBERG, 2015a) .

Nosso movimento, aliado ao dos estudantes em várias unidades da UFBA, demandando a contratação das/os docentes classificadas/os – na FFCH, o corpo

estudantil entrou em greve – logrou um pequeno sucesso: um primeiro grupo de docentes foi contratado, eu dentre eles. Assinei meu contrato como ‘Professor’ em 14 de setembro de 1982, lotada no Departamento de Antropologia e Etnologia, passando para o quadro da UFBA, como ‘Professor Assistente’, só em julho do ano seguinte (1983).

2.3.1 Departamento de Antropologia e Etnologia da FFCH da UFBA

Ao longo das quase três décadas e meia que venho atuando no Curso de Ciências Sociais como professora, lotada no Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA, fui responsável por várias das disciplinas ali oferecidas, a saber: Antropologia I, Antropologia II, Antropologia III, Antropologia V, Etnologia Geral e do Brasil, Técnicas de Investigação e Elaboração de Projetos (TIEP), Técnicas de Investigação e Análise (TIA) em Antropologia, Prática de Pesquisa em Antropologia, Curso Monográfico sobre Perspectivas Antropológicas sobre a Mulher, Estudo de Sistemas de Parentesco, Seminário em Ciências Sociais, Etnografia, Antropologia Brasileira Contemporânea e, no momento, finalmente, Curso Monográfico em Antropologia Feminista.

Por muito tempo, lutei pela criação da disciplina ‘Antropologia de Gênero’ no Programa do Curso de Ciências Sociais, mas não consegui entusiasmar meus colegas de departamento para que se levasse a proposta adiante. O processo foi perdido, engavetado, sumiu! Só consegui oferecer essa disciplina como ‘Curso Monográfico’, estando agora, neste presente semestre, oferecendo finalmente o Curso Monográfico em Antropologia Feminista. Já considero isso uma pequena vitória! Devo ressaltar, porém, que conseguimos introduzir a disciplina Antropologia de Gênero no Programa do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, curso que brotou dos esforços da equipe do NEIM.

É claro que, a bem ou mal, a perspectiva da Antropologia Feminista se inseriu em todas as disciplinas que ofereci ao longo das minhas três décadas e meia no Departamento de Antropologia. Não haveria como não fazê-lo, vez que foi a partir dessa perspectiva que fui construindo a minha aventura antropológica! Da mesma forma, é a perspectiva antropológica que tem me guiado nas minhas reflexões no campo dos estudos feministas, trabalhando eu, portanto, com um duplo olhar crítico, tal qual enunciado já no artigo de Maria Luiza Heilborn et al (1981) em “Perspectivas Antropológicas da Mulher.” A Antropologia Feminista, produto desse duplo olhar crítico, se coloca assim em um campo fronteiro e nós, antropólogas feministas, como ‘forasteiras dentro’, com um pé dentro e outro fora da Antropologia e, ao mesmo tempo, com um pé dentro e outro fora dos Estudos Feministas.

Posso então dizer que tenho levado a perspectiva da Antropologia Feminista para todas as disciplinas que ofereci ao longo da minha carreira docente. E, na UFBA, foram várias turmas de alunos e alunas que passaram por minhas salas de aula nessas disciplinas, alguns e algumas hoje em posição de destaque, a exemplo, dentre outros, do Deputado Afonso Florence, Ex-Ministro de Desenvolvimento Agrário e hoje Líder do

PT na Câmara Federal; do Vereador Gilmar Santiago, da Câmara Municipal de Salvador; da Profa. Amelinha Maraux, que foi Vice Reitora da UNEB e; da Profa. Carla Liane, atual Vice-Reitora da UNEB.

Como se verá em outro capítulo, tive também a oportunidade de orientar vários alunos e alunas do Bacharelado em Ciências Sociais com concentração em Antropologia na elaboração das suas monografias de conclusão de curso, bem como diversos outros e outras como bolsistas de iniciação científica.

Já servi o Departamento como Chefe (1989-1991/1991-1993), já fui sua representante em colegiados de diferentes cursos, em especial, o de Ciências Sociais, servindo nele como Coordenadora de Colegiado (1993-1994), já fui até Vice-Diretora da própria FFCH. Mas confesso que não tenho uma boa veia administrativa: prefiro a sala de aula! Continuo apaixonada pela Antropologia e, espero, passando essa paixão para meus alunos e minhas alunas também!

2.3.2 Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFBA

Minha associação com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA se iniciou em 1983, com a criação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, como parte do então Mestrado em Ciências Humanas, na época, sob a coordenação da Profa. Dra. Consuelo Sampaio.

Ao longo dos anos, vivenciei as mudanças que ocorreram no Programa, ou seja, de Mestrado em Ciências Humanas (que incluía História) para Mestrado em Ciências Sociais (quando foi criado o Mestrado em História) e, posteriormente, com a criação do Doutorado em Ciências Sociais, para Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, tendo atuado, então, como Vice Coordenadora do PPGCS ao lado do Prof. Dr. Paulo César Alves, o Coordenador do Programa na época (1997-1999).

Como Professora Permanente do PPGCS, de 1983 a 2010, fui responsável pelas disciplinas Estudos Feministas, Dinâmica das Relações de Gênero, Raça e Classe, Estudos sobre Gênero e Trabalho e Teoria Antropológica Contemporânea, algumas delas depois oferecidas no PPGNEIM, a ser discutido mais adiante. Encontrei, no PPGCS, um espaço aberto para o campo dos estudos feministas, não apenas na oferta de disciplinas, como também na orientação de alunas e alunos do Programa. De fato, como se verá adiante, no PPGCS orientei cerca de 20 alunos e alunas na elaboração de suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, tendo o prazer de ter algumas das minhas orientandas (as Profas. Dras. Márcia dos Santos Macêdo e Márcia Santana Tavares) trabalhando agora comigo no PPGNEIM.

Acabei me desligando desse Programa por ser impossível participar como docente de mais de dois programas de pós-graduação, optando, por minha formação, ficar no PPGNEIM e no PPGA/UFBA.

2.3.3 Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – PPGNEIM

O Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da FFCH da UFBA foi primeiro um grande sonho da equipe do NEIM, que desde os anos 1990 acalentava a ideia de um programa dessa ordem. Em especial, havíamos sido incentivadas a criar tal programa por Sonia Alvarez, então Diretora da área de gênero na Fundação Ford, junto com Mariza Navarro, que viera ao Brasil como consultora da Ford, para avaliar os projetos que o NEIM desenvolvia com o apoio da Fundação, sobre o que discorrerei mais adiante.

Apelidado, por nós, de “Projeto Baby Doll Lilás” (não me lembro o porquê do nome!), o projeto de pós-graduação do NEIM era discutido na sala de visitas (com vistas para a Bahia de Todos os Santos !!) da companheira Ívia Iracema Alves, onde ela, Ana Alice Costa, Alda Motta, Silvia Lúcia Ferreira, Elizete Passos e eu trabalhávamos em uma proposta a ser apresentada para a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFBA. No entanto, naquela época, fomos desencorajadas a seguir adiante com a proposta, pois ninguém acreditava que ela pudesse ser aceita pela Câmara de Pós-Graduação da UFBA, muito menos pela CAPES.

A partir de 2003, porém, novos ventos trazendo o PROUNI, trouxeram também a possibilidade de avançarmos no sentido da criação de cursos de pós-graduação inter e multidisciplinares. Por sugestão do Magnífico Reitor, Prof. Dr. Naomar Almeida, apresentamos uma nova proposta de programa, elaborada pela Profa. Ana Alice Costa e por mim, com a colaboração das demais professoras e pesquisadoras da equipe do NEIM, logrando aprovação em todas as instâncias da UFBA e na CAPES. Assim foi criado o PPGNEIM, com aula inaugural em Março de 2006, tendo eu a honra de proferir essa ‘aula magna’.

Trata-se do Primeiro Programa desse tipo, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina! Mais recentemente, foram criados programas de doutorado em estudos de gênero em Córdoba, Argentina, na Universidade de San Cristobal de las Casas, na Região de Chiapas, México e, no ano passado, o Programa de Doutorado em Estudos de Gênero na Universidad Autonoma Metropolitana de Xochimilco, México, todos inspirados em nossa ousadia no NEIM.

No PPGNEIM, atuo como Professora Permanente, tendo sido responsável principalmente por disciplinas obrigatórias: a) Seminários de Teorias Feministas I, que resgata algumas das principais contribuições teóricas feministas nos estudos sobre mulheres e relações de gênero; b) Seminários de Teorias Feministas II, oferecida só para alunas do doutorado e voltada para a crítica feminista à ciência e para as epistemologias feministas e; c) Seminários Multidisciplinares de Pesquisa, que se volta para uma reflexão sobre as pesquisas desenvolvidas dentro das perspectivas feministas.

Devido a minha responsabilidade pela oferta dessas disciplinas - e mesmo tendo agora a colaboração de minha colega, Márcia Macêdo, que assumiu Seminários de Teorias Feministas I -, só consegui oferecer uma disciplina optativa: Dinâmica das Relações de Gênero, Raça e Classe, minha disciplina favorita e que me inspirou na elaboração do artigo “Caleidoscópios de Gênero: Gênero e Interseccionalidades na Dinâmica das Relações Sociais”, recém publicado (SARDENBERG, 2015d). Sempre que ofereço essa disciplina (e faz tempo que não o faço), inicio o semestre com o “Exercício dos Privilégios” (*Privilege Exercise*), por nos permitir identificar e refletir sobre as marcas da interseccionalidade de gênero, raça, classe, orientação sexual, etc., nas nossas vivências, antes de podermos teorizar sobre tal fenômeno.

Confesso que muito me preocupa o momento em que vivemos no país, com o avanço do fundamentalismo religioso em nossas esferas de poder. Tal avanço e o obscurantismo que paira sobre nossa sociedade representa uma grande ameaça à continuidade dos estudos de gênero e feministas, em especial. Ao mesmo tempo, o vigor jovem que atualmente se espalha nos movimentos sociais, a exemplo de sua força na chamada ‘Primavera das Mulheres’, emergida em fins de 2015 contra tal ameaça às nossas conquistas, renova minhas esperanças, inclusive no que tange à desenvolvimento dos estudos feministas no Brasil.

2.3.4 Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA

O Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA foi criado em 2007, época em que, além de atuar como Professora Permanente no PPGNEIM (criado um ano antes), eu ainda me encontrava como Professora Permanente do PPGCS, sendo responsável pela orientação de alunos de doutorado. Assim, só em 2012, quando as respectivas teses foram defendidas, foi que pude então participar do PPGA.

Desde então, além de orientar uma dissertação de mestrado, já defendida, e uma tese de doutorado em andamento, já fui responsável pela oferta de disciplinas obrigatórias, a saber: a) Seminário Avançado de Teoria Antropológica (2014.1), oferecida para alunos de Doutorado e; b) Teoria Antropológica Contemporânea (2015.1), para alunos de Mestrado. Confesso que, para mim, foi importante adentrar mais a fundo no ensino da Antropologia, em nível de pós-graduação; constato, porém, que o viés androcêntrico ainda permeia grande parte das abordagens na teoria antropológica, até mesmo as mais recentes. Aliás, fiquei chocada ao me dar conta de que nosso corpo docente ainda reproduz preconceitos de gerações anteriores contra a antropologia feminista.

2.4 Participação como Docente em Cursos de Especialização (Latu Sensu)

Além de participar como docente em cursos de pós-graduação *stritu sensu*, tenho participado também de cursos de especialização, com destaque para aqueles oferecidos pelo NEIM/UFBA. Aliás, tive o prazer de organizar e coordenar o primeiro

curso dessa natureza que oferecemos, o Curso de Especialização em Gênero e Desenvolvimento Regional, oferecido em parceria com a REDOR – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero, com apoio da Fundação Ford. Nesse curso, fui responsável pela disciplina ‘Seminários de Gênero e Desenvolvimento I’, oferecido de novembro de 2001 a maio de 2002, além de orientar monografias, a serem discutidas no próximo capítulo.

Integrei, ainda, o corpo docente do Curso de Especialização em Metodologias do Ensino de Gênero e Outros Temas Transversais, oferecido pelo NEIM/UFBA em de abril/2004 a janeiro/2006, bem como do Curso de Especialização em Gênero e Desenvolvimento Regional com Concentração em Políticas Públicas, sendo responsável, em ambos, pela disciplina ‘Fundamentos das Teorias de Gênero’, bem como pela orientação de alunas do curso na elaboração de monografias.

No início dos anos 2000, a convite da Profa. Margarida Teixeira, voltei à UCSal para atuar como responsável pela disciplina ‘Metodologia Científica’ no Curso de Especialização em Terapia Familiar oferecido pela CEPEX, tendo também orientado alunas desse curso na elaboração de suas respectivas monografias de conclusão do curso, tal como discutirei mais adiante neste memorial.

Outro curso do qual tive participação como docente, desta feita, responsável pela disciplina “Gênero nas Organizações”, foi o Curso de Especialização Gestão Associativa e Desenvolvimento Local, em dezembro de 2003, oferecido pelas Faculdades Olga Mettig. Trabalhei ali ao lado de companheiros que participaram junto à equipe do NEIM no PAGE, o Programa de Assessoria de Gênero desenvolvido no Projeto Gavião, da CAR, o que se traduziu em uma experiência bastante enriquecedora.

.....

A título de conclusão, não custa lembrar que nossa atividade docente não se encerra na sala de aula, nem tampouco no oferecimento de disciplinas. Como veremos mais adiante, as atividades de orientação de alunas e alunos no desenvolvimento de trabalhos de conclusão e de pesquisas são parte crucial da docência, promovendo uma formação mútua, contínua, do alunato quando de professoras/es. Mas a sala de aula é o espaço privilegiado para uma discussão mais ampla junto aos pares, propiciando a troca de olhares e a construção de um pensamento crítico sobre a realidade que nos cerca.

3. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

Neste capítulo, elenco e discuto minhas atividades como ‘orientadora’, incluindo-se aí a orientação de monografias de conclusão de bacharelado e cursos de especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado e estágios pós-doutorais, que têm engrandecido minha vida acadêmica e pessoal. No total, foram cerca de 89 trabalhos orientados ao longo das últimas três décadas, estando eu no momento responsável por mais 5, em andamento, e por mais 4 que se iniciarão em breve.

Confesso que, de todas as atividades didáticas que tenho desempenhado ao longo da minha trajetória acadêmica, considero como tarefa mais desafiadora, mais enriquecedora e gratificante na docência, a de orientar alunas e alunos em suas pesquisas e na elaboração de seus trabalhos de conclusão de curso – monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Para mim, a tarefa de orientação implica sempre em um novo aprendizado. Acredito mesmo que acompanhar orientandos e orientandas, desde o processo de construção do objeto e como abordá-lo, passando pela identificação de descobertas ‘no campo’ e a análise do material coletado, até a redação do trabalho final, nos faz crescer enquanto docentes e pesquisadoras/es. E que prazer participar do momento de uma defesa bem sucedida! Sem esquecer que esse processo implica muitas vezes na construção de laços, de amizade e acadêmicos, que poderão nos acompanhar por toda a vida!

Sempre digo às minhas (e meus) orientandas que um projeto de pesquisa não deve nunca ser uma ‘camisa de força’, mas sim uma ‘carta de intenções’, sempre aberta para as modificações surgidas ao longo do processo de ‘descoberta’. Tal perspectiva é fundamental no uso do método etnográfico, principalmente para se conhecer melhor as ditas ‘categorias nativas’ e não impor as nossas, ou nossos modelos, no que se observa no campo. Da mesma forma, procuro não impor minhas escolhas epistemológicas ou teórico-metodológicas, apenas mostrar que há diferentes caminhos a seguir na construção de um objeto e da sua abordagem. Mas tento deixar claro que, independente das escolhas, é necessário mantermos uma coerência lógica no desenvolvimento do trabalho, fiel aos caminhos escolhidos, caso contrário pode-se cair em uma ‘salada epistemológica’ que nos leva a lugar nenhum.

A partir de minha experiência como orientadora, tenho observado que, de fato, como sugerem Michelle Barret e Anne Philips (1992), sob influência das posturas Foucaultianas, tem se verificado uma virada nos estudos feministas nas últimas décadas, do enfoque nas “coisas” para as “palavras”, o que se verifica também nos trabalhos que tenho orientado. Tomo a liberdade de reproduzir aqui um trecho um tanto longo de um artigo anterior, no qual discorro sobre essas questões:

Não é, pois, ao acaso que se observa uma virada nos estudos feministas para a cultura, para o estudo das representações. Há, de fato, um grande crescimento dos estudos literários ou culturais, da teoria crítica, campos de reflexão dentro dos estudos feministas que têm colocado em evidência a literatura, a filosofia, as artes e humanidades em geral. Tem-se, assim, uma grande virada para a análise dos processos de simbolização e representação, que é o campo da cultura por excelência. Da mesma forma, observa-se também a ênfase nas reflexões e análises dos processos de subjetivação, da construção das subjetividades, com destaque para o campo da psicanálise que também trabalha muito com a linguagem. Tudo isso tem contribuído para o crescimento do interesse na fenomenologia e na hermenêutica, abordagens que tradicionalmente se voltam para o estudo de tais questões.

Mesmo nas Ciências Sociais, observa-se esse deslocamento do estudo da estrutura social para as questões da cultura, das subjetividades, para os atores sociais e os significados na ação. Por certo, o simbólico ganha importância e não só na perspectiva dita pós-moderna. Com certeza, Bourdieu e, em especial, o enfoque nos estudos sobre habitus (disso e daquilo) permanecem importantes. Aliás, é impressionante o número de estudantes que querem trabalhar com práticas e representações nas suas monografias de conclusão de curso e nas suas dissertações. Muitas de minhas alunas querem estudar representações de gênero. Mas isso me dá muito trabalho, porque a maioria chega com a ideia de que, para estudar representação, basta fazer entrevistas, registrar e transcrever as falas que já se tem as representações. É lógico que se pode deduzir representações dessas falas, mas a análise não é assim tão simples, pois as representações sociais não estão só nos discursos (que também não se traduzem apenas como 'falas'), elas são institucionalizadas, estão nos comportamentos, estão nas relações sociais, quer dizer, é muito mais complicado do que parece à primeira vista. Por outro lado, as representações não estão explícitas nas falas; aliás, fosse assim, para que sociólogas/os? Para que antropólogas/os? Não precisaríamos nem estar aqui discutindo, estaríamos desempregadas... Portanto, temos que ir mais fundo, temos que romper com o senso comum, temos que deduzir das falas as categorias nativas, caso contrário, não estaremos fazendo análise social nem estudando cultura, estaremos apenas fazendo transcrição de fitas.

Em *O Trabalho do Antropólogo*, Roberto Cardoso de Oliveira (1998) argumenta que o nosso trabalho implica em olhar, ouvir e escrever. Atualmente, porém, todo mundo só quer ouvir e se esquece de que a observação é tão ou até mesmo mais importante nas pesquisas, inclusive para se analisar os significados, as representações. É certo que as mulheres foram silenciadas por muito tempo, portanto, temos que dar voz às mulheres assim como aos negros e a outros segmentos que foram historicamente oprimidos e silenciados. Mas "dar voz" não é só registrar e transcrever depoimentos. É preciso analisá-los, o que implica também a análise dos contextos em que eles são produzidos. Vale aqui observar que a "virada para a cultura" tem implicado, também, uma grande virada para as ditas "metodologias qualitativas" em prejuízo das quantitativas. Aliás, ninguém mais quer saber de métodos quantitativos.

Confesso que, como antropóloga, formada nos Estados Unidos, eu fui treinada para fazer trabalho de campo nos moldes tradicionais, isto é, à la Malinowski, dando ênfase à observação participante, um método qualitativo por excelência. Mas vale aqui lembrar que o próprio Malinowski, na introdução de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, sua obra clássica, nos fala da

importância de se quantificar as observações. Hoje em dia, porém, ninguém quer fazer isso. É pesquisa? Método qualitativo. Tudo bem, mas não podemos nos esquecer da importância de trabalharmos também com os dados secundários, os censitários, por exemplo, pois esses dados nos apontam certas tendências importantes, inclusive para formularmos problemas para investigação e análise. (SARDENBERG, 2004e, p. 31-33)

Como se poderá verificar nas subseções que compõem este capítulo, a maioria esmagadora dos trabalhos que tenho orientado se incluiu na problemática de gênero, muito embora abordando temáticas diversas.

3.1 Orientação de Monografias de Conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais:

Em fins dos anos 1980, para melhor qualificar o processo de formação de nossos estudantes no campo da pesquisa e adequar nosso curso às novas exigências postas pelo MEC, o Colegiado do Curso de Ciências Sociais da UFBA deliberou pela inclusão da Monografia de Conclusão do Curso como requerimento para o título de Bacharel. Desde então, passei a orientar estudantes cursando o Bacharelado em Ciências Sociais com concentração em Antropologia na elaboração de suas monografias, bem como a participar em várias bancas de defesa de trabalhos orientados por colegas.

Analisando as monografias que orientei, observo uma nítida tendência pela temática mais geral de “Gênero, Trabalho e Família”, principalmente as elaboradas nos anos 1990, tal qual nos seguintes trabalhos: *A Dupla Jornada de Trabalho da Mulher: Um estudo sobre empregadas domésticas diaristas em Salvador*, de autoria de Cleuze Maria Chagas Carvalho (1991); *Divisão Sexual do Trabalho e Relações de Gênero entre Casais das Camadas Médias de Salvador*, de autoria de Neide Nascimento (1991); *Mulheres da Maré: As Marisqueiras de Maragogipe*, elaborado por Claudia Cristina de Sousa (1991) *A Mulher na Indústria Baiana: Um Estudo sobre Tecelãs*, de Samira Bevilaqua (1992); *Adeus às Plataformas. Um Estudo sobre Operários Aposentados da Petrobrás*, de Alencar dos Santos Menezes Filho (1994) e; *As Técnicas que Fazem Voar: a presença feminina na manutenção de avião*, de Marinilda Lima (2005).

Outro bloco de trabalhos orientados se volta para a questão de “Gênero, Família, Casamento e Parentesco”, a exemplo das seguintes monografias: *A voz do sangue: um estudo sobre família e relações de parentesco em Areia Branca, Bahia*, de Carolina Ramos Homem (2000); *Casar ou não casar: eis a questão*, elaborada por Ronnie Jorge Tavares Almeida (2001); *Senhoras no Comando: estudo sobre mulheres aposentadas e chefes de família residentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador*, de Carolina Santana de Souza (2006) e; *O Amor e seu gênero: Um estudo sobre as concepções e vivências amorosas e sexuais de jovens alunos de Psicologia*, elaborada por Soraya Magalhães (2009).

Orientei, também, duas monografias na temática de “Gênero e Educação”, quais sejam: *Mulheres na Universidade: Um estudo da participação estudantil feminina nos 40 anos da UFBA*, de Rita de Cássia dos Santos Conceição (1994), e *Visibilizando o 'Invisível': a presença de mulheres negras numa instituição de ensino superior (1960/69)*, elaborada por Zelinda dos Santos Barros (2000). E, por fim, a monografia de Helyom Rogério Reis Viana da Silva Teles (2004), *O "Um" Brasil - cultura brasileira e ideologia: o lugar da história*, que se baseou em um olhar conjugando Antropologia e História.

Vale observar que incentivei todas e todos meus alunos e alunas de graduação a seguirem em frente com seus estudos, tendo a grata satisfação de ver que essa recomendação foi acatada por boa parte dessa turma!

3.2 Orientação de Monografias de Cursos de Especialização

Tal qual se observou em relação às Monografias de Conclusão de Bacharelado discutidas acima, também nas de Conclusão de Cursos de Especialização que orientei, a temática principal se voltou para a problemática de gênero, com uma variedade de temáticas.

No Curso de Especialização em Gênero e Desenvolvimento Regional, promovido pelo NEIM/UFBA em parceria com a REDOR, orientei duas monografias: 1) *A representação da corporalidade feminina no mercado cultural: os comerciais de cerveja*, de autoria de Sabrina Uzêda Cruz (2003) e; 2) *Mulheres provedoras do sustento familiar / o traçado da vida*, Kátia Virgínia Dórea Vieira Almeida (2002).

Outras duas monografias foram desenvolvidas sob minha orientação no Curso de Especialização em Metodologia e Prática do Ensino de Gênero, promovido pelo NEIM/UFBA, a saber: 1) *Artesãs de Salvador: Um perfil e caracterização do trabalho na perspectiva de Gênero*, de Gilza de Almeida Borges (2005) e; 2) *Amélias e Vadinhos: A Manutenção dos Laços Conjugais de Detentas e Detentos no Sistema Penitenciário de Salvador*, apresentado por Lucinalva Mota Xavier (2006).

No Curso de Especialização e Formação em Terapia Familiar promovido pela Universidade Católica de Salvador, fui responsável pela orientação de três monografias, a saber: 1) *Famílias Monoparentais: Mulheres Chefes de Família*, de autoria de Laís Zailca Bueno de Barros (2002); 2) *Ruim com ele, pior sem ele? Encantos e desencantos da chefia feminina da família*, apresentada por Ediomaria da Silva Santos (2002) e; 3) *Sexo no Casamento: Interferências nos Relacionamentos*, de Elizabete Maria de Santana Oliveira (2002).

3.3 Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado

A primeira aluna que orientei no Mestrado em Ciências Sociais foi Maria de Fátima Alves Pereira, egressa da graduação em Filosofia, que em 1989 defendeu a

dissertação intitulada, *A Normatização da Maternidade: Mães Pobres em uma Instituição Beneficente em Salvador*. Foi por intermédio de Fátima e de sua dissertação que tomei conhecimento da obra de Foucault, então começando a ganhar espaço na academia brasileira. Foi, de fato, uma experiência de aprendizado para nós duas, eu estreante no papel de orientadora e iniciando minhas leituras sobre Foucault. Na verdade, Fátima era mais versada nessa questão do que eu, havendo, às vezes, até mesmo uma inversão de papéis.

Só alguns depois de ter trabalhado com Fátima – e depois de ter concluído meu Doutorado em Boston - foi que voltei a orientar alunos de pós-graduação, trabalhando primeiro com a mestrande Golde Maria Stifelman na elaboração da sua dissertação intitulada, *Sauípe em Três Tempos: Um Processo de Desapropriação no Litoral Norte da Bahia*, defendida em 1998. Foi um trabalho muito interessante! Levou-nos a acompanhar o processo de expansão capitalista no campo – no caso, em Sauípe, hoje conhecido por seus vários ‘resorts’ – a partir da desapropriação do campesinato local, provocando instigantes comparações com processo semelhante na cultura da cana-de-açúcar, que investiguei anos antes para um trabalho enquanto aluna de pós-graduação em Boston (SARDENBERG; SANKAR, 1979).

Em 2001-2003, Golde coordenou um projeto para a Superintendência de Recursos Hídricos da Bahia financiado pelo Banco Mundial na Região de Ponto Novo. Quando se tornou necessário trazer uma perspectiva de gênero para o Projeto, Golde veio nos procurar, no NEIM. Assim, ao lado de Ana Alice Costa e Elizete Passos, passei cerca de um ano desenhando e executando um programa de trabalho com as mulheres da região, projeto esse que discutirei mais à frente, no capítulo sobre Atividades de Extensão.

Logo que voltei de Boston, surgiu também, por meio da REDOR, o convite para orientar uma aluna do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Foi assim que comecei a trabalhar com Márcia Santana Tavares, à época, desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre o “Amor”. Sua dissertação, *Pelas Lentas do Amor: o cotidiano amoroso entre camadas médias urbanas em Aracaju*, defendida na UFS em 1999, foi publicada posteriormente como livro (TAVARES, 2002). Márcia depois cursou o doutorado em Sociologia na UFBA e defendeu tese sob minha orientação, *Os Novos Tempos e Vivências da Solteirice em Compasso de Gênero: Ser Solteira/Solteiro em Aracaju e Salvador*, em 2008. Ela veio depois trabalhar como Pesquisadora Associada do NEIM ao meu lado no Observatório de Monitoramento da Aplicação da Lei Maria da Penha – OBSERVE. Posteriormente, prestou concurso e foi aprovada como docente do Curso de Serviço Social da UFBA, estando hoje como Coordenadora do PPPGNEIM.

Processo semelhante se deu em relação à Márcia dos Santos Macêdo. Márcia foi bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC no NEIM, tendo ingressado no PPG de Ciências Sociais em 1996. Seu projeto de dissertação de mestrado intitulado, *Tecendo os Fios e Segurando as Pontas: trajetórias e experiências*

de mulheres chefes de família em Salvador, Bahia, elaborado sob minha orientação, foi um dos projetos premiados com bolsa de pesquisa pela Fundação Carlos Chagas. Márcia Macêdo defendeu sua dissertação, com esse mesmo título, em 1999, retornando ao PPG de Ciências Sociais poucos anos depois para cursar o doutorado, também sob a minha orientação. Enquanto em sua dissertação Márcia trabalhou com mulheres das camadas populares, na tese de doutorado ela se voltou para mulheres chefes de família das camadas médias de Salvador. Intitulada, *Na Trama das Interseccionalidades: Mulheres Chefes de Família em Salvador*, a tese foi defendida em 2008. Pouco tempo depois, com a criação do Curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade do NEIM, Márcia fez concurso e foi aprovada, em primeiro lugar, como docente da disciplina Teorias Feministas. Atualmente, Márcia Macêdo é a Chefe do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos, recém-criado, o primeiro departamento dessa ordem no Brasil.

Outro aluno que seguiu comigo, desde a graduação, foi Helyom Rogério Reis Viana Teles. Helyom foi bolsista PIBIC no Projeto coordenado por mim, *O Gênero da Memória: Um Estudo sobre a Memória Social do Antigo Operariado Baiano*, iniciado em 1997, elaborando, como se viu acima, sua monografia de conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais/Antropologia sob a minha orientação, bem como sua Dissertação de Mestrado, *Justiça e Humanidade! As lutas políticas do Sinditêxtil (1937-1953)*, defendida em 2004 e, em 2009, sua tese doutoral, sob o título: *Um Tecido Encharcado de Tensões: As Formas Elementares da Memória do Sinditêxtil-Bahia*. Tanto a dissertação quanto a tese se desdobraram do trabalho que desenvolvemos na pesquisa sobre o antigo operariado baiano. Atualmente, Helyom é professor substituto da UNEB, onde também desenvolve pesquisas como parte do estágio pós-doutoral naquela universidade.

Cândida Ribeiro Gonçalves começou a trabalhar comigo em um projeto de pesquisa sobre violência doméstica para ingresso no mestrado, quando cursava a disciplina Dinâmica das Relações de Gênero, Raça e Classe, oferecida pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFBA, em 2003. Cândida foi selecionada, defendendo em 2007 a dissertação intitulada, *Quero um basta!": experiências de mulheres que fizeram denúncia na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (DEAM) de Salvador*. Com a criação, sob minha coordenação, do OBSERVE – Observatório de Monitoramento sobre a Aplicação da Lei Maria da Penha, sediado no NEIM, Cândida veio trabalhar ali, sendo responsável pela condução das pesquisas do OBSERVE em Salvador. Em 2009, Cândida ingressou no Curso de Doutorado do PPGNEIM, fazendo uma Bolsa Sanduíche de oito meses (fevereiro a setembro de 2013) na Universidade Complutense de Madrid/Espanha. Sua tese, intitulada, *Políticas e Modelos de abrigamento de mulheres em situação de violência de gênero: um estudo exploratório e comparativo Salvador-Madrid*, foi defendida em 2014. Cândida trabalha atualmente na Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres do Estado da Bahia,

ministrando cursos sobre violência de gênero para gestores públicos e conduzindo pesquisas sobre essa temática em apoio aos projetos da SPM.

Sabrina Uzêda da Cruz foi minha aluna em disciplinas do curso de Graduação em Ciências Sociais, tendo me convidado para participar da sua banca de avaliação da sua monografia de conclusão do curso, desenvolvida sob a orientação da Professora Dra. Sylvia Reis Maia. Como se viu anteriormente, em 2001, Sabrina foi selecionada como aluna do Curso de Especialização em Gênero e Desenvolvimento Regional oferecido pelo NEIM/REDOR, elaborando seu trabalho de conclusão sob minha coordenação. Em 2006, Sabrina foi selecionada para integrar a primeira turma de mestrandas e mestrandos do PPGNEIM, avançando no estudo iniciado na Especialização, com a dissertação intitulada, *Corpos em Evidência: imagens de mulheres nas propagandas de cerveja*, defendida em 2008. Sabrina hoje trabalha na Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia e se prepara para seleção para o Curso de Doutorado do PPG de Antropologia da UFBA.

Jucélia Bispo Ribeiro começou como minha aluna da disciplina Antropologia II, em 1993, integrando posteriormente a equipe da pesquisa “Sangue, Poder e Destino: Um estudo de práticas e representações sobre a menstruação”, como bolsista de iniciação científica PIBIC/UFBA. Concluído o curso de Graduação, Jucélia ingressou no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, como minha orientanda de Mestrado, elaborando sua dissertação com título, *Menino Macho e Menina Fêmea: a socialização e a sexualidade infanto-juvenis em Itaparica, Ba*, defendida em 2003. Jucélia é hoje professora do Estado.

Ulla Macedo Romeu veio trabalhar comigo na pesquisa “Corpos Sacrificados: Um estudo de práticas estéticas femininas contemporâneas”, ingressando, posteriormente, no PPG de Ciências Sociais, onde defendeu a dissertação, *A dona do corpo: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra do Padeiro-BA*, em 2007, sob minha orientação. Durante o curso de Mestrado, Ulla foi agraciada com um bolsa de ensino, responsabilizando-se pela disciplina Antropologia do Gênero. Atualmente, Ulla é pesquisadora concursada da Fundação Osvaldo Cruz - Fiocruz, no Rio de Janeiro e se prepara para o doutorado.

Também Jenefer Estrela Soares começou como aluna de Antropologia II e depois como minha bolsista no OBSERVE em um projeto de Monitoramento da Aplicação da Lei Maria da Penha. Jenefer começou a elaborar uma monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais sobre o Centro de Referência e Atendimento Loretta Valadares, mas, tendo sido aprovada no Curso de Mestrado do PPGNEIM, não concluiu a monografia. Mas desenvolveu a mesma temática na sua dissertação que, intitulada, *Olhar, Ouvir e Atender: Um Estudo sobre o Centro de Referência de Atenção à Mulher Loreta Valadares em Salvador*, foi defendida em 2015 sob minha orientação.

Railda de Macêdo Matos, foi bolsista do NEIM em fins dos anos 1980, ingressando anos mais tarde no PPG de Ciências Sociais, para desenvolver seus estudos ali sob a minha orientação. Railda conclui e defendeu sua dissertação

intitulada, *Elas sonham acordadas em Santo Antonio dos Prazeres: mulheres em prostituição*, em 2001, tendo mudado com a família para a Dinamarca, logo depois. Rilda concluiu seu doutorado no campo de Direitos Humanos na Universidade de Salamanca, Espanha.

No PPGNEIM, orientei também companheiras feministas, algumas de longa data, a exemplo de Ana Regina Gomes dos Reis, minha amiga há mais de vinte anos, que defendeu a dissertação intitulada, *Do Segundo Sexo à Segunda Onda: os discursos feministas sobre maternidade*, em 2008; Carla Gisele Batista, minha colega no curso de formação em gênero e desenvolvimento feito na Holanda (em 2002), que trabalhou comigo no projeto sobre os feminismos brasileiros nos espaços globais, defendendo sua dissertação, *Movimento e Instituição: Ação Feminista em Defesa da Legalização do Aborto nas Conferências de Políticas para Mulheres*, em 2012 e; Gilberta Santos Soares, uma das Coordenadoras das Jornadas Feministas pelo Direito ao Aborto Legal e Seguro, que colaborou conosco no Projeto Tempo – Trilhas do Empoderamento de Mulheres, defendendo, em 2014, sua tese doutoral sob o título: *Sapatos têm sexo? Metáforas de Gênero em Lésbicas de Baixa Renda, Negras, no Nordeste do Brasil*.

Além dessas alunas e alunos que tive a oportunidade de acompanhar por um bom tempo, alguns até mesmo da graduação ao doutorado, tive o prazer de trabalhar também com várias outras e outros na elaboração das suas dissertações, a saber:

- Adriana Franco de Queiroz (2002), *O trabalho infanto-juvenil em Salvador: um estudo de caso com crianças e adolescentes de Saramandaia*, Mestrado, PPG C. Sociais;
- Maria Candida dos Anjos Bahia (2002), *Mulheres no Comando das Organizações: Um Caso de Polícia*, Mestrado, PPG Administração;
- Maria Lúcia de Oliveira Almeida (2006), *Vozes de Dentro. De Mulheres e de Muralhas. Um Estudo sobre Jovens Presidiárias em Salvador, Ba.*, Mestrado, PPG C. Sociais;
- Gustavo do Rego Barros Brivio (2010), *Representações sobre a Prostituição Feminina na Obra de Jorge AMado: um estudo estatístico*, Mestrado, PPGNEIM;
- Zuleide Paiva da Silva (2010), *Conceição do Coité em*.
- Fabiana Leonel Castro (2011), *Negras Jovens Feministas: Sexualidade, Imagens e Vivências*, Mestrado, PPGNEIM;
- Odezina S. Suzarte (2011), *Do Lar à Escola: A Trajetória de Escolarização de Mulheres no Bairro da mata Escura*, Mestrado, PPGNEIM;
- Carla A. Silva Santos (2012), *"O Pa í, Prezada": Racismo e Sexismo Institucionais Tomando Bonde no Conjunto Penal Feminino de Salvador*, Mestrado, PPGNEIM;
- Regis Glauciane S. de Souza (2014), *Gênero e Mulheres nas Universidades: Um Estudo de Caso na UFBA*, Mestrado, PPGNEIM;
- Ana Caroline Santos Bittencourt (2014), *Um Romance Aberto: Narrativas sobre o Adoecer e a Morte*, Mestrado, PPG Antropologia.

- Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira (2014), *Empoderamento de mulheres agricultoras: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural*, Mestrado, PPGNEIM;
- Leidiane Alves de Farias (2015), *Ciberfeminismo no Brasil: Um Estudo de Caso da Rede Universidade Feminista*, Mestrado, PPGNEIM.

Tive também a grata satisfação de ter orientado várias alunas na elaboração de suas teses de doutorado, quais sejam:

- Monica Cristina Silva Santana (2004), *Muito Trabalho, Pouco Poder: Participação feminina nos assentamentos rurais do Estado de Sergipe*, Doutorado, PPG CiSo;
- Maria de Lourdes Novaes Scheffler (2011), *Movimento (s) na roça: Mulheres, estratégias de luta e de reprodução no meio rural*, Doutorado, PPG CiSo;
- Gleidismara dos Santos Cardozo (2012), *Uma Gaiola de Ouro: Violência Conjugal Contra Mulheres das Camadas Médias de Florianópolis*, Doutorado, PPGNEIM;
- Claudia Pons Cardoso (2012), *Outras Falas: Perspectivas de mulheres negras brasileiras sobre os feminismos*, Doutorado, PPGNEIM;
- Jussara Carneiro Costa (2014), *Lésbicas E/Ou Feministas? Mapeando Entre-Lugares numa Construção de Sujeitos, Agências e Agendas*, Doutorado, PPGNEIM.

No momento, oriento, no PPGNEIM, a mestranda Izadora Costa e as doutorandas Viviane Hermida, Jayce Callou e Vanderlay Reina e, no PPGA, a doutoranda Hiram Machado. Resta aqui destacar que ao longo dos anos, orientei ainda várias bolsistas de iniciação científica, que mencionarei no capítulo sobre Atividades de Pesquisa.

3.4 Participação em Bancas de Avaliação de Trabalhos

Consultando meu Currículo Lattes para elaborar este capítulo, me dou conta de que já participei de cerca de 128 bancas de avaliação de trabalhos, sendo 55 de mestrado, 24 de doutorado, 21 de qualificação de mestrado e doutorado, 4 de conclusão de curso de especialização e 19 de conclusão de curso de graduação. Participei também de 4 bancas de Concurso Público e 13 bancas diversas, a maior parte delas de seleção para programas de pós-graduação.

Certamente, pouparei as/os leitoras/es deste Memorial: não elencarei todas essas bancas. Elas estão listadas no Lattes que vai anexo a este Memorial. Mas gostaria de me debruçar aqui sobre a sua relevância e sobre alguns problemas enfrentados nessa atividade acadêmica.

Creio ser fundamental lembrar que a participação em bancas também implica em novos aprendizados e não apenas em termos dos temas e questões contemplados nos trabalhos sob exame. De um modo geral, devo dizer que as bancas nas quais participei ocorreram sem grandes tensões e surpresas, algumas situações, contudo, merecem aqui atenção. Em uma delas, uma dissertação de mestrado, recebi o trabalho para leitura com pouco mais de uma semana antes da defesa e, como muitas vezes tem acontecido, fui ler o referido trabalho quase na véspera! Ao fazê-lo, encontrei vários problemas bastante sérios, tanto na construção do objeto quanto na análise dos resultados – aliás, houve muito pouca análise. Tentei me comunicar com a orientadora da mestranda em questão para adiarmos a defesa, mas sem sucesso. Fui para a banca com o coração pesado, sabendo que as críticas que teria que tecer em público criariam uma situação de constrangimento para as duas, orientadora e orientanda.

Mas qual não foi minha surpresa quando, na discussão da banca para as deliberações finais sobre a dissertação - e mesmo depois de ouvir minhas críticas severas e as da outra professora que integrava a banca -, a orientadora começou a insistir que déssemos, ao trabalho, a nota de “com distinção”. Ficamos mais de uma hora reunidas na banca debatendo a questão, a terceira pessoa da banca concordando comigo em que o trabalho apresentado estava muito aquém do desejado, mas, como convidada de fora, se sentindo pressionada a aprova-lo. A orientadora manteve o ‘com distinção’ e, para marcar minha insatisfação com tudo isso, me vi obrigada a não aprovar o trabalho. O pior foi que, por duas vezes, esse mesmo trabalho (com ligeiras correções) me chegou às mãos para emitir parecer sobre sua publicação por gráficas universitárias, sendo, obviamente, recusado por mim.

Em outra ocasião semelhante, consegui junto à orientadora da mestranda e à coordenação do Programa adiar a defesa pública. Reuni-me então com a referida mestranda e sua orientadora, elencando os problemas que havia encontrado no trabalho e algumas sugestões para como resolvê-los. Remarcada a defesa e recebido o trabalho revisado, observei que ainda necessitava ajustes, mas achei por bem aprovar o trabalho e sugerir que tais ajustes fossem feitos depois da defesa. Tempos depois, fiquei sabendo que, ao invés de ser agradecida a nós da banca, por termos concorrido para que o trabalho fosse concluído a contento, a referida mestranda “ficou com ódio” de nós, não tendo nunca entendido as nossas críticas, tampouco reconhecido nossos esforços!

Confesso, porém, que já estive do outro lado da história, isto é, já vivenciei três ocasiões em que, por força dos prazos estourados, fui obrigada a permitir que orientandas fossem para a defesa pública sem o trabalho estar aí em condições para tal. Conversei antes com os demais membros da banca a situação, consultando-os sobre a sua posição. Ninguém achou, porém, que estávamos diante de casos para reprovação e só em um deles se condicionou a aprovação à reformulação de partes do trabalho. Ufa!

Por último, trago aqui um caso de plágio que enfrentei em uma banca. Foi em um Concurso promovido pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres, no qual se recebe centenas de trabalhos, selecionando-se os melhores para uma avaliação final. Nesse processo final, me caiu nas mãos um trabalho que fazia plágio justamente de um antigo artigo meu. Que azar do autor!!!

4. ATIVIDADES DE PESQUISA

Considero a pesquisa como uma atividade essencial – ou mesmo crucial – ao exercício da docência, principalmente no campo da antropologia: o método etnográfico, com base na observação participante, tem sido um dos seus pilares fundamentais de investigação e construção teórica (PEIRANO, 1995). De igual forma, também no campo dos estudos feministas a pesquisa é fundamental, não apenas como um instrumento de conhecimento, mas também de conscientização e transformação, sobretudo nos moldes das pesquisas ditas ‘feministas’ (MIES, 1998).

No PPGNEIM, tenho o prazer de me ver responsável, em vários semestres (o atual, inclusive), pela disciplina Seminários Multidisciplinares de Pesquisa, na qual tratamos questões pertinentes ao desenvolvimento de pesquisas na perspectiva feminista, desde uma crítica feminista à ciência e das propostas das epistemologias feministas. No meu trabalho, tenho procurado me pautar em especial pelas epistemologias feministas do ponto de vista (*standpoint*), seguindo as considerações de Sandra Harding e Donna Haraway, tal qual discuti em artigo publicado sobre essa temática, anos atrás (SARDENBERG, 2002a).

No artigo “Revisitando o Campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista”, publicado na Revista Mora (SARDENBERG, 2014a), faço uma viagem pela minha trajetória ‘etnográfica’, revisitando três experiências de campo distintas, a saber: a) meu trabalho como assistente numa pesquisa com comunidades de origem portuguesa na região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América, realizada nos anos 1970; b) a experiência como documentadora em um projeto voltado para jovens da periferia de Salvador, Bahia, na década de 1980 e, por fim; c) minha pesquisa de campo nos anos 1990 com antigas operárias e operários da indústria têxtil baiana num contexto de trabalho engajado. Nesse artigo, defendo a postura das ‘etnografias feministas’, ou seja, de uma etnografia engajada, política e eticamente responsável, que reconhece a ‘posicionalidade’ da etnógrafa, suas limitações e a necessidade de “[...] dissolução entre o sujeito cognoscente e os objetos de conhecimento, buscando construir um caminho dialógico e intersubjetivo de posições políticas situadas”. Mas, confesso, essa postura é resultado de um longo caminhar, marcado por idas e vindas, cabeçadas, retornos e o muito aprendido com minhas interlocutoras na construção de um conhecimento etnográfico.

Como se verá adiante, porém, nem todas as pesquisas que realizei se valeram de uma perspectiva etnográfica. No curso do nosso trabalho no NEIM/UFBA, surgiram várias oportunidades de pesquisas institucionais, muitas de cunho quantitativo, realizadas em equipe. Independente do tipo de abordagem, porém, a problemática das relações de gênero tem se colocado como o campo mais amplo de minhas pesquisas e reflexões, verificando-se, porém, uma grande variedade de temas específicos nela estudados.

Início este capítulo, dedicado à discussão de minhas atividades de pesquisa, delineando as linhas e grupos de pesquisa aos quais sou filiada e nos quais já atuei ou atuo como 'líder', passando a seguir para uma breve menção a minha bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq. Na sequência, apresento em linhas gerais, as diferentes pesquisas de campo que venho desenvolvendo ao longo da minha vida acadêmica, começando inclusive por minhas primeiras 'aventuras antropológicas' no campo da pesquisa. Note-se que descrições sobre os projetos abaixo elencados estão incluídas no meu Currículo Lattes, sendo que alguns desses projetos também já foram discutidos ao longo deste memorial. Aqui, portanto, cabe tecer apenas algumas breves considerações sobre eles.

4.1 Linhas e Grupos de Pesquisa

Ao longo de minha carreira acadêmica, tenho integrado diferentes linhas de pesquisa, me acomodando às definições – e redefinições – dos programas de pós-graduação a quem fui e estou filiada. No Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFBA, iniciei com a linha de “Estudos sobre Família”, passando depois de algumas reorganizações para a de “Relações de Gênero, Família e Reprodução Social” que, por muito tempo, abrigou o NEIM como núcleo vinculado ao Programa e encampava minhas pesquisas.

No PPG de Antropologia, faço parte da linha de pesquisa “Espaços urbanos, cultura e memória”, que reúne “projetos que investigam a construção e transformações de espaços urbanos e suas práticas socioculturais, com especial ênfase em suas linguagens e memórias”. Nessa linha se integram meus projetos sobre “gênero e memória”, particularmente no que diz respeito ao antigo operariado baiano, estudado em minha tese de doutoramento e, como se verá abaixo, em pesquisas subsequentes nessa temática.

Integro também a linha de pesquisa “Corpo, Sexualidades, Saúde e Saberes Terapêuticos”, que se volta para o estudo das “maneiras como o corpo é concebido, usado e cuidado em diferentes sociedades ou segmentos sociais, assim como as práticas rituais, terapêuticas e lúdicas, traduzidas nos cuidados do corpo frente aos estados considerados como agravos à saúde” (PPGA). Nessa linha se enquadram minhas pesquisas e reflexões sobre ‘corpos gendrados’, a exemplo da pesquisa sobre menstruação em uma perspectiva sócio-antropológica e da pesquisa sobre práticas estéticas femininas contemporâneas que desenvolvi, discriminadas mais à frente.

No PPGNEIM, já participei de diferentes linhas, estando atualmente integrada à linha “Gênero, Poder e Políticas Públicas”, na qual se enquadram meus estudos e pesquisas sobre implementação e aplicação da Lei Maria da Penha, poder e empoderamento de mulheres, movimentos feministas e de mulheres no Brasil, feminismos brasileiros nos espaços globais e, agora, o projeto sobre feminismos acadêmicos no Brasil.

Quanto aos grupos de pesquisa registrados no CNPq, integro o Grupo do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/NEIM, que abarca todas as pesquisadoras/es do NEIM e estudantes do PPGNEIM e que tem como líderes a diretora e vice-diretora do NEIM. Nessa qualidade, já atuei de 2000 a 2004 como vice-líder e como líder do Grupo do NEIM de 2004 a 2009. No período de 2008 a 2012, como coordenadora do OBSERVE- Observatório de Monitoramento da Aplicação da Lei Maria da Penha, também fui líder do Grupo do mesmo nome. E desde 2010 até o presente momento, venho atuando como líder do Grupo TEMPO- Trilhas do Empoderamento de Mulheres, também vinculado ao NEIM e, mais especificamente, ao Projeto TEMPO, que integra ainda o Pathways of Women's Empowerment Research Programme Consortium, com sede no Institute of Development Studies da University of Sussex, na Inglaterra.

Logo que concluí meu doutorado, tentei, por três anos seguidos, uma bolsa de pesquisadora junto ao CNPq, sem sucesso. Sempre louvavam meu projeto, mas nunca conseguia a pontuação suficiente para a bolsa... Quando construímos, por fim, o Consórcio do Programa Pathways e surgiu a possibilidade de bolsa de pesquisa do DFID/UK, optei por ela. Só ao final da bolsa desse Programa, em 2012, me candidatei novamente à bolsa de pesquisa do CNPq, sendo, por fim aprovada. Atualmente, portanto, sou apenas uma pesquisadora de nível 2.

4.2 Projetos de Pesquisa Desenvolvidos

4.2.1 Pesquisas de Cunho Etnográfico:

a. Sororities como Instituições Totais (1975-1976)

Minha primeira incursão no campo da pesquisa etnográfica se deu por acaso. Eu havia me separado de meu marido (o primeiro...) e estava sem dinheiro, sem carro e precisando morar perto da Illinois State University, onde estudava. Apareceu então a oportunidade de trabalhar como 'housemother', ou supervisora em uma 'sorority', um tipo de república universitária feminina, onde residiam cerca trinta jovens estudantes.

Na época, eu fazia uma disciplina na qual estávamos lendo trabalhos de Erving Goffman, com destaque para a discussão de 'instituições totais'. Vivendo na sorority, comecei a observar que uma série de questões levantadas por Goffman, sobretudo no que diz respeito às 'instituições totais voluntárias', se aplicavam ao que eu via acontecer 'em casa'. Falei do que observava com minha professora, a Dra. Brett Williams, e minha colega e amiga, Debby Donnellan, surgindo delas a sugestão de desenvolver um estudo sobre essa sorority. Comecei então a registrar minhas observações em um diário de campo, contando também com o apoio de Debby, que me visitava na residência para observar também e trocarmos ideias. Ao final do semestre, elaboramos um trabalho para o curso, que acabou sendo publicado sob o

título “A Different Kind of Nunnery” (SARDENBERG; DONNELLAN, 1977), em uma coletânea organizada por Brett Williams e seu antigo colega, Robert Gordon.

Ressalto que, como supervisora na sorority, eu era, literalmente, uma ‘forasteira dentro’. Morava e convivia com as jovens quase 24 horas por dia, mas não pertencia de fato ao grupo, muito menos comungava de suas ideias e interesses. Logo que me dispus a realizar a pesquisa, revelei a elas que estava escrevendo um trabalho sobre a sorority e expliquei mais ou menos do que se tratava. Ninguém se mostrou contrária ao trabalho, mas tive o cuidado de criar um nome fictício para a sorority estudada, bem como não identificar nenhuma das residentes. Assim mesmo, durante a pesquisa e elaboração do trabalho, deparei-me com ‘impasses éticos’, tentando delimitar o que poderia ou não revelar no meu texto. Eu tinha muita estima pelas jovens que ali residiam e elas por mim, não sendo raro me tomarem como sua confidente. Aliás, a minha despedida de lá foi muito emotiva, todas nós chorando.

Isso foi há mais quase quarenta anos e, desde então, nunca mais voltei lá, apesar de ter me encontrado como uma ou outra residente enquanto permaneci como aluna da ISU. Lembro, porém, de todos os detalhes da casa, do meu pequeno apartamento ali, de todas as jovens, dos rituais dos quais participei com elas e sinto saudades daquela época. A gente nunca esquece ‘a primeira vez’...

b. Trabalho de Campo entre Portugueses da Nova Inglaterra – 1976:

Minha segunda experiência de trabalho de campo surgiu ainda durante meu curso de graduação na ISU, quando participei de um encontro da ‘Central States Anthropological Association’, em St.Louis. Lá fui apresentada à Dra. M. Estellie Smith, antropóloga da CUNY-Oswego que desenvolvia pesquisas entre comunidades lusofônicas na Nova Inglaterra. Ela precisava de uma assistente de campo que falasse português para entrevistar pescadores de origem portuguesa e, é lógico, me candidatei, especialmente quando ela se prontificou a me treinar no trabalho de campo em troca, dando-me liberdade para realizar minha própria pesquisa. Passei, assim quase três meses na cidadezinha de Provincetown, na costa nordeste dos Estados Unidos, dividindo um pequeno apartamento com a Dra. Smith (como a ela me referia então) e um outro estudante dela que fazia pesquisa de campo em um barco de pesca da frota local.

Os resultados dessa pesquisa foram registrados em dois trabalhos elaborados na época (SARDENBERG, 1976a; SARDENBERG, 1976b). Mais recentemente, porém, voltei a escrever sobre essa experiência de campo no trabalho citado acima, no qual procuro discutir a questão da ‘posicionalidade’ da pesquisadora na etnografia feminista (SARDENBERG, 2014b), tratando, em especial, de questões relativas a gênero e sexualidade, não pensadas nos trabalhos anteriores. Escrever esse último trabalho sobre Provincetown me transportou no tempo, trazendo à memória os pequenos detalhes que registrava durante minhas caminhadas diárias pela orla da cidadezinha,

sempre com uma parada para comer as guloseimas da ‘Portuguese Bakery’ na Commercial Street!

Enquanto morei em Boston e cercanias, voltei várias vezes à Provincetown, mas sempre só a passeio. A última vez que lá estive foi em 1996, quando aproveitei para visitar a sede do Jornal ‘Provincetown Advocate’, cujos donos eram meus amigos durante o período do meu trabalho de campo. Mas já não era mais a mesma coisa: não consegui encontra-los, tampouco os lugares que costumava frequentar! Restaram apenas as saudades daquele verão de 1976, quando vivenciei o curso intensivo de trabalho de campo com minha amiga e professora, Estellie Smith!

c. Pesquisa de Campo entre Caboverdeanos em Boston – 1978-1979:

Quando cheguei a Boston para dar início ao meu curso de pós-graduação, pensava em dar continuidade à pesquisa iniciada com comunidades de origem portuguesa na Nova Inglaterra, com o intuito de voltar para Provincetown e lá retomar meu estudo. Por sugestão de Estellie Smith, queria investigar mais a fundo a participação das mulheres no processo de migração – tanto nas comunidades de origem quanto de destino de migrantes – tal qual sugerido em artigo que ela publicara pouco tempo antes (SMITH, 1976). Conversando com uma colega da BU cuja família havia imigrado de Cabo Verde, surgiu a ideia de estender a pesquisa para essas comunidades. Por indicação dessa colega e de uma vizinha (conforme relatei anteriormente), comecei a frequentar um grupo de jovens adultos que se reunia em Roxbury, bairro de Boston, para organizar uma manifestação cultural. Aos poucos, fui me dando conta da importância do que chamei de ‘casamentos estratégicos’ no processo de imigração das famílias que através deles conhecera, tratando dessa questão no trabalho intitulado, “Cape Verdean Migration, Strategic Unions and the Definition of Marriage” (SARDENBERG, 1979a).

Embora tivesse grande interesse em dar continuidade a essa pesquisa, o local de encontro dos jovens ficava em uma área da cidade (Dudley St.) um tanto perigosa, principalmente à noite, quando aconteciam as reuniões do grupo. Ademais, interrompi o trabalho por um mês para vir ao Brasil durante os feriados de Natal e Ano Novo e quando retornei o grupo havia se dispersado. Tentei retomar os contatos, mas com o avanço da minha gravidez, nascimento de minha filha e as limitações de tempo que a maternidade nos impõe, acabei não dando continuidade aos trabalhos.

d.O Projeto de Serralheria para Mulheres do CESUN/Bahia – 1982-1984:

Depois de voltar ao Brasil e me mudar para Salvador, passei um bom tempo desempregada, me preparando para o exame de qualificação para o doutorado e, posteriormente, para o concurso do Departamento de Antropologia da UFBA. Nesse interim, surgiu a oportunidade de trabalhar como consultora do The Pathfinder Fund, na qualidade de ‘documentadora’, acompanhando um curso de serralheria para jovens mulheres, promovido pelo CESUN (antigo órgão da Secretaria de Educação e Cultura

do Estado da Bahia). Trabalhei nesse projeto por quase dois anos, tendo como tarefas documentar o desenvolvimento do projeto e analisar seu impacto sócio-econômico e cultural na vida das participantes e suas famílias.

Estou lembrada de que já teci comentários sobre esse projeto em outro capítulo, mas creio ser importante aqui destacar que essa foi uma das experiências de campo mais importantes para mim. Em especial, tal qual delineei em trabalho recente (SARDENBERG, 2014b), com ela aprendi muito sobre a questão da posicionalidade de pesquisadores/as que fazem uso do método etnográfico e como nossa 'persona' no campo pode, tanto nos aproximar, quanto nos afastar de nossas e nossos interlocutores.

Ressalto, ainda, que embora eu tenha produzido cerca de 300 páginas de relatórios como documentadora nesse projeto, à exceção do que revelei no referido trabalho, nunca publiquei um artigo específico com base nos dados neles registrados.⁴⁷

e. Inserção da Mulher em Esferas Ocupacionais Tradicionalmente Masculinas 1983-1984:

Essa pesquisa foi realizada conjuntamente ao acompanhamento do Curso de Serralheria para Mulheres do Projeto CESUN, contando com a participação de alunas do Curso Monográfico em Antropologia de Gênero, ministrado no semestre 1983.2, quando acabáramos de criar o NEIM.

Tínhamos como objetivo detectar as dificuldades e o grau de discriminação sexual que caracterizam o processo de inserção da mulher em ocupações tradicionalmente masculinas, a partir de: entrevistas com alunos/as e professores de cursos técnicos e profissionalizantes; análise dos anúncios de jornais de Salvador e; estudo de caso do Curso de Serralheria para Mulheres do CESUN. Mas havia também o interesse em começar a treinar essas jovens para o desenvolvimento de pesquisas com a perspectiva de gênero.

Foi uma experiência bastante interessante e bem avaliada pelas alunas, algumas das quais permaneceram minhas amigas através dos anos. Os resultados dessa pesquisa foram discutidos nos relatórios acima referidos, inclusive no Relatório Final do Projeto CESUN, disponibilizado no Repositório da UFBA.

f. Sangue, Poder e Destino: práticas e representações sobre a Menstruação - 1993-1994:

Essa pesquisa surgiu como um desdobramento de seminários que realizávamos no NEIM juntamente com pesquisadoras e estudantes do Grupo de Estudos de Saúde da Mulher – GEM, da Escola de Enfermagem da UFBA, construindo um caminho de trabalho conjunto. Nesses seminários, passamos a discutir a menstruação como um

⁴⁷ Para maiores informações sobre esse projeto, consultar CRANDON (1984), disponível em: <http://www.amazon.com/Women-enterprise-development-documentation-1980-December/dp/B000725KWO>

fato social e cultural, surgindo daí a formulação de um projeto. Esse projeto foi contemplado com uma dotação de auxílio pesquisa da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão-FAPEX da UFBA, bem com uma bolsa do PIBIC/UFBA, para Jucélia Bispo Ribeiro, estudante do Curso de Ciências Sociais.

A pesquisa objetivou contribuir para as discussões atuais sobre a construção social dos gêneros, remetendo-se à análise da identidade feminina na sociedade brasileira contemporânea, a partir de um estudo de práticas e representações sobre a menstruação. Mais especificamente, o estudo visou obter, através da utilização de fontes e técnicas diversas, elementos que permitissem, de um lado, a identificação das ordens prático-simbólicas da menstruação e suas respectivas construções em torno do "ser mulher", operantes na sociedade brasileira e, de outro, o registro e análise de como a menstruação é vivenciada por mulheres pertencentes a diferentes segmentos e camadas sociais da sociedade baiana.

Foi uma das primeiras pesquisas em que procuramos trabalhar com uma epistemologia feminista, partindo de oficinas voltadas para nossa própria experiência, nossas próprias vivências da menstruação para assim podermos 'relativa-las'. Abordamos, a seguir, seus aspectos biológicos, médicos, depois etnológicos e simbólicos, construindo a partir dessas reflexões um quadro teórico-metodológico para abordarmos a questão na perspectiva sócio-antropológica (SARDENBERG, 1994a). Procedemos, então, a um levantamento e análise de anúncios e embalagens de absorventes femininos no mercado nacional (SARDENBERG, 1993), seguindo-se a realização de entrevistas realizadas entre jovens estudantes de uma escola no bairro da Graça, um bairro de classe média em Salvador, bem como em Plataforma, no Subúrbio Ferroviário. Entrevistamos também jovens frequentadoras de uma academia de ginástica também na Graça, bem como mulheres iniciando a menopausa.

Infelizmente, porém, as gravações dessas entrevistas foram danificadas antes que o trabalho de análise do seu conteúdo fosse concluído, permanecendo, porém, o interesse em retomarmos essa pesquisa. E talvez isso se torne possível agora, vez que acaba de ingressar no PPGNEIM um estudante, que será minha orientanda, e que pretende desenvolver sua dissertação sobre essa temática. E resta ainda minha dívida para com minha amiga Iara Belleli, da *Revista PAGU*, da UNICAMP, para quem prometi encaminhar o artigo sobre gênero nas embalagens de absorventes há quase vinte anos. Como reclamou ela: "Já se passou tanto tempo que, agora, só escrevendo sobre menopausa"!

g. Nos quintais da fábrica: gênero, classe e poder em Salvador 1993-1998:

Esse foi o projeto base para a elaboração da minha tese doutoral, surgindo inicialmente como desdobramento do projeto institucional "Perfil da Mulher Suburbana" e depois, do "Mulher Suburbana: Gerando Filhos, Renda e mais Valia", que também embasaram a tese.

O projeto em questão fundamentou-se em um estudo de natureza sócio-histórica da memória operária, sobretudo no tocante ao cotidiano de mulheres de diferentes gerações de famílias de tecelãs e fiandeiras, residentes no Subúrbio de Plataforma. Trata-se de um bairro no qual funcionou, por quase um século, uma indústria de tecelagem e fiação, baseada no sistema "fábrica-operária", na qual trabalharam sucessivas gerações de mulheres ali residentes, garantindo, não apenas o sustento, como também um espaço de moradia para suas famílias.

Nessa pesquisa, busquei investigar e analisar como se organizava a vida doméstica dessas famílias nos "quintas da fábrica" no passado. Buscava, também, identificar de que forma e em que medida o fechamento dessa fábrica na década de sessenta significou em termos do trabalho da mulher, organização doméstica e relações de gênero na família e no espaço do bairro.

No desenvolvimento dessa pesquisa, contei com a participação, em períodos diferentes, de Samira Bevilaqua, Cleuze Chagas de Carvalho, Sayonara Castellucci, Maria Atília Fraga e Ana Cristina Chaves, bolsistas de iniciação científica pelo PIBIC/UFBA. A contribuição dessas jovens estudantes do Curso de Graduação em Ciências Sociais foi crucial na coleta de dados nos arquivos da fábrica, bem como na realização das entrevistas.

Uma das minhas 'descobertas' principais na pesquisa foi a verificação de que gênero recorta a memória operária, ou seja, de classe, sendo uma questão importante – senão crucial – a ser pensada quando se reflete sobre a história do trabalho no Brasil. Outra questão importante foi identificar formas de expressão de protesto feminino ritualizadas, a exemplo do 'Bloco do Bacalhau', um bloco de carnaval integrado pelas operárias que, durante os anos 1940, 1950, saía no sábado de carnaval, abrindo as comemorações no bairro. Discuto mais esta questão, mais à frente, no capítulo sobre Produção Técnica, ao tecer considerações sobre o artigo que publiquei sobre esse Bloco e seu impacto na comunidade.

h.O Gênero da Memória: um estudo sobre antigo operariado baiano -1999-2002:

Esse projeto foi um desdobramento da minha tese doutoral, principalmente no que se refere à construção da memória social. Tinha como propósito contribuir para o registro dessa faceta da história do trabalho na Bahia, a partir de um estudo da memória social de ex-operários da indústria têxtil, residentes em antigas vilas operárias do Recôncavo. A proposta contemplou desenvolver um estudo semelhante ao que fizemos em Plataforma, em outras antigas vilas, nenhuma, porém, mantendo seu caráter como Plataforma.

No entanto, em uma das visitas ao Sindtêxtil, Bahia, tivemos conhecimento de uma ampla documentação do Sindicato, que se estendia no passado até os anos 1930. Pensávamos que esses arquivos haviam sido destruídos durante o período da ditadura militar no país, sendo para nós uma feliz surpresa descobri-los e poder trabalhar com

eles. No particular, trabalhando com as fichas de filiação ao sindicato, referentes ao período de funcionamento da Fábrica São Braz contemplado em minha tese doutoral (1930-1960), pudemos constatar que, de fato, embora as mulheres constituíssem a massiva maioria de filiados/as, só tivemos conhecimento de uma mulher que, nesse período, integrou a diretoria. Esses informes foram trabalhados em um artigo publicado em parceria com alunos e alunas que trabalharam como bolsistas de iniciação científica no projeto (SARDENBERG et al, 2001).

A documentação do sindicato também apoiou tanto a dissertação de mestrado, quanto a tese doutoral de Helyom Viana Teles, que participou como bolsista de iniciação científica no projeto. Além dele, participaram também Nereida Mazza, Soraia Britto, Alexandrina Célia Fontes, Francismeire Ferreira e Tatiana Bonfim, todas elas alunas do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFBA.

i. Corpos Sacrificados: um estudo de práticas estéticas femininas contemporâneas -2002-2008:

O interesse em trabalhar com essa questão surgiu inicialmente de minha participação em uma mesa realizada no VI Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulheres e Relações de Gênero, promovido pelo NEIM em 2001, quando fiz uma intervenção sobre “A Mulher e a Cultura da Eterna Juventude” no Brasil (SARDENBERG, 2002). Aquela altura, já trabalha com a questão da memória operária há mais de uma década, achando por bem diversificar meu foco de pesquisa, retomando as reflexões sobre gênero e corpo que iniciara com a pesquisa sobre práticas e representações sobre a menstruação.

No projeto em questão, visamos avançar na análise da construção social de gênero, investigando as tecnologias do corpo pertinentes à (auto)produção da feminilidade na sociedade brasileira contemporânea. Por tecnologias do corpo entendemos o conjunto de procedimentos ou práticas sociais destinadas a subjugar, manipular e disciplinar o corpo, moldando-o de acordo com os padrões socioculturais vigentes. Nossa proposta era trabalhar apenas para aquelas que dizem respeito à produção dos gêneros, procurando mapear e analisar representações da beleza e práticas estéticas femininas em voga na sociedade brasileira contemporânea em seus recortes de classe, raça, idade/geração.

Como no projeto voltado para a menstruação, também nesse seguimos uma perspectiva feminista, partindo de uma reflexão sobre nossas próprias vivências em relação às práticas cotidianas de higiene e estética por meio de oficinas específicas, seguidas da leitura da bibliografia específica e levantamento de informações disponíveis em revistas femininas e na internet sobre modelagem do corpo.

A partir dessas discussões, elaboramos e aplicamos questionários pertinentes às práticas estéticas cotidianas, atividade essa que contou com a participação das seguintes bolsistas de iniciação científica: Francismeire Ferreira, Tatiana Bonfim,

Rafaela Magalhães, Ulla Macedo Romeu, Elba Jussara, Liana Veras, Liv Lobo, Fabiana Rocha e Mariana Cruz. Os resultados desse levantamento foram apresentados durante o VIII Simpósio do NEIM, realizado em 2003 (SARDENBERG, et al, 2003).

Formulamos, então, alguns subprojetos, cada um sendo trabalhado por diferentes bolsistas de iniciação científica participantes do projeto: “Beleza Negra” trabalhada por Tatiana Bonfim; “Beleza Jovem- Tatuagens” sob a responsabilidade de Rafaela Magalhães; “Beleza Pobre”, a encargo de Francismeire Ferreira; Liv Lobo, “Corpo, Mulher e Cirurgia Plástica”; Fabiana Rocha, “Corpos Malhados”. Além de bolsas do PIBIC/UFBA, contamos também com o apoio do edital de Auxílio Pesquisa do CNPq, convênio com a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República, elaborando relatório final sobre as atividades desenvolvidas no projeto (SARDENBERG et al, 2009).

Foi um processo de trabalho conjunto bastante prazeroso, com trocas importantes entre todas as participantes – e não apenas em termos de questões mais diretamente relativas à pesquisa em curso, mas também de nossas subjetividades em relação às práticas estéticas femininas às quais nos submetemos cotidianamente.

j. Caminhos De Ida E Volta Do Local Ao Global: As Articulações Dos Feminismos Brasileiros Na Organização Das Nações Unidas – 2010-2015:

Essa pesquisa surgiu como um desdobramento, por um lado, de artigos que Ana Alice Costa e eu elaboramos juntas sobre os feminismos brasileiros na contemporaneidade (SARDENBERG; COSTA, 2010; SARDENBERG; COSTA, 2014) e, por outro, da minha participação em atividades do Programa Pathways – Projeto Tempo no espaços ditos ‘globais’. Mais precisamente, o interesse em desenvolver esta pesquisa teve suas raízes na minha própria vivência como militante feminista atuando, há quase quatro décadas, nos movimentos de mulheres no Brasil, na construção do chamado ‘feminismo acadêmico’ e, mais recentemente, em espaços ditos “globais”.

A pesquisa teve por objetivo maior investigar e analisar as estratégias de articulação, do local ao global, dos feminismos brasileiros e suas conquistas, limitações e desafios nos espaços ditos “transnacionais,” com especial atenção aos articulados pela Organização das Nações Unidas-ONU. Incluem-se aqui, além das conferências internacionais (das mulheres, no particular), também as comissões e comitês específicos da ONU, a exemplo da Comissão da Condição da Mulher-CSW, dentre outras.

Procurou, também, investigar e analisar os “caminhos de volta” do “global” ao “local”, a partir de determinadas demandas e ‘bandeiras’ dos movimentos feministas e de mulheres no país, neste caso, as lutas pelos direitos reprodutivos das mulheres e pelo enfrentamento da violência de gênero contra mulheres. Em particular, o projeto encampou a pesquisa da dissertação de minha orientanda, Carla Gisele Batista (2012), sobre a campanha pela legalização da interrupção da voluntária da gravidez no Brasil. Carla realizou todas as entrevistas com lideranças feministas no país, enquanto eu

fiquei responsável pela pesquisa com ‘trabalho de campo’ nas sessões da CSW em N. York.

Na realização da pesquisa, contamos, em uma primeira fase (2010-2013), com bolsas de iniciação científica para Maria Helena Guimarães, bem como com Auxílio Pesquisa do CNPq (edital com a Secretaria de Políticas para Mulheres) e do Projeto Tempo. No segundo período (2013-2016), tivemos o apoio do Projeto Tempo e da ONU-Mulheres, que custearam passagens e minhas estadias em N.York, e de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Além do relatório elaborado para o CNPq (SARDENBERG, 2013), foi publicado também um artigo sobre a atuação dos feminismos brasileiros nessas espaços globais no IDS Bulletin (SARDENBERG, 2015a).

k. Feminismo Acadêmico Como Um Campo De Ação Dos Feminismos Brasileiros: Trajetórias, Conexões, Tensões E Novos Desafios:

Trata-se de um projeto que acaba de ser iniciado, sendo contemplado também com uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Tem por objeto o Feminismo Acadêmico no Brasil, aqui pensado como um dos Campos Discursivos de Ação dos Feminismos Brasileiros. Busca identificar e analisar as formas de organização desse campo e suas trajetórias no processo de institucionalização dos estudos sobre mulheres, gênero e feminismos no país, atentando para as intersecções com outros campos de ação feministas – as conexões, tensões e desafios postos – e seus efeitos prático-políticos no tocante à formulação e implementação de políticas locais, nacionais e globais, que avançam as lutas das mulheres.

Com este projeto, procuro dar continuidade aos estudos que venho desenvolvendo sobre os feminismos brasileiros ao longo dos anos, agora repensando esse objeto de reflexão a partir de novas abordagens e aprofundando o escopo de investigação.

Trata-se de uma pesquisa integrada a um projeto mais amplo, desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisas do Projeto Tempo - Trilhas do Empoderamento de Mulheres, vinculado ao NEIM/UFBA, que visa investigar e analisar processos de empoderamento das mulheres e campos de ação dos feminismos brasileiros na contemporaneidade – das lutas por políticas públicas locais às articulações nos espaços globais, transnacionais, inclusive na produção de conhecimento – identificando e analisando suas conquistas, limitações e desafios.

Proponho-me a trabalhar aqui com a perspectiva crítica de Sonia Alvarez (2014), que conceitua os feminismos na contemporaneidade como campos discursivos de ação, forjados ao longo do tempo, por meio de processos de verticalização e mainstreaming, bem como de sidestreaming das ações. Esses campos discursivos de ação feminista se articulam por meio de “redes político-comunicativas”, costuradas por cruzamentos e conexões entre pessoas, práticas, ideias e discursos, sendo marcados também por disputas e negociações – locais, nacionais, transnacionais - que podem ter repercussão na vida cotidiana de mulheres.

Dentro dessa perspectiva, o feminismo acadêmico se caracterizaria com um dos campos de ação dos feminismos brasileiros, também articulado por redes ‘político-comunicativas’, e por disputas e negociações epistemológicas e teórico-políticas, que vem marcando suas formas de organização e processos de institucionalização ao longo do tempo.

Para melhor apreender esses processos e alcançar os objetivos postos, proponho trabalhar como quatro eixos de investigação e análise, a saber: 1) formas de organização e processos de institucionalização e construção do conhecimento feminista no Brasil, que implicará no levantamento de dados sobre núcleos e grupos de pesquisa existentes, subáreas do conhecimento mais envolvidas, disciplinas, cursos e linhas de pesquisa, teses e dissertações defendidas, temas abordados, publicações, veículos de divulgação, etc; 2) identificação e análise do teor do conhecimento produzido, com atenção para questões epistemológicas e teórico-metodológicas, identificando autoras/es mais comumente utilizadas/os e os processos de internacionalização da produção brasileira, a partir de levantamento e análise de uma amostra de artigos publicados; 3) conexões dos feminismos acadêmicos com outros campos de ação feministas, procurando identificar e analisar seus efeitos políticos, particularmente no que diz respeito à formulação, implementação e monitoramento de políticas públicas e; 4) investigação e análise das trajetórias e experiências de feministas acadêmicas, com destaque para aquelas que circulam nos diferentes campos de ação feministas, a partir do registro e análise de suas histórias de vida.

De uma certa forma, este memorial é parte do projeto em questão, vez que minha própria trajetória acadêmica esta profundamente enlaçada ao desenvolvimento dos feminismos acadêmicos no Brasil.

4. 2.2 Pesquisas Institucionais

a. Perfil da Mulher Suburbana 1990-1992 – NEIM:

A primeira pesquisa institucional da qual participei foi o “Perfil da Mulher Suburbana”, uma das muitas pernas do “Programa de Pesquisa e Assessoria às Mulheres do Subúrbio Ferroviário” (as ser discutido mais adiante), desenvolvido pelo NEIM entre 1989-1992, com o apoio da Fundação Ford. A pesquisa foi realizada sob minha coordenação, em parceria com associações de moradores vinculadas à Federação de Associações de Bairros de Salvador – FABS, baseando-se em um levantamento de informações sobre mulheres que participavam das atividades de associações do Subúrbio Ferroviário. Visou levantar e organizar um banco de dados sobre a mulher suburbana de Salvador, considerando dimensões próprias de uma análise com a perspectiva do entremear das relações de gênero, raça, classe e geração, para subsidiar outros projetos de pesquisa e de intervenção.

Foi uma pesquisa, de fato, coletiva. Todas as pessoas então vinculadas ao NEIM participaram discutindo e aplicando os questionários, tendo as bolsistas de iniciação científica do programa mais amplo se encarregado da codificação e computação dos dados. As informações obtidas com essa pesquisa foram de grande valia não apenas para outros projetos de pesquisa e intervenção na área do Subúrbio Ferroviário, como também para a elaboração de minha tese doutoral.

b. Perfil da Mulher Metalúrgica no Norte e Nordeste -1998-2000:

Essa pesquisa foi realizada sob a coordenação do NEIM em parceria com a Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero - REDOR, atendendo à solicitação da Comissão de Mulheres da Confederação Nacional de Metalúrgicos (CMN) da Central Única de Trabalhadores (CUT), com apoio da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT e Centro de Solidariedade AFL-CIO.

A pesquisa surgiu, por um lado, da constatação da crescente participação feminina no complexo metal-mecânico brasileiro, sobretudo nos setores de eletro-eletrônicos e, por outro, dos níveis relativamente baixos de associativismo e participação das mulheres metalúrgicas nos sindicatos da categoria, particularmente as trabalhadoras nos estados do Norte e Nordeste. Seu propósito, maior, portanto, A foi traçar um perfil das mulheres metalúrgicas nessas regiões, tendo em vista a promoção de um engajamento maior da força de trabalho feminina metalúrgica com as associações de classe, para a formação de quadros de lideranças sindicais femininas nas diferentes regiões e sua articulação e consolidação da Comissão de Mulheres em âmbito nacional.

Na primeira etapa do projeto, foi realizado um mapeamento das trabalhadoras metalúrgicas nas referidas regiões por estados, capitais e áreas metropolitanas, aliado a uma análise das desigualdades de gênero observáveis a partir de dados secundários. Com base nos dados levantados na Primeira Etapa, foram designadas as cidades de Manaus, Fortaleza e Salvador para a realização de estudos mais localizados entre as trabalhadoras em questão, contando-se para tanto com o apoio dos sindicatos locais e dos núcleos de estudos sobre mulher nessas cidades, vinculados à REDOR. Foram, assim, escolhidas as empresas que, segundo os sindicatos, empregam o maior número de mulheres nessas cidades, a saber: a) em Manaus: Philco, Phillips, Xerox, CCE, Sanyo, Multidata, Panasonic, Gradiente, L.G., Sony, Murata e Molex; em Salvador: Alcan, ABB/Ceman, Papaiz, Semp Toshiba e Bosh; e c) em Fortaleza: Mecesa, Moulinex, Cemec, RRMa e Microsol. Durante a pesquisa, foram investigadas 1.144 mulheres: 884 em Manaus, 134 em Fortaleza e 126 em Salvador.

Os resultados foram apresentados durante reuniões de mulheres representantes dos sindicatos locais realizadas em Manaus, Recife e Salvador, tendo sido posteriormente publicados em livro organizado pelo NEIM como o apoio da REDOR e da CNM/CUT (SARDENBERG et al 2004).

Essa foi uma das maiores pesquisas em que participei, envolvendo uma grande equipe atuando em diferentes cidades do Nordeste. Em Salvador, trabalhamos Silva Lúcia Ferreira, Ana Alice Alcântara Costa e eu, na coordenação, tendo como colaboradores, Rita Margarida Lessa Costa (Secretaria da REDOR), Rodrigo Luis Brandão, João Damásio de Oliveira e Marina Cecília de Oliveira, além das bolsistas: Nereida Mazza (NEIM/UFBA), Dorismar Espírito Santo (NEIM/UFBA) e Jaciara Brandão (NEIM/UFBA). Nas demais cidades atuaram como colaboradores: Gema Esmeraldo Galgane (NEGIF/UFCE), Iraídes Gonzaga Caldas (NEIREGAM/UFAM), Sonia Marise Salles Carvalho (NEIREGAM/UFAM), Paulo Roberto Arantes do Valle (DIEESE CNM/CUT), Ruy Carlos de Freitas (DIEESE CNM/CUT), Emília Maria Santana Valente (Comissão de Mulheres do Sindicatos de Trabalhadores da Indústria Metalúrgica Manaus) e Martha Eunice Ferreira Victor (NEGIF/UFCE), como bolsista.

Sem dúvida, foi uma experiência de pesquisa que implicou trocas de olhares e saberes com sindicalistas e outras pesquisadoras da REDOR, revelando-se bastante enriquecedora para todas as pessoas envolvidas.

c. Gênero e Energia: Impacto das Políticas Energéticas entre Famílias Pobres de Salvador – 2004-2005:

Esta pesquisa objetivou contribuir para as reflexões sobre gênero e energia a partir de um estudo realizado em dois bairros populares de Salvador: Canabrava e Plataforma. O estudo integrou uma pesquisa mais ampla coordenada pelo Technology and development Group da University of Twente, na Holanda, envolvendo estudos semelhantes sendo realizados nas Filipinas e na Nigéria. No Brasil, o estudo foi realizado sob a coordenação do Winrock Internacional em parceria com o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, onde estive sob a minha coordenação com Terezinha Gonçalves como vice-coordenadora.

O estudo em questão procurou identificar o impacto das políticas energéticas no cotidiano das famílias dos bairros em questão, concentrando-se, sobretudo, na contribuição dos pequenos negócios familiares para o sustento das famílias analisadas. Foram pesquisadas 514 unidades domésticas - 259 em Plataforma e 255 em Canabrava - e 50 pequenos negócios.

Em Plataforma, as unidades domésticas pesquisadas se concentraram na área antes já trabalhada na pesquisa do Perfil da Mulher Suburbana, definindo-se, porém, uma amostra aleatória de unidades domésticas e uma seleção posterior de pequenos negócios estabelecidos na área.

Foi interessante constatar que nossos resultados confirmaram algumas tendências observadas nas pesquisas nacionais realizadas pelo IBGE, quais sejam: a) a significativa proporção de famílias pobres chefiadas por mulheres; b) a constatação de que essas mulheres vivem, em sua grande maioria, sem companheiros e têm baixa escolaridade; c) o alto percentual de mulheres chefes de família aposentadas ou pensionistas e principais responsáveis pelo sustento da família. No tocante aos

pequenos negócios, observamos que: a) a maior parte funciona dentro da própria residência; b) são desenvolvidos por mulheres; c) não se constituem como principal fonte de renda das famílias; d) são negócios que funcionam de forma precária; e) não recebem nenhum incentivo do governo; f) são tocados sem nenhuma visão empresarial e; g) tendem a ser uma extensão das atividades domésticas das mulheres.

Para levar adiante essa pesquisa, contamos com a colaboração de vários alunos e alunas do Curso de Ciências Sociais da UFBA, que receberam treinamento especial em questões de gênero, aplicação e codificação de questionários e o uso do Statistical Package for Social Sciences – SPSS. Trabalhamos conosco como bolsistas: Carolina Santana de Souza, Cristangene Ferreira Lima, Laíta Nogueira, Fábio Queiroz, Isabel Brum Schappi, Neveline Cavalcanti, Moisés Santana e Luciano Santos.

A experiência de trabalho nesse projeto foi muito enriquecedora, mas nem sempre de uma forma positiva. Nem sempre foi fácil trabalhar seguindo decisões metodológicas tomadas alhures, sem a nossa participação. Tampouco foi agradável nos vermos obrigadas a entrar em conflito com os coordenadores responsáveis no Winrock, quando o texto que elaboramos para o relatório final foi revisado, sem nossa autorização e nossa autoria reconhecida nos ‘agradecimentos’ apenas como colaboração.

d. Tempos de Mudança, Vidas em Mutações: O Empoderamento de Mulheres em Salvador, Bahia, através das gerações 2007-2010.⁴⁸

Integrada ao Programa Pathways of Women’s Empowerment, aqui alcunhado de Projeto Trilhas do Empoderamento de Mulheres – TEMPO (e, portanto, contando com o apoio do DFID/UK), esta pesquisa pretendeu investigar a repercussão de mudanças na sociedade mais abrangente na vida de mulheres baianas de diferentes gerações e, em que medida e de que forma, tais mudanças têm contribuído para o processo de empoderamento das mulheres.

Mais especificamente, pretendemos identificar processos de empoderamento nas suas vidas, na perspectiva das próprias mulheres, utilizando, para tanto, diferentes estratégias metodológicas e analíticas que permitam melhor compreender, empírica e conceitualmente, como mudanças positivas acontecem nas vidas das mulheres, como tais mudanças podem ser melhor mensuradas e o que se pode apreender de tais processos, no tocante ao empoderamento das mulheres.

Para tanto, dentre outras estratégias, este projeto se propôs a levar jovens mulheres numa viagem através do tempo para pesquisar as mudanças na vida de mulheres dentro de suas próprias famílias – principalmente de suas mães e suas avós – e como isso contrasta com suas próprias vidas em relação às suas oportunidades

⁴⁸ Falo sobre esse projeto em um vídeo disponibilizado no you tube:
<https://www.youtube.com/watch?v=-EFGSs7uQ9Y&list=PL90C796A390F03D58&index=5>

educacionais, no mercado de trabalho e em termos de participação política, relações familiares e exercício da sexualidade.

Trabalhando dentro de uma perspectiva feminista e com vistas a tornar a pesquisa sobre empoderamento, um processo de empoderamento também para as participantes em todos os níveis, iniciamos com oficinas de conscientização trocando vivências e sentimentos sobre essas diferentes questões. A partir de uma reflexão sobre essas vivências, elaboramos um longo questionário (depois ‘encolhido’) que foi aplicado em Plataforma, com mulheres de diferentes gerações na mesma área do bairro trabalhada em pesquisas anteriores. Dentre essas mulheres, foi selecionado um grupo para entrevistas aprofundadas e gravação de vídeos para a realização de um documentário.

Para trabalhar na pesquisa, as jovens pesquisadoras receberam treinamento para pesquisa de campo, bem como em técnicas fotográficas, técnicas de produção de vídeo e no uso do SPSS, para que possam produzir um documentário focado no empoderamento de mulheres na Bahia através das gerações. E ao longo do desenrolar do projeto, encontros periódicos buscaram incentivar o processo de empoderamento das jovens participantes, sobretudo em termos de formação acadêmica. Os retornos merecem registro, a saber: Fernanda Capibaribe, responsável por todo o treinamento no uso das mídias, concluiu recentemente seu doutorado em Comunicação; Carolina Santana de Souza concluiu o Mestrado em Antropologia e é atualmente candidata ao doutorado; Fabiana Rocha concluiu o Mestrado no PPGNEIM; Raquel Oliveira concluiu o Mestrado em História da UFBA e também é hoje candidata ao doutorado; Daniela de Santana e Daniela Oliveira Prado são hoje professoras concursadas do Estado da Bahia. Além delas, participaram também do projeto Fabiana Almeida, Sheila Rodriguez, Mariana Cruz e Liv Lobo.

Os materiais coletados na pesquisa vêm sendo trabalhados em diferentes artigos, publicados aqui e no exterior (SARDENBERG, 2016b; CORNWALL; SARDENBERG, 2014b) e deverão, também, ser objeto de um estudo mais detalhado a ser publicado como livro, sobre permanências e discontinuidades na vida das mulheres e os fatores que têm contribuído para tais mudanças.

.....

Para fechar este capítulo, gostaria de ressaltar que minhas atividades como pesquisadora me proporcionaram grande satisfação não apenas no que tange a ‘descobertas’ e à produção de conhecimento, como também em termos de pessoas maravilhosas – outras/os pesquisadoras/es, bolsistas e interlocutoras/es e mesmo representantes de agências de cooperação e fomento - com as quais cruzei nessa minha longa ‘aventura’ no mundo da pesquisa. Por certo, sem a colaboração dessas pessoas, nada disso teria sido possível.

5. ATIVIDADES DE EXTENSÃO NO FEMINISMO ACADÊMICO

Neste capítulo, vou me debruçar sobre as diferentes atividades de extensão em que tenho atuado na qualidade de militante feminista a partir da academia. Quer dizer, tecerei aqui considerações sobre atividades de extensão do feminismo acadêmico, desenvolvidas, em sua maior parte, a partir do NEIM, o que supõe algumas palavras iniciais sobre o que entendo por 'feminismo acadêmico'. Para tanto, vou reproduzir, no que segue, alguns trechos parafraseados da discussão incluída em meu projeto sobre 'feminismos acadêmicos no Brasil', apresentado no capítulo anterior.

No referido projeto, ressalto que embora o feminismo seja pensado como "prática política e pensamento crítico" (ÁVILA, 2004, p.1), narrativas da história do movimento geralmente alegam que, a partir dos anos 1970, com a emergência dos estudos sobre mulheres nas universidades, foi se estabelecendo, aos poucos, uma suposta divisão do trabalho, ficando a prática política com os movimentos feministas e o pensamento crítico, teórico, com as ditas 'feministas acadêmicas'. Segundo essas narrativas, isso levou a um afastamento cada vez maior entre esses dois espaços, de sorte que a teoria feminista, produzida na academia, deixou de ser relevante para o movimento (SARDENBERG, 2015g). Esse é um motivo constante de intermináveis discussões com minhas amigas feministas que não atuam na academia e que teimam em afirmar, 'nós, do movimento', 'vocês, da academia'.

Entendo, porém, que essa é uma das principais 'fábulas' que persistem no pensamento feminista, dando origem à boa parte das críticas ao feminismo acadêmico. Emprego aqui o termo 'fábula', pois, desde que me embrenhei pelos caminhos do feminismo acadêmico, tenho atuado muito mais como militante dentro da universidade e da academia, do que produzido 'teoria'.

Na verdade, há anos que venho argumentado que 'fazer feminismo' nas universidades, pelo menos nas brasileiras, é uma ação política, pois vai muito mais além do que desenvolver estudos e pesquisas, ou ministrar disciplinas, sobre mulheres, gênero e feminismo. Aliás, para conseguirmos chegar aí (desenvolvendo essas pesquisas e oferecendo esses cursos), foram muitos esforços empenhados na luta pela conquista do reconhecimento da legitimidade de nosso campo. Mas a fábula mencionada ainda permanece no imaginário de militantes feministas...

Creio que parte do problema reside nos conceitos com os quais temos trabalhado; eles nos levam a pensar em movimento social e feminismo acadêmico como formações políticas feministas radicalmente distintas, ainda que abarcadas pelo guarda-chuva 'feminismo'. No meu entender, trabalhar, outrossim, com a noção de 'campo feminista' e, mais precisamente, com a noção de 'campos discursivos de ação' feminista, proposta por Sonia Alvarez (2014), nos permite melhor apreender os

processos de trocas, conexões, tensões entre diferentes campos de ação feminista, reconhecendo todos como formações políticas, de militância.

Segundo Alvarez, campos discursivos de ação feminista, tal como outros campos de ação, se “[...] articulam, formal e informalmente, através de redes político-comunicativas”, costuradas, por assim dizer, “[...] por cruzamentos entre pessoas, práticas, ideias e discursos.” Elas interconectam grupos, ONGs, indivíduos em diferentes espaços na sociedade civil, na sociedade política, Estado, academia, etc. Além disso, como ressalta a mesma autora, os campos também se articulam “discursivamente através de linguagens, sentidos, visões de mundo pelo menos parcialmente compartilhadas, mesmo que quase sempre disputadas, por uma espécie de gramática política que vincula as atoras/es que com eles se identificam (ALVAREZ, 2014, p.18).”

Conforme observou, Margaret Rago (1996, p.17), o feminismo teve “um profundo impacto na academia e na produção científica”. Por certo, o reverso também tem sido verdade, ou seja, o feminismo acadêmico, enquanto um campo discursivo de ação feminista, também tem tido um ‘profundo impacto’ nos demais campos de ação feminista, tanto os que se multiplicam na ‘sociedade civil’, quanto na chamada ‘sociedade política’ e no Estado. Ora, uma das características especiais dos feminismos acadêmicos na América Latina, no Brasil em particular, tem sido justamente essa sua maior articulação com outros campos, sobretudo nos campos de ação de ONGs, da sociedade política e do estado. Na verdade, há um grande entrecruzar desses campos, com deslocamentos de militantes de uma para outro campo ou mesmo atuação em vários ao mesmo tempo.

Note-se, por exemplo, que essas articulações e fluxos são muitas vezes formalizados, a exemplo da participação de feministas acadêmicas em conselhos de direitos das mulheres em todos os âmbitos (municipal, estadual, nacional), cuja presença nessas instâncias é muitas vezes estabelecida por lei. Também, com as coordenadorias, superintendências e secretarias de políticas para mulheres, tem se estabelecido um intenso fluxo discursivo e de pessoal – a exemplo da atual Ministra Chefa da Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República, a Professora Doutora Eleonora Menicucci, militante dos movimentos feministas e Professora Titular da Universidade Paulista.

Por certo, à medida que avançam os processos de ‘verticalização’ e expansão horizontal dos campos de ação dos feminismos no Brasil (ALVAREZ, 2014), vem crescendo com vigor a demanda, por parte da sociedade como um todo, por pessoal capacitado para atuar em programas e projetos que visam o empoderamento de mulheres e a formação de quadros. A constatação desse fato tem inspirado a criação de cursos de extensão e especialização em estudos sobre gênero por todo o país, como os que vêm sendo oferecidos online por várias universidades (na UFBA inclusive), com o apoio da SECADI, órgão do MEC. Inclui-se aí também a própria criação, na UFBA, por iniciativa do NEIM, do Programa de Pós-Graduação em Estudos

Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos - PPGNEIM, oferecendo Mestrado e Doutorado, e, mais recentemente, do Curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade. Tais iniciativas, por sua vez, propiciaram mudanças na estrutura departamental – tradicionalmente ‘disciplinar’ na UFBA – com a recente criação, por proposta do NEIM, do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos, um departamento multi e interdisciplinar na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

À bem da verdade, porém, grande parte das iniciativas dos feminismos acadêmicos no Brasil tem se voltado mais para atividades ditas de ‘extensão’, incluindo-se aí atividades de assessoria, consultoria e execução de projetos de intervenção em prol do empoderamento de mulheres. Esse tem sido o caso do NEIM. De fato, como se verá adiante, venho desenvolvendo várias atividades dessa ordem, quase sempre como parte da equipe do NEIM.

Contudo, creio ser importante observar, como fiz em artigo recente (SARDENBERG, 2015h, p.2):

Nos quase quarenta e alguns anos atuando como antropóloga feminista, militando em diferentes campos de ação (nos movimentos de mulheres, na academia, como consultora em projetos internacionais e na formulação, implementação e monitoramento de políticas públicas para mulheres no Brasil), tenho constatado que nem sempre nossas tentativas de tradução de uma dessas faces da militância para a(s) outra(s) resultam em “uniões felizes” entre teoria e práxis. Muitas vezes, devido às disputas entre perspectivas distintas e distintos atores sociais e institucionais, os objetivos maiores de um projeto podem se perder dando lugar à pequenez, o que limita em muito as possibilidades de alcance das metas traçadas.

Sinto mesmo revelar que, no meu caso, algumas dessas experiências de “tradução” foram até mesmo bastante “doídas” - tanto quando as vivenciei quanto agora, tentando escrever sobre elas. Ainda bem que tudo isso sempre pode se transformar em aprendizado..

5.1 Atividades de Assessoria e Consultoria

5.1.1 Consultoria para o The Pathfinder Fund – 1982-1984

Minha primeira experiência de ‘consultoria’ em um projeto foi como ‘documentadora’, acompanhando o desenvolvimento do Curso de Serralheria para Mulheres e criação de uma cooperativa promovido pelo CESUN, tudo com o financiamento do Pathfinder Fund, uma ONG norte-americana que, por sua vez, recebia apoio da USAID (United States Aid for International Development). Já comentei sobre esse projeto na perspectiva da pesquisa realizada com as jovens, mas aqui gostaria de refletir sobre a experiência como consultora, reportando-me a problemas que enfrentei no decorrer do trabalho e que tornaram essa experiência bastante “doída”.

Tal qual revelei anteriormente, o fato de ter sofrido violência doméstica e me separado do pai dos meus filhos, durante o desenrolar do projeto, acabou tendo um impacto positivo no meu relacionamento com as jovens participantes do curso. Contudo, não era fácil dar conta de todas as minhas tarefas didáticas e como consultora nesse projeto vivenciando uma situação de violência e separação. Isso provocou atrasos na elaboração dos relatórios, ficando eu várias vezes em dívida com o envio do material e me sentindo constrangida em ter que explicar para a coordenação responsável no Pathfinder o que respondia pelos atrasos – principalmente quando uma das coordenadoras era amiga do meu ex-companheiro!

Mas não foi só isso: ao longo do curso, entrevistei participantes do projeto em todos os níveis, sendo que uma das professoras do curso, de quem mais me aproximei, sempre reclamava do atraso no pagamento pelas aulas. Ela era casada com um americano e frequentava as rodas da ‘colônia’ em Salvador, acabando por denunciar o que ocorria em relação aos pagamentos para pessoas do seu meio que trabalhavam para USAID. Isso criou um sério problema para a coordenação do projeto na Bahia e, no fim, acabou sobrando para mim.

Pelo fato de eu trabalhar como documentadora para o Pathfinder, a coordenação do Projeto acreditou que havia sido a responsável pela tal denúncia! Em consequência, minha amizade com a diretora do projeto foi profundamente abalada! E passei por maus momentos, durante anos, tendo que explicar para todo mundo que eu não era a ‘dedo duro’.

Enfrentei também uma complicada ‘crise ética’, pois, para me inocentar me via muitas vezes tentada a revelar o que sabia. Mas não podia fazê-lo vez que a professora em questão havia me falado sobre o problema e o que pensava fazer sobre ele durante uma entrevista relativa ao projeto. Essa situação me deixou bastante resabiada – levei um bom tempo sem aceitar qualquer proposta de consultoria no plano individual!

5.1.2 Consultoria para o UNICEF no Projeto SAFLAC

Mas eis que alguns anos depois daquela experiência complicada, surgiu a oportunidade, por meio do Conselho Nacional de Direitos da Mulher – CNDM, de trabalhar como consultora para o UNICEF no Projeto SAFLAC. Aceitei então a tarefa de elaborar uma “Análise Crítica da Metodologia do Programa de Grupos Solidários” (SARDENBERG, 1989a), proposta para o Programa Para Mulheres no Setor Informal, bem como de formular o “Projeto dos Cursos de Capacitação para Técnicas” (SARDENBERG, 1989b) para atuação no referido programa, dando início a essa capacitação.

Junto com Marlene Libardoni, que representava o CNDM no convênio, participei de um encontro realizado pelo em São Paulo, quando facilitei oficinas de sensibilização para o trabalho com mulheres para a equipe, trabalhando, posteriormente, com possíveis equipes em São Luis, do Maranhão, e em Salvador.

Foi um dos meus primeiros trabalhos como ‘facilitadora’ ou ‘oficineira’ na sensibilização para gênero, uma experiência que foi importante como maior preparação pra o trabalho dessa natureza em outros projetos.

5.1.3 Programa de Pesquisa e Assessoria às Mulheres do Subúrbio Ferroviário (1989/1992)

Durante os anos 1980, o NEIM trabalhou próximo ao Grupo Feminista Brasil Mulher (muitas de nós atuando nos dois grupos), bem como junto a outros grupos de mulheres atuando no Fórum de Mulheres de Salvador, uma articulação surgida durante a campanha de emendas populares para a Constituinte. Desse trabalho surgiu uma parceria com a AMPLA – a Associação de Moradores de Plataforma, onde Antonia Garcia (hoje pesquisadora associado do NEIM) desenvolvia um trabalho de mobilização comunitária entre as mulheres do bairro.

A AMPLA era associada à Federação de Associações de Bairros de Salvador – a FABS, surgindo desse trabalho conjunto uma proposta de criação do CEMS – o Centro da Mulher Suburbana. Com o objetivo de apoiar a criação do CEMS e, de uma modo geral, os movimentos de mulheres do Subúrbio, elaboramos um projeto que foi aprovado pela Fundação Ford, naquela época dirigida por Rebecca Reichmann, implementado sob a coordenação de Ana Alice e minha. Esse foi o primeiro projeto de apoio institucional a equipe do NEIM para realização de atividades de extensão e pesquisa junto aos movimentos de mulheres de Salvador, mas, assim mesmo, foi bastante ambicioso, sendo constituído por cinco subprojetos: a) Atuação comunitária, voltado para a ampliação e fortalecimento do trabalho de assessoria aos grupos de mulheres dos bairros periféricos de Salvador, prioritariamente a proposta de criação do Centro da Mulher Suburbana; b) Perfil da Mulher Suburbana, discutido anteriormente, que tinha por objetivo caracterizar com maior precisão a clientela a ser atendida pelo Centro da Mulher Suburbana; c) A participação política da mulher, um estudo das relações de poder no subúrbio com ênfase sobre a atuação das mulheres nos movimentos sociais; d) Mulher Saúde, Sexualidade e Cidadania - programa de formação de mulheres vinculadas às Associações de Moradores do Subúrbio Ferroviário associadas a Federação das Associações de Bairros FABS e; e) Apoio ao Centro de Documentação Zahidé Machado, na perspectiva de ampliar o atendimento, centralizar e sistematizar as informações fornecidas pelos projetos anteriores.

Eu fui responsável pela elaboração do Projeto (SARDENBERG, 1989c), ficando também como coordenadora da pesquisa “Perfil da Mulher Suburbana”, como se viu anteriormente. Mas o Programa tinha um amplo leque de objetivos, a serem atingidos pela realização de uma série de atividades, a saber: a) realização do perfil das mulheres suburbanas; b) realização da Pesquisa sobre as Creches comunitárias de Salvador, com vistas a subsidiar a elaboração de proposta de lei sobre creches comunitárias de Salvador, sub-projeto esse coordenado por Ana Alice, com a publicação dos resultados da pesquisa em livro (COSTA, 1990); c) Realização do Curso

de Formação de Multiplicadoras sobre Saúde, Sexualidade e Cidadania das Mulheres, para 30 mulheres associadas as Associações de Moradores do Subúrbio, sob a coordenação do GEM, o Grupo de Estudos sobre a Mulher da Escola de Enfermagem da UFBA; d) Realização de 08 cursos de Formação e Sensibilização de Mulheres ministrados nas Associações de Moradoras dos diversos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador, pelas multiplicadoras sobre a supervisão e acompanhamento da equipe de formadoras do NEIM, que envolveu cerca de 180 mulheres.

Esse trabalho envolveu várias associações de moradores do Subúrbio, bem como quase toda a equipe do NEIM e colaboradoras do GEM. Foi uma experiência deveras positiva que abriu novos caminhos de ação e novas parcerias para o NEIM.

5.1.4 Diagnóstico Sócio Econômico Ambiental da Mulher Pescadora do Recôncavo Baiano (1992-1993)

Esse projeto foi realizado através de convênio com Departamento de Pesca e Aquicultura (DEPAQ) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), no período de 1992 a 1993, com as comunidades pesqueiras de Angola e Itapecirica (tidas como as mais representativas no setor pesqueiro), localizadas no município de Maragogipe. O Projeto teve por objetivo maior fornecer subsídios para a formulação de políticas e projetos destinados a potencializar o trabalho feminino no setor pesqueiro, a partir do reconhecimento da sua contribuição e do meio ambiente no qual atuam.

Minha participação no projeto se deu como co-coordenadora, ao lado de Ana Alice Costa, ficando a responsabilidade da coordenação da pesquisa, propriamente dita, com Neuza Maria de Oliveira, na época, pesquisadora do NEIM, com quem dividi a elaboração do projeto (OLIVEIRA; SARDENBERG, 1992).

No início do projeto, tivemos oportunidade de participar de um encontro de três dias realizado na praia de Imbassaí, no Litoral Norte da Bahia, quando vivenciamos nossa primeira experiência de 'planejamento estratégico intensivo', algo no estilo de uma maratona de oficinas... Foi uma experiência desgastante, doída, mas só do ponto de vista físico; foi muito enriquecedora na perspectiva de 'concertação' de um trabalho conjunto envolvendo organizações bastante distintas. Por muito tempo, contudo, fiquei um tanto ressabiada, fugindo de propostas de participação em oficinas semelhantes...

5.1.5 Programa de Desenvolvimento Comunitário da Região do Rio Gavião – Pró- Gavião (1998/2001)

Em um trabalho a ser publicado no próximo *Caderno Espaço Feminino* (2015h, Vol.2), assim me expressei: “Desbravar o semiárido baiano pode ser uma experiência bastante desgastante, principalmente quando se é obrigada a fazê-lo no lombo de uma caminhonete Toyota, apinhada de gente, visitando 13 municípios em menos de uma semana e, pior ainda, literalmente “comendo poeira na estrada” e dormindo em

pensões e pousadas sem conforto ao longo do caminho. Mas tudo isso é suportável e compensado quando se acredita que nosso trabalho possa fazer uma diferença. Movidas por essa crença, minhas companheiras do NEIM, Ana Alice Costa, Elizete Passos e eu não só acatamos o convite para elaborarmos um Programa de Assessoria em Gênero – o ‘PAGE’, para o Projeto Gavião, como nos dispusemos a executá-lo, passando quase três anos viajando todos os meses pelo sertão baiano, em condições nem sempre das mais agradáveis” (SARDENBERG, 2015h).

De fato, entre agosto de 1998 e julho de 2001, o NEIM esteve responsável pela formulação e implementação do Programa de Assessoria de Gênero (PAGE) do Pró-Gavião, através de convênio realizado com a interveniência da Rede Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero REDOR. O programa mais amplo foi realizado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional CAR, órgão da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia SEPLANTEC do Governo do Estado da Bahia, com o apoio do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola FIDA.

Foi um trabalho realizado em 13 municípios baianos, envolvendo, por um lado, atividades de sensibilização e capacitação das equipes para trabalhar com gênero e, por outro, a formação e sensibilização de 15 grupos produtivos de mulheres e realização de 13 seminários para professoras/es e 13 para lideranças femininas em todos os municípios envolvidos. Em apoio a essas atividades, elaboramos manuais e cartilhas, além de material de divulgação do programa, além de artigos publicados no Brasil e no exterior (SARDENBERG; PASSOS; COSTA, 1999; SARDENBERG, 2000c; SARDENBERG, 2015h).

Mas, é bom ressaltar, a inserção da perspectiva de gênero no projeto veio como política imposta pelo FIDA, órgão financiador do projeto, seis meses depois que o projeto já havia sido iniciado. O FIDA seguia então as exigências da ONU de implantação do Plano de Ação de Beijing, que demandava a incorporação de um enfoque de equidade de gênero e empoderamento de mulheres em todos os projetos, repassando essa exigência para a direção da SEPLANTEC/BA.

Desde o início, porém, tivemos dificuldade em chegar a um acordo com a direção do projeto sobre o que um programa de gênero deveria incluir e se ‘fazer gênero’ seria diferente de ‘fazer feminismo’. Inicialmente, a direção pensava o programa apenas como um componente à parte, de geração de renda para mulheres, por meio da criação de grupos produtivos. Para tanto, a diretora geral solicitou que organizássemos quinze desses grupos na área do projeto, pelo menos um por município, acreditando que bastaria um programa dessa ordem para que a participação das mulheres no projeto fosse garantida. Para ela, trabalhar com ‘gênero’ era o mesmo trabalhar com mulheres, razão pela qual ela defendia a criação desses grupos, embora depois, por insistência do consultor do FIDA, viesse a concordar que seria importante envolver as mulheres nas demais atividades do projeto.

Já o engenheiro agrônomo responsável pelo braço técnico - que havia participado de oficinas de treinamento com o FIDA, onde se discutira gênero como

envolvendo homens e mulheres - era contra um programa paralelo só para mulheres, a exemplo da criação dos grupos produtivos. Ele também se orientava por uma perspectiva liberal no que se referia à inclusão de mulheres no projeto, mas defendia a postura de que bastaria trazer as mulheres para as diferentes atividades do projeto, que elas seriam incluídas, automaticamente. Sua noção era a de complementariedade de gênero, ou seja, de papéis sexuais diferentes, mas complementares, ignorando, portanto, as 'relações de gênero', ou seja, as relações de poder desiguais entre homens e mulheres próprias da ordem de gênero patriarcal em vigência. Tínhamos o apoio da coordenadora do programa de desenvolvimento comunitário, mas a hierarquia que se impunha entre os componentes ditos 'técnicos' e os 'sociais' a colocava em uma posição subordinada em relação aos outros dois coordenadores de área, engenheiros agrônomos.

Tudo isso nos envolveu em embates com a direção do projeto. Mas permanecemos firmes na postura de que gênero não deveria ser um mero subcomponente do projeto, representado apenas pela criação de grupos produtivos. Argumentamos que não adiantaria levar as mulheres para as outras atividades do projeto sem um processo que facilitasse o seu empoderamento, de sorte a permitir que participassem em condições de igualdade com os homens. E, conseguimos, por fim, trabalhar com essa perspectiva de mão dupla, não agradando, porém, nem gregos nem troianos.

De fato, os coordenadores locais se mostraram resistentes à formação e desenvolvimento dos grupos de mulheres, deixando de oferecer-lhes o apoio necessário. Eles identificavam esses grupos como sendo os "grupos do NEIM", vendo-os como parte do componente de desenvolvimento comunitário e, assim, como 'menos importantes' do que as outras atividades sob sua responsabilidade. Argumentando que sua equipe técnica estava com 'excesso de trabalho' (o que não deixava de ser verdade), eles priorizavam as ações do componente dito 'técnico', demorando em oferecer a matéria prima e o treinamento necessário para as atividades produtivas dos grupos de mulheres deslançarem.

Quando questionamos essa atitude durante uma reunião mensal com a equipe, o coordenador, por assim dizer, 'perdeu a linha' conosco, vociferando impropérios contra nosso trabalho. Trouxe à baila, inclusive, uma instância de discussão sobre a questão da violência contra mulheres ocorrida em uma comunidade local, falando da reação contrária dos homens. Reclamou que havíamos sido contratadas para 'fazer gênero' e não 'feminismo' no projeto e que nossas 'cabeças iriam rolar...'

E, de fato, em se tratando de um dos coordenadores locais mais chegados à Coordenação Técnica do Projeto, não tardou muito fomos chamadas por um dos diretores da CAR que nos falou, de forma sinuosa mais perfeitamente perceptível, que nossos serviços já não eram mais necessários. Por nos defender, a coordenadora do componente comunitário do Projeto também acabou sendo afastada (se tornando, mais tarde, minha orientanda de doutorado e, até hoje, minha grande amiga). Mas

nosso Programa de Assessoria em Gênero não foi totalmente descartado. Continuou a ser desenvolvido, mas sem o teor feminista de empoderamento das mulheres.

Curiosamente, a pessoa que acabou assumindo a coordenação do trabalho com mulheres na CAR veio a ser minha orientanda de mestrado. E fez uma belíssima dissertação onde demonstra como esses projetos continuam a resignificar 'empoderamento', caracterizando geração de renda como 'autonomia econômica'.

5.2.4 Programa de Valorização da Mulher do Projeto Ponto Novo (2000-2001)

O mesmo problema se verificou com o Programa de Valorização da Mulher que elaboramos e executamos na região da Barragem de Ponto Novo. Esse projeto de intervenção foi realizado de 2000 a 2001, com o objetivo de sensibilizar mulheres e homens em comunidades rurais do Estado da Bahia para questões relativas às relações sociais de gênero, no sentido da promoção social da mulher, envolvendo cerca de 200 mulheres das regiões ribeirinhas. O Programa foi desenvolvido pela equipe do NEIM com a interveniência da organização não-governamental, GEMDER - Gênero, Mulher e Desenvolvimento Regional, como parte das atividades do Programa de Gerenciamento de Recursos Hídricos (PGRH), desenvolvido pela Superintendência de Recursos Hídricos (SRH), com recursos do Governo do Estado e Banco Mundial.

O projeto surgiu por exigência do Banco Mundial, que seguia as recomendações da Plataforma de Ação de Beijing, como também em virtude da destruição das hortas cultivadas pelas mulheres no entorno do que veio a se tornar a Barragem de Ponto Novo.

O Programa de Valorização da Mulher foi implantado no Reassentamento Ponto Novo e em 03 (três) comunidades do entorno da Barragem de Ponto Novo, quais sejam: Várzea Grande, Sítio do Meio e Lagedinho. Envolveu, também, atividades de assessoria e acompanhamento da equipe técnica no desenvolvimento de ações na perspectiva de gênero; seminários de Sensibilização para Mulheres e oficinas de sensibilização para Gênero e Cidadania com grupos produtivos de mulheres; seminários de Sensibilização em Gênero para Homens, com a participação de cerca de 178 homens das comunidades envolvidas. Desenvolvemos, também, oficinas com jovens da região, além de produzirmos cartilhas sobre saúde, cidadania e direitos das mulheres para distribuição nas comunidades nas quais trabalhamos.

Tivemos ótima receptividade por parte das comunidades e do pessoal técnico, envolvido no Projeto. Mas creio que fomos além do que o Banco Mundial pensou ser necessário. Novamente, trabalhar com questões de relações de poder, sobretudo no tocante à violência doméstica contra mulheres, provocou reações negativas quanto ao nosso trabalho. A proposta, segundo eles, era 'valorizarmos as mulheres', não fazer uma revolução feminista no pedaço!

5.2.5 Transversalizando Gênero e Raça nos Programas de Qualificação do MTE – Consultoria OIT – 2004-2006

Esta consultoria foi realizada como parte do Projeto de Cooperação Técnica estabelecido entre o Ministério do Trabalho e Emprego (TEM) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), com vistas à implementação de ações voltadas para a efetivação do Programa de Qualificação Social e Profissional (PQSP) e do Plano Nacional de Qualificação (PNQ) do MTE. Em especial, partindo da revisão crítica da literatura pertinente e do levantamento de dados e informações no MTE, elaboramos uma análise crítica do PNQ com o objetivo maior de trazer subsídios para a implementação da proposta de Transversalização de Gênero e Raça nas ações desse Programa. Nacional de Qualificação (PNQ). elaboramos um documento voltou-se, em especial, para a análise de experiências de transversalização, tanto no plano nacional, quanto internacional, com vistas à identificação de elementos para a formulação das necessárias diretrizes.

O trabalho foi elaborado sob a minha coordenação, em parceria com Ana Alice Costa e Terezinha Gonçalves da equipe do NEIM. Constou dos seguintes documentos: (1) Levantamento de Ações do PQSP; (2) Análise dos Planos de Igualdade e Convenções/Mecanismos Internacionais; (3) Análise Crítica de Experiências de Transversalização de Gênero e Raça e; (4) Diretrizes para a Transversalização de Gênero e Raça no PNQ (SARDENBERG, et ali, 2005; SARDENBERG; COSTA, 2006).

Para a realização desse trabalho, procuramos reunir informações diversas e reflexões críticas sobre as estratégias de transversalização de gênero e raça que vêm sendo desenvolvidas em diferentes contextos. Verificamos, porém, que enquanto no caso de gênero existe uma ampla literatura específica, poucos são os relatos e reflexões sobre tais tentativas no que concerne à questão de raça. Contudo, acreditamos que muitas das observações referentes a gênero se aplicam igualmente à transversalização do enfoque de relações raciais, podendo servir de base também para estratégias de combate, nos programas e planos contemplados, à discriminação de diferentes minorias excluídas. Mas cabe ainda a formulação de políticas de uma perspectiva interseccional, que possam melhor abarcar as vulnerabilidades de grupos específicos frente ao mercado de trabalho.

5.2.6 Projeto TEMPO - Pathways of Women's Empowerment Research Programme Consortium – 2006-2012⁴⁹

O Consórcio do Programa de Pesquisas sobre o Empoderamento das Mulheres, no Brasil denominado Projeto Trilhas do Empoderamento de Mulheres – TEMPO, teve por objetivo maior tornar visíveis processos de empoderamento de mulheres e inspirar

⁴⁹ Veja-se minhas considerações sobre o Pathways no Brasil, disponíveis no you tube: <https://www.youtube.com/watch?v=y8kM6kLcAsU>

mudanças de maior consequência na maneira em que as políticas voltadas para o empoderamento de mulheres vem sendo concebidas e implementadas.

Coordenado por Andrea Cornwall, na época, 'fellow' do Institute of Development Studies – IDS, da University of Sussex, Inglaterra, programa foi financiado, em sua maior parte, pelo Departamento para o Desenvolvimento Internacional – DFID, da Inglaterra, como também de agências de cooperação internacional da Noruega e Suécia.

O Programa articulou um consórcio com a participação de cinco núcleos de pesquisa em diferentes regiões do mundo. O Núcleo do Oriente Médio, com sede no com sede na American University do Cairo, trabalhou com pesquisadoras do Egito, Palestina e Líbano; o Núcleo do Sudeste da Ásia, sediado na Brac University em Dacca, trabalhou em Bangladesh, Índia, Paquistão e Afeganistão; o da África Ocidental, com sede na University of Ghana, em Acra, trabalhou em Gana, Sudão e Nigéria e; o Núcleo da América Latina, sediado no NEIM/UFBA, sob a minha coordenação e co-coordenação de Ana Alice Costa, trabalhou sobretudo no Brasil, articulando também pesquisadoras de outras países da América do Sul e Central.

No Brasil, centramos nossa estratégia de trabalho nos articulações feministas e de mulheres na região, procurando acompanhar suas lutas e a eficácia das mesmas, as relações dos movimentos sociais com o estado e como isso se reflete na vida de mulheres, diferentemente posicionadas em termos de vulnerabilidades e privilégios.

Essa abordagem foi consonante com a noção de empoderamento dominante na América Latina, ou seja, a de 'empoderamento para a libertação/emancipação' (SARDENBERG, 2008a, 2009). Nessa perspectiva, o empoderamento de mulheres é pensado não apenas como processo por meio do qual as mulheres ganham maior autonomia na tomada de decisões cruciais em suas vidas, como também como um instrumento de destruição das estruturas patriarcais. Em consequência, essa perspectiva enfatiza 'trilhas' coletivas, ao invés de individualizantes, com o foco em ações coletivas e transformações institucionais (SARDENBERG, 2009a). No entanto, considera também processos de conscientização como fator fundamental no processo de empoderamento no nível pessoal (SARDENBERG, 2010b).

De acordo com essa perspectiva, investigamos e facilitamos a mobilização de mulheres para garantir direitos no trabalho, particularmente para o emprego doméstico (GONÇALVES, 2010); na construção de apoio político para a justiça de gênero, organizando seminários específicos no Congresso Nacional e monitorando a Lei Maria da Penha (COSTA, 2010; AQUINO, 2013; GOMES et al, 2009; GOMES et al 2010); na mudança de narrativas sobre saúde e direitos reprodutivos (SOARES; SARDENBERG, 2008; TEIXEIRA, 2010; FERREIRA et al, 2009) e; como mudanças na sociedade mais ampla contribuíram para o avanço das lutas das mulheres. Em especial, conforme destaquei em capítulo anterior, desenvolvemos também pesquisas sobre processos de empoderamento de mulheres através das gerações (SARDENBERG et al, 2008).

Participação no Programa Pathways foi também e grande importância para articulações e trocas com pesquisadoras de outros países do chamado ‘Sul’, na Ásia, África e Oriente Médio, com nossa presença em eventos promovidos pelos outros núcleos do Programa e vice-versa, de pesquisadoras dessas regiões em nossos eventos. Envolveu, também, trocas internas ao NEIM, com a participação de várias pesquisadoras e bolsistas do núcleo, a saber: Ana Alice Costa, Sílvia Lúcia Ferreira, Terezinha Gonçalves, Márcia Macêdo, Sílvia de Aquino, Nadja Ferreira e Léa Santana.

5.2.7 Consultoria para a UNFPA para elaboração de “Background Paper” ao 2008 State of World Population Report

Em meados de 2007, por intermédio do Projeto Pathways, fui contatada por um representante da UNFPA para realizar consultoria referente à elaboração de um “background paper” para a 2008 State of World Population Report (UNFPA, 2008), abordando a questão de ‘cultura e desenvolvimento’ na perspectiva dos movimentos de mulheres da América Latina. Depois de publicada a referida ‘Report’ do UNFPA, a coordenação do Projeto Pathways sugeriu a sua publicação como ‘discussion paper’ do Institute of Development Studies, o que se concretizou em 2012 (SARDENBERG, 2012b).

5.2.8 Observatório de Monitoramento da Implementação da Lei Maria da Penha -2007-2012⁵⁰

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), sancionada pelo Presidente Lula da Silva em 7 de agosto de 2006, trouxe importantes inovações no campo político e jurídico para o enfrentamento à violência doméstica e familiar contra mulheres. Contudo, a efetiva aplicação desse instrumento legal tem demandado muitas mudanças institucionais nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher – DEAMs e na criação dos Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Implicou, também, a capacitação de equipes de profissionais para atuarem nas DEAMs e Juizados Especiais, bem como a implementação de uma rede de serviços para os quais as mulheres em situação de violência doméstica e familiar e seus agressores possam ser encaminhados. Para tanto, a implementação da nova Lei demandou uma articulação mais eficaz dentre os órgãos incluídos na rede de atendimento a mulheres em situação de violência, que perpassa os âmbitos municipal, estadual e federal.

Com a finalidade de contribuir para a efetivação dessa nova Lei, a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres – SPMulheres, por iniciativa do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher- CNDM, lançou um edital para a criação de um observatório,

⁵⁰ Por várias ocasiões já tive oportunidade de ter registradas em vídeos, disponíveis pelo you tube, falas e entrevistas sobre o OBSERVE. Veja-se, por exemplo:

<https://www.youtube.com/watch?v=SyndYNyV0AQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=VwFVWRRdfHc>

com o propósito de monitorar e avaliar o processo de implementação e aplicação da lei em todo o país.

A proposta para a criação do Observatório de Monitoramento da Aplicação da Lei Maria da Penha – OBSERVE, proposta pelo NEIM/UFBA, foi a vencedora. Criado em 2007, com uma instância autônoma, da sociedade civil, o OBSERVE se constituiu como um Consórcio formado por núcleos de pesquisa e organizações não-governamentais de todo o país, a saber: AGENDE – Ações em Gênero; NEPEM/UNB – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher; CEPIA – Cidadania, Estudo Pesquisa, Informação e Ação; NEPP-DH/UFRJ – Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos; Coletivo Feminino Plural; THEMIS – Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero; NIEM/UFRGS – Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher e Relações de Gênero; GEPEM/UFPA – Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulheres e Relações de Gênero). Tínhamos também como parceiras a Rede Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos e Direitos Sexuais, a REDOR- Rede Regional Feminista Norte e Norte de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero, e o CLADEM.

Instalado em 2007, o OBSERVE foi organizado em Coordenações Regionais, a AGENDE ficando com a Coordenação da Regional Centro Oeste, CEPIA com a Regional do Sudeste, o Coletivo Feminino Plural com a do Sul, o GEPEM com a da Região Norte e o NEIM ficando responsável pela Regional Nordeste. No seu primeiro ano, a Coordenação Nacional do OBSERVE foi compartilhada entre NEIM, CEPIA e AGENDE, tal arranjo mostrando-se, porém, ineficaz para as operações cotidianas. Destarte, a partir de março de 2009, a coordenação nacional concentrou-se apenas no NEIM, ficando a Coordenação Geral do OBSERVE sob a minha responsabilidade, tendo inicialmente Sílvia de Aquino e, posteriormente, Márcia Gomes e Márcia Tavares como co-coordenadoras.

O OBSERVE teve como missão monitorar a implementação e aplicação da Lei Maria da Penha, o que se traduziu em acompanhar esse processo, a partir da coleta, análise e divulgação de informações do processo de efetivação da Lei. No primeiro ano de atividades, o Observatório avançou na organização e fortalecimento da sua rede interna por meio de reuniões, informativos eletrônicos internos e encontros em eventos. Ao mesmo tempo, empenhou-se, também, na articulação com outros órgãos e instituições, a exemplo da iniciativa de diálogo com o Supremo Tribunal de Justiça, em Brasília/DF, e do estreitamento de relações com instituições locais/regionais da Rede de atenção à mulher em situação de violência. Nossa principal atividade, porém, foi a construção de uma metodologia de coleta de dados, haja vista à ausência de um sistema uniforme de registro de ocorrências e demais informações compatíveis.

De fato, desde o início, questões de ordem metodológica - como proceder nesse monitoramento, que indicadores utilizar, ou seja, como monitorar – tomaram nossa atenção. Contudo, a definição da identidade do OBSERVE e, conseqüentemente, da construção das relações internas ao Consórcio e da relação deste com o Estado e com o movimento social, mostrou-se também fundamental ao desenvolvimento dos

trabalhos. Tornou-se importante esclarecer o que nos diferenciava e o que nos caracterizava enquanto Consórcio, levando em conta a heterogeneidade dos núcleos e grupos que o compunham: ONGs feministas, núcleos de estudo e pesquisa vinculado a instituições federais de ensino superior, redes de diferentes organizações (inclusive internacionais, como no caso do CLADEM), que não participavam diretamente do Consórcio.

Concluimos que apesar dessas diferenças, tínhamos um objetivo comum, qual seja, o de produzir um “monitoramento engajado”, autônomo, que fosse parte das lutas feministas, monitorando não apenas a aplicação da lei, como também a cultura jurídica em torno dela, identificando e tornando públicas as resistências e aplicação incorreta, mesmo quando “bem intencionadas”. Assim um dado do Observatório daria conta de uma série de iniciativas e iria além do sentido restrito de monitoramento abrindo-se para os movimentos de mulheres, estimulando-os a produzir ‘relatórios sombra’.

Contudo, o OBSERVE não deveria ser um órgão de ‘consultoria jurídica em relação à aplicação da Lei’, isto é, não deveria apontar como a lei deveria ser aplicada, e sim como a lei estava de fato sendo aplicada, mas em consonância com uma visão feminista em relação à aplicação da Lei. Deveria, pois, manter sua autonomia, estando em sinergia, tanto com os movimentos, quanto com as com áreas de atuação da SPMulheres.

Ficou evidente, porém, que a SPMulheres esperava muito mais do que nos propúnhamos a oferecer. Além disso, nos baseando em princípios da pesquisa científica, não produzíamos resultados no ritmo esperado pelos órgãos financiadores do projeto. E nos batemos com muitas dificuldades burocráticas na transferência de verbas para as ongs, pagamento de bolsas, e de outras despesas incorridas no cotidiano das pesquisas e das reuniões de validação de metodologia. Ademais, empacamos no final em problemas da UFBA com a Prefeitura de Salvador, o que nos tornou inelegíveis para o repasse de verbas do governo federal.

Mesmo com todos esses problemas, foi uma experiência muito enriquecedora para todas as pessoas envolvidas. E desenvolvemos três importantes pesquisas, com divulgação dos resultados pela SPMulheres e UNIFEM, produzindo instrumentos de coleta que foram socializados para outros estudos. De fato, elaboramos dois formulários como instrumentos de coleta, um para monitoramento das Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres – DEAMs e outro para as Varas Especiais. Aplicados inicialmente nas cinco cidades sedes das coordenações regionais (Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e Belém), foram avaliados e reformulados, sendo então aplicados em todas as delegacias e varas operantes nas capitais dos estados e no Distrito Federal (GOMES, et al, 2010). Fizemos, também, um estudo de caso intensivo em Cuiabá (PASINATO, 2010), e duas pesquisas com o apoio do UNIFEM. A primeira, coordenada por Wânia Pasinato (2011), voltou-se para um estudo das redes de atenção às mulheres em situação de violência em Salvador, Rio de Janeiro, Porto

Alegre, Brasília e Belém, mostrando a ausência de articulação entre os serviços em todas essas capitais. O segundo estudo, encomendado pelo próprio UNIFEM para a realização de seu relatório anual, voltou-se para uma sondagem com mulheres usuárias das DEAMs, em dez capitais, logo após o atendimento, revelando o quando este deixa a desejar, na perspectiva das mulheres (SARDENBERG et ali, 2010a).

Na qualidade de Coordenadora Nacional do OBSERVE, tive oportunidade de participar de audiências públicas no Congresso Nacional, referentes à Comissão Parlamentar Mista de Investigação sobre a Violência Contra Mulheres. Nessas ocasiões, argumentei em favor da criação de uma sistema nacional de coleta de dados sobre esse tipo de violência, fundamental para o monitoramento da aplicação da Lei Maria da Penha. Fico feliz por ver que, finalmente, esse sistema está prestes a ser implementado.

5.2 Projetos de Articulação e Intercâmbio Acadêmico

5.4.1 Projeto de Criação e Apoio à REDOR – Fundação Ford

Em março de 1991, durante o I Encontro Nacional de Núcleos da Mulher, promovido pelo NEMGE/USP, em São Paulo, um pequeno grupo de representantes de núcleos de estudos sobre mulheres e gênero de universidades do norte e nordeste, ali presentes, eu entre elas, constatou as desigualdades regionais existentes no nosso campo de estudos. Trocando ideias sobre nossos trabalhos e articulações, depois de três dias ouvindo os avanços registrados por nossas companheiras de outras regiões, verificamos que, ao contrário do que se poderia esperar, o intercâmbio inter-regional dos grupos do Norte e do Nordeste com o Centro-Sul era muitas vezes bem mais intenso do que o estabelecido entre os centros dos estados da nossa própria região, levando inclusive à configuração de descompassos, também ao nível intra-regional. Concordamos, então, ser necessário buscarmos uma aproximação maior entre os núcleos das nossas duas regiões, com o intuito de unir forças e recursos no sentido de minimizar as discrepâncias regionais existentes (COSTA; SARDENBERG, 1994).

Coube então ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, na qualidade de núcleo mais antigo operando na região articular essa aproximação. Em setembro de 1992, como parte das comemorações do seu décimo aniversário, o NEIM promoveu, com o apoio da Fundação Ford e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), o I Encontro Regional de Núcleos de Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste. Cerca de vinte representantes de núcleos do norte e nordeste estiveram presentes, criando-se ali a Rede Regional Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero – REDOR (SARDENBERG, 2001).

Com o apoio de um projeto financiado pela Fundação FORD, a REDOR promoveu encontros anuais, pesquisas conjuntas, cursos de curta duração e um curso

de especialização – o Curso de Especialização em Gênero e Desenvolvimento Regional, no qual atuei como Coordenadora. Por três gestões, também atuei como Coordenadora da REDOR, ao lado de Ana Alice Costa, estando também sob nossa responsabilidade o projeto de apoio da Fundação Ford.

Findo esse apoio, a REDOR encontrou dificuldades em dar continuidade às atividades coletivas, à exceção dos encontros anuais. Assim mesmo, continua viva e forte. Em junho deste ano (2016) será realizado o 24º. Encontro da REDOR, a ter lugar em Aracajú. Lá estarei!!!

5.4.2 Higher Education Link – Conselho Britânico: Strengthening Gender and Development Studies in Northeastern Brazil (2002-2005)

Mencionei este projeto no capítulo sobre formação, quando discuti meu estágio pós-doutoral no Institute of Development Studies – IDS, Inglaterra: este foi o projeto ‘mãe’ tanto do referido estágio, quanto do Programa Pathways, também discutido anteriormente.

A proposta para estabelecer uma parceria entre o NEIM e universidades do Reino Unido veio por parte do Conselho Britânico, em meados dos anos 1990. Naquele momento, porém, várias de nós no NEIM estávamos em processo de conclusão dos cursos de doutorado. No início dos anos 2000, porém, todas nós já havíamos retornada ‘à casa’ e nos pareceu importante propor um ‘Higher Education Link’, cabendo a mim identificar possíveis universidades para a parceria e elaborar uma proposta.

Como ressalté anteriormente, o IDS havia se destacado nas discussões sobre gênero e desenvolvimento, uma das áreas contempladas pelo Conselho Britânico e nos pareceu bastante promissor como instituição parceira. Feitos os primeiros contatos com Andrea Cornwall, formulei uma proposta de apoio ao Programa de Higher Education Link do Conselho Britânico – naquela época, coordenado por Roberta Kakowitz – para uma visita ao IDS com o objetivo de discutir a possível parceria. Foi assim, que, em novembro de 2001, após participar de um encontro em Londres, segui para Brighton me propondo a fazer uma palestra sobre ‘estudos feministas na Bahia’.

Nessa minha primeira visita, retomei o contato com a Andrea Cornwall (que havia nos visitado na Bahia anos antes), discutindo nossa proposta também com a Naila Kabeer, Anne Marie Goetz, Lyla Mehta e Ramya Subhamirin, todas elas feministas, ‘fellows’ do IDS. Conheci também Suzy Jolly, Paolla Bambrilla e demais pesquisadoras vinculadas ao Bridge, um grupo dentro do IDS que elaborava e disponibilizava na mídia materiais e documentos sobre gênero e desenvolvimento, sendo convidada por elas para integrar a “International Advisory Committee”, proposta imediatamente aceita por mim. Antes do meu retorno, Andrea e eu elaboramos uma proposta conjunta de “Higher Education Link” entre o ‘Gender Group’ do IDS e o NEIM, proposta essa aprovada em 2002, com início em 2003.

Tendo Andrea Cornwall, pelo IDS, e eu pelo NEIM, como co-coordenadoras, o projeto transcorreu até fins de 2005. Dentre as principais atividades realizadas, incluíram-se visitas de pesquisadoras do NEIM ao IDS, a saber: Enilda Rosendo e Cecilia Sardenberg (2003); Silvia de Aquino e Petilda Vazquez (2004); Ana Alice Costa e Cecilia Sardenberg (2005); Terezinha Gonçalves e Cecilia Sardenberg (2005). Todas as pesquisadoras envolvidas, fizeram apresentações no IDS, participando, também de eventos específicos. Do IDS, vieram para o NEIM: Andrea Cornwall (2003); Angie Hart e Jo Doezema (2004); Andrea Cornwall (2005). Integraram também as atividades do Projeto, a elaboração da tradução do Boletim “In Brief” do Bridge/IDS, sobre “Mitos de Gênero” <http://www.bridge.ids.ac.uk/Docs/Mitosdeg%EAnero.doc>, e do Boletim do IDS sobre “Reposicionando Feminismos no Debate sobre Desenvolvimento” - IDS Bulletin, Vol. 35, Number 4, 2004, alguns dos artigos sendo publicados na *Revista Feminismos* No. Vol.1, do PPGNEIM.

5.4.3 PROCAD- 2007 CAPES – Doutorado Multidisciplinar em Ciências Humanas/UFSC e PPGNEIM/UFBA – 2008-2013

Esse projeto se realizou a partir de um esforço conjunto de estudantes, professoras e pesquisadoras do Programa de Doutorado em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, possível por intermédio do Programa de Cooperação Acadêmica-PROCAD 2007 da CAPES, órgão do Ministério da Educação. Coordenado pelas Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi, na UFSC e por mim, Cecilia Maria Bacellar Sardenberg na UFBA, o Projeto que nos reuniu foi iniciado em fins de 2008, estendendo-se até o segundo semestre de 2013, período este em que um intenso intercâmbio teve lugar entre os referidos programas.

Um dos aspectos que mais merecem destaque nesse Programa foi a possibilidade de incluirmos estudantes de graduação, principalmente alunas e alunos de iniciação científica, nos intercâmbios entre Salvador e Florianópolis, possibilitando sua participação nos encontros do ‘Fazendo Gênero’, bem como dos Simpósios do NEIM e outros eventos que tiveram lugar em Salvador no período.

Tivemos, também, grande participação de alunas do Mestrado do PPGNEIM participando do PROCAD, além das professoras do PPGNEIM: Ana Alice Costa, Alinne Bonneti, Alda Motta, Ívia Alves, Sílvia Lúcia Ferreira e eu, Cecilia Sardenberg. Para nós, foi um imenso prazer receber as professoras: Miriam Grossi, Carmen Rial, Joana Pedro, Luzinete Simões Minella e Cristina Wollfe.

Três importantes temáticas estiveram em foco nesse intercâmbio: Gênero e Ciências, Gênero e Violência e Gênero e Feminismos, gerando participações de lá e cá em bancas de avaliação, vários minicursos, seminários, jornadas e, com isso, reflexões conjuntas, multidisciplinares, voltadas para esses três temas amplos. Três coletâneas, a serem lançadas pela Edufba em maio deste ano, resultaram desse trabalho conjunto,

duas delas em que participo como co-organizadora (MINELLA; SARDENBERG, 2015; SARDENBERG; TAVARES, 2015). Outro produto dessa parceria foi um dossiê sobre a Lei Maria da Penha organizado conjuntamente com Miriam Grossi e publicado na *Revista Estudos Feministas* (SARDENBERG; GROSSI, 2015).

5. 3 Cursos de Extensão

Tentando fazer um levantamento dos muitos cursos de extensão dos quais tenho participado ao longo das décadas de trabalho acadêmico, acabei me dando conta de que não tenho nenhuma documentação comprobatória da maioria deles. Muitos foram oferecidos informalmente para associações de moradores, grupos de mulheres ou mesmo em núcleos de estudos e pesquisa nas universidades, antes que a exigência comprobatória por meio de ‘certificados’ tenha se estabelecido em nosso meio. Em vista disso, achei por bem discutir aqui apenas dois cursos, destacados por terem se caracterizado como experiências bastante enriquecedoras.

5.3.1 Curso On-line “Crítica Epistemológica Feminista” e “Ética Feminista y Interseccion de los Sistemas de Diferencia” – Colegio de Las Americas-COLAM – OEA – Red Interamericana de Formación – Mujeres en Desarrollo - RIF/MED -2002

Participar na elaboração desses cursos foi uma das mais interessantes – e gratificantes – experiências de produção coletiva. O convite veio para o NEIM, por parte do COLAM-Colegio de Las Americas, por intermédio de Fernando Daniels, da Université de Montreal, Canadá, para integrarmos a Red Interamericana de Formación na questão de ‘Mujeres en Desarrollo’, hoje ‘Mujeres, Género y Desarrollo’, com a perspectiva de construirmos e oferecermos cursos em torno das teorias feministas. Ana Alice Costa participou da construção do curso sobre ‘Género y Poder’, cabendo a mim participar do grupo que iria construir os cursos sobre ‘Crítica Epistemológica Feminista’ e ‘Ética Feminista y Interseccion de los Sistemas de Diferencia’.

Na verdade, foi um grande honra participar de um grupo que incluía: Eli Bartra, da UNAM/México; Ann Denis, University of Ottawa, Canada; Hilda Habichayn, Universidad Nacional de Rosario. Argentina; Denise Paiewonsky, Centro de Estudios de Género-INTEC; Montserrat Sagot, da Universidad de Costa Rica; Cecilia M. B. Sardenberg, NEIM/UFBA, Brasil e, como coordenadora, Andrea Martínez, da Université d'Ottawa. Foi uma longa jornada de trocas em inglês e espanhol, o curso sendo montado por intervenções de todas as participantes.

O curso foi oferecido várias vezes por meio digital através da UNAM, tendo eu chegado a participar como monitora na primeira vez. Não continuei devido a problemas com a internet e dificuldades, de minha parte, de fazer intervenções em espanhol.

Minhas intervenções e colaborações para a construção do curso se basearam na disciplina Estudos Feministas, que já oferecia há algum tempo antes.

Posteriormente, essas colaborações de minha parte formaram a base do artigo, “Da Crítica Feminista à Ciência a Uma Ciência Feminista?” (SARDENBERG, 2002a), um dos meus artigos favoritos sobre o qual tecerei algumas considerações no capítulo sobre ‘Produção Técnica e Bibliográfica’.

5.3.2. Congresso Nacional 2012 – 2014 Curso de Formação em Gênero para Técnicos Legislativos

Uma jornada de trocas semelhante ao curso do RIF, foi a vivenciada no NEIM com a construção do Curso de Formação em Gênero para Técnicos Legislativos. Esse trabalho surgiu em atendimento ao edital lançado pela Câmara dos Deputados, através da Coordenadoria da Mulher e com o apoio do Banco Mundial, tendo sido aprovada a proposta de formação de técnicos legislativos através da educação a distância apresentada pelo NEIM.

Essa proposta incluiu não apenas a elaboração dos conteúdos, mas também a construção metodológica do curso e da plataforma virtual, além da sua implementação. A perspectiva era de formação de cerca de 2000 técnicos e técnicas em um período de dois anos, incluindo-se aí pessoal técnico em âmbito nacional, estadual e municipal.

Integraram a equipe de construção do referido curso Ana Alice Alcantara Costa, como Coordenadora Geral, eu, Cecília M. B. Sardenberg como Coordenadora Pedagógica, Marcia dos Santos Macêdo, Clarice Costa Pinheiro e Salete Maria da Silva como conteudistas e, Márcia de Freitas Cordeiro com especialista em plataformas virtuais didáticas.

Foram meses de trocas entre as integrantes da equipe do NEIM e entre o NEIM e os responsáveis por parte do Congresso Nacional, trocas essas nem sempre harmoniosas. Por um lado, tivemos problemas em transformar nosso jargão acadêmico em um linguajar mais palatável ao público a quem o curso se dirigia e, por outro, confrontamos várias vezes tentativas de tornarem nossa fala feminista muito ‘light’ para nosso gosto. As idas e vindas do material produzido se traduziram em um exercício de tolerância para todas nós, mas, no final, conseguimos manter nossa perspectiva feminista de gênero nos conteúdos do curso.

5.4 Coordenação, Organização e Participação em Eventos

Segundo meu Currículo Lattes, já fiz 97 apresentações de trabalhos, palestras conferências, estive a frente da organização de cerca de 27 eventos e já participei de mais de 40 outros. E percebo que não incluí tudo no Lattes. Mas, neste caso tanto, vou poupar o público leitor deste memorial da discussão de uma longa lista de participações, destacando aqui apenas algumas das que foram de maior importância na minha trajetória.

5.4.1 Coordenação de Eventos e Organização de Mesas/Seminários Temáticos

I Seminário Nacional: “O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas” (1988): A proposta para esse seminário surgiu durante o IX Encontro Nacional Feminista que aconteceu em Garanhuns, Pernambuco, em 1987, a partir da constatação que o Encontro havia crescido bastante, não havendo, porém, um espaço para reflexões sobre o feminismo no Brasil. Pensando em articular esse espaço, no ano em que o NEIM completava seu 5º aniversário, elaboramos então um projeto de seminário que teve o apoio do Conselho Nacional de Direitos da Mulher – CDDM e do UNICEF. O I Seminário Nacional “O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas” foi realizado entre 31 de outubro e 04 de novembro de 1988, no Centro de Treinamento de Líderes, em Itapuã, reunindo mais de quarenta mulheres de vários Estados, entre militantes e estudiosas do feminismo no país. Conforme Ana Alice Costa e eu, na qualidade de co-coordenadoras do evento, escrevemos no Prefácio dos Anais do Seminário: “Foram quase cinco dias inteiros passados “ao som do mar de Itapuã”, quando trocamos ideias e experiências, avaliamos nossa trajetória até aqui, enquanto movimento, e para onde pretendemos/poderemos avançar no futuro. Tempo também para falarmos de nós e dessa identidade “feminista” em construção, para uma pausa no tempo; um momento de auto-reflexão e avaliação crítica” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p.13).

II Seminário Nacional: O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e Perspectivas, 2008. “Exatamente 20 anos depois”, ou seja, em novembro de 2008, como parte das comemorações dos 25 anos do NEIM, realizamos o II Seminário sobre o “Feminismo no Brasil”, conjuntamente ao XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulheres e Relações de Gênero. Contamos, para tanto, com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres-SPM da Presidência da República e da FAPESB, com a presença de pesquisadoras de renome, ‘madrinhas do NEIM’: Dras. Heleieth Saffioti, Fanny Tabak e Eva Blay. Nesse evento, atuei como Coordenadora Geral, tendo como organizadoras parceiras, Márcia Macêdo, Terezinha Gonçalves, Rita Lessa e Lea Santana.

Sessão sobre “New Perspectives in Working Class Experiences in Brazil”, no 95th Annual Meeting of the American Anthropological Association - 1996.

Essa sessão foi organizado por Claire Cesareo, na época, doutoranda na Univ. de Columbia e, atualmente, professora do Saddleback College, na Califórnia, e por mim, tendo como participantes apresentando trabalhos: Rebecca Reichmann, Iracema Guimarães, Maxine Margollis, Ana Cristina Martes Braga, Robin Nagle, Dolores Shapiro, Claire Cesareo e eu, Cecilia Sardenberg. Como debatedora, tivemos Sonia Alvarez, então da University of California-Santa Cruz e Elizabeth Leeds, do MIT/Boston.

Nessa sessão, apresentei o trabalho “O Bloco do Bacalhau: Ritualized Protest Among Textile Workers in Salvador, Bahia, Brazil” (SARDENBERG, 1996), posteriormente traduzido e publicado sob o título “O Bloco do Bacalhau: Protesto Ritualizado de Operárias na Bahia”, publicado em uma coletânea do NEIM (SARDENBERG, 1997b).

I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres, 2006. Esse seminário promovido pelo NEIM, foi organizado por Ana Alice Costa e por mim, Cecilia Sardenberg, como parte das atividades do Pathways of Women’s Empowerment Research Programme Consortiu, o Projeto TEMPO, na Bahia. O Seminário tinha como propósito criar um espaço de trocas para se proceder a um levantamento de questões pertinentes ao empoderamento de mulheres na América Latina, a partir de três perspectivas: a) voz, ou seja, a perspectiva de se situarem como sujeitos, fazerem demandas e serem atendidas; b) corpo, referente à questões sobre saúde e conquista e exercício de direitos sexuais e direitos reprodutivos e; c) trabalho, em relação a acesso a trabalho ‘decente’, salários dignos e autonomia econômica, dentre outras questões pertinentes. Para nos ajudar a pensar como investigar e analisar essas questões e intervir no sentido de trazer mudanças no sentido do empoderamento de mulheres, contamos com a participação de muitas convidadas nacionais, dentre elas, Heleieth Saffioti, professora aposentada da UNESP-Araraquara; Gilberta Soares, então do Cunhã e atual Secretária da Igualdade de Gênero e Diversidade da Paraíba, tendo realizado seu doutorado no PPGNEIM sob minha orientação; Elisiane Pasini, então representando a Themis; Lurdinha Rodrigues, então representando a Liga Lésbica, indo depois para a Secretaria De Políticas para Mulheres, tendo falecido em acidente em 2015; Vera Soares, pelo UNIFEM; Greice Menezes, do MUSA/UFBA; Luiza Bairros, posteriormente Secretária de Promoção da Igualdade de Gênero e Raça da Bahia e Ministra da SEPPIR; Cristina Buarque, posteriormente Secretária da Mulher de Pernambuco. Contamos também com a participação de pesquisadoras e ativistas internacionais, a saber: Diana Mafia (Argentina), Virginia Guzman (Chile), Montserrat Sagot (Costa Rica), Pamela Calla (Bolívia), Malena de Montis (Nicarágua) e Rosario Garcia, (CARE-Nicarágua). Por parte do Programa Pathways, contamos com Andrea Cornwall, Director Geral, Chris Hunter, então Coordenadora de Pesquisas e Jenny Edwards, Secretária Executiva; Elisa Martinez da CARE USA, e Simeen Mahmud da BRAC University em Bangladesh. Nesse seminário, participei da mesa sobre “Conceituando Empoderamento”, apresentando o trabalho “Conceituando Empoderamento na Perspectiva Feminista” (SARDENBERG, 2006d). Foi um encontro muito enriquecedor e no qual selamos importantes parcerias, tal qual discutido em relatório do evento por mim elaborado (SARDENBERG, 2006c).

Simpósio Temático 25, “Feminismo e Políticas Públicas de Enfrentamento à Violência: Monitorando a Aplicação da Lei Maria da Penha”, *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 2010. Co-organizado por Jussara Prá e por

mim, esse simpósio aconteceu durante o Fazendo Gênero 9, realizado em Florianópolis pelo Instituto de Estudos de Gênero-IEG, da Universidade Federal de Santa Catarina, de 23 a 26 de agosto de 2010. Reuniu várias pesquisadoras/es trabalhando com questões referentes ao enfrentamento da violência de gênero contra mulheres, focando, em especial, na Lei Maria da Penha. Foram três dias de trabalho bastante intensos, mas de relevantes trocas sobre a temática em questão.

XVI Simpósio Baiano de Pesquisadoras (es) sobre Mulheres e Relações de Gênero e II Seminário Nacional: A Violência de Gênero: Suas Múltiplas Faces, 2010 - Promovido pelo OBSERVE e pelo NEIM/UFBA, de 30 de outubro a 01 de novembro de 2010, com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres –SPM da Presidência da República, tendo como Co-Coordenadoras, Márcia Queiroz Gomes, Márcia Santana Tavares e eu, Cecília M. B.Sardenberg, da coordenação do OBSERVE-Observatório de Monitoramento da Lei Maria da Penha. Esse seminário reuniu as pesquisadoras e ativistas que integraram o Consórcio do OBSERVE, a saber: Leila Barsted (CEPIA), Marlene Libardone (AGENDE), Télia Negrão (Rede Feminista de Saúde), Rúbia Abs (Themis), Luzia Álvares (NE/UFPará), Jussará Prá (NIEM/UFRGS), Leila Mattos (Coletivo Feminino Plural) e Marilea Porfirio (UFRJ), além de Lourdes Bandeira, representando a SPM. Alguns dos trabalhos apresentados nesse seminário integram a coletânea, “Violência de Gênero: Suas Múltiplas Faces”, organizada por Márcia Tavares e por mim, já no prelo, na Edufba (SARDENBERG; TAVARES, 2015).

Painel No. 556/GEN – 7710, “Brazilian Feminisms on New Terrain: Old Struggles, Shifting Alliances, Blurring Boundaries”, XXX Congresso Internacional da Latin American Studies Association – LASA, Marriott Marquis Hotel, 2012. Esse painel teve lugar de 23 a 28 de maio de 2012, em San Francisco, California, Estados Unidos da América. Foi organizado por mim, mas a partir de uma sugestão de Cecília MacDowell dos Santos, da University of San Francisco. Desse painel participaram: Cecília MacDowell dos Santos, Kia Caldwell, Amelinha Telles, da União de Mulheres e eu, Cecília Sardenberg, tendo Albertina de Oliveira, da Fundação Carlos Chagas, como nossa debatedora.

Simpósio Temático - no.029 ‘Desafios para o Empoderamento de Mulheres na Perspectiva Feminista: Pesquisas, Políticas, Projetos, Experiências Diversas’, Fazendo Gênero 10, UFSC – Esse simpósio temático foi realizado em Florianópolis, de 16 a 20 de setembro de 2013. Márcia dos Santos Macêdo e eu fomos a coordenadoras, uma tarefa bastante gratificante, haja vista que o simpósio reuniu um grupo de trabalhos bastante interessante, que trouxe novas perspectivas em relação ao empoderamento de mulheres na perspectiva feminista.

5.4.2 Participação em Eventos Especiais da Última Década

Participação como expositora no Simpósio ‘Strategy Planning Workshop of the Feminist Network on Gender, Development and Information Society Policies.’ Realizado em Bangalore, Índia, promovido pelo IT-for Change, 5-7 de Outubro, 2007, Bangalore, Índia. Nesse simpósio, apresentei o seguinte trabalho: “Looking at Sexuality and Identity in the Information Society from a Latin American Feminist Perspective: Implications for policy formulation” (SARDENBERG, 2007)

Participação como Assessora na Delegação Brasileira na 52ª Session Commission on the Status of Women New York, Março 2008

Participação como expositora no Simpósio Sexuality and Development Workshop, Institute of Development Studies-IDS, University of Sussex, Brighton, UK, 3-5 de Abril de 2008, com apresentação do trabalho “Ageing Women and the Culture of Eternal Youth: Some Personal and Theoretical Reflections From a Feminist Over Fifty in Brazil”, publicado em coletânea do Pathways of Women’s Empowerment RPC (SARDENBERG, 2014d)

Participação como Expositora na Mesa da Audiência Pública sobre Violência Contra Mulheres e Lei Maria da Penha realizada pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Salvador, em 26 de novembro de 2010, quando apresentei o Relatório Preliminar do OBSERVE (GOMES et al, 2009).

Participação representando o PPGNEIM na 4ª. Reunião Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação Interdisciplinares –RECOPI, promovido pela CAPES, e realizado em Brasília, no período, 29, 30 de novembro e 1º de dezembro de 2010.

Participação como Assessora na Delegação Brasileira na 55ª. Sessão da Comissão do Status da Mulher (CSW) da ONU, realizada em New York, Estados Unidos, de 23 de fevereiro a 05 de março de 2011.

Participação como Expositora representando o OBSERVE no Seminário de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher no Estado da Paraíba, promovido pela Cunha – Coletivo Feminista, e realizado em 6 de maio de 2011, em João Pessoa, Paraíba.

Participação como Expositora representando o OBSERVE na Mesa Redonda, Enfrentamento à Violência, realizada durante a III Conferência Estadual de Políticas

para Mulheres na Bahia, promovida pela Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres da Bahia, e realizada de 12-14 de novembro de 2011.

Participação como Expositora no Simpósio Changing Narratives of Sexuality Theme Panel, Pathways of Women's Empowerment, University of London, School of Oriental and Asian Studies - SOAS, Janeiro de 2012. Apresentação disponível em: <https://www.mixcloud.com/discover/cecilia-sardenberg/>

Participação como Expositora no Seminário “Empowering Women and Girls: What Works?”, promovido pela Hon. Baroness Glenys Kinnock, House of Lords, conjuntamente com o Pathways of Women’s Empowerment Reserach Program Consortium, e realizado no Parlamento Inglês, Londres, 17 de janeiro de 2012.

Participação como Expositora no Painel “Making Change Happen through Collective Action”, realizado pela UN-Women, conjuntamente com a Missão Brasileira na Organização das Nações Unidas, e realizado durante a 56. Sessão da Comissão do Status da Mulher (CSW) da ONU, N. York, NY, 27 de fevereiro a 5 de março de 2012.

Participação como Assessora na Delegação Brasileira à 56. Sessão da Comissão do Status da Mulher (CSW) da ONU, N. York, NY, 27 de fevereiro a 5 de março de 2012.

Participação como Expositora no Painel “Making Progress on Women’s Access to Justice” promovido pelo UN-Women, Progress of the World’s Women Committee, e realizado durante 56. Sessão da Comissão do Status da Mulher (CSW) da ONU, N. York, NY, 27 de fevereiro a 5 de março de 2012.

Participação como Expositora na Audiência Pública sobre o Tema: A Sistematização e o Monitoramento de Dados de Violência contra as Mulheres, da 8ª. Reunião da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito para investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil, realizada em Brasília, em 10 de abril de 2012.

Participação como membro do Bridge International Advisory Committee Steering Group, do BRIDGE/IDS, no Forum Internacional da Association for Women’s Rights in Development - AWID, realizado no Halic Congress Center, em Istambul, Turquia, de 19-22 de abril de 2012.

Participação, a convite, como Comentadora, do Seminário Internacional. Da constituição de um campo: gênero, feminismo e religião. Organizado pelo GREPO (Grupo de Estudos Gênero, Religião e Política), Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC, setembro de 2012. As considerações tecidas naquele evento foram re-elaboradas como um artigo, publicado recentemente em uma coletânea de trabalhos apresentados nesse seminário (SARDENBERG, 2015f).

Participação, a convite, na Audiência Pública – CPMI Mista da Violência Contra a Mulher, Senado Federal, Brasília, DF, setembro 2012.⁵¹

Participação, a convite, como Expositora com o trabalho “Migrações Perigosas: As (Des)Aventuras Semânticas do Conceito de Gênero nos Projetos e Políticas para Mulheres no Brasil”, na Mesa Questões de gênero revisitadas; IV Seminário de Trabalho e Gênero, UFG Gênero, Goiânia, novembro de 2012. O trabalho apresentado foi publicado em coletânea com outros trabalhos apresentado no referido evento (SARDENBERG, 2014c).

Participação, a convite, como integrante da International Steering Committee do BRIDGE – Gender and Development, IDS-Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, Inglaterra, outubro 2012.

Participação, a convite, como Expositora com o trabalho “Antropologia feminista no Brasil: Conexões e tensões entre estudos e ativismo feministas.” Painel 3 - Antropología feminista, movimiento de mujeres y movimiento feminista: tensiones y articulaciones. I Coloquio Latinoamericano de Antropología Feminista, Buenos Aires, Agosto 22 y 23 - 2013 - Facultad de Filosofía y Letras (Puan 480), Universidad de Buenos Aires.

Participação, a convite, como Expositora com o trabalho “Teaching Gender and Development in Brazil: theoretical and practical/political issues”, na Mesa: Theorizing Gender and Development in and through teaching. Challenges and Possible Futures, Workshop for GAD teachers – November 25, 2013, University of Bergen, Noruega, Bergen Resource Centre.

Participação, a convite, com o trabalho “Interdisciplinaridade e Estudos Feministas: Uma Relação em Construção”, no I Encontro Gênero, Interdisciplinaridade e Interseccionalidade, promovido pelo PPGNEIM/UFBA, março de 2014.

Participação, a convite, na qualidade de Coordenadora para o Brasil do Pathways of Women’s Empowerment Research Program Consortium, na Conferência “Beyond 2015: Pathways to a gender just world”, realizada pelo Institute of Development Studies – IDS, Brighton, Inglaterra, maio de 2014.

⁵¹ Veja-se entrevista gravada e disponível no you tube:

<https://www.youtube.com/watch?v=OJuJpF8xnSg>

Participação como Debatedora no ‘Expert Group Meeting - ‘Envisioning women’s rights in the post 2015 context’’, organizado pela UN Women, em N. York, outubro de 2014 (SARDENBERG, 2014).

Participação como Assessora na Delegação Brasileira a 59ª Sessão da Commission on the Status of Women e Conferência Beijing+10, New York, março de 2015. A participação nesse evento resultou na publicação de um artigo sobre os feminismos brasileiros nos espaços da ONU (SARDENBERG, 2015d)

Participação, a convite, do II Coloquio Latinoamericano de Antropología Feminista, Universidad Autonoma Metropolitana – Xochimilco, Cidade do México, outubro de 2015.

Participação, a convite, do I Colóquio Interdisciplinar sobre Gênero e Violências, realizado pelo IEG/UFSC, em novembro de 2015, para proferir a conferência de abertura, sobre “A Dimensão Simbólica da Violência de Gênero Contra Mulheres.”⁵²

⁵² Essa conferência foi gravada. Veja-se: <https://www.youtube.com/watch?v=JmDByAMSts>

6. PRODUÇÃO TÉCNICA E BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo será dedicado à discussão da produção técnica e bibliográfica resultante da minha trajetória acadêmica. Na tentativa de organizá-la, fiz uma periodização de trabalhos elaborados desde 1975, até a presente data, apresentando listagens por décadas em forma de quadros, organizados em ordem cronológica crescente. Incluo neles trabalhos elaborados para disciplinas cursadas no período de formação, minha tese doutoral, livros organizados, artigos em diferentes periódicos e revistas, capítulos de livros, bem como relatórios de pesquisa e projetos, destacando em cor verde o que produzi em parceria. Não incluí tudo que já produzi, vez que, ao longo dos anos, acabei perdendo alguns trabalhos.

Mas, como se poderá constatar, essas listagens incluem trabalhos publicados e não publicados, muitos não constantes do meu Currículo Lattes, pois nem tudo que se produz pode ser ali facilmente registrado. De qualquer forma, a lista já é longa (são 40 anos de trabalho!), razão pela qual não poderei me debruçar sobre tudo, mesmo porque alguns trabalhos já foram mencionados e discutidos ao longo do texto. Começarei, então, apresentando primeiro as listagens, por períodos, destacando no sub-item final do capítulo alguns dos trabalhos que tiveram maior significância para mim.

6.1 Trabalhos Elaborados 1975-1984

O quadro de minha produção técnica e bibliográfica, incluído neste capítulo, começa com trabalhos elaborados durante o Curso de Graduação, alguns já comentados ao longo do texto, muitos do início certamente bastante fraquinhos, mas que registram a minha caminhada na vida acadêmica. Na medida do possível, procurei disponibilizar pela internet, por meio do Repositório da UFBA ou do Academia.edu, o máximo de trabalhos incluídos na listagem, alguns até mesmo escaneados em sua forma original com comentários de meus professores e professoras.

Quadro 6.1 - Produção Técnica e Bibliográfica 1975-1984

- | | | |
|---|--------|--|
| 1 | 1975 a | “The Shadow of a Great Mind: Machiavelli and the Elizabethan Theatre”. Elaborado para a disciplina “English Literature”, Departamento de Inglês, SIU-E |
| 2 | 1975 b | “Ecological Factors in the Collapse of Classic Maya Civilization”. Trabalho elaborado para a disciplina ‘Independent Study in Archaeology’ – Departamento de Antropologia, ISU |
| 3 | 1975 c | “Early Humans in South America: A Critical Review”. Trabalho elaborado |

para a disciplina 'Human Evolution', Departamento de Antropologia, ISU

- 4 1976 a "The Fight is On: Brazil, a Revolution in the making". Trabalho elaborado para a disciplina 'Politics of Developing Countries' – ISU
- 5 1976 b "Provincetown: a summer's view". Elaborado para a disciplina 'Independent Study in Ethnographic Fieldwork'
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6843>
- 6 1977 a "Ethnicity in Provincetown". Elaborado para a disciplina 'Political Anthropology', ISU; aceito para apresentação no Encontro da Northeastern Anthropological Association.
- 7 1977 b "Truck Stop Behavior". Elaborado para a disciplina 'Research Methods in Anthropology', ISU
- 8 1977 c "Power and Play in Language: Black English". Elaborado para a disciplina 'Afro-American Adaptations', Departamento de Antropologia, ISU
- 9 1977 d "Ethnicity and Violence". Elaborado para a disciplina 'Violence and Modernization', Departamento de Ciência Política, ISU
- 10 1977 *A Different Kind of Nunnery In: R.; Brett Williams (eds.) Exploring Total Institutions . Champaign, Illinois (EUA) : Stipes, 1977, p. 111-125. Com Deborah Donnellan. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6911>*
- 11 1977 e "Kinship and Marriage Systems: Problems in Cross-Cultural Analysis". Elaborado para a disciplina "Kinship Analysis", Departamento de Antropologia, Boston University
- 12 1977 f "From the Anvil of Experience: A review of 'Women of the Forest, and of Women and the Family in Rural Taiwan". *Women in Anthropology Newsletter*. Boston, USA, v.1, p.15 – 18.
- 13 1978a L'Homme, la langage, et la société: Lévi-Strauss and the Linguistic Model. Trabalho elaborado para a disciplina 'Proseminar', Boston University.
- 14 1978b "On Impressionism and Impressions on Getting to Know Boston". Elaborado para a disciplina "Field Methods in Anthropology", Departamento de Antropologia, Boston University Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6913>
- 15 1978c Cape Verdean Migration, Strategic marriages and the definition of marriage" . Disciplina Proseminar BU. 1978 Disponível em: [https://www.academia.edu/4062646/Capeverdean Migration Strategic Unions and the Definition of Marriage](https://www.academia.edu/4062646/Capeverdean_Migration_Strategic_Unions_and_the_Definition_of_Marriage)
- 16 1978d "Studying a Housing Complex in Brighton", Trabalho elaborado para a disciplina 'Field Methods in Anthropology', Boston University
- 17 1979 Class Struggle and the Spread of Capitalist Relations of Production in the

Brazilian Northeast: 1880-1965

- 18 1979 [The Sugar Economy in Northeastern Brazil: Transformations in the Relations of Production. Com Pamela Sankar. Para a disciplina Development and Underdevelopment, BU.](#)
- 19 1980 Matrilocality and Patrilineality in Mundurucu Society: A Critical Re-Examination from a Feminist Perspective. Matrilocal Societies, Boston University. Disponível em: https://www.academia.edu/4062697/Matrilocality_and_Patrilineality_in_Mundurucu_Society_A_Critical_Re-Examination_from_a_Feminist_Perspective
- 20 1981 “Capitalism and Rural Unrest in the Brazilian Northeast” – Disciplina Latin American History BU
- 21 1982 “Cesun Metal Working Training Course for Women”, First Process Documenter’s Report, dezembro, 1982 (50 pgs)
- 22 1983 a “Cesun Metal Working Training Course for Women”, Second Process Documenter’s Report, abril, 1983 (22 pgs)
- 23 1983 b “Cesun Metal Working Training Course for Women”, Third Process Documenter’s Report, julho, 1983 (46 pgs)
- 24 1983 c “Cesun Metal Working Training Course for Women”, Fourth Process Documenter’s Report, outubro, 1983 (20 pgs)
- 25 1984 a “Cesun Metal Working Training Course for Women”, Fifth Process Documenter’s Report, fevereiro, 1984 (15 pgs)
- 26 1984 b “Cesun Metal Working Training Course for Women”, Final Process Documenter’s report, maio, 1984 (81 pgs)
- 27 1984 c “Cesun Metal Working Training Course for Women”, Updating Process Documenter’s Report, julho, 1984 (7 pgs)

Conforme se pode constatar pelo Quadro 6.1 acima, nesse período, produzi bastante, um total de 27 trabalhos, o que dá uma média de 2,7 trabalhos por ano. Note-se, porém, que a maior parte se trata de trabalhos elaborados para atender requisitos para a conclusão das disciplinas cursadas na graduação e pós-graduação, ou então de quanto do relatórios de pesquisa referentes a minha participação como documentadora do Curso de Serralheria para Mulheres do CESUN, para o Pathfinder Fund. No entanto, apenas dois trabalhos foram publicados: a resenha publicada no “Women in Anthropology Newsletter” e o artigo escrito em parceria com Deborah Donnellan sobre as ‘sororities’.

6.2 Trabalhos Elaborados 1985-1994

A década em questão não parece ter sido tão pródiga em termos de trabalhos. Conforme delineado no Quadro 6.2, foram elaborados 14 trabalhos, totalizando uma média de apenas 1,4 trabalhos por ano. Mas note-se que 1 (um) trabalho foi publicado como capítulo de livro, ao passo que 6 (seis) outros foram publicados em periódicos, dentre eles, dois na *Revista Estudos Feministas*, conceituada com Qualis A1 pela CAPES, o que denota uma melhora na qualidade dos trabalhos.

Ressalte-se também que durante o período em apreço, quase dois anos foram dedicados à elaboração da minha tese doutoral, cujos desdobramentos em termos de trabalhos elaborados só seriam computados na década seguinte.

Observe-se, ainda, que os trabalhos em parceria (em cor verde), principalmente com Ana Alice Costa, começam a ganhar vulto na minha produção bibliográfica.

Quadro 6.2 - Produção Técnica e Bibliográfica 1985-1994

1	1988	“Proposta de Criação e Implantação do Centro da Mulher Suburbana – CEMS’. Com Antonia dos Santos Garcia, Ana Alice Alcantara Costa e Anailde Almeida, 1988 (30 pgs)
2	1989	“Seminário Nacional, O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas.” <i>Revista Impressões</i> . v.Ano I, p.76 - 81, (com Ana Alice Costa)
3	1989	“Análise Crítica da Metodologia do Programa de Grupos Solidários”. Projeto SAFLAC, Convênio Unicef/CDDM, abril, 1989 (43 pgs).
4	1991 a	“Subsídios para uma política de autogestão dos núcleos de estudos sobre a mulher: a experiência do NEIM”. Trabalho elaborado para apresentação ao I Encontro Nacional de Nucleos de Estudos sobre a Mulher nas Universidades Brasileiras, São Paulo, 3 a 5 de março de 1991, promovido pelo NEMGE/USP.
5	1991b	“Marxismo e Feminismo: Repensando o Debate sobre Sexo e Classe”. Trabalho apresentado ao GT Gênero e Sexualidade, IIa Reunião Regional de Antropólogos do Norte e Nordeste, 3 a 6 de março de 1991, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.
6	1991	“Marco de Referências sobre a Situação da Mulher Pescadora no Recôncavo”. Projeto IBAMA/NEIM, fevereiro de 1991. Com Neuza Maria de Oliveria, Claudia Cristina Sousa e Henrique Jorge Lyra.
7	1993	“De incomodada à sempre livre? Notas sobre o ‘Menstruar’ e o ‘Ser Mulher’ nas embalagens e anúncios de absorventes femininos”. Trabalho apresentado ao III Encontro da Rede Regional Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero – REDOR, Natal, UFRGN, 1993.

- 9 1993^a Rede Regional Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero - REDOR. *Revista Brasileira de Enfermagem.* , p.171 - 175, 199 (com Ana Alice Costa) Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671993000200012
- 10 1993b Feminismus, Feministinnen und Soziale Bewegungen. Freiburg: *Brasilien Rundbrief.* , p.26 - 32, (com Ana Alice Costa)
- 11 1993c Feminismo e Feministas. *Revista Baiana De Enfermagem.* , v.VI, p.05 - 29, 1993. (com Ana Alice Costa)
- 12 1994^a Teoria e Práxis Feministas na Academia: Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Revista Estudos Feministas.* , v.especial, p.387 - 400, 1994. (com Ana Alice Costa)
Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16171>
- 13 1994b “Feminismo, Feministas e Movimentos Sociais”. In: M.C. Binghamer; Mc.Brandão (orgs.), *Mulher e Relações de Gênero*, São Paulo : Loyola, 1994, p. 81-114. (com Ana Alice Costa). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6889>
- 14 1994 De Sangrias, Tabus e Poderes: A menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista Estudos Feministas.* , v.2, p.314 - 344, 1994.
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6846>

6.3 Trabalhos Elaborados 1995-2004

No Quadro 6.3 abaixo estão dispostos os trabalhos elaborados na década 195-2004. Nesse período, elaborei um total de 30 trabalhos – uma média de 3,0 trabalhos por ano, o que representou pouco mais que o dobro dos trabalhos elaborados na década anterior. Desse total, 23 foram publicados, dos quais 5 em periódicos (2 internacionais), 11 capítulos de livros e os demais como livros organizados.

Quadro 6.3 - Produção Técnica e Bibliográfica – Cecilia Maria Bacellar Sardenberg 1995-2004

- 1 1996 O Bloco do Bacalhau: Ritualized Protest Among Textile Workers in Salvador, Bahia, Brazil. Trabalho apresentado na sessão “New Perspectives in Working Class Experiences in Brazil”, realizada durante a 95th Annual Reunion of the American Anthropological Association, San Francisco, November 20-24, 1996.
- 2 1997a In the Backyard of the Family: Gender, Class, Power, and Community in Bahia, Brazil. Ann Arbor, Michigan : UMI Dissertation Services, 1997
Disponível em:

[https://www.academia.edu/24571016/IN THE BACKYARD OF THE FACTORY GENDER CLASS POWER AND COMMUNITY IN BAHIA BRAZIL](https://www.academia.edu/24571016/IN_THE_BACKYARD_OF_THE_FACTORY_GENDER_CLASS_POWER_AND_COMMUNITY_IN_BAHIA_BRAZIL)

- 3 1997b O Bloco do Bacalhau: Protesto Ritualizado de Operárias na Bahia In: Ana Alice Costa, Ivya Alves, Elizete Passos (orgs.) *Ritos, Mitos E Fatos: Mulher E Relações De Gênero Na Bahia*. Salvador, Bahia : NEIM/UFBA, 1997, p. 15-38. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6873>
- 4 1997c E a família, como vai? Reflexões sobre mudanças nos padrões de família e no papel da mulher. *Bahia Análise E Dados*. , v.7, p.5 - 15, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6879>
- 5 1998^a O Gênero da memória: lembranças de operários e lembranças de operárias In: *Metamorfoses: Genero E Interdisciplinaridade*. Salvador : NEIM/UFBA - Coleção Bahianas NO.3, 1998, p. 147-164. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6862>
- 6 1998b Mães e Filhas: Etapas do Ciclo de Vida, Trabalho e Família entre o antigo operariado baiano. Caderno CRH , v.29, p.10 - 15, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2417/1/RCRH-2006-221.pdf>
- 7 1998c Quinze Anos do NEIM. Salvador : NEIM/UFBA, 1998, v.800. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/quinzeanos.pdf>
- 8 1998 Mulheres Profissionais do Direito e a Violência de Gênero In: IV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero, 1998, Salvador. Violência de Gênero: Anais do IV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero. Salvador: NEIM/UFBA, 1998. v.I. p.05 – 12 Com Helyom V.Teles, Alexandrina Celia Fontes, Nereida Mazza
- 9 1998 Análise Crítica do Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Rio Gavião na Perspectiva de Gênero, 1998 Relatório Técnico, com Ana Alice Costa e Elizete Passos
- 10 1998 Plano de Ação para o Programa de Assessoria em Gênero ao Pró-Gavião, 1998 – Relatório Técnico, com Ana Alice Costa e Elizete Passos
- 11 1999 Rural Development in Brazil: Are we practising gender or feminism?. *Gender and Development*. , v.7, p.28- 38, 1999. Com Elizete Passos e Ana Alice Costa Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6709>
- 12 2000 a Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir In: *Um Diálogo com Simone de Beauvoir e Outras Falas*.1a. ed.Salvador, BA : NEIM/UFBA, 2000, v.1, p. 75-107. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6878>
- 13 2000 b Classe, Gênero e Raça: lidando com diferenças e combatendo desigualdades

In: *Identidades Culturais*. 1ª ed. Recife : CUT-Nordeste, 2000, v.1, p. 23-36
Disponível em:

- 14 2000 c Introducing Gender Awareness to Elementary School Teachers in Bahia, Brazil In: *IV International Conference of the Centre for Women in Rural Development: Knowledge, Education and Extension for Women in Rural Areas*, 2000, Berlin, Alemanha. Wissen, Bildung und Beratung für Frauen im ländlichen Raum. Berlin. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6874>
- 15 2000 d “O Gênero da Memória: Um Estudo Sobre a Memória Social do Antigo Operariado Baiano”. Projeto de Pesquisa apresentado ao PIBIC/UFBA, 2000.
- 16 2000 *Um Diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador, Bahia : NEIM/UFBA, 2000, v.1000. p.337. Livro organizado com Alda Motta e Márcia Gomes. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>
- 17 2001 “Mulheres e Sindicatos: Presença Feminina no Sindtêxtil-Bahia nos Anos 50” In: C. Sardenberg el ali, orgs, *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. 1a ed. Salvador, BA : NEIM/FFCH/UFBA, 2001, v.1, p. 133-159. Com Helyom Reis Viana Teles, Francismeire Ferreira, Tatiana Bonfim. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6877>
- 18 2001 *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador : NEIM/FFCH/UFBA, 2001, v.1000. p.199. Livro organizado com Lina Aras e Iole Vanin Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/fazendogenero.pdf>
- 19 2002 “Trabajo e Salud de Las Mujeres del Sector Metalurgico y Mecnanico de Brasil” Publicado na Revista *Scripta Nova - Revista Electronica de Geografia e Ciencias Sociales*, ISSN - 1138-9788. Com Silvia Lúcia Ferreira e Ana Alice Costa. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-24.htm>
- 20 2002 *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador : REDOR/NEIM/UFBA, 2002, v.1000. p.380. Livro organizado com Ana Alice Costa Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismociencia.pdf>
- 21 2002ª Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: Costa; Sardenberg, orgs, *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. 01 ed. Salvador : REDOR/NEIM/UFBA, 2002, p. 89-120. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6875>
- 22 2002b A Mulher Frente à Cultura da Eterna Juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista cinquentona In: *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Salvador : NEIM/UFBA, 2002, p. 51-68. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6847>
- 23 2002c Projeto de Pesquisa: “Corpos Sacrificados: um estudo de práticas estéticas femininas contemporâneas”.

- 24 2004 a With a Little Help from our Friends: Global Incentives and Local Challenges to Feminist Politics in Brazil. *IDS Bulletin* (Brighton). , v.35, p.125 - 129, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6891>
- 25 2004b Uma abordagem histórica da luta das mulheres pela educação. *Lilás Revista Informativa da Coordenadoria da Mulher Recife.* , v.III, p.45 - 47, 2004.
- 26 2004c “O Trabalho Feminino no Brasil: desigualdades de gênero e contrastes regionais.” In: *A Face Feminina do Complexo Metal-mecânico: mulheres metalúrgicas no norte e nordeste.* Salvador : NEIM/UFBA:REDOR:CNM/CUT, 2004, v.01, p. 27-50. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6872>
- 27 2004d O Gênero do Trabalho no Complexo Metal-Mecânico Norte-Nordestino In: *A Face Feminina do Complexo Metal-Mecânico: Mulheres Metalúrgicas no Norte e Nordeste.* 1 ed.Salvador : NEIM/UFBA: REDOR:CNM/CUT, 2004, v.01, p. 51-76. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6872>
- 28 2004e Estudos Feministas: Esboço Crítico In: *Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero* ed.Salvador : REDOR, 2004, p. 17-40. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6880>
- 29 2004 *A Face Feminina do Complexo Metal-mecânico: mulheres metalúrgicas no Norte e Nordeste.* Salvador : NEIM/UFBA - Coleção Baianas, 2004, v.01. p.140. Livro org. com Sílvia Lúcia e Ana Alice Costa Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6869>
<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/facefeminina.pdf>
- 30 2004 *A Sociedade Civil e as Políticas para as Mulheres no Estado da Bahia - Documento Base* In: *I Conferência Estadual de Políticas para as Mulheres, 2004, Salvador. Políticas para as mulheres: um desafio para a igualdade numa perspectiva de gênero.* Salvador: CDDM - Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher, 2004. v.I. Com Sílvia Lúcia Ferreira

6.4 Trabalhos Elaborados 2005-2015

A última década foi certamente a mais profícua em termos de produção técnica e bibliográfica, que chegou a um total de 94 trabalhos, elevando a minha média de produção para 9,4 trabalhos por ano. Esse incremento se deve, em boa parte, pela adoção pelo PPGNEIM da política da CAPES relativa aos programas multidisciplinares, para os quais a publicação dos trabalhos de discentes só conta quando em co-autoria com suas/seus respectivas/os orientadoras/es.

O crescimento na produção de trabalhos observada no período também se deu em função da participação no Projeto Pathways, principalmente no tocante a

publicações internacionais, sem esquecer também que boa parte do trabalhos se vinculam às pesquisas e projetos do OBSERVE.

**Quadro 6.4 - Produção Técnica e Bibliográfica – Cecília Maria Bacellar Sardenberg
2005-2015**

- 1 2005 Teoria y praxis feminista en la academia: los núcleos de estudios sobre la mujer en las universidades brasileñas. In: Bartra, Eli; Careaga, Gloria; Goldsmith, Mary; Lau, Ana. (Org.). Estudios Feministas en América Latina y el Caribe. Mexico: Pueg/UNAM, 2005, v. 1, p. 108-126. Com Ana Alice Costa
- 2 2005 Gender and Energy: the impact of energy policies on poor urban households and small enterprises in Salvador, Bahia, Brazil, Relatório Técnico de Pesquisa para o Winrock International 2005 com Terezinha Gonçalves da Silva.
- 3 2005 I SEMINÁRIO INTERNACIONAL : Enfoques Feministas e o Século XXI Feminismo e Universidade na América Latina. 1. ed. Salvador: NEIM/UFBa, 2005. v. 1000. Em parceria com Ana Alice Costa e Sílvia Lúcia Ferreira
- 4 2005a “Pedagogias Feministas: Uma Introdução” In: *Violência contra as Mulheres: A Experiência de Capacitação das DEAMs da Região Centro-Oeste* ed. Brasília, DF : AGENDE, 2005, p. 21-34.
- 5 2005b “Re-Tecendo a Rede: Reflexões sobre a Trajetória da REDOR” In: I Seminário Internacional: Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina, 2005, Salvador. I Seminário Internacional: Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina. Salvador: NEIM/UFBA, 2005.
- 6 2006^a *Corpos Sacrificados: Reflexões sobre Práticas Estéticas Femininas Contemporâneas*, 2006. Conferência proferida no encontro, *As Mulheres e a Recuperação da Auto-Estima*, Centro de Convenções da Bahia; Cidade: Salvador, Bahia;
- 7 2006b “Experiências de Transversalização de Gênero e Raça”, Relatório elaborado para o convênio OIT-MTE 2006.
- 8 2006c Pathways of Women's Empowerment: Regional Scoping Report for Latin America, Pathways Relatório Técnico 2006
Disponível em: http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/latin-america-hub-scoping-workshop-report
- 9 2006d Conceituando Empoderamento O Empoderamento de Mulheres na Perspectiva feminista. Trabalho apresentado ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>

- 10 2006 I Seminário Internacional: Enfoques Feministas e o Século XXI. Feminismo e Universidade na América Latina. Salvador : NEIM/UFBA, 2006, v.1. p.3000. CD Anais de Evento organizado com Silvia Lúcia Ferreira e Ana Alice Costa
- 11 2006 Diretrizes para a Transversalização de Gênero e Raça no Plano Nacional de Qualificação. Relatório para OIT-MTE, com Ana Alice Costa
- 12 2006 Levantamento das Ações do PNQ na Perspectiva de Gênero e Raça, Relatório para OIT-MTE 2006, com Ana Alice Costa e Terezinha Gonçalves
- 13 2007^a Negotiating Culture in the Promotion of Gender Equality and Women's Empowerment in Latin America, 2007, Background Paper para o PNUD
- 14 2007^b Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?. Labrys. Estudos Feministas (Online). , v.11, p.45 - , 2007.
Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys11/sumariogeral.htm>
- 15 2007^c “Looking at Sexuality and Identity in the Information Society from a Latin American Feminist Perspective: Implication for Policy Formulation”. Trabalho apresentado na “Strategy Planning Workshop of the Feminist Network on Gender, Development, and Information Society Policies, Promovido pelo IT-for Change, 5-7 de Outubro, 2007, Bangalore, India.
http://www.itforchange.net/images/stories/files/GDISP_Workshop_Report.pdf
- 16 2007^d Back to Women? Translations, Re-Significations, and Myths of Gender in Policy and Practice in Brazil In: Repositioning Feminisms in Development ed. Londres : ZED Books, 2006, p. 48-64.Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6876>
- 17 “The Right to Abortion: Briefing from Brazil”> *Open Democracy*
Disponível em: http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/the-right-to-abortion-briefing-from-brazil-open-democracy
- 18 2008^a II Seminário Nacional: O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e Perspectivas. Salvador : NEIM, 2008 CD de Anais Organizado com Ana Alice Costa Disponível em:
<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismovinteanos.pdf>
- 19 2008^b A transversalização de Gênero e Raça no Plano Nacional de Qualificação: análise crítica e diretrizes. Ser Social (UnB). , v.10, p.101 - 138, 2008. Com Ana Alice Costa. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6849>
- 20 2008^c La trayectoria del feminismo académico y la creación del Programa de Estudios Interdisciplinarios sobre Mujeres, Género e Feminismo. In: V Congreso Iberoamericano de Estudios de Género, 2008, Rosario/Argentina. Los caminos de la libertad y la igualdad en la diversidad. Rosario/Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2008. v. 1. p. 1-8. Com Ana Alice Costa
Disponível em:

http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/la-trayectoria-del-feminismo-academico-y-la-creacion-del-programa-de-estudios-interdisciplinarios-sobre-mujeres-genero-e-feminismo

- 21 2008d O Feminismo no Brasil: Uma (Breve) Retrospectiva In: O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas ed.Salvador : NEIM/UFBA, 2008, v.1, p. 23-50. Com Ana Alice Costa
- 22 2008 e APRESENTAÇÃO Exatamente 20 anos depois . In: Costa, Ana Alice; Sardenberg, Cecília Maria. (Org.). O FEMINISMO NO BRASIL: REFLEXÕES TEÓRICAS E PERSPECTIVAS. 1ed.Salvador: NEIM/UFBA, 2008, v. 1, p. 3-08. Com Ana Alice Costa
- 23 2008 Campaigning for the Right to Legal and Safe Abortion in Brazil. *IDS Bulletin* (Brighton). , v.39, p.55 - 61, 2008. Com Gilberta Soares
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6842>
- 24 2008 Tempos de mudança, vidas em mutação: o empoderamento de mulheres na Bahia através de In: *Fazendo Gênero 8*, 2008, Florianópolis. *Fazendo Gênero 8*. , 2008. Com Fernanda Capibaribe e Carolina Santana
Disponível em: http://s3-eu-west-1.amazonaws.com/pathwaysofempowerment-org-staging/downloads/tempos_de_mudanca_vidas_em_mutacao_o_empoderamento_de_mulheres_na_bahia_atraves_das_geracoes_original1d6ed8056b9059e0e75d4d3b8ff1744f.pdf
- 25 2008 Relações de gênero: uma breve introdução ao tema In: *Ensino e gênero: perspectivas transversais* ed.Salvador : NEIM/UFBA, 2008, v.1 Com Márcia Macêdo. Disponível em:
http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf
- 26 2008a Liberal vs Liberating Empowerment: A Latin American Feminist Perspective on Conceptualising Women's Empowerment. *IDS Bulletin* (Brighton. 1984). , v.39, p.18 - 27, 2008. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6710>
- 27 2008b Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas In: *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. ed.Salvador : NEIM/UFBA, 2008, v.1, Disponível em:
http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf
- 28 2009 a Liberal vs. Liberating Empowerment: Conceptualising Women's Empowerment from a Latin American Feminist Perspective. Brighton, UK : IDS: Pathways of Women's Empowerment, 2009, v.01. p.48. Disponível em:
http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/liberal-vs-liberating-empowerment-a-latin-american-feminist-perspective-pathways-working-paper-7
- 29 2009 b "O Feminismo Acadêmico no Brasil." Comunicação Oral apresentada à Mesa

- “Histórias e Cenários das Mulheres Amazônidas: ciência e conhecimentos nas relações de gênero”, IV Encontro Amazônico Sobre Mulheres e Gênero e I Encontro de Pesquisadoras/es Paraenses Sobre Gênero, Mulheres, Cidadania, GEPEM/UFPA, Belém, 17-20 de novembro de 2009.
- 30 2009 c “Desafios Contemporâneos para o Feminismo: Teorizando sobre Gênero na Dinâmica das Relações Sociais”. Trabalho apresentado ao I Seminário Internacional Brasil França, Gênero, Raça, Classe e Identidade Social. NEIM/UFBA: Salvador, Bahia, Agosto de 2009.
- 31 2009 d “Desigualdades de Gênero e Trabalho Feminino no Brasil”. Apresentação de trabalho como pesquisadora convidada na Comissão Especial da Câmara dos Deputados sobre Crise Econômica, Brasília, DF. 2009.
- 32 2009 e “Identificando Entraves na Articulação dos Serviços de Atendimento às Mulheres Vítimas da Violência Doméstica e Familiar em Cinco Capitais”. Projeto de pesquisa apresentado pelo OBSERVE a UNIFEM, 2009.
- 33 2009 [Monitoramento da Lei Maria da Penha - Relatório Preliminar de Pesquisa, 2009 OBSERVE. Com Márcia Gomes, Cândida Ribeiro Santos, Zilmar Alverita Disponível em: http://www.observe.ufba.br/_ARQ/relatoriofinal.pdf](http://www.observe.ufba.br/_ARQ/relatoriofinal.pdf)
- 34 2009 [“Os Desafios da Implementação.” *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2009. Com Márcia Gomes. Disponível em: http://jbonline.terra.com.br/pextra/2009/08/06/e060818477.asp](http://jbonline.terra.com.br/pextra/2009/08/06/e060818477.asp)
- 35 2010 a Women's Empowerment in Brazil: Tensions in Discourse and Practice. Development (Cambridge). , v.53, p.232 - 238, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6708>
- 36 2010 b Family, Households and Women's Empowerment in Bahia, Brazil, Through the Generations: Continuities or Change?. IDS Bulletin (Brighton. 1984). , v.41, p.88 - 96, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6707>
- 37 2010 c Da Transversalidade à Transversalização de Gênero In: Travessias de Gênero na Perspectiva Feminista.1 ed.Salvador : NEIM/EDUFBA, 2010, v.1, p. 15-30. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6923>
- 38 2010 d “Brazilian Feminists on the Alert”. *Open Democracy*. Grã-Bretanha, Fevereiro, 2010. <http://www.opendemocracy.net/5050/cecilia-sardenberg/brazilian-feminists-on-alert>
- 39 2010 e “Feminists and the MDGs: Perspectives from Brazil,”. Comunicação na Mesa organizada pela Amnesty International e One Action Aid durante a 54th Meetings of the Committee on the Status of Women-CSW, ONU, New York, 6 de março de 2010.
- 40 2010 f “Feminismos no Brasil, Atual e Atuante.” *Revista Brasileiros*, No. 34, maio de 2010:82-83. <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/34/textos/1009/>
- 41 2010 [Por Onde Andei: Memórias de Uma Velha Agricultora Assentada In:](#)

- Travessias de Gênero na Perspectiva Feminista.1 ed.Salvador : NEIM/EDUFBA, 2010, v.1, p. 135-150. Com Maria de Lourdes Novaes Schefler
http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/Colecao_bahianas-n12_RI.pdf
- 42 2010 Feminisms in Contemporary Brazil: Advancements, Shortcomings, and Challenges In: Women's Movements in a Global Era: The Power of Local Feminisms.1 ed.Boulder, Colorado, USA : Westview Press, 2010, p. 125-150. Com Ana Alice Costa
- 43 2010 Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher e A Rede De Serviços Para Atendimento De Mulheres em Situação de Violência em Cuiabá, Mato Grosso. Salvador, Bahia : NEIM/UFBA, 2010, v.1. p.105. Organizado com Wânia Pasinato
- 44 2010 A institucionalização dos Estudos Feministas e de Gênero e os novos desafios In: 2o. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa: Pensando Gênero e Ciências, 2009, Brasília. 2o. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa: Pensando Gênero e Ciências. Brasília: Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2010. v.01. p.55 – 70. Com Ana Alice Costa e Iole Vanin
- 45 2010 Domestic Violence and Women's Access to Justice in Brazil. Relatório elaborado para o UNIFEM, 2010. OBSERVE. Com Márcia Tavares, Márcia Gomes e Wânia Pasinato
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6925>
- 46 2010 A Aplicação da Lei Maria da Penha em Foco. Salvador, Bahia : NEIM/UFBA, 2010, v.01. p.56. Com Márcia Gomes e Márcia Tavares
- 47 2011a Da Transversalidade à Transversalização de Gênero: Aportes conceituais e prático-políticos In: Gênero e Diversidade na gestão educacional.02 ed.Salvador : UFBA/NEIM, 2011, v.01, p. 17-42.
http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf
- 48 2011b Considerações Introdutórias Às Pedagogias Feministas In: Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais.2 ed.Salvador : UFBA/NEIM, 2011, v.1, p. 19-38.
http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf
- 49 2011c A Igualdade Racial Na Perspectiva Da Interseccionalidade De Gênero, Raça E Etnia In: Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais.2 ed.Salvador : UFBA/NEIM, 2011, v.1, p. 89-104.
http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf
- 50 2011d What Makes Domestic Violence Legislation More Effective?, Pathways Policy Brief, 2011
Disponível em: http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/what-makes-

[domestic-violence-legislation-more-effective](#)

- 51 2011e Pathways Latin America Final Report - 2006-2011
Disponível em: http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/pathways-latin-america-hub-final-synthesis-report
- 52 2011f Caminhos De Ida E Volta Do Local Ao Global: As Articulações Dos Feminismos Brasileiros Na Organização Das Nações Unidas. Projeto de Pesquisa Apresentado ao CNPq.
Disponível em: http://s3-eu-west-1.amazonaws.com/pathwaysofempowerment-org-staging/downloads/caminhos_de_ida_e_volta_do_local_ao_global_original_431b636d43de435e3198bb5d7ab34490.pdf
- 53 2011 a Apresentação Dossiê: Feminismos no Brasil em perspectiva. Labrys (Edição em Português. Online). , v.20, p.' - 6, 2011. Com Ana Alice Costa
Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/apresentacao%20ceci.htm>
- 54 2011 b Feminismos no Brasil: Enunciando e Canalizando Demandas das Mulheres em sua Diversidade. Labrys (Edição em Português. Online). , v.20, p.1 - 30, 2011. Com Ana Alice Costa
Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/cecilia.htm>
- 55 2011c Feminismos no Brasil: Enunciando e Canalizando Demandas das Mulheres In: República, 120 anos no Brasil: Uma leitura das mulheres.01 ed.Recife : Governo de Pernambuco, Secretaria de Políticas para Mulheres, 2011, v.01, p. 85-112. Com Ana Alice Costa
- 56 2011 Feminismo, Estado e Políticas de Enfrentamento à Violência Contra Mulheres: Monitorando a Lei Maria da Penha. Labrys (Edição em Português. Online). , v.20, p.1 - 30, 2011. Com Márcia Tavares e Márcia Gomes
Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/lei%20MP.htm>
- 54 2011 Representações Sobre A Prostituição Feminina. Na Obra De Jorge Amado: Um Estudo Estatístico. In: *Estudos de Gênero e Interdisciplinaridade no Contexto Baiano*.1 ed.Salvador :EDUFBA/NEIM, 2011, v.1, p. 39-66. Com Gustavo Brívio
Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/bahianas-n13_repositorio.pdf
- 58 2011 Relações De Gênero: uma breve introdução ao tema In: Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais.2 ed.Salvador : UFBA/NEIM, 2011, v.1, p. 39-58. Com Márcia Macêdo. Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/ENSINOeGENERO_miolo_FINAL.pdf
- 59 2011 Movimentos Feministas, Aborto E Laicidade: O Caso De Alagoinha Como Exemplar In: *Gênero, Mulheres e Feminismos - Coleção Bahianas* ed.Salvador : EDUFBA/NEIM, 2011, v.14, p. 195-210. Com Carla Batista
Disponível em:

[https://www.academia.edu/3543460/G%C3%AAnero Mulheres e Feminismos Autor a Alinne Bonneti e %C3%82ngela Maria Freire de Lima e Souza Org.](https://www.academia.edu/3543460/G%C3%AAnero_Mulheres_e_Feminismos_Autor_a_Alinne_Bonneti_e_%C3%82ngela_Maria_Freire_de_Lima_e_Souza_Org.)

- 60 2011 Educação Escolar: Um Instrumental Importante Para O Empoderamento De Mulheres? In: Estudos de Gênero e Interdisciplinaridade no Contexto Baiano.1 ed.Salvador : EDUFBA/NEIM, 2011, v.1, p. 167-196. Com Odezina SUzarte
Disponível em: http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/bahianas-n13_repositorio.pdf
- 61 2011 Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de julho de 2011, 2011, Curitiba, Paraná. Mudanças, Permanências e Desafios Sociológicos XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba: UF Paraná, 2011. v.01. Com Gilberta Soares
Disponível em: [file:///C:/Users/Cecilia/Downloads/sbs2011_GT22_Gilberta Santos Soares %20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cecilia/Downloads/sbs2011_GT22_Gilberta_Santos_Soares%20(1).pdf)
- 62 2011 A Lei Maria da Penha e o acesso das mulheres à justiça no Brasil In: XXVIII Congresso Internacional da ALAS, 6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE, 2011, Recife, PE. XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS. Recife: UFPernambuco, 2011. v.1. Com Márcia Tavares e Márcia Gomes
- 63 2012 Feminismo E Políticas Públicas: Monitorando A Implementação Da Lei Maria Da Penha In: XXX Congresso da LASA-Latin American Studies Association, 2012, San Francisco, CA, EUA. LASA International Congress Papers. Pittsburgh: LASA, 2012. Com Márcia Tavares e Márcia Gomes
- 64 2012 A história de uma mulher contada através de marcadores sociais: a experiência como lugar de contestação In: VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e Gênero (ABEH), 2012, Salvador, Bahia. Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Salvador, Bahia: UFBA, 2012. v.1. Com Gilberta Soares
- 65 2012a Práticas sexuais, contracepção e aborto provocado entre mulheres das camadas populares de Salvador. Estudos de Sociologia (São Paulo). , v.17, p.65 - 84, 2012.
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6706>
- 66 2012b “Negotiating Culture in the Promotion of Gender Equality and Women’s Empowerment in Latin America”. IDS Working Paper (Online). , v.2012, p.03 - 44, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6924>
Também disponível em: http://www.pathwaysofempowerment.org/archive_resources/negotiating-culture-in-the-promotion-of-gender-equality-and-women-s-empowerment-in-latin-america-ids-working-paper-407
- 67 2012c “Feminist organisation and the future of women’s human rights: the perspective from Brazil”. Paper presented at the conference “Global Challenges to Women’s Human Rights: Twenty-five years of CEDAW”, organized by Womenkind Worlwide; Portcullis House, Westminster,

September 9, 2004.

Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6892>

- 68 2013 "Caminhos de Ida e Volta do Local ao Global: Os Feminismos Brasileiros nos Espaços da ONU". Relatório de Pesquisa CNPq
- 69 2013 O que torna as leis de enfrentamento da violência doméstica mais eficazes?. Revista Feminismos. , v.1, N. 2 p.100 - 114, 2013.
- 70 2013 **Visibilizando A Mulher No Espaço Público : A Presença Das Mulheres Nas Universidades In: Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais do Feminismo. Florianópolis: IIEG/UFSC, 2013. Com Régis Glauciane Souza**
- 71 2013a **Mulheres Agricultoras: Um Olhar Feminista E Geracional In: III Seminário Enlaçando Sexualidades, 2013, Salvador, Bahia. Anais do III Seminário Enlaçando Sexualidades. Salvador, Bahia: UNEB, BA, 2013. v.1. Com Ana Elisabeth Siqueira**
- 72 2013b **Mulheres Agricultoras: Experiências De Empoderamento In: Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais do Feminismo. Florianópolis: IIEG/UFSC, 2013.**
- 73 2014 a Family, Households and Women's Empowerment through the Generations in Bahia, Brazil: Continuities or Change? In: Feminisms, Empowerment and Development: Changing Women's Lives.1 ed.Londres e New York : Zed Books Ltd., 2014, p. 295-313.
Disponível em: https://www.academia.edu/23152792/Families_Households_and_Womens_Empowerment_in_Bahia_Brazil_Through_the_Generations_Continuities_or_Change
- 74 2014b Revisitando o campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista. Mora. , v.20, p.30 - 60, 2014.
Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2014000100004
- 75 2014c Migrações Perigosas: As (Des)Aventuras Semânticas do Conceito de Gênero nos Projetos e Políticas para Mulheres no Brasil In: Iguais? Gênero, Trabalho e Lutas Sociais.1a ed.Goiânia : Editora da PUC Goiás, 2014, p. 19-48.
Disponível em: https://www.academia.edu/13143820/Migra%C3%A7%C3%B5es_Perigosas_As_Des_Aventuras_Sem%C3%A2nticas_do_Conceito_de_G%C3%AAnero_nos_Projetos_e_Pol%C3%ADticas_para_Mulheres_no_Brasil
- 76 2014 d Aging Women and the Culture of Eternal Youth: Some Personal and Theoretical Reflections from a Feminist over Sixty in Brazil' In: Changing Narratives of Sexuality: Contestations, Compliances and Women's Empowerment.1 ed.Londres e New York : Zed Books Ltd., 2014, p. 141-162.
- 77 2014 **Rastreado o Feminino, Rompendo Silêncios: "queixas" e "cenas" da**

- violência contra a mulher em Conceição do Coité-BA (1980-1990) In: Mulheres e Movimentos: estudos interdisciplinares de gênero - Coleção Bahianas 16.01 ed.Salvador, Bahia : EDUFBA; NEIM, 2014, p. 123-148. Com Zuleide Silva
Disponível em:
- 78 2014 Participatory Pathways: Researching women's empowerment in Salvador, Brazil. Women's Studies International Forum. , v.45, p.72 - 80, 2014. Com Andrea Cornwall Disponível em: https://www.academia.edu/12614485/Participatory_Pathways_Researching_Womens_Empowerment_in_Salvador_Brazil
- 79 2014 Mulheres Agricultoras: Um Olhar Feminista e Geracional. Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. , v.7, p.33 - 42, 2014. Com Ana Elizabeth Siqueira
- 80 2014a Teoria e Práxis Feministas na Academia: Os Núcleos de Estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. Revista Feminismos. , v.2, p.31 - 39, 2014, com Ana Alice Costa
- 81 2014b Contemporary Feminisms In Brazil: Achievements, Challenges, And Tensions. Revista Feminismos. , v.2, p.53 - 82, 2014. Com Ana Alice Costa
- 82 2014c Feminisms in Brazil: Voicing and Channeling Women's Diverse Demands In: Voicing Demands Feminist Activism in Transitional Contexts. Londres e New York : Zed Books Ltd., 2014, p. 56-81. Com Ana Alice Costa
- 83 2014 Apresentação do No.2, Volume 2 Número Especial. Revista Feminismos. , v.2, p.1 - 3, 2014. Com Márcia Tavares, Ângela Freire, Felipe Fernandes, Clarice Costa Pinheiro
- 84 2015a Minha amiga Ana Alice e eu: Caminhos entrelaçados para sempre. Labrys (Edição em Português. Online). , v.janeiro/ju, p.1 - 9, 2015.
Disponível em: <http://labrys.net.br/labrys27/analice/cecilia.htm>
- 85 2015b Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista In: Gênero e Ciências: mulheres em novos campos.1 ed.Salvador, Bahia : Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2015, v.01, p. 193-244. (No prelo)
- 86 2015c Caleidoscópios de Gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. Mediações - Revista de Ciências Sociais. , v.20, p.56 - 96, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24125>
- 87 2015d Brazilian Feminisms in Global Spaces: Beijing and Beijing+20. IDS Bulletin (Brighton. 1984). , v.46, p.115 - 122, 2015.
Disponível em: https://www.academia.edu/14522238/Brazilian_Feminisms_in_Global_Spaces_Beijing_and_Beijing_20
- 88 2015e Ana Alice Alcântara Costa: 'guerreira e forte para todo o sempre' (1951-2014). *Revista de Estudos Feministas*. v.23, p.151 - 155, 2015.

Disponível

em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100151

- 89 2015f “Gênero, Religião E (Des)Empoderamento De Mulheres: O Caso De Plataforma, Bahia” In: Rosado, M.J. (org.) *Gênero, Feminismo e Religião - Sobre um Campo em Constituição*. 1 ed. São Paulo : Garamond Universitário, 2015, p. 179-208.
- 90 2015g “Feminismo Acadêmico Como Um Campo De Ação Dos Feminismos Brasileiros: Trajetórias, Conexões, Tensões E Novos Desafios”. Trabalho apresentado ao II Colóquio Latinoamericano de Antropologia Feminista, UAM-Xochimilco, Cidade do México, 4-9 de outubro de 2015.
- 91 2015h Gênero e Políticas para Mulheres no Brasil: Reflexões em torno de uma experiência doída. *Caderno Espaço Feminino*. (No prelo)
- 92 2015 *Balanço Sobre a Lei Maria da Penha. Revista de Estudos Feministas. , v.23, p.497 - 500, 2015. Com Miriam Grossi*
- 93 2015 *Apresentação. Revista Feminismos. , v.3, p.1 - 3, 2015. Com Ângela Freire e Souza, Márcia Tavares, Felipe Fernandes, Clarice Costa Pinheiro*
- 94 2015 *Gênero e Ciências: mulheres em novos campos. Salvador, Bahia : Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2015, v.01. p.292. Organizado com Luzinete Simões Minela (No Prelo)*

Com efeito, analisando as listagens apresentadas acima, vê-se que existe certo equilíbrio entre trabalhos elaborados individualmente e trabalhos escritos em parceria. Em boa parte, essas parcerias foram com alunas e alunos da pós-graduação, além dos trabalhos produzidos pelo OBSERVE, quase todos em parceria com Márcia Tavares e Márcia Gomes. Contudo, mesmo uma rápida consulta da lista tornará evidente que a principal parceira na minha trajetória foi Ana Alice Alcântara Costa, tanto nas atividades de extensão, quanto na escrita, principalmente nos trabalhos versando sobre feminismos no Brasil. E sempre foi muito bom trabalhar com ela. Costumávamos trocar ideias pelo telefone até altas horas da noite, ou por e-mails pela madrugada afora (ainda tenho vários guardados como lembrança!), discutindo os trabalhos. No depoimento que escrevi para a Revista Labrys em homenagem à Alice, falei sobre essa nossa parceria, concluindo o referido artigo desta forma:

“[...] tive a felicidade de conhecer Ana Alice de perto e de desfrutar da sua amizade por mais de 33 anos. Guardarei sempre lembranças felizes do nosso tempo juntas, em especial, do dia em que nós duas fomos homenageadas pela Câmara Municipal de Salvador, em reconhecimento às ousadias e traquinagens feministas que aprontamos juntas no NEIM. E fico feliz por lembrar que escrevemos vários trabalhos em parceria, principalmente sobre os feminismos

brasileiros, de sorte que nossos nomes, assim como nossos caminhos, ficarão entrelaçados para sempre.” (SARDENBERG, 2015c, p.8)

6.5. Alguns Trabalhos de Destaque

6.2.1 “In the Backyards of the Factory: Gender, Class, Community and Power in Bahia, Brazil”. Tese de doutoramento, 1997

Minha tese de doutoramento, defendida no Departamento de Antropologia da Boston University em dezembro de 1996, guarda, para mim, um significado muito especial - e não apenas pelo valor simbólico em minha carreira. Apesar do sofrimento e dos muitos problemas que a elaboração de uma tese doutoral sempre implica, guardo boas recordações desse período. Passado, em sua maior parte, no apartamento da Washington St. na cidade costeira de Gloucester, em Massachusetts, com meus filhos, esse período foi dedicado totalmente à escrita da tese, ou seja, foi voltado para o que Roberto Cardoso de Oliveira (1986) destacou como o momento do “escrever” do “trabalho do antropólogo”, o grande momento das ‘descobertas’.

Seguindo a solicitação da Profa. Sutti Ortiz, minha orientadora, passei meu primeiro mês de ‘escrita’ organizando um ‘detailed outline’ ou ‘roteiro detalhado’ da tese, um exercício que cobriu quase 20 páginas, nas quais delineei cada capítulo e seus sub-ítem, seus objetivos e a bibliografia e demais fontes a serem utilizadas em cada um. Mas, valeu a pena! Comparando o produto final com esse roteiro inicial, vê-se que, apesar de algumas mudanças – a tese cresceu muito! – seguiu o roteiro bem de perto. Isso facilitou em muito o trabalho.

Desde o início, minha orientadora me perguntava: “qual é a sua tese, qual seu argumento central?” E, confesso, eu não sabia como responder, não sabia a resposta. Levei meses escrevendo capítulo atrás de capítulo, sempre com aquela pulga atrás da orelha: “qual é a minha tese? O que estou procurando provar?” Só comecei de fato a descortinar o que seria ‘minha tese’, quando escrevi o capítulo 6, voltado para as lutas operárias. Junto ao que eu já havia elaborado nos capítulos sobre o trabalho na fábrica, a discussão das lutas me fez perceber que o cerne da minha tese estava em demonstrar como ‘gênero’ recortava a experiência de classe em todos seus aspectos. Desde então, comecei a pensar na ‘dinâmica das relações sociais’ com seus vários recortes (gênero, raça, classe, idade, geração, sexualidade...), questão que ainda é uma das minhas principais preocupações, a exemplo do artigo que publiquei recentemente na *Revista Mediações* sobre os ‘Caleidoscópios de Gênero’, sobre o qual falarei mais adiante (SARDENBERG, 2015c).

6.2.2 “O Bloco do Bacalhau: Protesto Ritualizado de Operárias da Bahia”, 1997

Publicado em uma coletânea do NEIM, organizada, por Ana Alice Costa e Ívia Alves, esse artigo (SARDENBERG, 1997b) foi apresentado originalmente no Encontro da AAA, em San Francisco, em 1996. Foi extraído de um capítulo da Tese – justamente o tal capítulo 6 que me permitiu entender melhor a experiência operária das mulheres. O artigo começa falando desse Bloco de carnaval:

Até fins dos anos 40, o sábado de carnaval era um dia muito especial para as operárias da Fábrica São Braz, uma antiga fábrica de tecidos localizada no Subúrbio de Plataforma, em Salvador. Era nesse dia que as operárias ‘botavam’ o Bloco do Bacalhau nas ruas abrindo as comemorações momescas no bairro. Assim, ao invés de correr direto para casa tão logo soassem os apitos anunciando o fim da jornada, as mulheres se reuniam nos portões da fábrica. E mesmo exaustas e suadas depois das longas horas labutando sob forte calor e o barulho ensurdecido das máquinas, elas não escondiam sua alegria. É que suas energias se renovavam quando a banda do bloco chegava e começava a tocar. Daí, dançando e cantando ao ritmo dos acordes da banda, as mulheres percorriam as ruas do bairro angariando aplausos e seguidores por todo o percurso. O cortejo subia a longa ladeira que ia da fábrica até a Praça São Braz e volteava-a algumas vezes, antes de ali se dispersar no meio do povo e da folia. Mas a banda continuava a tocar até altas horas da noite, alegrando, para todos, a festa de abertura do carnaval em Plataforma. (SARDENBERG, 1997b, p.15)

E argumenta, mais adiante, que no bom estilo dos rituais de rebelião, essa ‘performance’ das mulheres no bloco “expressava de forma jocosa e ambígua, o protesto das operárias contra o regime patriarcal então vigente, reafirmando, entremeio as brincadeiras docarnaval, o importante papel por elas desempenhado na economia doméstica e na construção das relações de vizinhança no bairro”. (SARDENBERG, 1997b, p.17).

De fato, no Bloco, se processava uma inversão da ordem hierárquica de gênero vigente, as mulheres deixando de lado a sua suposta passividade e recato, tomando iniciativas que eram comumente vistas como prerrogativas masculinas:

“No Bacalhau, as mulheres é que convidavam os homens para dançar, revertendo assim seu papel nas iniciativas sexuais. Da mesma maneira, no Bacalhau, as mulheres cantavam cantigas cheias de conotações sexuais o que, em outras circunstâncias, era considerado totalmente impróprio para lábios e vozes femininas. Este era precisamente o caso do ‘grito de guerra’ do Bacalhau, repetido diversas vezes pelas integrantes do bloco no cortejo: Olha o Bacalhau enfiado no pau, Olha o Bacalhau enfiado no pau, Lá vem o Bacalhau enfiado no pau...” (p.32).

Essa performance poderia ser interpretada como um ‘rito de inversão’, no qual se racionaliza a subordinação das mulheres tornando o reverso, ridículo. Entretanto, isso só se aplicaria ao que acontecia em relação à situação das mulheres na fábrica e

no sindicato, onde as mulheres ocupavam posições subalternas. Mas, não ao que acontecia no espaço doméstico e na comunidade como um todo. Nesses outros espaços, a mulher ocupava um lugar de liderança. Nessa perspectiva, portanto, o Bloco do Bacalhau como um 'ritual de rebelião' não envolvia uma negação, mas, ao invés, uma afirmação da importância das mulheres no bairro e na casa.

O mais interessante é que apresentei o livro no qual esse artigo foi publicado à AMPLA, tendo notícia, anos mais tarde, que um grupo de teatro de jovens do bairro fez uso dele, dentre outras fontes, para produzir uma peça sobre a história do bairro. Mais recentemente, esse artigo serviu de base para a elaboração de um projeto de re-articulação do Bloco do Bacalhau no bairro, que foi financiado pela Secretaria da Cultura da Bahia. O Bloco foi às ruas no Carnaval de 2013 e fui convidada a desfilar nele e a subir no trio elétrico que o acompanhava para me dirigir às participantes. E, confesso, senti uma imensa emoção ao desfilar pelas ruas do bairro junto às novas gerações de mulheres - e de algumas das antigas operárias ainda em forma. Mas senti também a imensa responsabilidade da autoria, ao ver minha 'teoria' se tornar 'fato'!

6.2.3 “De Sangrias, Tabus e Poderes: A Menstruação em uma Perspectiva Sócio-Antropológica” (1994)

Nesse artigo procurei delinear alguns parâmetros teórico-metodológicos básicos para se pensar a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica, para desenvolver a pesquisa, “Sangue, Poder e Destino: Um estudo de práticas e representações sobre a menstruação”, discutida anteriormente. Para tanto, me baseei em exemplos extraídos de narrativas que acredito bem ilustram como os diferentes significados e condutas associados ao 'menstruar' obedecem lógicas culturalmente específicas, configurando o que denominei de “ordens prático-simbólicas da menstruação”. Detive-me, então, na análise dos elementos constitutivos dessas ordens, argumentando que elas atuam como elementos estruturantes e, simultaneamente, estruturados no jogo das relações sociais no qual se tecem as ideologias e identidades de gênero.

Sem falsa modéstia, acredito que esse artigo foi um melhores que já produzi, trazendo uma abordagem da antropologia feminista para tratar de questões relativas à relação 'natureza e cultura.' E fiquei muito feliz quando ele foi aceito para publicação na *Revista Estudos Feministas*, certamente, a mais importante do nosso campo de estudos no Brasil (SARDENBERG, 1994).

6.2.4 “A Mulher Frente à Cultura da Eterna Juventude: Reflexões Teóricas e Pessoais de Uma Feminista Cinquentona” (2002)

Elaborei esse trabalho para ser apresentado à mesa “A Mulher no Espelho da Cultura”, que teve lugar durante o VI Simpósio Baiano de Pesquisadoras sobre Mulheres e Relações de Gênero, realizado em Salvador em fins de novembro, início de dezembro do ano 2000, como uma promoção do NEIM/UFBA. Posteriormente, ele foi

publicado em uma coletânea com trabalhos do evento, organizada por Silvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento (SARDENBERG, 2002b), servindo de base para a elaboração do projeto de pesquisa “Corpos Sacrificados: um estudo sobre práticas estéticas femininas contemporâneas” (SARDENBERG, 2002c). Tendo conhecimento do texto, Andrea Cornwall sugeriu que eu o apresentasse durante o encontro, “Sexuality and Development Workshop”, realizado na Inglaterra, em 2009, como uma promoção do Programa Pathways, IDS/University of Sussex. Traduzido para o inglês, atualizado e ampliado, o artigo foi publicado em uma coletânea organizada por Andrea Cornwall e Susan Jolly, sob o título, “Ageing Women and the Culture of Eternal Youth” (SARDENBERG, 2014d).

No artigo, argumentei que precisávamos construir um novo discurso – um discurso feminista – sobre o corpo feminino em processo de envelhecimento, a partir de reflexões sobre o disciplinamento corporal que a cultura da eterna juventude nos impõe. Trabalhei com a noção de ‘corpos gendrados’ e de ‘subjetividades corporificadas’, na perspectiva de abordar a questão da ‘auto-produção’ de gênero e da interferência das novas práticas estéticas nesse processo.

Confesso, porém, que quando leio ou falo desse artigo, me lembro sempre da brincadeira que fizemos quando ele foi apresentado à mesa do VI Simpósio do NEIM. Ao concluir minha fala, li um pequeno texto sobre “Mulheres no Espelho”, que reproduzo aqui:

Mulheres no espelho

- Aos 3 anos: Se olha no espelho e vê uma rainha!
- Aos 8 anos: Se olha no espelho e vê a Cinderela ou a Bela Adormecida.
- Aos 15 anos: Se olha no espelho e se vê como a Cinderela do Tchan ou a Tiazinha Adormecida, ou, se está na TPM vê a gordura/celulite/espinhas/cabelo espigado ("Mãe, me ajuda, como e que eu vou sair com esta cara HORROROSA!!!")
- Aos 25 anos: Se olha no espelho e se vê muito magra/ muito gorda/muito alta/ muito baixa/ muito peito/ pouca bunda, mas diz "DANE-SE" e decide sair para trabalhar assim mesmo.
- Aos 35 anos: Se olha no espelho e se vê muito magra/ muito gorda/muito alta/ muito baixa/ muito peito/ pouca bunda/ cabelos brancos, mas não tem tempo para consertar tudo e sai para jantar com o marido assim mesmo.
- Aos 45 anos: Se olha no espelho e se vê muito magra/muito gorda/muito alta/ muito baixa/ muito peito/ pouca bunda/ cabelos brancos/ cheia de rugas, mas pensa, "Vou marcar uma plástica" e vai para o casamento da filha assim mesmo.
- Aos 55 anos: Se olha no espelho e diz, "Estou saudável!" e sai para passar o dia com os netos.
- Aos 60 anos: Se olha no espelho e lembra dos amigos que nem com óculos conseguem se olhar no espelho, e vai para o Nordeste numa excursão com outras sessentonas.
- Aos 70 anos: Se olha no espelho e vê sabedoria, paciência e bom-humor, e vai fazer um curso de história da arte.
- Aos 80 anos: Mais do que nunca, adora o que vê no espelho. Coloca um

chapéu roxo e vai se divertir pelo mundo!
NÃO SE ESQUEÇA DE USAR O CHAPÉU ROXO MAIS CEDO!!!⁵³

Ao concluir essa leitura, distribuí entre as minhas colegas de mesa – Ana Alice Costa, Alda Motta, Elizete Passos e Sílvia Ferreira – chapeuzinhos roxos, reservando para mim um imenso chapéu vermelho (não tinha mais roxo!), saindo todas nós da mesa devidamente paramentadas para nos divertirmos pelo mundo!

6.2.5 “Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?” (2002)

Este trabalho foi originalmente elaborado para apresentação à Mesa “Crítica Epistemológica Feminista”, que teve lugar durante o X Encontro da REDOR (NEIM/UFBA, Salvador, 29 de outubro a 1 de novembro de 2001). O texto se baseou na disciplina ‘Estudos Feministas’ que ofereci por vários semestres no PPG-Ciências Sociais da UFBA. Partes deste trabalho foram incorporadas por mim no Texto Didático do Curso “Crítica Epistemológica Feminista” oferecido on-line pela Red Interamericana Feminista, Mujeres em Desarrollo (RIF-MED), através do Colegio de Las Americas, OEA, em 2002. Por tudo isso, a versão final, publicada em uma coletânea da Coleção Bahianas, do NEIM, organizada por Ana Alice Costa e por mim, em 2002 (SARDENBERG, 2002a), tem um tom bastante didático, razão pela qual minhas alunas apreciam bastante esse artigo e, confesso, eu também!

Para construir o artigo, me embrenhei nos escritos de Dorothy Smith, Londa Schienbinger, Nancy Hartsock, Sandra Harding e Donna Haraway, dentre outras autoras de renome no campo dos estudos sobre Gênero e Ciências e das Epistemologias Feministas, o que não se traduziu em tarefa fácil! Não sou versada em filosofia, o que me obrigou a fazer leituras complementares para me situar nos debates. Mas, na verdade, foi ao escrever o artigo que, de fato, comecei a entender melhor os meandros da crítica feminista à ciência e das posições das diferentes epistemologias feministas nos debates. No artigo, estou muitas vezes tentando explicar tudo isso para mim mesma e, ao que me parece, tem um resultando também positivo para minhas alunas e alunos da disciplina ‘Seminários de Teorias Feministas II’, oferecida a doutorandas e doutorandos do PPGNEIM/UFBA.

Por sugestão de Ana Alice Costa, encaminhei o referido texto para a *Labrys, Revista Feminista*, tendo sua publicação ‘online’ acontecido em 2007 (SARDENBERG, 2007a). Isso ajudou bastante na sua divulgação – e creio mesmo que o texto tem tido boa receptividade, haja vista ser um de meus trabalhos mais citados!

⁵³ <http://www.fabulare.net/arquivos/000003.html>

6.2.6 “Liberal vs Liberating Empowerment: A Latin American Feminist Perspective on Conceptualising Women’s Empowerment” (2009)

Uma primeira versão desse trabalho foi apresentada ao Pathways of Women’s Empowerment Research Programme Consortium Inception Workshop, que teve lugar em Luxor, Egypt, em setembro de 2006. O texto foi elaborado precisamente para apoiar nossos trabalhos nesse Programa. Em virtude do convite de Andrea Cornwall, Coordenadora do Pathways no IDS, para apresentá-lo à Conferência “Reclaiming Feminism - Gender and Neo-Liberalism”, realizada pelo Institute of Development Studies-IDS, em Brighton, Inglaterra, de 9 a 10 de julho de 2007, o trabalho ganhou novos contornos. Uma versão simplificada foi então publicada no IDS Bulletin (SARDENBERG, 2008a)

Posteriormente, o Pathways me solicitou uma versão ampliada para publicação como ‘Working Paper’, que foi publicada pelo IDS em 2009 (SARDENBERG, 2009). Conforme consta do ‘abstract’ dessa publicação, ela se volta para uma crítica às noções de ‘empoderamento’ na perspectiva liberal, vez que se mostram individualistas, portanto incapazes de provocar as mudanças necessárias para uma transformação das estruturas que sustentam as desigualdades nas relações de gênero, objetivo maior do empoderamento na perspectiva feminista:

The term ‘women’s empowerment’ is viewed with a certain amount of distrust by feminists in Latin America. There has been some ambiguity surrounding the term in the region and in some cases it has been appropriated to legitimize actions that may not actually empower. This paper reflects on feminist conceptualisations of empowerment and how the process is believed to unfold. It outlines two basic approaches to conceptualising empowerment: ‘liberal’ and ‘liberating’ empowerment. It argues that ‘liberal’ empowerment depoliticises the process by taking the ‘power’ out of the equation, whilst ‘liberating’ empowerment keeps power as the central issue. The latter approach is consistent with the Latin American tradition of collective action and, in conclusion, the paper contends that empowerment in its ‘liberating’ form has been at work in the region since at least the late 1970s.

Tanto a primeira quanto a segunda versão do referido texto vem recebendo bastante atenção em termos de citações no plano internacional, sobretudo no campo de estudos sobre ‘gênero e desenvolvimento’. Acredito que, por isso mesmo, o grupo de gênero do IDS re-publicou o artigo este ano para ser divulgado junto com a realização da 60ª sessão da Comissão on the Status of Women (CSW), cujo tema central foi precisamente a questão do empoderamento de mulheres (SARDENBERG, 2016 a). Re-publicaram, também, no mesmo IDS Bulletin, um outro artigo que escrevi sobre o empoderamento de mulheres na Bahia (SARDENBERG, 2016 b).

6.2.7 “Migrações Perigosas: as (des)aventuras semânticas do conceito de gênero nos projetos e políticas para mulheres no Brasil” (2014)

As origens desse texto estão em um convite endereçado a mim por Andrea Cornwall, para que eu participasse de uma mesa no Seminário, “Myths of Gender: Repositioning Feminisms in Gender and Development”, realizado no IDS – Institute of Development Studies, em Brighton, Inglaterra, em julho de 2003. Sob o título “Back to Women? Translations, resignifications and myths of gender in policy and practice in Brazil” (SARDENBERG, 2007), o trabalho foi ampliado e publicado na coletânea organizada por Andrea Cornwall, Ann Whitehead e Elizabeth Harrison (2007), *Feminisms in Development*, que reuniu os trabalhos apresentados no referido seminário.

Em 2012, atendendo ao convite de Eliane Gonçalves para que eu participasse de uma mesa sobre ‘Gênero’ no Seminário de Trabalho e Gênero, promovido pela UFG, comecei a traduzir para o português, partes do referido artigo. Mas o trabalho começou a assumir novos contornos, o que geralmente acontece quando me proponho a traduzir meus próprios textos de uma língua para a outra. Na elaboração do capítulo a ser incluído na coletânea com trabalhos desse evento, organizada por Eliane Gonçalves, Maria Lúcia Vannuchi, Patrícia Vieira Trópia e Tania Ludmila Dias Tosta (2014), o trabalho acabou crescendo um pouco mais, resultando no artigo “Migrações Perigosas” (SARDENBERG, 2014c).

Confesso que fiquei bastante feliz com o resultado, por conseguir fazer a ponte entre minhas reflexões teóricas e minha práxis feminista, em projetos que trabalham com a perspectiva de gênero. Mas para tanto, vivenciei ‘experiências doídas’, tal qual relatei anteriormente, ao tecer considerações sobre minhas atividades de extensão.

6.2.8 “Revisitando o Campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista” (2014)

Como muitos dos trabalhos aqui discutidos, esse também começou com apresentação em um evento, dessa feita, no Congresso de Sociologia realizado em Belo Horizonte em 1998. Fiquei de prepara-lo para publicação logo que voltei de lá, mas, como tem acontecido com outros trabalhos, também com esse o tempo foi passando e perdi o estímulo para retomá-lo.

Em 2013, Monica Tarducci, do Coletivo de Antropólogas Feministas da Universidad de Buenos Ayres, me convidou para participar de uma mesa no I Coloquio Latinoamericano de Antropologia Feminista, a ter lugar em Buenos Ayres em agosto daquele ano, me pedindo também que eu mandasse um artigo para um dossiê que ela estava organizando sobre esse tema para a *Revista Mora*. Aceitei o convite e o pedido, pensando em finalmente encarar o desafio de retomar o velho artigo para discutir ‘etnografia feminista’. Segundo propus no resumo do artigo:

“Neste trabalho, tenho como proposta refletir sobre os desafios postos para a produção de conhecimento na perspectiva da Antropologia Feminista, a partir de um exercício de autocrítica. Em especial, proponho-me a visitar minhas

diferentes vivências e experiências no trabalho de campo, ao longo dos meus quase 40 anos como autodenominada antropóloga feminista, agora, é claro, com um novo olhar - o da maturidade-. Para tanto, apoio-me nos princípios das epistemologias feministas perspectivistas, procurando identificar e analisar de que forma e em que medida as intersecções de gênero, raça, etnia, classe, geração e sexualidade, dentre outras, dentro dos contextos etnográficos distintos no tempo e no espaço em que atuei, demarcaram minha posicionalidade e persona no campo, promovendo -ou delimitando- meus encontros (ou desencontros) com meus interlocutores e interlocutoras na produção de um conhecimento que se quer antropológico e feminista. Neste exercício, revisito, assim, três momentos da minha trajetória: a) trabalhando na década de 1970 como assistente numa pesquisa com comunidades de origem portuguesa na região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América; b) atuando, nos anos 1980, como documentadora em um projeto voltado para jovens da periferia de Salvador, Bahia; e c) desenvolvendo pesquisa de campo nos anos 1990 com antigas operárias e operários da indústria têxtil baiana num contexto de trabalho engajado. Por fim, com base nessas reflexões autocríticas, procuro destacar alguns pontos que considero centrais para se pensar a construção de uma etnografia feminista na contemporaneidade.”

Ao retomar o trabalho e desenvolver essa proposta, porém, me dei conta de que ‘re-visitar’ o campo implicaria em visitar também momentos muito difíceis de minha vida. Falando sobre o texto um dia em aula com minhas alunas de Seminários de Teorias Feministas II, desabei a chorar, descobrindo, assim, que não estava ainda curada da mágoa sofrida quase três décadas antes. Escrever o tal trabalho, portanto, estava sendo uma forma de catarses, de deixar a emoção correr novamente solta para, por assim dizer, ‘lavar a alma.’

Relendo o trabalho há pouco para escrever estas linhas, percebo que a emoção se revelou ali, às vezes ofuscando o argumento que me propunha a desenvolver. Mas, pessoas que leram o trabalho têm reagido de forma positiva ao que ali relatei e às propostas delineadas para a etnografia feminista. Então, acredito que levei adiante minha proposta.

6.2.9 “Caleidoscópios de Gênero: Gênero e Interseccionalidades na Dinâmica das Relações Sociais” (2015)

Eis mais um trabalho que se inicia com a oferta de uma disciplina na Pós-Graduação – no caso, ‘Dinâmica das Relações Sociais de Gênero, Raça e Classe’ -, uma primeira apresentação em um evento (Seminário Brasil França sobre Identidades de Gênero, Raça e Classe), depois em outro (Seminário Gênero e Raça no Serviço Social) e, depois, alguns anos a espera de ser reformulado para publicação. No caso em questão, contudo, foram várias as tentativas de retomá-lo, mas sempre me deixando vencer por uma certa preguiça mental para lidar com arestas surgidas no curso do argumento sendo desenvolvidos no trabalho. E assim se passaram seis anos...

Devo a minhas colegas (e ex-orientandas) Márcia Tavares e Márcia Macêdo o estímulo para, de fato, me esforçar e dar conta dos desvios que o trabalho ia tomando e chegar às considerações finais. Sou muito agradecida a elas, pois, mesmo ainda sentindo que o texto poderia ser melhorado, já o considero um dos melhores artigos que escrevi até hoje! Segundo explicito no resumo:

Neste trabalho me proponho a tecer algumas considerações sobre os determinantes de gênero na dinâmica das relações sociais a partir de uma perspectiva feminista. Entendo, porém, que, nas sociedades contemporâneas, capitalismo, sexismo, racismo, etarismo, e lesbo/homofobia, dentre outras matrizes de opressão, não agem independentemente. Estão imbricadas ou em “simbiose”, constituindo-se como matrizes de opressão que se entrelaçam e se reforçam, forjando sistemas de estratificação e opressão interseccionados. Da mesma forma, gênero, raça e classe e demais marcadores de diferença e elementos constitutivos das relações sociais não atuam separadamente. Esses elementos se intersectam e recortam uns aos outros, modificando, mutuamente, uns aos outros. Isso implica dizer que as respectivas categorias de gênero, raça, classe e outras categorias sociais similares não são categorias autônomas. Daí porque precisamos pensar em instrumentos conceituais que nos permitam identificar e analisar como estruturas de privilégio e opressão se inter cruzam em diferentes níveis e se manifestam na vida cotidiana das mulheres e na construção de suas identidades. Nesse intuito, baseio-me aqui na noção de “caleidoscópios de gênero” que, acredito, nos permite melhor dar conta desses processos. (SARDENBERG, 2015c)

Lembrando quanto penei para de fato “dar conta” do recado, sinto uma imensa satisfação ao ver o texto finalmente publicado e recebendo elogios. Estou esperando me aposentar para então ter o tempo necessário para “dar conta” de uma série de outros textos que, como esse, já ficaram engavetados por muitos anos...

6.2.10 “Feminismos no Brasil: Enunciando e Canalizando Demandas das Mulheres em sua Diversidade.” (2011)

Escrito em parceria com Ana Alice Costa, também tem uma longa história. Começa com um convite para participarmos de um seminário promovido pelo Programa Pathways sobre “Voicing Demands”, realizado em 2009, em Bellagio, Itália, às margens do Lago Como. Ficamos instaladas em uma mansão maravilhosa, a Villa Bellagio da Fundação Rockefeller, em um lugar belíssimo, ocupando quartos imensos com uma vista privilegiada do Lago. Nesse seminário, Ana Alice e eu apresentamos o trabalho “Feminisms in Brazil: Voicing and Channelling Women’s Diverse Demands” (SARDENBERG; COSTA, 2014c), posteriormente publicado como capítulo de uma coletânea organizada por Sohela Nazneen e Maheen Sultan, companheiras nossas de Bangladesh.

Em 2010, Cristina Buarque, então Secretária da Mulher de Pernambuco envia um convite para eu participar do Seminário, “Mulheres e República”, no qual apresentei uma versão do trabalho apresentado na Itália. Para publicá-lo como parte

dos anais do evento, Sonia Wright, uma das co-organizadoras e depois nossa colega no NEIM, se prontificou a traduzi-lo (SARDENBERG; COSTA, 2012).

Mais ou menos na mesma época, Tânia Navarro Swain, editora da *Labrys*, convidou Ana Alice e eu para organizarmos um dossiê sobre Feminismos no Brasil. Incluímos nele o artigo traduzido por Sonia Wright, com pequenas editorações. Nele, afirmando que os feminismos brasileiros “devem lidar não somente com tensões resultantes de desigualdades existentes entre nós, mas também com a tarefa de planejar estratégias apropriadas para enunciar e canalizar demandas muito diversas das mulheres”, procuramos discutir alguns dos caminhos seguidos nessa direção. Focamos, em especial, nas:

“[...] conferências nacionais para mulheres que foram realizadas na última década – a Conferência de Mulheres Brasileiras de 2002, e a I e II Conferência Nacional de Políticas Públicas para Mulheres em 2004 e 2007, respectivamente – examinando seus produtos: a Plataforma Política Feminista e o I e II Plano de Políticas Públicas para Mulheres. Defendemos que o caráter participativo desses eventos, que mobilizaram cerca de 300 mil mulheres em todo o país, permitiu a formulação de políticas mais democráticas para mulheres. Essas políticas reconhecem a diversidade de experiências e identidades, levam em consideração as desigualdades existentes entre mulheres, e procuram atender às necessidades e demandas dos segmentos menos privilegiados. Mais importante, ao redefinir as lutas feministas para incorporar essas demandas específicas, os feminismos brasileiros estão sendo revitalizados.” (SARDENBERG; COSTA, 2011b, p.1)

Esse foi um dos últimos trabalhos que Ana Alice e eu elaboramos juntas. Por isso mesmo, guarda um lugar de destaque neste memorial. No momento, por solicitação de Amrita Basu, organizadora de uma coletânea publicada em 2010 no qual se incluiu um outro artigo nosso sobre feminismos no Brasil, trabalho na atualização do texto, uma tarefa bastante difícil sem ter minha parceira no artigo para botar meus pés no chão, quando viajo nos meus devaneios de escrita.

7. TÍTULOS DA CARREIRA, ATIVIDADES ACADÊMICAS E MOVIMENTO DOCENTE

Meu objetivo neste capítulo é discorrer sobre minha carreira na UFBA – os títulos da carreira e minhas atividades acadêmicas - desde meu ingresso, em setembro de 1982, como Professora Assistente I concursada e lotada no Departamento de Antropologia e Etnologia. Nesse intuito, formulei uma periodização dessa trajetória, organizando este capítulo por décadas de sorte a combinar as atividades e títulos e assim facilitar a discussão.

7.1 Década de 1980

Os anos 1980 se caracterizaram pela retomada dos movimentos sociais no país, sendo o movimento docente nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) um dos mais arrojados, se reerguendo com força depois de anos de pesada repressão impostos pela ditadura militar instalada no país em 1964. Na UFBA, foi grande o número de docentes, discentes e de servidores técnico-administrativos atingidos pela repressão.⁵⁴ Mas isso não impediu que o movimento docente se articulasse assim que os primeiros ares da ‘reabertura’ se fizessem sentir.

Com efeito, criada em 1968 e logo em seguida fechada pela ditadura, a Associação dos Professores Universitários da Bahia (Apub) foi reativada na UFBA em 1979, o mesmo ano em que se realizou, em Salvador, o Congresso de Reconstrução da UNE.

Em 1980, foi promulgada a ‘Lei da Anistia’, possibilitando o retorno de exilados para o Brasil. Em Boston, em 1979 e início de 1980, participei de várias reuniões de brasileiros onde discutíamos a viabilidade da volta ao Brasil e seus possíveis desdobramentos. Muitos de nós estávamos lá cursando pós-graduação com a ideia de voltarmos ao Brasil e contribuirmos para a reconstrução da democracia no país. Lembrar aquele momento, agora em que vivemos essa profunda ameaça a nossa democracia, construída a ferro e fogo nessas três últimas décadas, por certo arrepia a alma, mas, ao mesmo tempo, renova minhas esperanças de que ainda poderemos fazer a diferença.

Essa era, de fato, a crença que nos estimulava a voltar – fazer a diferença! Assim, meu companheiro e eu, junto com outros colegas em Boston, fechamos questão em relação à volta, alguns de nós já decididos a ingressar no recém-criado Partido dos Trabalhadores.

Chegando à Bahia em outubro de 1980, quando meu companheiro assumiu seu posto como professor no Mestrado de Economia, já encontramos a APUB em

⁵⁴http://www.comissaoverdade.ufba.br/sites/comissaoverdade.ufba.br/files/relatorio-miolo_final_capa_07-10-14.pdf

plena mobilização, enunciando demandas em relação à abertura de concursos públicos, reformulação da carreira docente e à reconstrução de uma identidade docente orgulhosa de pertencer à universidade pública.

Em novembro daquele ano (1980), o movimento docente decretava sua primeira greve nacional, envolvendo dezenove autarquias, estando a Bahia na liderança. Seguiram-se mais cinco greves na década de 1980 (1981, 1982, 1984, 1985, 1987 e 1989)⁵⁵ por reposição salarial, reforma da carreira para eliminar distorções, isonomia salarial. Foi graças a toda essa mobilização nacional que, na Bahia, foi realizado em 1982 o primeiro grande Concurso Público na UFBA para o preenchimento de mais de 400 vagas para docentes. E foi graças à articulação do ‘movimento dos concursados’ e apoio da APUB e do movimento estudantil, que os contratos dos classificados no concurso foram enfim efetivados.

O meu contrato saiu em 14 de setembro de 1982, mas apenas para o ingresso como ‘Professor’, ainda fora da carreira. Passei para o quadro na qualidade de ‘Professor Assistente I’, de 40 horas, somente em 19 de julho de 1983, mas já dentro dos parâmetros da carreira docente reformulada em 1981, como um das demandas do movimento.

Reproduzo, no Quadro 7.1 abaixo, um trecho do meu ‘Histórico Funcional’ na UFBA, correspondente à década em questão, onde estão registradas minhas progressões, nomeações para cargos em Comissão e afastamentos no período. Como se pode verificar, estão aí registradas minha contratação e lotação (em 19/07/1983), a alteração do meu regime de trabalho de 40 horas para Dedicção Exclusiva (01/12/1986), bem como meu enquadramento, por lei de 10/04/1987, no Regime Jurídico Único.

Note-se que consta também meu afastamento do país de outubro/1984 a outubro/1986, com vistas a cursar o doutorado na Boston University, para o que tive que entrar na justiça de sorte a garantir a ida dos meus filhos pequenos comigo. Conforme relatei em capítulo anterior, meu ex-companheiro me acusou de tentativa de sequestro de meus próprios filhos, chegando a solicitar a CAPES o cancelamento da minha bolsa. Divulgada a acusação nos jornais locais, o pleno do Departamento de Antropologia se pronunciou publicamente em minha defesa, atestando que se tratava apenas de um afastamento do país para conclusão do meu curso de doutorado, tal qual explicitado em meu Histórico Funcional.

O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM, que fora criado em maio de 1983, também se pronunciou em meu apoio, as colegas se mantendo próximas e me incentivando a continuar na luta até conseguir o alvará junto ao judiciário e poder seguir para Boston.

⁵⁵ <http://ne10.uol.com.br/canal/educacao/noticia/2012/08/16/ha-32-anos-professores-federais-realizavam-a-primeira-greve-361894.php>

Quadro 7.1
Histórico Funcional – 1982-1989⁵⁶

46 5	Progressão por Mérito	17/07/19 89			P T	264	16/02/19 90		
24 5	Designação/Nomea ção para Cargo em Comissão	29/03/19 89	29/03/19 91	73 1					
51 1	Situação Base para Enquadramento	18/07/19 87							
30 7	Enquadramento	01/04/19 87			L E	759 6	10/04/19 87	D O	13/04/19 87
12 5	Alteração de Regime de Trabalho	01/12/19 86							
10 2	Afastamento Do País p/ Pós- Graduação	05/10/19 84	04/10/19 86	73 0				D O	07/10/19 85
21 4	Contratação	19/07/19 83			P T	604	04/07/19 83	D O	19/07/19 83
43 7	Lotação	19/07/19 83							
18 5	Averbação Tempo Serv Magistério Federal	14/09/19 82	18/07/19 83	30 8					

Logo após meu retorno, em 1986, assumi a coordenação do núcleo (1987-1989), então já instalado em uma sala no 'Casarão', junto ao Mestrado em Ciências Sociais. Nesse mesmo período, participei, também, do Colegiado do Curso de Museologia, representado o Departamento de Antropologia.

Segundo registro no Histórico, de 29/03/89 a 29/03/91 ocupei o cargo de Chefe do Departamento de Antropologia, que então estava localizado na velha 'senzalinha', ao lado do Casarão. Vilma Lima, ainda hoje funcionária da UFBA, era secretária do Departamento, trabalhando comigo na tentativa de organizarmos as atas de reuniões e demais documentos sofrendo os danos do mofo que tomava conta de nossas instalações. Tínhamos que estar sempre ali com as portas e janelas abertas para garantir um mínimo de ventilação!

⁵⁶ O Histórico Funcional foi obtido pelo o SIAPNET, por meio de senha.

Não menos estressantes, porém, eram as reuniões de departamento. Certa feita, quando eu presidia uma dessas reuniões, as tensões subiram a ponto de explodirem em uma briga feia, com muitos impropérios jogados de um lado para o outro em alta voz entre dois professores. A briga só parou, porque, como Chefe do Departamento, dei um murro na mesa e declarei a reunião encerrada! Mas não a tempo de evitar uma nota no *Jornal A Tarde* revelando o triste acontecido.

Foi também mais ou menos nessa época que um professor, aparentemente desequilibrado, processou todo o Conselho Departamental da FFCH, eu inclusive, por termos apoiado o Diretor da Faculdade, Prof. Ubirajara Rebouças, em sua decisão quanto a abrir processo administrativo contra ele (o tal professor). Foram meses lutando na justiça para ‘limpar’ nosso nome, acusados que fomos de ‘estelionato’!

À bem da verdade, essa década não foi de todo perdida. O UNICEF estava abrindo um escritório em Salvador e, como órgão da ONU, preferia se instalar na Universidade. Por meio de um convênio com UFBA, conseguimos que o UNICEF reformasse um velho pavilhão de aulas da FFCH, consistindo de duas salas abandonadas (de tão sucateadas) para servir de escritório, a ser compartilhado entre a equipe do UNICEF e o NEIM. Foi assim que, depois de quase oito anos na UFBA, consegui finalmente um pequeno gabinete de trabalho dentro dessas novas instalações do NEIM.

Ressalte-se que esse pavilhão do NEIM, onde ainda estamos instaladas, fica em uma parte baixa do terreno da FFCH. Depois que mudamos para lá, não passou muito tempo para o machismo, o sexismo e a lesbofobia, reinantes em nosso meio, se manifestassem: apelidaram logo nosso pavilhão de ‘Baixa das Sapateiras’. Aliás, não custa lembrar as considerações de Susan Bordo (2000) apontando para a singularidade dos Estudos Feministas como o ‘Outro’, ou por assim dizer, o ‘outsider within’. Referindo-se às reflexões de Edward Said sobre a contribuição dos estudos feministas, Bordo (2000, p. 11) assim se expressa:

“Quero insistir, entretanto, na importância da justaposição de Said quanto ao “gênero” — o que, em sua descrição, preocupa todas as feministas — e a interrogação geral da “cultura” e do “texto” atribuída aos homens. Essa justaposição considera que as feministas desenvolvem uma crítica especializada, que não pode ser ignorada talvez, mas cujas implicações são contidas, limitadas e de impacto geral insuficiente para constituir um novo conhecimento sobre “o modo como a cultura opera”. Ou se trabalha com gênero ou se desenvolve uma crítica de amplo escopo — escolha uma.”

Adianto-me aqui para afirmar que, na melhor das hipóteses, esse tem sido também o lugar destinado ao NEIM na UFBA: o da produção de um conhecimento relevante, mas à parte, fora do pensamento ‘mainstream’, ou seja, também de um “outro” (ou ‘outra’, no caso), como destaca BORDO.

Mas voltemos a nossa narrativa sobre minha trajetória na UFBA.

7.2 Década de 1990

A década de 1990 começou com a mais longa greve até então realizada por docentes no país – 107 dias –, que envolveu 45 universidades e uniu docentes e servidores técnico-administrativos em torno da demanda de reposição salarial e incorporação das perdas sofridas com o Plano Bresser. O movimento docente também colocou em pauta a abertura de vagas para concursos e ampliação do quadro de servidores, uma demanda que custou a ser respondida.

Na verdade, as IFES, em geral, e a UFBA, no particular, encontravam-se profundamente sucateadas por décadas a fio de menosprezo e omissão do Governo Federal, mesmo tendo à frente Fernando Henrique Cardoso, um professor. Colocando no Ministério de Educação, de 1995-2002, Paulo Renato Souza, que privilegiou as universidades privadas, FHC provocou grande descontentamento nas IFES. Não por acaso, o movimento docente deflagrou várias greves nesse período, sem que uma mudança real na política do governo se concretizasse. Como representante da FFCH no conselho da APUB, estive bastante envolvida nessas lutas, integrando os Comandos de Greve em 1991 e 1998.

Mas, mesmo com todas as mazelas que enfrentávamos com o sucateamento da Universidade e com a defasagem de nossos salários, não deixávamos de cumprir nosso dever. Assim, em 30 julho de 1992, assumi a Coordenação do Colegiado do Curso de Ciências Sociais, permanecendo no cargo até julho de 1994. Por todo esse período, trabalhei com Mara Santana, pedagoga, uma pessoa maravilhosa que me ensinou os meandros do meu novo posto. Naquela época, não tínhamos computadores, fazíamos as matrículas no Pavilhão de Aulas da Federação I – o PAF I, onde alguns computadores eram disponibilizados e alunas e alunos treinados para operá-los. Tínhamos que carregar uma papelada imensa para lá e passarmos dias e dias inteiros em uma verdadeira maratona, orientando alunas e alunos do Curso de Ciências Sociais na escolha das matérias do semestre. Que trabalhão!

Como Coordenadora do Colegiado, tem-se responsabilidade pela vida acadêmica do pessoal discente, o que se traduzia em estar sempre tentando resolver os problemas de alunas e alunos – e não só os acadêmicos. Na verdade, um dos momentos mais difíceis e dolorosos que enfrentei na UFBA se deu quando Josie, uma aluna nossa e minha orientanda, junto com seu irmão de apenas 9 anos, foi brutalmente assassinada com inúmeras facadas por um irmão de criação. Compareci ao Instituto Médico-Legal para ajudar na liberação dos corpos profundamente abalada, mas tentando dar força à mãe deles, que se abraçara a mim, ali e também no velório. Isso foi em dezembro de 1989 e até hoje não consigo apagar da memória aquela cena triste no cemitério, com duas crianças (Josie só tinha 19 anos) sendo enterradas, mortas de forma brutal.

Mas, nem tudo foi sofrimento para mim como coordenadora! Além de começar a conhecer melhor o funcionamento dos processos de solicitação de disciplinas, matrícula de alunos e os procedimentos para a conclusão do curso, por certo, era sempre bom presidir à cerimônia de colação de grau das turmas – uma vez até mesmo como ‘patronesse’ – o que acabava também provocando lágrimas.

Deixei a coordenação do Colegiado de CISO em 1994, após conseguir uma nova Bolsa da CAPES para doutorado no exterior, seguindo de volta para Boston, em dezembro do mesmo ano, para concluir o doutorado. Retornei em 1996, sendo logo indicada para integrar o Colegiado do Mestrado em Ciências Sociais, me tornando Vice-Coordenadora, na época em que Paulo Cesar Alves era o Coordenador. Trabalhamos então na ampliação do Programa, criando um Curso de Doutorado em Ciências Sociais, aprovado em 1997.

Nesse mesmo ano, porém, fui obrigada a sair do Colegiado, devido a uma crise de artrite psoriática nos dois tornozelos e nos dois pulsos, que me deixou hospitalizada por quase quinze dias e tendo que me submeter a fisioterapia para voltar a andar e a escrever normalmente. Ainda hoje, se não me cuido direito dormindo o necessário e controlando o estresse, volto a ter crises de artrite semelhantes, com inchaço e dores fortes nas partes atingidas...

Reconheço, todavia, que a década de 1990 foi ‘boa’ para a minha carreira. De fato, segundo meu histórico funcional para a década, disposto no Quadro 7.2, fui promovida ‘por mérito’ quatro vezes no período, de Assistente I para II, em 1991, para III em 1993 e IV em 1995, chegando à classe de ‘Professor Adjunto I’ em 1997, logo após ter reconhecido meu título de Doutora em Antropologia pela Boston University. Consta no meu histórico, que em 1998, quando completei 16 anos de UFBA, comecei a receber ‘adicional por tempo de serviço’. Mas os salários ainda estavam bastante defasados. Tal como desabafei em uma crônica sobre “A Vida no Real” escrita em 09/03/1998:

“O pior de tudo é a grande frustração. Ter investido tanto no doutorado e não poder colher os frutos de todos os sacrifícios. Em termos de poder aquisitivo, hoje ganho bem menos do que ganhava há quatro anos, só com o mestrado. Nossas perdas salariais já chegam a 48,65%! Esse é o índice de aumento, na verdade, de reposição salarial que estamos propondo ao governo, caso contrário, votaremos pelo indicativo de greve.”

Não fomos atendidos – e deflagramos uma greve de 104 dias da qual participaram 51 IFES de todo o país, tendo os servidores também se mantido em greve por um longo período.⁵⁷

⁵⁷ <http://ne10.uol.com.br/canal/educacao/noticia/2012/08/16/ha-32-anos-professores-federais-realizavam-a-primeira-greve-361894.php>

Quadro 7.2

Histórico Funcional 1990-1999

094	Adicional por Tempo de Serviço	10/09/1998					
465	Progressão por Mérito	17/07/1997			PT	540	04/04/1998
465	Progressão por Mérito	16/07/1995			PT	343	10/03/1997
102	Afastamento Do País p/ Pós-Graduação	01/12/1994	30/11/1995	365			
465	Progressão por Mérito	17/07/1993			PT	621	08/04/1994
245	Designação/Nomeação para Cargo em Comissão	30/07/1992	17/05/1994	657	OF	208	03/07/1992
465	Progressão por Mérito	17/07/1991			PT	37	14/01/1994

7.3 Década de 2000

Iniciei os anos 2000 na UFBA, assumindo a Vice-Direção do NEIM pelas duas gestões seguidas (2000-2002 e 2002-2004) de Ana Alice Costa, como Diretora. Foi durante esse período que sofremos um grande revês quando um temporal causou o desabamento do teto do prédio do NEIM, provocando muitos danos no nosso Centro de Documentação. Tornou-se impossível continuarmos ali! Conseguimos então um espaço na Biblioteca Isaías Alves da FFCH, recém-construída, onde acabamos ficando por um bom tempo, até que, com o apoio de emendas parlamentares, conseguíssemos reconstruir nosso prédio, mais de seis anos depois.

Devo ter uma tendência para ser ‘vice’, pois, em 2000, também aceitei concorrer como vice na chapa do Prof. Antônio Guerreiro de Freitas nas eleições para a direção da FFCH, na qual saímos vencedores. De um modo geral, ‘Vice’ acaba sendo apenas um ‘substituto automático’ nas ausências do titular, sendo uma figura de menor destaque. Como “Diretora em Exercício”, contudo, enfrentei três momentos bastante complicados na Universidade.

O primeiro momento difícil para mim nessa situação se deu logo no início da gestão, em meados de maio de 2011, quando o Diretor teve que se ausentar por curto período para participar de um evento. Foi exatamente na época em que eclodiram protestos por toda a UFBA contra o Senador Antônio Carlos Magalhães - ACM, ao se tornar público que ele mandara grampear várias autoridades e que fraudara o sistema de votação no Senado Federal, por meio de dispositivos que permitiam a ele conhecer o ‘voto secreto’ de cada senador/a votante, o que ficou conhecido como ‘Escândalo do

Painel Eletrônico'.⁵⁸ Os estudantes da UFBA saíram em protesto do Campus do Canela rumo à residência do referido Senador na Graça (por sinal, na esquina de onde eu morava!) para fazer a 'lavagem' do seu prédio, atravessando o viaduto que liga a Faculdade de Medicina à Faculdade de Direito. Em retaliação, o Senador ACM mandou o governador (Paulo Souto) acionar a Polícia Militar para conter as manifestações estudantis. Mesmo sem ter jurisdição sobre a UFBA, por tratar-se de Área Federal, a PM invadiu o campus assim mesmo, arrebentando vidros dos prédios de Direito e Medicina com bombas de gás lacrimogênio e ferindo gravemente estudantes e professores. Minha filha, Marina, então estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo estava lá e escapou por pouco. Mas guarda ainda a memória triste da cena de brutalidade policial que testemunhou!

A FFCH, como sempre, era um dos principais centros do protesto. Para defender a sua integridade, principalmente a dos alunos e alunas envolvidos, fiquei a postos na Faculdade, receosa de que o pior acontecesse, isto é, um confronto entre polícia e estudantes! Felizmente, a situação foi contornada, mas não antes dos muitos protestos de todos os setores e órgãos da UFBA. Reunidos no Salão Nobre da Reitoria, docentes, discentes e servidores se pronunciaram em protesto frente ao Reitor Heonir Rocha, saindo todos então atrás dele, em passeata de desagravo, seguindo para a Faculdade de Direito pelo Viaduto do Canela.

Uma semana antes havia sido realizado um encontro nos campi da UFBA, cujo tema "Que País é Este?", figurava em um 'outdoor', no Vale do Canela, ao lado da Faculdade de Medicina. No dia seguinte à invasão da UFBA, saía estampada nos jornais a foto do desastre causado pelos PMs, alguns ainda empunhando metralhadoras e jogando bombas de gás contra estudantes, sob os dizeres: "Que País é Este?"

O segundo momento complicado que vivenciei enquanto Diretora em Exercício foi no mesmo ano (julho de 2001) e também teve a ver com a Polícia Militar da Bahia. Só que, dessa feita, em virtude da greve geral deflagrada pelos policiais militares, agravada ainda mais pela greve geral da Polícia Civil. Devido a total falta de segurança existente no Campus de São Lázaro, onde fica a FFCH – naquela época as áreas da UFBA ainda não estavam gradeadas, como agora – fui obrigada a suspender as aulas e fechar a Faculdade, abrindo só para um curto expediente pela manhã. Mesmo assim, com muito cuidado para evitar que o pior acontecesse, ou seja, que a FFCH fosse tomada por um dos 'arrastões' que assolavam a cidade. Foi uma semana bastante difícil, na qual contei com o apoio constante de meu filho João. Ele ia comigo cedo para a Faculdade e comigo voltava para casa para que eu não dirigisse só. Na volta, para garantirmos 'o pão nosso de cada dia', passávamos pela padaria da Vitória, que também só abria pela manhã e, mesmo assim, atendendo os clientes por meio de uma janelinha na grade de segurança. Um verdadeiro sufoco!

⁵⁸ Veja-se: <http://consciencia.blog.br/2011/05/off-uma-decada-de-16-de-maio.html#.VxqxsvkrKUK>

Mas o terceiro momento foi certamente o mais complicado de todos, mesmo sendo um problema interno. Aconteceu em junho de 2003 quando, estando como Diretora em Exercício, recebi denúncias de funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE, órgão vinculado à FFCH, de que peças e documentos estavam sendo roubados e um início de 'motim' acontecia entre os servidores lá lotados.

Na qualidade de Diretora em Exercício, qualquer problema que acontecesse no referido órgão seria de minha inteira responsabilidade. Consultei, assim, a Procuradoria Jurídica da UFBA, solicitando informações sobre o procedimento indicado no caso, sendo orientada a fechar o museu e abrir um processo administrativo para apurar os fatos.

Ocorre que o diretor do museu na época era um colega de departamento. Conversei com ele sobre o problema, usando de toda delicadeza e dando-lhe tempo para retirar seu material de trabalho antes de procedermos ao fechamento do MAE. Assim mesmo, isso despertou revolta entre alguns de nossos colegas de departamento. Um deles, inclusive, se achou no direito de ir 'tomar satisfações' comigo na sala da direção, empunhando uma ameaçadora bengala, bem na hora em que uma repórter do Jornal A Tarde se encontrava ali me entrevistando sobre o problema do Museu. Resultado: mais uma vez, lá se foi uma questão interna da UFBA virar matéria de jornal e, o pior, me colocando no meio!

À bem da verdade, os anos 2000 trouxeram para mim problemas ainda mais sérios. Em agosto de 2003, fui obrigada a sair de licença médica por cerca de 75 dias para a realização de uma cirurgia de grande porte – um 'bypass bifemoral aorto-ilíaco' – em virtude de doença arterial. Fui fumante por mais de 35 anos, o que causou o aparecimento de úlceras penetrantes na membrana interna da aorta abdominal e aorto-ilíaca. Tornou-se então necessário remover um segmento de 39 cm da aorta e substituí-lo por Dacron, em uma cirurgia que durou mais de 11 horas, realizada no Hospital da Beneficência Portuguesa em São Paulo.

Em 2008, novos problemas vasculares apareceram. A partir da constatação do aparecimento de uma trombose no meu olho esquerdo, da noite para o dia, foram realizados exames que revelaram mais úlceras penetrantes na minha aorta, dessa vez no arco aórtico, ou seja, bem perto do coração. Isso exigiu mais três cirurgias, também de grande porte, com a realização de outro 'bypass' e a colocação de endo-prótese nos lugares afetados. Fiquei um mês internada no Hospital Português de Salvador e mais um mês de licença médica; sou, por assim dizer, 'salva de incêndio'.

Nada disso, porém, me impediu de seguir em frente (embora com restrições, é verdade!). Em 2004, fui nomeada Diretora do NEIM, quando o NEIM ainda se mantinha como órgão suplementar da UFBA, permanecendo no cargo até 2009. Entre 2004-2006, tive como Vice Diretora a Profa. Sílvia Lúcia Ferreira, da Escola de Enfermagem da UFBA, e na última gestão, de 2006-2009, a Vice Diretora era a Profa. Ângela Freire de Lima Souza, aposentada do Instituto de Biologia.

Foi durante minha gestão que desenvolvemos o Projeto Trilhas do Empoderamento de Mulheres – TEMPO (2006-2012), o Projeto Pathways, sob minha coordenação, bem como o do Observatório de Monitoramento de Aplicação da Lei Maria da Penha – OBSERVE (2007-2010), no qual atuei como Coordenadora Nacional. Foi também nesse período, precisamente em 2006, que criamos o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – o PPGNEIM, coordenado no período pela Profa. Sílvia Lúcia Ferreira. E em 2008, iniciamos o Programa PROCAD de intercâmbio com a UFSC, realizado sob a coordenação geral da Profa. Miriam Grossi, ficando eu como coordenadora na Bahia. Foi ainda também durante minha gestão (em 2008) que criamos o Bacharelado em Estudos sobre Gênero e Diversidade – BEGD, agora já vinculado ao recém-criado Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos, nossa nova conquista.

Lamentavelmente, foi também no fim da minha gestão, em 2009, que testemunhamos mudanças no Estatuto da UFBA, responsáveis pela destituição dos órgãos suplementares, em especial, o NEIM, o CEAO, o CRH e o ISP, todos eles importantes centros de pesquisa da UFBA. Perdemos cargos, dotação orçamentária, prestígio. Mas continuamos levando adiante nosso trabalho, ainda que em condições mais precárias.

Três greves nacionais marcaram o curso do movimento docente na década em questão: uma em 2001 (108 dias), ainda sob o governo FHC, outra em 2003 (54 dias) no início do Governo Lula e, de novo, em 2005, uma greve de 112 dias. Foi nesse período que se revelou um grande descontentamento com o ‘grevismo’ de raízes político-partidárias que marcavam o posicionamento da direção da ANDES, nosso sindicato nacional até então. Isso levou a um processo de desligamento de várias sessões sindicais, a APUB inclusive, surgindo o PROIFES, uma articulação nacional de sindicatos docentes locais independentes.

Ressalte-se que a década de 2000 não foi ruim para a UFBA, ao contrário, houve uma grande expansão de cursos e vagas, principalmente de pós-graduação, a exemplo do PPGNEIM, PPGA, Pós-Afro, e cursos semelhantes em outras unidades da UFBA. Foi também um período bom para recomposição salarial e reestruturação da carreira docente, com a criação da categoria de Professor Associado. Assim, tal qual se verifica no Quadro 7.3 abaixo, iniciei a década como Professora Adjunta II, passando para III em 2001 e IV em 2003. Em 2006, me tornei Professora Associada I e em 2008, Associada II.

Quadro 7.3

Histórico Funcional 2000-2009

24	Designação/Nome	02/09/20	01/01/20	122	PT	516	02/09/20	B	06/10/20
5	ação para Cargo	08	09				08	P	08
	em Comissão								

435	Licença Tratamento Saúde	para de	05/08/20 08	19/08/20 08	15	L M	2272	08/08/20 08		
435	Licença Tratamento Saúde	para de	16/07/20 08	04/08/20 08	20	L M	1893	11/07/20 08		
435	Licença Tratamento Saúde	para de	06/06/20 08	04/08/20 08	60	O F	2079	15/07/20 08		
435	Licença Tratamento Saúde	para de	06/06/20 08	30/06/20 08	25	L M	1893	11/07/20 08		
465	Progressão Mérito	por	30/04/20 08			P R	01487611 18	12/04/20 11	B P	31/10/20 11
245	Designação/Nome ação para Cargo em Comissão		01/09/20 06	01/09/20 08	732	PT	434	31/08/20 06	B P	29/09/20 06
437	Lotação		01/09/20 06							
465	Progressão Mérito	por	01/05/20 06			PT	799	16/11/20 03	B P	20/11/20 06
245	Designação/Nome ação para Cargo em Comissão		29/04/20 06	08/08/20 06	102	PT	318	27/07/20 06	B P	29/09/20 06
245	Designação/Nome ação para Cargo em Comissão		28/04/20 04	28/04/20 06	731	PT	sn	28/04/20 04	D O	28/04/20 04
437	Lotação		28/04/20 04							
435	Licença Tratamento Saúde	para de	28/09/20 03	11/11/20 03	45	L M	2036	29/10/20 03		
435	Licença Tratamento Saúde	para de	29/08/20 03	27/09/20 03	30	L M	1764	01/10/20 03		
510	Substituição		01/06/20 03	15/07/20 03	45	PT	1133	02/06/20 03	B P	13/06/20 03

510	Substituição	15/08/2001	29/08/2001	15	PT	955	24/07/2001	B p	21/11/2001
510	Substituição	01/07/2001	14/08/2001	45	PT	860	27/06/2001	B p	17/07/2001
235	Designação Substituto Automático	15/02/2001	15/02/2005	146 2	PT	109	18/01/2001	B P	15/02/2001
235	Designação Substituto Automático	14/03/2000	14/03/2002	731	PT	668	14/03/2000	B P	14/03/2000

7.4 Década de 2010

A presente década foi marcada por duas longas greves que dividiram ainda mais o movimento docente. Em 2012 foram mais de 120 dias de greve e, em 2015, mais de 150, ou seja, 5 meses em greve, atrasando consideravelmente os semestres acadêmicos a aprofundando, na UFBA, os conflitos entre docentes que querem voltar para o ANDES e a grande maioria que prefere permanecer como sindicato independente alinhado ao PROIFES, dentre os quais eu me incluo.

Devo ressaltar que já poderia estar aposentada desde 2008, mas continuo ‘na luta’, embora em um ritmo mais desacelerado do que em décadas passadas. Tal como delineado no Quadro 7.4 adiante, esta se iniciou para mim com mais uma Progressão – para Associada III (2010). E pouco depois eu assumiria mais uma posição de “Vice” – como vice-coordenadora do PPGNEIM, na gestão de Ana Alice Costa como Coordenadora (2012-2014). Foi um período de muito esforço para conseguirmos levantar a nota do Programa junto à CAPES, investindo na criação de um periódico do programa – a *Revista Feminismos* (sobre a qual me debruçarei mais adiante).

Em 2012, recebi minha ‘progressão por mérito’ à classe de Professora Associada IV. E, por indicação de Andrea Cornwall, fui agraciada com uma bolsa do Programa Pathways para estágio pós-doutoral de três meses como pesquisadora visitante no Institute of Development Studies – IDS, ficando lá de meados de outubro de 2013, a meados de janeiro de 2014, tal qual registrado no Quadro 7.4 adiante.

Com a publicação do Edital 04/2014 dispoendo sobre as normas procedimentais para promoção à classe de Professor Titular da UFBA, comecei a elaborar este Memorial.

Quadro 7.4**Histórico Funcional – 2010-**

102	Afastament o Do País p/ Pós- Graduação	01/10/2013	15/01/2014	107	P R	037725135 5	29/07/2013	D O	14/08/2013
437	Lotação	28/05/2012			RL	s/n	28/05/2012	BP	28/05/2012
465	Progressão por Mérito	30/04/2012			P R	025224128 1	04/06/2012	BP	27/12/2012
235	Designação Substituto Automático	12/03/2012	11/03/2014	730	P T	350	16/04/2012	BP	04/06/2012
087	Abono de Permanênci a	22/07/2011			P R	024096118 7	06/06/2011		
465	Progressão por Mérito	30/04/2010			P R	014902111 8	12/04/2011	BP	25/11/2011

8 – ATIVIDADES ASSOCIATIVAS E EDITORIAIS

Vou discorrer, neste capítulo, sobre minhas atividades associativas científico-acadêmicas e editoriais, destacando aqui, em especial, minha participação na construção de redes de pesquisa, a exemplo da REDOR, da REDEFEM, Rede Pathways, BRIDGE e Red-LAF. Trato aqui, também, de minha contribuição na criação e desenvolvimento de periódicos e coleções feministas, principalmente a *Revista Feminismos* e a *Coleção Bahianas*, vinculadas ao NEIM. De fato, meu ponto de partida para as atividades aqui elencadas foi e tem sido sempre minha atuação no NEIM/UFBA. O NEIM é minha casa e minha família na UFBA, até mesmo um pouco minha cria, o lugar de onde tenho exercido minha atuação nos diferentes campos de ação dos feminismos no Brasil.

8.1 Atividades Associativas

8.1.1 Participação em Redes Acadêmico-Científicas

REDOR – Rede Regional Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero:⁵⁹ Foi como integrante do NEIM que fui convidada a participar do evento realizado em São Paulo, organizado pelo NEIMGE/USP, em 1991, o I Encontro Nacional de Núcleos de Estudos sobre a Mulher, em que começamos a pensar a REDOR. Já escrevi sobre minha participação na sua criação e desenvolvimento quando tratei das atividades de extensão, mais precisamente do projeto que Ana Alice Costa e eu coordenamos, com o apoio da Fundação FORD para tal fim. Já destaquei, também, que fui da Coordenação Geral da REDOR, junto à Ana Alice, duas vezes, por duas gestões seguidas E gravei também um depoimento sobre a criação da REDOR e dos seus primeiros anos para um projeto coordenado por Gloria Rabay e Maria Eulina Carvalho, do NIPAM/UFPE, que foi disponibilizado no youtube.⁶⁰ Aqui, portanto, quero apenas destacar a importância de termos levado adiante o projeto da REDOR, que permanece como uma das mais expressivas referências dos estudos feministas no norte e nordeste.

REDEFEM – Rede Brasileira de Estudos Feministas:⁶¹ No mesmo encontro no NEMGE, realizado em 1991, no qual planejamos a criação da REDOR, começamos também a pensar na articulação da Rede Brasileira de Estudos Feministas – REDEFEM. Aliás,

⁵⁹ Veja-se chamada para o XIX Encontro da REDOR: <http://plataforma9.com/congresso/xix-encontro-internacional-da-rede-feminista-norte-e-nordeste-de-estudos-e-pesquisa-sobre-a-mulher-e-relacoes-de-genero/>

⁶⁰ Veja-se: <https://www.youtube.com/watch?v=PyoJiUHdJfk>

⁶¹ <http://empresasdobrasil.com/empresa/rede-brasileira-de-estudos-e-pesquisas-feministas-redefem-02608052000170>

aquele encontro foi bastante profícuo. Foi também nele que se propôs a compilação do Thesaurus sobre Estudos de Gênero, organizado por Maria Cristina Bruschini (2000) e a criação da *Revista Estudos Feministas*, que ficaria, inicialmente, sob a responsabilidade de Lena Lavinias, da UFRJ. Os planos de articulação da REDEFEM foram avançados no I Encontro Regional de Núcleos sobre Mulheres e Gênero do Norte e Nordeste, realizado em Salvador, em 1992, quando foi criada a REDOR. Quanto à proposta de criação da REDEFEM, foi elaborada conjuntamente por Neuma Aguiar, Ana Alice Costa e por mim, sendo encaminhada à Fundação FORD, também responsável pelo apoio ao nosso primeiro Encontro, realizado sob a coordenação de Rachel Soihet e Suely Gomes Costa, na Universidade Federal Fluminense em 1993. Participei da Comissão Científica desse evento, integrando também o Conselho Coordenador da REDEFEM por alguns anos.

Rede Feminista Luso-Afro-Brasileira: Tentativas para a articulação de uma Rede Feminista Luso-Afro-Brasileira foram iniciadas pelo NEIM, REDOR e REDEFEM em fins de 2003, em preparação ao VIII Congresso Luso Afro Brasileiro- CONLAB, que teve lugar em Coimbra, Portugal, em setembro de 2004. Nesse Congresso, tivemos um grupo especial para discutir a rede, do qual participaram cerca de 30 pessoas representando pesquisadoras do Brasil, Portugal e Moçambique. Novamente, no IX CONLAB, realizado em Luanda, Angola, em 2007, organizamos um Grupo Temático, bem como um grupo de trabalho para discutir a Rede. Fizemos então planos para nova reunião no X CONLAB, que teria lugar em Salvador, mas, infelizmente, ficamos de fora da organização do evento e não tivemos nossa proposta contemplada. Uma nova mobilização nessa direção aconteceu no XII CONLAB, realizado em Lisboa, em fevereiro de 2015, na expectativa de reorganização do grupo.

International Advisory Committee (IAC) do BRIDGE⁶², Institute of Development Studies –IDS, Inglaterra: De 2003 até março, 2016, integrei a Comissão Assessora Internacional – IAC do Bridge, órgão vinculado ao Institute of Development Studies – IDS, que trabalhou com uma plataforma disponibilizando informações sobre questões de gênero e desenvolvimento. Entre 2012 e a presente data, integrei também o grupo assessor especial, ambos, porém, desarticulados agora com a desativação do Bridge.

Pathways of Women’s Empowerment Org.,⁶³ Inglaterra: Integro o Pathways of Women’s Empowerment Research Programme Consortium desde a sua criação, em 2006, ocupando a posição de Coordenadora do ‘Hub’ da América Latina, vinculado ao NEIM/UFBA. Trata-se do programa internacional, articulado a núcleos de estudos

⁶² <http://www.bridge.ids.ac.uk/what-bridge/international-advisory-committee-iac>

⁶³ <http://www.pathwaysofempowerment.org/>

feministas na Inglaterra, Egito, Gana, Bangladesh e Brasil, já discutido em capítulos anteriores.

RED-LAF – Red Latinoamericana de Antropologia Feminista: A RED-LAF foi articulada recentemente, a partir da realização do II Colóquio Latinoamericano de Antropologia Feminista, na Cidade do México, em outubro de 2016. Participam dessa rede antropólogas feministas da Argentina, México, Uruguai, Paraguai, Chile, Guatemala, Colombia e Brasil, com proposta de ampliação da rede por meio de integração de representantes dos demais países da América Latina e Caribe, bem como de realização de um novo Colóquio em agosto de 2017, conjuntamente ao Fazendo Gênero.

8.1.2 Participação em Associações Científicas

Ao longo da minha carreira, tenho integrado diferentes associações científicas, destacando-se, dentre elas minha participação nas seguintes:

- Associação Brasileira de Antropologia – ABA – Membro do Comitê de Gênero e Sexualidade
- Association for Feminist Anthropology
- American Anthropological Association
- BRASA – Brazilian Studies Association
- LASA – Latin American Studies Association

8.2 Atividades Editoriais

8.2.1 Comitê Editorial de Periódicos

Revista Feminismos – PPGNEIM/UFBA – Integro o Comitê Editorial da *Revista Feminismos* desde a criação e lançamento em 2013. Trata-se de um periódico *online* vinculado ao PPGNEIM e ao NEIM, com publicação trimestral.⁶⁴

⁶⁴ <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista>

8.2.2 Participação em Conselhos Editoriais e Científicos

- Membro do Conselho Editorial da Coleção Bahianas – NEIM/UFBA (desde 1996)
- Membro do Conselho Editorial da Revista PAGU – UNICAMP (desde 2006)
- Membro Suplente do Conselho da EDUFBA (1998-2004)
- Membro do Conselho Científico da Revista Gênero na Amazônia (desde 2012)
- *The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*, participação como Editora Assessora (Advisory Editor), colaborando com a editor Nancy Naples, de setembro, 2011, a setembro, 2012.

8.2.3 Participação como Parecerista Ad Hoc

Nas últimas décadas, tenho sido convidada para participar como parecerista de alguns periódicos científicos, com destaque para:

- *Revista Brasileira de Ciências Sociais* da ANPOCS –
- *Revista Gender, Place and Culture* da Taylor & Francis
- *Caderno CRH*
- *Revista Estudos Feministas*
- *American Ethnologist*
- *Revista de Sociologia*
- *Revista Mediações*

.....

Em conclusão a este capítulo, creio ser importante ressaltar a relevância das atividades aqui elencadas, e não apenas em reconhecimento ao nosso trabalho: elas são parte importante do nosso processo de formação contínua.

9. BOLSAS, AUXÍLIOS E HOMENAGENS

Neste capítulo, relaciono as bolsas, auxílios e homenagens que recebi ao longo de minha carreira até o presente momento. Tenho imenso orgulho de ter merecido tudo isso e, em especial, sou imensamente grata à Câmara de Vereadores de Salvador por me ter concedido o Título de Cidadã Soteropolitana, me permitindo ser agora 'oficialmente baiana', pois 'de coração' já sou há muito.

9.1 Bolsas de Estudos e Pesquisa

No meu processo de formação acadêmica, tive a satisfação de ter sido agraciada com as seguintes bolsas de estudos:

- American Field Service International Scholarships, School Program Scholarship to attend St.Teresa High School, Decatur, IL, 1965-1966
- Undergraduate Scholarship, Illinois State Scholarship Commission, 1975-1977
- Undergraduate Teaching Assistantship, Department of Anthropology, Illinois State Univ. 1975-1977
- Graduate Teaching Fellowship, Department of Anthropology, Boston University – 1977-1979
- Bolsa de Doutorado no Exterior, CAPES/MEC – 1979-1981
- Bolsa de Doutorado no Exterior, CAPES/MEC – 1984-1986
- Bolsa de Doutorado no Exterior, CAPES/MEC – 1995-1996
- Bolsa para Estágio Pós-Doutoral, Institute of Development Studies- IDS, 2013-2014

9.2 Bolsas e Auxílios a Projetos de Pesquisa e Extensão

Fui agraciada, também, ao longo da minha carreira acadêmica e como pesquisadora, com as seguintes bolsas e auxílios à pesquisa e trabalho de extensão:

- Bolsa de Pesquisa – Projeto Pathways/FAPEX – 2006-2011
- Bolsa de Produtividade em Pesquisa - CNPq 2013/2016; 2016/2019

- Auxílio Pesquisa, CNPq, “Projeto de Projeto de Ampliação e Modernização do Centro de Informação e Documentação Zahidê Machado Neto do NEIM – 1989-1991
- Apoio para Pesquisa-Ação e Assessoria Técnica para Mulheres de Setores Populares na Bahia, FORD Foundation, 1989-1991
- Apoio ao Projeto REDOR – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero – FORD Foundation, 1992-1994
- Auxílio Pesquisa, FAPEX-BA, “Projeto Práticas e Representações sobre a Menstruação”, 1991-1992
- Auxílio Pesquisa e Extensão, Projeto TEMPO (Pathways), DFID/IDS – 2006-2012
- Auxílio Pesquisa CNPq/SPMulheres, “Corpos Sacrificados: um estudo sobre práticas estéticas femininas contemporâneas”, R\$ 18.000,00, 2006-2008.
- Auxílio Pesquisa para operações do OBSERVE/NEIM/UFBA, Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, R\$ 800.000,00, 2007-2010
- Auxílio Pesquisa ao OBSERVE/NEIM/UFBA para o Projeto “Access to Justice and Domestic Violence Against Women in Brazil”, UNIFEM- New York, 2010-2011
- Auxílio Pesquisa CNPq/SPMulheresS, “Caminhos de Ida e Volta do Local ao Global: As Articulações dos Feminismos Brasileiros nos Espaços da ONU”, R\$44.900,00, 2010-2012

9. 3 Auxílio Organização e Participação em Eventos

No que se segue abaixo, listo alguns dos principais auxílios que recebi ao longo dos anos para a organização e participação em eventos, quais sejam:

- Auxílio Organização de Eventos X Encontro da REDOR e VIII Simpósio Baiano de Pesquisadoras sobre Mulheres e Relações de Gênero, FORD Foundation, 2008
- Auxílio Organização de Eventos – 20 Anos do NEIM, CAPES - 2003
- Auxílio Organização de Eventos, Seminário – France, Brazil, on Gender, Race and Class, FAPESB, 2011
- Auxílio Organização de Eventos, X Simpósio Baiano de Pesquisadoras sobre Mulheres e Relações de Gênero, FAPESB, 2010

- Auxílio Viagem, American Anthropological Association Meetings, Latin American Studies Group – AAA, 1996
- Auxílio Viagem, American Anthropological Association Meetings, FAPESB, 1998
- Auxílio Viagem, Higher Education Link IDS, FAPESB, 2003
- Auxílio Viagem, Higher Education Link IDS, FAPESB, 2005
- Auxílio Viagem, XXX Congresso da LASA, San Francisco, CA; FAPESB, 2012

9. 4 Homenagens

Considero-me uma pessoa privilegiada, por ter meu trabalho reconhecido por meio dos seguintes prêmios e homenagens:

- Bone Scholar Award – Menção Honrosa, Illinois State University, 1976
- Bone Scholar Award - Menção Honrosa, Illinois State University, 1977
- Danforth Fellowship – Indicação pela Illinois State University, 1977
- Mulher 2010 - Homenagem da CIT , 2010
- Homenagem da Comissão da Mulher da Assembléia Legislativa da Bahia , 2011
- Título de Cidadã da Cidade de Salvador – Câmara de Vereadores, 2012

CONSIDERAÇÕES FINAIS: VIVENDO O FEMINISMO

Em seu livro, *El feminismo en mi vida*, Marcela Lagarde, antropóloga feminista mexicana, assim escreveu:

“El feminismo constituye una cultura que, en su globalidad, es crítica de uno sujeto social – las mujeres -, a la sociedad y a la cultura dominantes, pero es mucho más; es afirmación intelectual, teórica y jurídica de concepciones del mundo, modificación de hechos, relaciones e instituciones; es aprendizaje e invención de nuevos vínculos, afectos, lenguajes y normas; se plasma en una ética y se expresa en formas de comportamiento nuevas tanto de mujeres como hombres. Como nueva cultura, el feminismo es también uno movimiento político público y privado que va de la intimidad a la plaza; movimiento que se organiza, por momentos con mayor éxito, para ganar pedazos de vida social y de voluntades a su causa, y para establecer vínculos y encontrar su sitio en otros espacios de la política.” (LAGARDE, 2013, p. 555)

Viver o feminismo, portanto, é vive-lo em todos os espaços que se circula, atuando nos diferentes campos de ação feministas, ‘da intimidade à praça’, das salas de aula para as ruas.

Acredito que, em minha vida, tem sido assim. Tenho desenvolvido ações feministas desde os anos 1970, quando comecei a me conscientizar das profundas desigualdades impostas na sociedade pela ordem patriarcal vigente nos países que conheci.

Particpei, inicialmente, de um grupo da National Organization for Women – NOW em Edwardsville, Illinois, no início dos anos 1970, integrando depois grupo semelhante em Normal, Illinois, para onde me mudei em 1974. Na Illinois State University, fiz parte do grupo que criou a Student Association for Women – SAW, em 1975 e, em Boston, cursando o Doutorado na Boston University, fui uma das antropólogas feministas responsáveis pela Women in Anthropology Newsletter Collective da BU, frequentando, também, cursos no Women’s Health Collective, in Cambridge, Massachusetts, com o grupo que elaborou o livro “Our bodies, Ourselves”, bíblia para minha geração de mulheres no conhecimento de nossos próprios corpos.

Chegando a Salvador, conheci o Grupo Feminista Brasil Mulher, o primeiro grupo feminista de Salvador, me tornando parte dele algum tempo depois. Em 1983, junto a colegas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, fiz parte também do grupo fundador do NEIM – sou também mãe do NEIM! – onde venho atuando de diferentes formas no campo dos Feminismos Acadêmicos no Brasil, sendo, de fato, parte dessa história. Mas fomos além!

De fato, como integrante do NEIM e do Brasil Mulher, participei do Fórum de Mulheres de Salvador, desde a sua criação em meados dos anos 1980, época em que lutamos pela conquista de nossos direitos na Constituinte Federal (1988) e, aqui, na

Constituição da Bahia (1989), bem como na Lei Orgânica do Município (1989). Brigamos pela criação dos Conselhos de Direitos da Mulher, o Municipal e o Estadual (fiz parte do primeiro!), e pelas Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres. Brigamos por Creches Comunitárias, por Centros de Referência, por um atendimento de fato especializado para mulheres em situação de violência. Trabalhamos com o Sindicato de Trabalhadoras Domésticas, com o Sindicato de Comerciárias, fazendo pesquisas para a Federação Nacional de Metalúrgicos e, com o Setor de Gênero do MST, organizando oficinas para os seus acampamentos anuais em Salvador.

Criamos no NEIM, também, um espaço para o OBSERVE, o Observatório de Monitoramento de Aplicação da Lei Maria da Penha, produzindo, como parte de um Consórcio da sociedade civil com vários núcleos e organizações feministas dos quatro cantos do país, instrumentos de coleta de dados e informações pertinentes para esse monitoramento.

Com o apoio do Projeto TEMPO (Pathways), levamos o NEIM para ocupar a Mudança do Garcia, no Carnaval, com um protesto das mulheres de Salvador, demandando a criação da Secretaria de Políticas para Mulheres. E fomos para o Congresso Nacional promover um Seminário Internacional sobre Reforma Política e Cotas para Mulheres. Prestamos, também, assessoria para a Superintendência de Políticas para Mulheres do Município, assim como para a Câmara de Vereadores de Salvador e para a Comissão da Mulher na Assembleia Legislativa da Bahia. Junto com essa Comissão, encampamos a luta em defesa da aprovação do Projeto de Lei conhecido por 'Anti-baixaria', proibindo o uso de verbas públicas para o pagamento de artistas que cantem músicas legitimando a violência e desqualificando mulheres, negros e homossexuais.

Saimos também às ruas, na Marcha das Vadias, no 8 de Março, na luta pela democracia – sempre! – defendendo os direitos e qualidade de vida das mulheres. Para tanto, participamos, intensamente, das conferências municipais, estaduais e nacionais de políticas para mulheres, e até mesmo em conferências da ONU, levando adiante um projeto de transformação da sociedade e combate ao sexismo, ao racismo, a lesbo-homo-bi-transfobias e desigualdades sócio-econômicas resultantes do nosso capitalismo selvagem e da ação nefasta de bolsonaros e bolsominions no nosso mundo.

Ao longo das décadas, nos articulamos com pesquisadoras feministas no país todo e, no Norte e Nordeste, em especial, rompendo também fronteiras nacionais para articular nossa luta e produção de conhecimentos com pesquisadoras e centros nas Américas, na Europa, na Ásia e na África.

Na UFBA, inovamos criando novos cursos de pós-graduação (de especialização, mestrado e doutorado) sobre estudos feministas e, na graduação, o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, trazendo a desconstrução das ideologias de gênero para a universidade. Criamos, também, um novo departamento: o Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos, único no país. Fizemos, ainda, revoluções constantes

em nossas vidas, construindo nesses espaços, em todos os espaços, tramas de solidariedade feministas.

Creio que, como praticante da antropologia feminista e integrante da equipe do NEIM, venho vivendo o feminismo no meu dia a dia, há cerca de quatro décadas - hoje, é verdade, cada vez menos nas ruas e mais nos espaços virtuais, no Facebook, Twitter e Whatsapp!

Para concluir este meu memorial falando do que tem sido viver tudo isso, tomo a liberdade de reproduzir aqui trechos de um livreto que denominei de “Diários da Independência”, escritos durante o ano de 1991:

“Porque nasci fêmea e me criaram menina, ‘tornei-me mulher’. Não sei se por azar ou por sorte, sou parte de uma geração de mulheres que questionou seu lugar na família, na sociedade, no mundo e na história. Mesmo com todos percalços que isso implicou e apesar das cabeçadas, das frustrações e todo o sofrimento que vem junto com o nosso nos tornarmos ‘sujeitos na história’, não quero voltar atrás. Na verdade, não poderia fazê-lo, mesmo que assim quisesse. Não dá para passar a borracha por cima e esquecer tudo que já passei para chegar até aqui!” (Salvador, 12/06/1991)

“Dizem que geminianos são ‘fadados ao sucesso’. Continuo, portanto, esperando que esse sucesso chegue logo. Enquanto isso, vou compondo este relato, um tanto tortuoso, eu sei, de como cheguei até aqui, sem saber ainda muito bem ou ao certo para onde irei daqui pra frente!

O que importa, no momento é apenas compor este relato: para quem? Para mim? Para a posteridade? Porque escrever é preciso, posto que levar para o túmulo tantas experiências sem poder comparti-las com meus pares – as mulheres de minha geração, que viveram muito disso comigo – será como se não tivesse de fato vivido tudo isso.

Não porque acredite que minhas experiências tenham sido únicas, peculiares, especiais. É justamente porque não foram, porque refletem a vivência de uma geração – e, sobretudo, das mulheres dessa geração – que, como feminista, me sinto no dever de relatá-las. Hão de servir para algo, para alguém, para se compor um retrato de vivência concreta – e as representações e práticas – de pelo menos parcela dessa geração de mulheres que ousou – ou tem ousado – botar a boca no trombone, gritar por seus direitos, denunciar a discriminação sofrida e se insubordinar, rompendo com o passado, com as amarras, com os papéis e lugares que nos foram impostos.

E é preciso reconhecer: é difícil fazê-lo. Tem sido desgastante nadar contra a corrente, desbravar novos caminhos. Porque o caminho que percorremos é marcado por altos e baixos, por idas e voltas e reviravoltas. Não é um percurso linear. E há tantas batalhas para se vencer ainda, inclusive dentro de nós mesmas!” (Salvador, 04/10/1991)

“O que procuro atualmente? Sobretudo, paz de espírito. Só que meu espírito não poderá estar em paz com tanta injustiça, tanta tristeza, tanto ódio e dor ao meu redor. Como ter paz sem resolver os conflitos que tumultuam os meus sonhos, os conflitos não resolvidos dos meus afetos e desafetos? E os conflitos que advém do próprio processo de amadurecimento

(envelhecimento?), da consciência de chegar à 'meia-idade' e de constatar que ainda há tanto por fazer e tão pouco tempo para fazê-lo?" (Salvador, 05/10/1991)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(as referências completas de meus trabalhos encontram-se no capítulo 4, que trata da Produção Científica):

ÁLVAREZ, Sonia. Construindo uma política feminista translocal da tradução. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3): 743-753, setembro-dezembro/2009.

ANZALDUÁ, Gloria. Como Domar uma Língua Selvagem. *Cadernos de Letras da UFF*, 39, p. 297-309, 2009.

BEHAR, Ruth, 1996. *The Vulnerable Observer. Anthropology that Breaks your Heart*. Boston: Beacon Press, 1996.

BON, Henrique. *Imigrantes: A saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*. Imagem Virtual, 2ª. Edição. 1994.

BRITTO, A. X., 2009. “Um saldo positivo: as elites femininas brasileiras e o modelo de cultura escolar católica de tradição francesa”. *Revista Eletrônica de Educação*, São Paulo, SP: UFSCar, v.3, no.1, p.39-57. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>

BORDO, Susan. “A feminista como o Outro”. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 8, No. 1, 2000, pp.:10-29. <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-020937bordo.pdf>

BOURDIEU, P. 2007. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Zouk

BUTLER, Judith, 2015. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. São Paulo: Autêntica.

CARRON, Alexandre; CARRON, Christophe. *Nos cousins d'Amérique. Histoire de l'immigration valaisanne em Amérique du Sud au XIX siècle*. Tome I, 1986. Sierre: Ed. Monographic, S.A

COLLINS, Patricia Hill. “Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought”. IN: M. M. Fonow e J. A. Cook (eds), *Beyond Methodology: Feminist Scholarship as Lived Research*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1991, pp.:35-59.

DA MATTA, Roberto. “ O Ofício do Etnólogo. Ou Como Ter Anthropological Blues”. IN: Edson Nunes (org.), *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp: 23-35.

DAVIES, Christie, 1989. “Goffman’s concept of the total institution: Criticisms and revisions.” *Human Studies* 12: p. 77-95.

FRANCHETTO, Bruna et alii, “Antropologia e Feminismo”. In:_____ (orgs.), *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1981:11-47.

GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas. O antropólogo como autor*. Tradução Vera Ribeiro, 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

HEKMAN, Susan, *Gender and Knowledge: Elements of a Post-Modern Feminism*. Cambridge, UK: Polity Press, 1990.

HENRIQUES, Rita de Cássia Chagas. 2006, *Nos muros do Sacré-Coeur: um estudo de caso sobre educação feminina católica*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, Belo Horizonte.

KLINGER, Diane . 2007 *Escritas de Si, Escritas do Outro. A retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras.

LAGARDE DE LOS RIOS, Marcela, 2013. *El feminismo en mi vida. Hitos, claves y topías*. México, D.F: Instituto Nacional de las Mujeres, 2nd edición.

LANDMAN, R. “Washington's Yard Sales: Women's Work, But Not for the Money”, *City & Society*, Volume 1, N.2, pp: 148–161, Dezembro 1987.

MALINOWSKI, B. “Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In: _____, *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Prefácio de Sir James George Frazer; tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça, revista por Eunice Ribeiro Durham. Os Pensadores, 3ª.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MIES, Maria. “Investigación sobre las mujeres o investigación feminista? El debate em torno a la ciencia y la metodología feministas”. In: Eli Bartra (org.), *Debates em torno a uma metodologia feminista*”, México, D.F.: UNAM, 1998, pp.:63-102.

MORAES, Irany Novah. *Elaboração da pesquisa científica*. 2. ed. amp. São Paulo: Álamo, Faculdade Ibero-Americana, 1985.

MORRA, Maria Helena, 2009. “Educação sob a ótica feminina: contribuição de uma cultura religiosa”, *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117.

NICOULIN, Martin. *A gênese de Nova Friburgo - Emigração e colonização Suíça no Brasil 1817-1827*. 1995. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional

NUNES, Maria José R., “Freiras no Brasil”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso, 2000.. ‘O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.’ In: *O Trabalho do Antropólogo*. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; SP: Editora UNESP.

ORTNER, Sherry. "Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura?" In: M.Z. Rosaldo e Louise Lamphere (orgs.), *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979: 95-120.

PEIRANO, Marisa. *A Favor da Etnografia. Cap. 2 – A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, P. 31 – 58.

PEROSA, Graziela Serroni. "A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas". *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: pp.87-111.

RAGO, Margaret, 2013. *A Aventura de Contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

ROSALDO, Michelle & LAMPHERE, Louise (orgs.), *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*, 1979.

RUBIN, Gayle. "The Traffic in Women: Notes on the 'political economy' of sex." In: R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*, New York: Monthly Review Press, 1975, pp.:157-210.

SANGLARD, Gisele (2003). "De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 10 (1): 173-207

SOARES, Marília Vieira, 2002, *Ballet ou Dança Moderna? Uma questão de gênero*, Juiz de Fora: Clio, também disponível em <http://www.ufjf.br/cliodel/files/2009/10/COD02001.pdf>

SOVIK, Liv, Memorial de Títulos1997. Disponível em: [file:///C:/Users/Cecilia/Downloads/livsovik4%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cecilia/Downloads/livsovik4%20(1).pdf), Acesso em: 10/03/2016

VERSIANI, Daniella B. 2005 *Autoetnografias. Conceitos Alternativos em Construção*. Rio de Janeiro: 7Letras.

Quinze Anos de Neim: Uma avaliação crítico-afetiva⁶⁵

Cecilia M. B. Sardenberg⁶⁶

A retomada do projeto feminista no Brasil em meados dos anos 70 foi marcada, não apenas pela ampla mobilização de mulheres em torno de questões específicas à condição feminina em nossa sociedade, mas também pelo crescente interesse em estudos e pesquisas em torno dessa temática, dando margem ao surgimento de grupos e núcleos de estudos nessa área em associações científicas nacionais, bem como em diferentes universidades brasileiras.

Congregando professoras(es) e pesquisadoras(es) que, de um modo geral, já desenvolviam trabalhos nessa linha de pesquisa, esses grupos e núcleos vem-se constituindo, desde então, em espaços privilegiados para a necessária permuta de experiências e o aprofundamento de reflexões teórico-metodológicas sobre a problemática da mulher e relações de gênero, contribuindo, assim, para o avanço das discussões e para o desenvolvimento desse novo e auspicioso campo de reflexão sobre a sociedade brasileira. Atualmente, existem mais de cinquenta núcleos de estudos sobre mulher e/ou relações de gênero nas universidades brasileiras, o que atesta o crescimento e afirmação desse campo de estudos em nosso meio.

A história do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA -- que comemora neste ano de 1998 seu 15^o aniversário -- tem refletido esses avanços. Criado em maio de 1983, como núcleo então vinculado ao Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, o NEIM se destaca, não apenas como um dos núcleos da mulher mais antigos do país - foi o terceiro a ser criado - como também por sua atuação marcante e continuada na promoção de uma série de atividades nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo sempre em vista a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero hierárquicas, predominantes em nossa sociedade, e da conseqüente especificidade da condição feminina.

Reunindo, inicialmente, um pequeno grupo de professoras e alunas do Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, o NEIM se expandiu de sorte a dispor, atualmente, de uma equipe composta por mais de vinte membros, constituída por professoras, pesquisadores, estagiárias e pessoal técnico-administrativo. Da mesma forma, de uma pequena sala no referido Mestrado, notadamente carente de infraestrutura, conseguiu-se, em 1990, novas instalações, seguramente mais amplas e muito melhor equipadas. E, em 1995, depois de uma longa luta junto aos órgãos

⁶⁵ Este relato foi elaborado como subsídio ao Seminário "Repensando o NEIM" (Salvador, 26 de abril de 1997). Trata-se de uma versão atualizada do trabalho, "Subsídios para uma política de autogestão dos Núcleos de Estudos sobre a Mulher: A Experiência do NEIM," apresentado ao I Encontro de Núcleos da Mulher e Gênero realizado pelo NEMGE/USP em São Paulo, em abril de 1991.

⁶⁶ PhD em Antropologia pela Boston University; Professora do Departamento de Antropologia e Pesquisadora do NEIM/ UFBA

colegiados, o NEIM finalmente conquistou um lugar de destaque na UFBA, ascendendo à categoria de órgão suplementar. Hoje, o Núcleo é reconhecido pela sua competência, tanto nacional quanto internacionalmente, destacando-se dentre os principais centros de ensino e pesquisa na área dos estudos feministas no Brasil, como um dos poucos centros dessa ordem que têm se mantido, não apenas fiel, mas também próximo aos movimentos de mulheres e às suas lutas.

Mas se esse reconhecimento é amplamente merecido, deve-se deixar claro que não foram poucos os esforços empenhados pelos membros da equipe no sentido de levar adiante o projeto feminista na academia. Ao contrário, foram quinze anos de muito trabalho e muitas lutas sendo preciso ter muita 'força, muita raça, muita gana' e, por certo, muita 'graça, sempre.'

Registrar a história do NEIM e refletir sobre as diferentes lutas e momentos da sua trajetória é a tarefa que me cabe neste relato. Mais especificamente, proponho-me a elaborar uma avaliação crítica do nosso trabalho nesses últimos quinze anos, com especial atenção ao momento atual e aos novos desafios que se descortinam para o trabalho futuro. Admito, porém, que tal proposta se reveste de contornos bastante especiais para mim. Como uma das fundadoras desse núcleo e cuja carreira acadêmica se entrelaça na própria história a ser aqui reconstruída, minha avaliação será, inevitavelmente, uma avaliação 'crítico-afetiva.'

O 'Entusiasmo' dos Primeiros Anos (1983-1985)

Qualquer tentativa de elucidação da história dos estudos sobre a mulher, seja no Brasil ou em outra formação social contemporânea, há de reportar-se, necessariamente, aos processos sociais que, tanto internacionalmente quanto nos seus desdobramentos locais, repercutiram com tamanha intensidade que colocaram em questionamento a situação da mulher na sociedade. Nos limites deste relato, cabe apenas observar que esses processos têm uma longa história, cujas raízes se entrelaçam ao próprio surgimento da 'modernidade' (Costa 1981, Sardenberg & Costa 1994). Mas vale transcrever a análise sucinta, porém esclarecedora, de Alda Motta, de como se deu, mais precisamente, o surgimento dos núcleos:

O surgimento e desenvolvimento dos grupos corresponde sempre à possibilidade estruturais da sociedade que os gestou, estimulou e cobrou ação. Os grupos e núcleos de estudos sobre a mulher são exemplo desse mecanismo de realização da vida social, em sua atual expressão. A década de sessenta, que viveu intensamente um momento de crise e descrença na produção do sistema de valores capitalista, expressou inconformismo e buscou ação pela postulação de questões críticas fundamentais e pela constituição ou retomada de movimentos contraculturais, políticos, prolíficos em atuação. Entre essas questões cruciais estava a da mulher na sociedade, e entre os grupos e movimentos, a revivescência do feminismo, em novas bases, mais amplas.

Por toda a parte, ainda que guardadas as peculiaridades regionais dos modos de realização do capitalismo, foram criados grupos de reflexão e ação feministas, especialmente fortalecidos a partir da 1^a. Conferência do Ano Internacional da Mulher (Cidade do México, 1975) e seus desdobramentos no tempo e espaços regionais, mundiais. Foram, então, desenvolvidos projetos e programas institucionais de pesquisa; grupos de trabalho em congressos e seminários, nacionais e internacionais, sobre a temática da condição feminina; disciplinas e cursos de estudos sobre a mulher ('Women's Studies') nos vários níveis do ensino universitário. Ainda nas universidades, foi-se dando o agrupamento e integração de pesquisadores—que em maioria já trabalhavam o tema 'Mulher' mais ou menos isoladamente—em núcleos de estudos e pesquisas (1989:03).

Ressalte-se que em meados da década de 1970, quando o feminismo mal começara a ressurgir no Brasil, estudos pioneiros sobre a problemática da mulher já vinham sendo desenvolvidos na UFBA, por docentes e alunas e alunos integrantes do então Mestrado em Ciências Humanas. Muitos desses trabalhos, dado o seu caráter inovador, 'marcaram época' no desenvolvimento das reflexões sobre a questão da mulher no Brasil.

Assim é que, já em 1975, a professora Zahidé Machado Neto ministrava um pioneiro curso de "Sociologia da Família e Relações Entre os Sexos". Como corolário, teses de mestrado e artigos se sucederam.⁶⁷ Note-se que na época, esses estudos se desenvolviam num clima ainda bastante resistente, senão verdadeiramente hostil aos estudos sobre a mulher na academia, particularmente na Bahia, o que emprestava aos trabalhos dessas pesquisadoras um caráter de 'militância', no sentido da legitimação e reconhecimento da relevância científica dessa problemática.

Contudo, paralelamente ao desenvolvimento desses estudos na UFBA, surgia, também, um movimento feminista em Salvador, cujo marco inicial parece ter sido a criação, em 1979, do Grupo Feminista Brasil Mulher, o "BM". Esse grupo, que se formara a partir da participação das mulheres no Movimento pela Anistia e que vivenciara, em seu meio, o acirrado debate travado entre feministas e os partidos de esquerda sobre a questão das 'lutas gerais vs. lutas específicas', define-se, em 1980, como um grupo autônomo de ação e reflexão feminista. Em 1981, o Brasil Mulher embarcava numa ampla campanha contra a violência doméstica, que denunciava a

⁶⁷ Entre eles, *Visão de Mundo da Empregada Doméstica*, tese de mestrado da Profa. Alda Britto Motta (1979), que já atentava para a questão da dinâmica de gênero e classe, ainda bastante atual; "Tempo de Mulher- Tempo de Trabalho", artigo da mesma autora em colaboração com Zahidé Machado Netto (Britto da Motta e Machado Netto 1981), onde se desenvolveu uma análise pautada em observações cronometrando o uso do tempo nas várias atividades e tarefas domésticas de donas de casa da periferia de Salvador; e, em particular "As Meninas", ainda de Zahidé Machado Netto (1986), cuja ênfase na dinâmica gênero/geração, analisando o cotidiano de meninas e adolescentes de famílias pobres em Salvador, salientou a importância da divisão geracional—tanto quanto a de gênero—de tarefas no âmbito doméstico. Seguem-se as teses de mestrado da Profa. Iracema Guimarães (1979), *Mulheres Assalariadas- Fatores Ideológicos de Emancipação*, e do Prof. Jeferson Bacelar sobre *A Família da Prostituta*, ambas desenvolvidas sob a orientação da Profa. Zahidé Machado Netto., entre outras que, já nesse período, enfocaram a questão da mulher.

aberrante impunidade com que a justiça—e a sociedade baiana como um todo—acatava os culpados nos crimes passionais quando a vítima era mulher. Em junho do mesmo ano, o BM promovia o III Encontro Nacional Feminista. Como os dois primeiros, que se realizaram junto com os encontros nacionais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC, também o de Salvador teve lugar nesse espaço, no Campus da UFBA em Ondina. Nesse encontro, o BM teve uma participação destacada, apresentando a peça, *Grite Fogo!* no circo de debates que fora erguido na 'Praça da SBPC'. Representada por integrantes e simpatizantes do Brasil Mulher, essa peça tratou da questão da violência contra a mulher, sendo reapresentada diversas vezes na Bahia como elemento mobilizador para a luta das mulheres. Uma dessas reapresentações ocorreu em outubro de 1981, durante a I Semana de Antropologia, promovida pelo Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, quando se criou um espaço para discussões da questão da mulher e da sexualidade.⁶⁸

A criação desse espaço é certamente indicativa de que, em fins de 1981, já se vislumbrava na UFBA um ambiente de maior receptividade à análise e discussão de questões ainda bastante polêmicas. E, mercê de uma avaliação das condições preexistentes—verdade seja dita, um começo de receptividade para a criação de núcleos da natureza do NEIM—foi possível, em tempo, sua implantação, cuja característica básica parece ter sido aglutinar, não só os diferentes estudos sobre a mulher, incipientemente iniciados no Mestrado de Ciências Humanas, como também os anseios do movimento de mulheres que se descortinava na Bahia, com ressonância e paralelamente ao que ocorria em outras regiões do país.

Com efeito, desde os seus primeiros momentos, o NEIM viu-se intimamente vinculado a esse movimento e, em particular, ao movimento feminista liderado na Bahia pelo Grupo Brasil Mulher, havendo inclusive um amplo intercâmbio de pessoal entre os dois grupos e, assim, uma forte identificação de objetivos. À bem da verdade, foi ainda sob o entusiasmo do Encontro de Mulheres sobre Saúde, Sexualidade, Contracepção e Aborto (realizado no Rio de Janeiro em março de 1983), que a Profa. Ana Alice Costa, então recém contratada pelo Departamento de Ciência Política da UFBA e representante do BM naquele encontro, tomou a iniciativa de reunir outras professoras e mestrandas da Faculdade de Filosofia, que já desenvolviam estudos sobre a temática da mulher, para se discutir a formação de um núcleo de estudos. Essas primeiras reuniões iriam atrair, não apenas mulheres com uma prática de militância feminista, mas também professoras de diferentes departamentos da Faculdade de Filosofia, definindo-se, assim, desde os primeiros momentos, o caráter eminentemente interdisciplinar e interdepartamental do núcleo, hoje ampliado à participação de representantes de diferentes unidades da UFBA.⁶⁹

⁶⁸ Desse evento, participaram também os Professores Luiz Mott, proferindo palestra sobre a homossexualidade, e Cecília Sardenberg (naquela época, ainda não docente da UFBA), que discorreu sobre 'Antropologia e Feminismo.'

⁶⁹ Além da Profa. Ana Alice Costa, participaram das primeiras reuniões as Profas. Consuelo Sampaio, do Departamento de História, Alda Britto da Motta e Maria Luiza Belloni, ambas do Departamento de Sociologia,

Note-se, porém, que o nome escolhido—*‘Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher’*—expressa, não apenas o fato de que as fundadoras advinham de diferentes tradições disciplinares (e/ou departamentos), mas, sobretudo, o consenso das participantes quanto à necessidade de uma abordagem multi e interdisciplinar aos estudos em torno da problemática da mulher. Por outro lado, ao especificar ‘mulher’ e não ‘mulheres’, ou mesmo ‘gênero’ ou ‘relações de gênero’, como é o caso dos núcleos universitários de formação mais recente, o nome então escolhido refletia as preocupações tanto teórico-metodológicas quanto prático-políticas do projeto feminista, que se forjava no Brasil no início dos anos oitenta (Costa e Sardenberg 1994).

A proposta de criação do NEIM, surgida assim dos anseios e preocupações do grupo de pesquisadoras que se reunia naquele momento na FFCH, foi concretizada a partir das sugestões oferecidas pela Profa. Fanny Tabak. Em visita à Salvador, promovida pelo Mestrado em Ciências Sociais (depois re-organizado como Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais), a referida professora compartilhou sua experiência como fundadora do Núcleo de Estudos da Mulher-NEM da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, o primeiro núcleo dessa natureza criado no Brasil (em 1979). Encaminhada ao Colegiado do Mestrado de Ciências Sociais, a proposta de implantação do núcleo foi aprovada em maio de 1983. Assim foi criado o NEIM que, seguindo as pegadas das ilustres pioneiras, conquistou o estatuto de entidade competente no âmbito universitário.

O entusiasmo que caracterizou essa fase inicial do NEIM pode ser vislumbrado na ambiciosa série de objetivos que, definida logo às primeiras discussões como de natureza prioritária pela equipe, consta do seu primeiro panfleto de divulgação:

- *‘contribuir para a formação de uma consciência crítica acerca da importância da mulher na sociedade’;*
- *‘estimular e realizar estudos e pesquisas interdisciplinares sobre a questão feminina’;*
- *‘desenvolver ensino sobre o tema, através da promoção de cursos, seminários e debates, em colaboração com departamentos e cursos de graduação e pós-graduação da UFBA e outras instituições afins’;*
- *‘implantar um centro de documentação com publicações nacionais e estrangeiras e trabalhos universitários inéditos’;*
- *‘divulgar os resultados de estudos, pesquisas e outros trabalhos sobre a questão feminina através de publicações, debates, ciclos de cinema, seminários, etc.’;*

Maria Lídia Quartim de Moraes, bolsista do CNPq-Recém Doutor no Centro de Recursos Humanos-CRH e com uma história de militância em grupos feministas no Brasil e no exterior, Cecília M. B. Sardenberg, do Departamento de Antropologia, também com militância anterior em grupos de ação feminista nos Estados Unidos e, mais tarde, no Brasil Mulher, e a mestrandia Maria Amélia Gonçalves, integrante do Brasil Mulher, que iriam compor a equipe inicial do NEIM.

- ‘desenvolver atividades de assessoria e encaminhamento prático de soluções relativas à participação da mulher na sociedade, junto a grupos de trabalho e/ou associações de mulheres na comunidade baiana’;
- ‘fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que visem a melhoria da condição feminina’;
- ‘participar de eventos promovidos por entidades nacionais e internacionais sobre a questão da mulher’;
- ‘publicar cadernos de pesquisa do NEIM contendo atividades interdisciplinares, informações bibliográficas, etc.’

Contando com uma dotação inicial de 5.000 dólares, concedida pela Fundação Rockefeller através do Mestrado em Ciências Sociais, o NEIM pôde comemorar e divulgar sua criação, promovendo uma série de eventos. Além de bastante concorridos, esses eventos tiveram ampla repercussão em Salvador.⁷⁰ Foi então que, a partir desse primeiro conjunto de atividades, se descortinaram novas perspectivas em termos da participação do NEIM em eventos enfocando, de certa maneira, a mulher e o seu papel na comunidade baiana. Tudo isso contribuiu para a integração de novos membros ao núcleo.⁷¹

Por sua vez, a ampliação da equipe e o interesse e apoio demonstrados ao seu trabalho forneceram o decisivo incentivo para a promoção de eventos de âmbito nacional e a concretização dos principais objetivos do núcleo.⁷² No particular, destaca-se a criação, em 1984, do Centro de Documentação e Informação Zahidé Machado Neto--assim denominado em homenagem à memória da precursora dos estudos sobre a mulher na Bahia, falecida naquele ano-- que conta atualmente com um acervo de livros nacionais e estrangeiros, teses de mestrado e doutorado e trabalhos diversos em de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O NEIM Sai às Ruas (1986-1988)

Um dos principais problemas enfrentados por núcleos de estudos e pesquisas nas universidades é o necessário afastamento de seus membros para fins de qualificação. Sem dúvida, investir nesse processo é um passo fundamental, não apenas

⁷⁰ Em Julho de 1983, o NEIM promoveu o Ciclo de Debates, *A Questão da Mulher Hoje*, com a participação da Profa. Heleieth Saffiotti, cuja obra, *A Mulher na Sociedade de Classes*, publicada já em 1967, guarda certamente o lugar de ‘pioneiríssima’ nos estudos sobre a mulher no Brasil desenvolvidos sob o ângulo do feminismo contemporâneo. Ainda como parte desse programa de comemorações, em novembro de 1983, o NEIM promoveu também a Mostra de Filmes, *Imagens da Mulher*, com a participação da jornalista Inês Castilho do jornal *Mulherio*.

⁷¹ Durante os dois primeiros anos, juntaram-se à equipe inicial as Professoras Mirella Márcia Longo (do Instituto de Letras), Elizabeth Bittencourt (da Escola de Enfermagem da UFBA e integrante do Brasil Mulher) e Sylvia Maria dos Reis Maia (do Departamento de Antropologia da FFCH), que permaneceram no grupo por um período médio de dois anos.

⁷² No extenso elenco de realizações do núcleo nos seus dois primeiros anos, destacam-se: o Seminário Nacional de Pesquisas ‘Zahidé Machado Neto’, promovido em Salvador, em maio de 1984, em colaboração com a Fundação Carlos Chagas; oferta de disciplinas e orientação de trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação da FFCH, versando sobre a temática da mulher; desenvolvimento de estudos e pesquisas e participação do NEIM em eventos nacionais e internacionais em torna desse tema; lançamento, em março de 1985, dos três primeiros números dos *Cadernos do NEIM*.

para os pesquisadores e professores em questão, mas para o núcleo como um todo. Entretanto, isso geralmente se traduz em dificuldades para a equipe que fica, não sendo incomum a desativação de núcleos justamente pela redução do seu pessoal.

Em meados de 1985, o NEIM começou a enfrentar esse problema, em virtude do afastamento de membros de sua equipe para cursos de doutorado em outros estados e fora do país. Foi também na mesma época que, esgotada a pequena dotação da Fundação Rockefeller e sem outras verbas próprias, o NEIM passou a depender exclusivamente dos recursos alocados pelo Mestrado em Ciências Sociais. Mas este, por sua vez, já sofria os efeitos das políticas recessivas do Governo Federal, operando com uma crescente escassez de verbas e de pessoal técnico-administrativo, e sem condições de oferecer um apoio mais efetivo às atividades dos diferentes núcleos e linhas de pesquisa ali vinculados. Além de impedirem a realização de concursos públicos que possibilitassem a contratação de pessoal docente e técnico-administrativo pelas Instituições Federais de Ensino Superior, essas políticas dificultariam também o processo de formalização dos núcleos emergentes como órgãos suplementares, com dotação orçamentária própria. Inicia-se, assim, uma fase de retração do NEIM, que se estenderá de fins de 1985 a meado de 1988.⁷³

Cabe ressaltar que essa retração do NEIM deu-se, essencialmente, em relação à promoção de eventos de maior porte, lançamento de novos *Cadernos do NEIM* e atividades de estudos e pesquisas desenvolvidos coletivamente. Individualmente, os membros da equipe continuaram a desenvolver seus trabalhos, participando também dos grupos de trabalho “Mulher e Política” e “Mulher na Força de Trabalho” da ANPOCS e de seminários e congressos nacionais e internacionais, além de orientarem mestrandos e alunos dos cursos de graduação da FFCH, desenvolvendo estudos em torno da temática mulher.⁷⁴ Ademais, impulsionado pelo avanço do movimento de mulheres que se ampliava em todo país pela conquista dos direitos constitucionais e pela criação dos conselhos e delegacias de proteção à mulher, o NEIM também se engajava intensamente nessa luta, saindo às ruas e ganhando projeção fora dos muros da Academia.

Verifica-se, então, a participação efetiva da equipe do Núcleo, tanto no movimento de mulheres quanto em instâncias e órgãos formuladores de políticas públicas de interesse da mulher, em vários níveis e formas de atuação. Destacam-se, em particular, a participação na Comissão Especial da Mulher que funcionou na Câmara de Vereadores de Salvador; no resultante Conselho Municipal da Mulher no qual o NEIM teve representação formal; nas discussões que resultaram na criação da Delegacia de Proteção à Mulher; na Comissão de Combate à Violência, articulação de diversas entidades de mulheres, responsável por todas as ações e discussões prévias à

⁷³ Nesse período, afasta-se do NEIM, por motivos diversos, a maior parte dos seus membros, sendo que, no segundo semestre de 1987, a equipe havia se reduzido a não mais do que cinco pessoas: Alda Motta, Ana Alice Costa, Anailde Almeida, Cecília Sardenberg e Maria Teresa Navarro de Britto.

⁷⁴ Destaque-se aqui, a participação da Profa. Ana Alice Costa como coordenadora do GT-Mulher e Política da ANPOCS.

formulação da proposta de criação do Conselho Estadual da Mulher, com a perspectiva de ter também representação formal nele; e, no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), órgão vinculado ao Ministério da Justiça, dando consultoria, em várias ocasiões, para o processo de elaboração e implementação de políticas públicas.

Nesse tocante, aliás, não se pode esquecer a efetiva e relevante atuação da equipe do Núcleo na articulação nacional comandada pelo CNDM durante os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988). Há de se destacar, também, a nossa participação na formulação de propostas constitucionais que, encampadas integralmente pelo Fórum de Mulheres de Salvador, foram apresentadas à Constituinte Estadual da Bahia pela Deputada Amábilia Almeida, constando, assim, do Capítulo da Mulher da Constituição do Estado da Bahia (Costa 1998). Da mesma forma, a equipe do NEIM participou ativamente na organização das demandas dos movimentos de mulheres por ocasião dos trabalhos voltados para a elaboração da Lei Orgânica do Município de Salvador, realizando, inclusive, pesquisa no Subúrbio Ferroviário de Salvador, como subsídio à emenda popular relativa a creches comunitárias, apresentada pela Federação das Associações de Bairros de Salvador-FABS (Costa 1998). Ressalte-se que, nesse período, foram inúmeras as ocasiões em que membros do NEIM participaram, a convite, em programas de rádio e de televisão, seminários, debates e demais eventos que de alguma forma trataram da luta das mulheres.

Mas é importante observar que essa ampla projeção do NEIM na comunidade baiana e mesmo em âmbito nacional, sobretudo em instâncias formuladoras de políticas públicas, ocorria justamente num momento em que o Grupo Feminista Brasil-Mulher da Bahia passava por uma fase de menor atuação, inclusive porque o número de membros do grupo, que efetivamente ‘militavam’ nos movimentos de mulheres nessa época, já havia se reduzido significativamente. Na verdade, não seria de todo improcedente afirmar que, naquele momento, resguardadas as características específicas desses dois grupos, o NEIM assumia uma posição de liderança no movimento de mulheres na Bahia, antes ocupada pelo Brasil Mulher.

Esse fato passaria então despercebido, porquanto os membros da equipe do NEIM mais atuantes no movimento eram igualmente membros do Brasil Mulher. Na verdade, houve inclusive quem chegasse a afirmar: “o NEIM é o braço acadêmico (ou institucional) do BM, e o BM o braço militante do NEIM.” Note-se, contudo, que era na qualidade de membros da equipe do Núcleo que se dava a participação daquelas pessoas nos órgãos e instâncias anteriormente mencionados.

Importa salientar que essa estreita ligação entre a ‘academia’ e o movimento de mulheres, observado em Salvador, não era necessariamente uma exceção ou fato inusitado para a época. No bojo da ampla mobilização nacional e de crescimento e ampliação dos movimentos reivindicatórios, que culminaram com a ‘Campanha pelas Diretas’, desembocando depois na ‘Campanha pelos Direitos’, os movimentos de mulheres também cresciam e se ampliavam, contribuindo para o processo de

institucionalização do feminismo. Começando, inclusive, nas universidades com a própria criação dos núcleos sobre a mulher e de gênero, esse processo eventualmente alcançaria outras instituições nacionais: partidos políticos, sindicatos, a Igreja e a própria organização estatal com a implantação dos conselhos e delegacias de mulheres. Surgia, assim, com a organização dos conselhos, o chamado 'Feminismo de Estado', que teve um papel fundamental durante as discussões da Assembléia Constituinte, com destaque especial para a atuação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM. Esse conselho, na medida em que foi composto, em sua grande maioria, por militantes feministas com amplo respaldo e aval dos movimentos de mulheres, passou a assumir efetivamente, não só o papel de interlocutor, mas também o de liderança mobilizadora na luta das mulheres em nível nacional (Sardenberg e Costa 1994).

De fato, contando com orçamento próprio e com o 'respaldo' do aparelho estatal, o CNDM organizou a luta das mulheres com eficácia, contribuindo de maneira decisiva no sentido de que suas 'bandeiras de luta' se transformassem em direitos constitucionais. Entretanto, se é certo que, naquele momento, esse processo se traduzia em evidentes conquistas para o movimento de mulheres, não se pode esquecer—e, certamente, por muito tempo ainda—que a canalização da liderança desse movimento, a nível nacional, num órgão do Estado e, portanto, vulnerável às mudanças de governo, haveria de repercutir, em tempo, de forma negativa para o avanço da luta das mulheres. Com efeito, o processo de desarticulação do CNDM, iniciado no Governo Sarney e consolidado no Governo Collor, engendrou a desarticulação da luta das mulheres no plano nacional. Só recentemente, com a perspectiva de participação do Brasil na Conferência Internacional sobre a Mulher realizada em Beijing, foi que se logrou alcançar um grau de mobilização comparável ao alcançado anteriormente.⁷⁵

Felizmente, o mesmo não aconteceria em relação à participação do NEIM no movimento de mulheres na Bahia. E, até mesmo porque nossa equipe nunca se propôs como 'vanguarda' desse movimento, atuando apenas como uma de suas lideranças. Ademais, sabe-se que, salvo nos períodos mais lúgubres do autoritarismo de Estado no país, as universidades sempre desfrutaram de uma autonomia relativa mais ampla do que outras instituições governamentais, vez que, pelo menos em teoria, este seria o espaço privilegiado para o debate e crítica social.

Certo é que, nessa fase, essa 'autonomia relativa' tornou possível a atuação do NEIM nos moldes de um 'grupo de ação e reflexão feminista', seja no que se refere a sua participação no movimento de mulheres, ou quanto ao seu funcionamento interno. Sem dúvida, internamente, isso se deu, em grande parte, em virtude da equipe estar reduzida a apenas cinco mulheres, que compartilhavam, além de uma pequena sala no Mestrado (onde funcionava também o Centro de Documentação com

⁷⁵ Sobre a articulação nacional voltada para a Conferência de Beijing, veja-se dossiê incluído na *Revista Estudos Feministas*, Vol.3, No. 2, 1995.

todo o seu acervo), os mesmos anseios, dúvidas, conflitos e inquietações próprios à sua condição específica enquanto profissionais e, sobretudo, enquanto mulheres, quase todas descasadas, mães, chefes de família.

Todas se lembram—e com saudades—que, nessa época, as reuniões semanais da equipe eram sempre encontros agradáveis, geralmente acompanhados por ‘chazinhos’ e alguma ‘guloseima’ que alguém se incumbira de preparar para as outras. Depois de discutidos os pontos da pauta na ordem do dia, passava-se ao que era jocosamente denominado de ‘sessão de terapia de grupo.’ Era então, nesse momento, que o NEIM assumia, mais abertamente, sua face como grupo de reflexão feminista: trocavam-se idéias, vivências, experiências; ventilavam-se os problemas do dia a dia de cada uma; refletia-se, coletivamente, sobre o caráter ‘político do pessoal’, tudo isso num clima de muita solidariedade e confiança mútua.

A bem da verdade, sempre existiu no NEIM, inclusive naquela época, uma nítida tensão interna advinda, inevitavelmente, da tentativa de se unir ‘teoria’ e ‘praxis.’ Essa tensão se manifestou principalmente entre os membros da equipe que enfatizaram mais o lado acadêmico e as que se dedicaram com maior empenho à militância nos movimentos de mulheres. Entretanto, a confiança e o afeto existente entre os membros da equipe era tamanha na época, que permitia o amplo debate de idéias e posicionamentos, sem que os conflitos, porventura daí emergentes, se estendessem para além da mesa de reuniões.

Nesse período, o NEIM funcionava como um ‘coletivo de mulheres’, sendo estruturado segundo o preceito da ‘horizontalidade’ (ou não hierarquia), o princípio básico dos grupos feministas autônomos. Assim, ainda que se apontasse Coordenadora e Vice-Coordenadora para responderem, formalmente, pelo grupo, internamente essas funções não desfrutavam de nenhuma regalia ou poder maior acima do coletivo. Todas as decisões partiam do consenso do grupo, sendo que todos os membros da equipe—professoras, pesquisadoras e estagiárias—tinham direito iguais à ‘voz e voto’, participando, igualmente, da divisão de tarefas e responsabilidades, dentro de um verdadeiro ‘espírito de equipe.’⁷⁶

Segundo observaram vários colegas, o bom relacionamento que se estabelecera entre os membros do Núcleo parece ter contribuído de sorte a transformar nossa sala num espaço que emanava ‘bons fluidos’. Não raro, aliás, esse espaço era buscado como um ‘refúgio’, sobretudo por membros do professorado feminino da FFCH que, para todos os efeitos, não se identificavam, necessariamente, com nossas propostas. Muitas vezes, entretanto, essas colegas vieram ‘chorar suas mágoas’ na sala do NEIM, particularmente quando se davam conta de que, também na vida acadêmica, a discriminação sexual contra as mulheres ainda era flagrante.

⁷⁶ Cumpre ressaltar que essa perspectiva foi tão marcante no processo de formação do núcleo, que ainda hoje, mesmo tendo que se ajustar a uma estrutura hierárquica, mais formal, dada a sua condição de órgão suplementar, a equipe mantém esse prática através do Colegiado, como instância de deliberação máxima (Veja-se, por exemplo, o “Regimento do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher”, em anexo).

Mas é necessário salientar que embora houvesse essa ‘simpatia’ pelo NEIM, nem sempre sua ativa participação nos movimentos de mulheres (ou mesmo nos órgãos formuladores de políticas de interesse da mulher), foi vista com ‘bons olhos’, havendo, inclusive, quem chegasse a duvidar da seriedade do trabalho desenvolvido pelo Núcleo. Sem dúvida, esse questionamento provinha de uma concepção bastante estreita do papel social da universidade, ou do que se caracteriza como ‘atividade acadêmica’, ou mesmo como ‘atividade de extensão’. Contudo, mesmo sob essa perspectiva ‘estreita’, tal questionamento era equivocado. Justiça seja feita: se é certo que em determinados momentos (por exemplo, no auge da Campanha pelos Direitos Constitucionais da Mulher), o NEIM não tenha se dedicado, enquanto grupo, às discussões por acaso mais aprofundadas em torno de questões teórico-metodológicas, isso jamais significou que os membros da equipe estivessem, necessariamente, à margem dos avanços registrados na sua área de estudos, destacando-se aí as discussões sobre a problemática de gênero. Ao contrário, na medida do possível (ou seja, dos recursos financeiros disponíveis), o NEIM se fazia representar nessas discussões, através da participação dos seus componentes nos GT’s da ANPOCS (inclusive na coordenação); no Grupo de Pesquisas ‘Relações de Trabalho e Relações de Poder’ da articulação de Centros de pós-graduação e Pesquisa do Nordeste; e em outros grupos e eventos regionais, nacionais e internacionais de igual significância. Da mesma forma, não se mediram esforços no sentido de abrir essas discussões para a comunidade baiana, promovendo seminários e ciclos de debate com a participação de pesquisadores de outras universidades, regiões do país ou mesmo de outros países, dedicados aos estudos na temática da mulher e relações de gênero.⁷⁷

Ampliando Bases e Redefinindo Rumos (1988-1992)

Em fins de 1987, o NEIM participaria de dois eventos—o IX Encontro Feminista Nacional (Garanhuns, Pernambuco) e o II Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe (México)—que teriam um papel significativo no processo de avaliação e redefinição do Núcleo, contribuindo para a sua eventual ampliação. No Encontro de Garanhuns, constatando-se a necessidade de abrir espaço para se discutir e avaliar, em maior profundidade, os avanços, impasses e novos rumos do feminismo no Brasil, o NEIM propôs a realização do Seminário Nacional, *O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas*. Tal proposta, por sua vez, desencadeou um processo interno de reavaliação do desempenho do Núcleo. Foi através desse processo que se tornou

⁷⁷ Assim, contando com o apoio do CNPq e do Conselho Municipal da Mulher, o NEIM promoveu, como parte das comemorações dos 40 anos da UFBA, um extenso programa de seminários. Iniciando-se em 1986, esse programa estendeu-se até agosto de 1987, a saber: ‘Mulher e Política’, realizado em setembro de 1986, com conferências, em dias consecutivos, das Professoras Elizabeth Souza-Lobo (USP), Eleonora M. de Oliveira (UFPb) e Ana Alice Costa (NEIM/UFBA), e com um debate, “As Lutas da Mulher em Debate”, do qual participaram candidatas da Bahia ao Congresso Nacional, evento que mereceu uma menção de louvor ao NEIM, da Câmara Municipal de Salvador; ‘Mulher e Família’, em julho de 1987, com a participação das Professoras Lourdes Bandeira (UFPb/JP), Aída Novelino (UFPe), Guaraci Adeodato de Souza (CRH/UFBA) e Cecília Sardenberg (NEIM/UFBA); ‘Mulher e Trabalho’, em agosto de 1987, sendo participantes os Professores Walney Sarmento (UFBA), Paola Capellin Giuliani (UFPb-CG), Sylvia Maia (UFBA), Nadya Castro (CRH/UFBA), Iracema Guimarães (CRH/UFBA), Dolores Britto (UEFS), e Alda Motta (NEIM/UFBA).

explícita para a equipe, a identidade específica do NEIM: a de ‘ponte de ligação’ entre a academia e o movimento de mulheres.

Esse processo de auto-reconhecimento, que já se iniciara no Encontro de Garanhuns, ganhou momento nas discussões que cercaram a formulação da proposta do referido seminário. Dessas discussões e, antes mesmo que tal proposta se concretizasse, elaborou-se, porém, um outro documento, “Teoria e Praxis Feminista na Universidade: A Experiência do NEIM,” que expressaria os anseios da equipe naquele momento. Elaborado conjuntamente pela equipe, esse documento foi apresentado como proposta de participação do NEIM no Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe e, ali discutido por Ana Alice Costa e Anailde Almeida, na oficina de núcleos de estudos sobre a mulher na América Latina, sendo muito bem acatado por todas as participantes. Após o retorno dessas colegas ao Brasil, foram, então, retomadas as discussões anteriores, agora já com uma firmeza de propósitos mais acentuada por parte da equipe em assumir, mais abertamente, a sua identidade enquanto grupo.

Assim, visando garantir a expressão de outras correntes de militância feminista na formulação da proposta, a equipe do NEIM deliberou pelo envio de uma carta-consulta sobre o seminário a diferentes mulheres, grupos e entidades em todo o Brasil, com uma história de participação no movimento. A partir desse ‘feedback’ e das discussões e avaliações que se seguiram, concretizou-se então a proposta, que expressaria não apenas o pensamento do NEIM, como o de outros setores do movimento de mulheres na época. Vale aqui transcrever esse pensamento:

A premência de nos reunirmos para juntas debruçar-mo-nos sobre o significado e as ampliações desse novo feminismo—principalmente no que diz respeito a autonomia do movimento feminista no Brasil—vem sendo percebida, discutida nos bastidores do últimos encontros, aflorando às vezes com um sentimento de insatisfação com a organização desses encontros e com a perda de um espaço para discussões mais elaboradas. Assim foi em Petrópolis e, principalmente em Garanhuns, quando surgiu a idéia de realização de um evento específico, mais restrito, fora dos encontros nacionais. É que os encontros, que deveriam ser o fórum ideal para a necessária reflexão, troca de propostas, questionamentos e avaliações mais aprofundadas, não têm caminhado nessa direção. Na medida em que se transformam em grandes eventos —com a participação de mulheres com experiências muito distintas e recentes, muitas das quais desconhecem ou ainda pouco se identificam com as propostas feministas—dificultam a discussão mais elaborada de questões fundamentais à própria luta das mulheres. Tentativas nesse sentido têm sido desenvolvidas, em parte e de forma isolada, nos grupos acadêmicos e só nos encontros patrocinados por associações científicas, como a ANPOCS, têm encontrado interlocutores. No entanto, essas tentativas pecam por estarem geralmente desvinculadas de uma prática feminista, de militância. Assim, não têm refletido as necessidades e preocupações imediatas do Movimento (Sardenberg e Costa 1989:78).

Mais adiante, no mesmo documento, o NEIM se propunha como 'articulador' desse espaço, ao tempo em que definia, mais nitidamente, sua identidade:

...apesar da abertura de um espaço para os estudos sobre a mulher na academia representar, também, uma vitória do movimento, e apesar da produção teórica feminista ter certamente desempenhado um papel crítico na vanguarda do feminismo contemporâneo, observa-se hoje um distanciamento e isolamento cada vez maior entre a teoria e a praxis feminista, a começar pela nítida separação que se evidencia entre pesquisadoras e estudiosas da condição feminina e as feministas militantes, sendo poucas aquelas mulheres que atualmente se identificam com os dois grupos.

Um dos objetivos principais que têm pautado o trabalho do NEIM desde a sua criação, em maio de 1983, até o presente, tem sido justamente o de manter essa 'organicidade'. Esse objetivo se fundamenta não só no fato de nossa equipe ser oriunda, em grande parte, do Grupo Feminista Brasil Mulher que vem atuando na Bahia desde 1979, mas, sobretudo, em nossa percepção de que é necessário restabelecer/manter uma ponte de ligação entre as duas frentes, a acadêmica e a de militância, para o necessário 'feedback' –ou seja, para que os resultados dos estudos e pesquisas relativos à temática feminina, tenham também expressão dentro do movimento e, vice-versa, que as questões aí emergentes, possam se tornar objeto de análise e reflexão teórica, como respaldo às lutas das mulheres.

...acreditamos que refletir sobre o feminismo no Brasil, depende não somente do levantamento e mapeamento das atividades dos diversos grupos mas, em particular, do repensar a história do movimento, avaliando, criticamente, seus caminhos e descaminhos, suas formas e bandeiras de luta. Esse repensar, por sua vez, exige a abertura de um espaço específico para que a produção teórica e a praxis feminista se cruzem e se alimentem mutuamente (Costa e Sardenberg 1990).

O ano de 1988 destaca-se na história do NEIM, não apenas pela realização do referido Seminário e pelo empenho do núcleo na lutas das mulheres na Campanha pelos Direitos da Mulher na Constituinte, mas sobretudo, como um período de transição para uma nova fase no seu desenvolvimento: a de renovação e ampliação do Núcleo. Essa fase caracterizou-se pela tentativa de organização e sistematização da atuação do NEIM na área de Extensão, principalmente no que se referia à prestação de serviços de assessoria e consultoria à grupos de mulheres e órgãos e instituições que desenvolvem programas de interesse da mulher. Destacou-se, também, pelo empenho por parte da sua equipe, no sentido da formação de pesquisadores e capacitação de pessoal técnico-administrativo para o trabalho com mulheres de setores populares.

Com efeito, se é certo que, por toda a sua história, o NEIM tivesse atuado na prestação de serviços de assessoria e consultoria dessa natureza, até então, esse trabalho era desenvolvido de forma esporádica, mais ou menos na base do ‘voluntarismo’, sem que houvesse um compromisso formal maior enquanto núcleo. Em fins de 1987, contudo, o NEIM seria procurado por representantes da Associação de Moradores de Plataforma, a AMPLA, solicitando a assessoria do Núcleo junto aos grupos de mulheres do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com vistas à criação do Centro da Mulher Suburbana-CEMS. No princípio, essa assessoria envolvia apenas a formulação de projetos, inclusive o da implantação do CEMS, e a intermediação com agências financiadoras.⁷⁸ Eventualmente, contudo, esse trabalho chegaria a tais proporções, tornando impossível sua realização sem uma redefinição de prioridades e a reestruturação e ampliação do Núcleo.⁷⁹

Em junho do mesmo ano, a equipe do NEIM seria responsável pelo módulo, ‘A Mulher na Sociedade’, do Curso de Especialização em Administração de Projetos Sociais, *A Questão da Mulher no Brasil Contemporâneo*. Promovido pelo Núcleo e o Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público - ISP da UFBA, com o apoio do The Pathfinder Fund, esse curso foi organizado com o objetivo de capacitar técnicos de diversos órgãos e instituições públicas para o trabalho em projetos e programas sociais de interesse da mulher, estando sob a coordenação da Profa. Ana Alice Costa. Além da equipe do NEIM, participaram também como docentes nesse curso as Professoras Silvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento, ambas da Escola de Enfermagem da UFBA, atuantes na área dos estudos sobre Saúde da Mulher, e que, nesse mesmo ano, integraram-se à nossa equipe permanente. Com a vinda das referidas professoras, inaugurou-se, portanto, uma nova linha de pesquisas no Núcleo, tornando-o verdadeiramente ‘interdisciplinar’, além de possibilitar uma estreita ligação e intercâmbio com o Grupo de Estudos da Mulher – GEM, da Escola de Enfermagem da UFBA, que seria criado em 1990.

Cumpre salientar que tanto o trabalho do NEIM junto às mulheres do Subúrbio, quanto a participação da equipe no referido curso, contribuíram para um aumento, bastante significativo, da demanda pelos serviços de assessoria e consultoria oferecidos pelo Núcleo. Assim, em fevereiro de 1989, face a necessidade de atender essa crescente demanda de forma mais eficaz, o Colegiado do NEIM deliberou por priorizar as atividades de Extensão no biênio 1989-1991. Nesse sentido, a equipe formulou e deu encaminhamento a uma ampla programação que incluiu, entre outras atividades, a criação da Agência de Assessoria, a ampliação dos serviços e acervos do

⁷⁸ Veja-se, por exemplo, Sardenberg et alii 1988.

⁷⁹ Esse processo de ampliação, começaria já no início de 1988, quando vieram integrar-se à equipe do NEIM, Maria Elizabeth Silva, assistente social do quadro de professores de 1º. e 2º. graus da UFBA, então lotada no Departamento de Sociologia; de Terezinha Gonçalves, economista e membro do Brasil Mulher, que seria colocada à disposição da UFBA através de um acordo de cooperação firmado entre a UFBA e a Prefeitura Municipal de Simões Filho, acordo esse que envolveria, também, a prestação de serviços de assessoria àquela Prefeitura, na organização de eventos e programas de ação pertinentes à questão da mulher e; de Anailde Almeida, técnica da Secretária de Educação, colocada à disposição do NEIM para trabalhar com grupos de mulheres.

Centro de Documentação e Informação e a realização de cursos e pesquisas voltadas para o atendimento da demanda existente, destacando-se, no particular, o Curso “Saúde, Sexualidade e Cidadania” e os “Ciclos de Debate sobre a Questão da Mulher”, promovidos para mulheres em oito associações de moradores de bairros situados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Paralelamente a esses Ciclos de Debate, realizou-se, também, a Pesquisa “Perfil da Mulher Suburbana”, que visou o levantamento de informações para subsidiar o trabalho de assessoria do NEIM ao Centro da Mulher Suburbana. Ressalte-se ainda que essa pesquisa, para além desse propósito, buscou integrar os interesses dos diferentes membros da equipe na realização de um trabalho de investigação coletiva, contando com a participação de toda a equipe nos diferentes momentos da sua concepção e implementação.

Para concretizar toda essa programação, o NEIM contou com uma dotação da Fundação Ford que possibilitou, também, a viabilização de uma infra-estrutura de apoio aos trabalhos desenvolvidos, através da criação de uma secretaria administrativa e da aquisição de novos equipamentos.⁸⁰ Para garantir a presença no NEIM dos membros da equipe com contratos de trabalho em outras instituições, foram renovados e/ou firmados novos convênios com os órgãos empregadores.⁸¹ De igual importância, foi o apoio institucional da Fundação Ford e, em especial, a dotação de quotas de Bolsas de Iniciação Científica e de Aperfeiçoamento, obtidas através do Convênio UFBA/CNPq, que desde então tem possibilitado a participação de estudantes como bolsistas e estagiárias(os), bem como de outras(os) pesquisadoras(es) nas diversas atividades de pesquisa e extensão do Núcleo.⁸² Além disso, graças ao convênio de cooperação firmado entre a UFBA e o UNICEF, foi possível empreender a reforma de duas salas abandonadas na FFCH e, dessa maneira, transferir o NEIM para as suas atuais instalações, que hoje dispõem de duas salas de reuniões, gabinetes para a equipe permanente, uma pequena copa e sanitário e, mais importante, de um espaço mais racional para o Centro de Informação e Documentação.

Tudo isso foi decisivo para que se ampliasse o potencial de atuação do NEIM, abrindo novas possibilidades de trabalho nas suas três linhas de ação: ensino, pesquisa e extensão. Foram então firmados vários outros convênios: com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente—IBAMA, visando a realização de um diagnóstico sócio-econômico sobre a mulher em atividades pesqueiras no Recôncavo Baiano (veja-se Oliveira et alii 1993); com a Coordenadoria de Informações do Trabalho (COINT), órgão da Secretaria de Trabalho do Estado da Bahia, para a análise da participação da mulher no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Salvador; com a Penitenciária Feminina do Estado com vistas à prestação de serviços de assessoria e à promoção de cursos para

⁸⁰ Esse apoio viabilizou a contratação de Rita Lessa Costa como secretária administrativa do NEIM.

⁸¹ Dentre eles, incluem-se os convênios com a Prefeitura de Simões Filho, Secretaria da Cultura do Estado e Universidade Estadual da Bahia-UNEB. No mesmo período, integrou-se ainda ao NEIM a Profa. Mary Garcia Castro, do Departamento de Sociologia.

⁸² Inclua-se aqui, também, o auxílio pesquisa proporcionado pelo SENESU/MEC, que possibilitou a aquisição de material de consumo fundamental ao andamento dos trabalhos.

internas e agentes do Presídio Feminino; com o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia para o desenvolvimento de um trabalho de educação e cidadania para adolescentes; e com a Federação das Associações de Bairros de Salvador-FABS, para a realização de uma pesquisa aplicada visando um diagnóstico da situação das creches comunitárias do Subúrbio, mencionada anteriormente, que subsidiou a emenda popular apresentada à Câmara de Vereadores, por ocasião da formulação da Lei Orgânica do Município (veja-se Costa 1990).⁸³

Através da Agência de Assessoria, então coordenada pela economista Terezinha Gonçalves, cedida ao NEIM através de convênio firmado com a Prefeitura de Simões Filho, foi possível o desenvolvimento de um trabalho mais sistematizado junto à Associação de Empregados Domésticos do Estado da Bahia (posteriormente transformada em Sindicato), acompanhando reuniões, elaborando projetos e oferecendo cursos. Da mesma forma, o NEIM prestou ainda serviços de assessoria às Associações de Mulheres de Cajazeiras e da Estrada da Cocisa, assistindo-as na formulação de projetos, promoção de cursos de capacitação, assim como no encaminhamento de questões práticas do seu interesse.

A amplitude tomada pelos trabalhos na área de extensão junto à comunidade, aliada à importância de um trabalho efetivo junto aos cursos de graduação visando a formação teórica e prática de estudantes e, portanto, a necessidade de se buscar uma integração maior com os Departamentos (principalmente através do Conselho Departamental da FFCH), exigiram mudanças na própria estrutura do núcleo, particularmente em relação ao tipo de vínculo mantido com outros órgãos da FFCH. Nesse sentido, em dezembro de 1989, a equipe do NEIM deliberou pela desvinculação do Mestrado em Ciências Sociais, para constituir-se como um programa vinculado diretamente à direção da Faculdade. Todavia, essa desvinculação não significou um afastamento do trabalho junto à pós-graduação. Ao contrário, a equipe do NEIM permaneceu responsável pela coordenação da Linha de Pesquisa, “Relações de Gênero, Família e Reprodução Social” formada por ocasião da criação do Mestrado em Sociologia; e continuou a ministrar cursos, dirigir estudos e orientar dissertações de Mestrado e outros trabalhos, com o mesmo empenho que sempre caracterizou sua atuação nos cursos de pós-graduação. Por outro lado, a desvinculação formal do Mestrado pavimentou o caminho para a reestruturação do Núcleo como órgão suplementar. Um primeiro passo nesse sentido foi o reconhecimento, por parte da Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa da UFBA, do importante trabalho realizado pelo núcleo, ao conceder-lhe, em outubro de 1990, o estatuto de “Laboratório Associado”.

A Projeção do NEIM no Plano Nacional (1992-1996)

⁸³ Através desses convênios, integraram-se à equipe de pesquisadores do NEIM, a antropóloga Neusa Maria de Oliveira, o historiador Henrique Lyra, e a socióloga Luiza Bairros.

Se, por um lado, a reestruturação e ampliação do NEIM contribuíram sobremaneira para a sua afirmação como entidade competente no âmbito da UFBA, ou mesmo da comunidade baiana como um todo, por outro, esse processo foi bastante desgastante e doloroso, sobretudo no que se refere às necessárias mudanças no seu funcionamento interno e, conseqüentemente, no relacionamento entre os membros da equipe.

Sem dúvida, uma das mudanças mais evidentes—e mais difíceis de se encarar—foi a gradativa transformação do ‘grupo de ação e reflexão feminista’ em um organismo que se estrutura cada vez mais nos moldes de outros centros de estudos, ditos ‘mais profissionais’. De fato, embora se tenha procurado manter o caráter anterior de ‘coletivo’, à medida que a equipe se ampliava e que a entidade ‘NEIM’ assumia compromissos formais de maior vulto, tornava-se inevitável uma divisão de tarefas, responsabilidades e de instâncias deliberativas mais hierarquizadas, cabendo à Coordenação a antipática tarefa de administrá-las e, assim, de ‘cobrar serviço.’ Ademais, com uma extensa pauta a cobrir, as reuniões semanais foram se tornando, cada vez menos, ‘encontros agradáveis’, não havendo mais nem tempo, nem o espaço apropriado, para as antigas ‘sessões de terapia de grupo’. Perdeu-se, assim, um espaço para a construção de outras formas de relacionamento e de resolução de conflitos entre os membros da equipe, o que, felizmente, não implicou em maiores prejuízos ao clima de ‘sororidade’ e solidariedade que sempre marcaram o coletivo do NEIM.

No entanto, nesse processo de transição foi bastante difícil estabelecer um novo ritmo de trabalho e evitar o acirramento dos conflitos. De fato, no início dos anos 90, o NEIM chegou a vivenciar um momento de confronto e de verdadeira crise, extremamente desgastante para toda a equipe, que só foi superada depois de um amplo processo de reavaliação das metas, prioridades e desempenho de cada um, tornando patente a necessidade de uma divisão de tarefas e responsabilidades, mais racional, bem como de um redimensionamento das atividades do núcleo em suas diferentes linhas de ação.

Por outro lado, durante esse período, a demanda pelos serviços do Núcleo continuou a crescer consideravelmente, chegando ao ponto de extrapolar as expectativas e o próprio potencial de atendimento existente, tanto no que se refere aos recursos humanos quanto aos equipamentos e instalações físicas disponíveis. Nesse tocante, a falta de mais equipamentos e, em particular, de um computador e impressora que possibilitassem a informatização dos serviços da Agência de Assessoria e do Centro de Documentação e Informação, em muito dificultou todo o trabalho do núcleo, resultando em constantes atrasos no cumprimento dos cronogramas propostos.

Em que pese o fato de novos membros integrarem-se à equipe do núcleo, mudanças ocorridas nos governos estadual e municipal exigiram o retorno do pessoal à disposição da UFBA às suas repartições de origem. Isso resultou num ‘enxugamento’

significativo da equipe de técnicos do NEIM que trabalhavam nas atividades de Extensão,⁸⁴ traduzindo-se numa sobrecarga de trabalho para a equipe permanente, em prejuízo das suas atividades de ensino e pesquisa. Face a esses problemas, o Colegiado do NEIM viu-se obrigado a deliberar pela redução, ainda que gradativa, das atividades de extensão e, mais precisamente, do trabalho desenvolvido pela Agência de Assessoria que, naquele momento, não dispunha de pessoal técnico de apoio.

No entanto, isso não significou o abandono dessas atividades, tampouco da atuação nos movimentos de mulheres. Ao contrário, o NEIM continuou participando do Fórum de Mulheres de Salvador, tendo representação na comissão que trabalhou, junto à Câmara Municipal de Salvador, na formulação de políticas voltadas para o combate à violência contra a mulher. Participou, também, das discussões em apoio à reativação do Conselho Municipal da Mulher e nomeação das novas conselheiras, bem como daquelas dirigidas à efetivação do Conselho Estadual da Mulher. Mais recentemente, através da incorporação do Projeto CHAME—Centro Humanitário de Apoio à Mulher-- ao núcleo, o NEIM tem atuado junto a diferentes órgãos e entidades, nacionais e internacionais, no combate ao turismo sexual e ao tráfico de mulheres, problemas que vem se agravando com o processo de mundialização. Sob a coordenação técnica de Maria Jaqueline Leite, o Projeto CHAME tem promovido um amplo leque de atividades voltadas para conscientização da população baiana sobre esses problemas que afetam principalmente as mulheres, destacando-se, em especial, a promoção de cursos e palestras para estudantes e professores das escolas de segundo grau da rede pública de ensino do estado.⁸⁵

Deve-se salientar que os anos noventa têm testemunhado a emergência de novas formas de organização de demandas e lutas—as chamadas ‘redes’--, através das quais o Núcleo vem se projetando no plano nacional. Com efeito, o NEIM não apenas tem se engajado em várias das redes nacionais feministas emergentes no período (tais como a Rede Feminista de Direitos Reprodutivos e a Rede Nacional de Combate à Violência contra a Mulher), como também teve papel fundamental na articulação dos núcleos de estudos sobre a mulher nas regiões Norte e Nordeste, empenho este que culminou, em 1992, com a criação da Rede Regional de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Gênero do Norte e Nordeste—a REDOR.

Cabe observar que os caminhos para a articulação dessa rede começaram a ser traçados durante o I Encontro Nacional de Núcleos da Mulher, promovido pelo NEMGE/USP e realizado em São Paulo, em março de 1991, ocasião em que as representantes dos núcleos do nordeste, ali presentes, puderam constatar o

⁸⁴ Foi nesse período que a Professora Elizete Passos, do Departamento de Filosofia da UFBA e atual coordenadora do núcleo, integrou-se à equipe permanente. Mais tarde, associaram-se também ao núcleo as pesquisadoras Sarah Hautzinger, doutoranda no Departamento de Antropologia da John Hopkins University, Claire Cesareo, doutoranda no Departamento de Antropologia da Columbia University, Margaret Greene, demógrafa desenvolvendo projeto de pesquisa na Bahia sob os auspícios do Population Council e Sherry Blackburn, assistente social desenvolvendo trabalhos na Bahia com o apoio do CIDA. Por outro lado, além do pessoal técnico que retornou aos órgãos de origem, desligou-se também do NEIM a Professora Mary Garcia Castro.

⁸⁵ O Projeto CHAME foi criado em 1994, tornando-se um projeto de extensão do NEIM a partir de 1996. Além da coordenadora técnica, a equipe do CHAME inclui também a pedagoga Maria Aparecida Silva.

descompasso regional existente também no seu campo de estudos. Revelou-se, portanto, a necessidade de se buscar uma aproximação maior entre os núcleos da região, com o intuito de unir forças e recursos no sentido de se minimizar as discrepâncias regionais existentes, em relação ao Centro-Sul (Costa e Sardenberg 1993, 1994). Coube ao NEIM, na qualidade de núcleo mais antigo e ainda operante na região, com uma larga experiência na promoção de eventos, articular essa aproximação. Assim, em setembro de 1992, como parte das comemorações do seu décimo aniversário, o NEIM promovia, com o apoio da Fundação Ford e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), o I Encontro Regional de Núcleos de Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste. Desse evento, no qual participaram representantes dos núcleos então existentes nessas regiões (e de alguns ainda em estágio ‘embriônico’), nasceu a REDOR, cuja coordenação, nos seus primeiros quatro anos de existência, ficou sob a responsabilidade do NEIM, que encabeçará novamente a Rede no biênio 1998-2000.⁸⁶

Paralelamente à articulação da REDOR, membros da equipe do NEIM também participaram, ativamente, das articulações que levariam à criação, em 1994, da Rede de Estudos Feministas –REDEFEM, tendo inclusive colaborado substancialmente na elaboração da proposta da rede e participado, em diferentes níveis, no Encontro Nacional, “Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares na Ciência e na Academia,” em que a mesma foi aprovada (em Niterói, em agosto de 1994).⁸⁷

Vale ainda ressaltar que o NEIM também se fez presente nas discussões que cercaram a reativação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em bases mais democráticas, bem como nos debates iniciais preparatórios para a Conferência Internacional da Mulher, realizada em Beijing (1995). Sem dúvida, o convite feito pelo Ministério das Relações Exteriores ao NEIM para que organizasse e sediasse o Seminário “Gênero e Relações de Poder”--o primeiro de uma série visando a articulação das propostas a serem encaminhadas à Conferência de Beijing-- expressa o reconhecimento, em âmbito nacional, da competência do núcleo.⁸⁸

Entretanto, no âmbito da Universidade Federal da Bahia, tal reconhecimento, em termos formais, somente se concretizaria em 1995, ano em que a proposta de

⁸⁶ No biênio 1992/1994, a coordenação da REDOR esteve sob a responsabilidade das Professoras Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg, ficando sob o encargo das Professoras Sylvania Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo no biênio seguinte (1994-1996). Durante o último encontro, realizado em setembro de 1998 em São Luís, Maranhão, foram eleitas como Coordenadoras Gerais as Profas. Elizete Passos e Ana Alice Costa, e a Profa. Sylvania Lúcia Ferreira como Coordenadora de Pesquisa. Além de encontros anuais (Salvador/1992, Recife/1993, Natal/1994, João Pessoa/1995, Belém/1996 e Maceió/1997), a REDOR tem oferecido cursos nos quais membros da equipe do NEIM tem cooperado e/ou coordenado, realizado pesquisas intra-regionais e, de um modo geral, contribuído para o desenvolvimento dos estudos sobre mulher e gênero nos estados do Norte e do Nordeste.

⁸⁷ A Professora Cecília Sardenberg foi nomeada para integrar a comissão de articulação, criada durante o I Encontro Nacional de Núcleos realizado em São Paulo, em 1991 (Blay e Costa 1991), tendo participado de todas as reuniões dessa comissão e elaborado, conjuntamente com as Professoras Ana Alice Costa e Neuma Aguiar (IUPERJ), a proposta original de criação da REDEFEM. Atualmente, a Professora Cecília Sardenberg integra o Coletivo Coordenador da referida rede, sendo eleita na assembléia realizada durante o II Encontro, que teve lugar em junho de 1998, em Belo Horizonte.

⁸⁸ Realizado em Salvador, em março de 1994, esse seminário foi coordenado pela Professora Ana Alice Costa, que também foi nomeada, pelo Itamarati, como relatora das discussões ali travadas.

institucionalização do NEIM, como órgão suplementar, seria finalmente aprovada pelos órgãos colegiados superiores e, em tempo, pelo Ministério da Educação. Para a direção do NEIM, foi designada a Profa. Dra. Elizete Passos, que já atuava como coordenadora do Núcleo, e como Vice-Diretora, a Profa. Dra. Silvia Lúcia Ferreira.

A Legitimação dos Estudos Feministas na UFBA (1995 ao presente)

Urge ressaltar que a institucionalização do projeto feminista, seja na academia ou em outras instâncias da administração pública (tal qual nos Conselhos da Mulher), ou mesmo em organizações da sociedade civil (partidos, sindicatos, etc), nem sempre tem sido vista com bons olhos por determinados segmentos dos movimentos de mulheres. No cerne da questão, coloca-se o possível comprometimento do princípio de 'autonomia' tido como fundamental pelos grupos feministas independentes e, com ele, do próprio compromisso com as lutas feministas, em favor dos interesses da instituição ou dos detentores do poder sobre o seu destino.

Desse risco, é claro, nem mesmo os núcleos da mulher nas universidades estão totalmente livres, ainda que gozando de uma autonomia maior que outros espaços de institucionalização do feminismo. Entretanto, como observamos em trabalho anterior, é

fundamental lembrar que o desenvolvimento dos estudos feministas e, no particular, "a conquista de espaços próprios de reflexão, como os grupos de trabalho em associações científicas e os núcleos da mulher nas universidades, são também fruto de uma luta travada dentro da academia pelo reconhecimento da relevância da problemática da mulher (e gênero), como objeto de reflexão e análise. Nesse tocante, vale lembrar que, se no plano internacional há tempo já não se questiona a relevância científica e social desses estudos, no Brasil, esse reconhecimento e a conquista de um espaço específico para reflexões sobre a temática da Mulher e seus desdobramentos são conquistas relativamente recentes e ainda não de todo consolidadas. Na verdade, não seria exagero afirmar que no Brasil, ainda hoje, os estudos e pesquisas em torno dessa temática e o próprio surgimento dos núcleos se desenvolvem sob condições nem sempre favoráveis, ou mesmo hostis em algumas instâncias e espaços da academia, o que empresta, a tudo isso, um caráter de militância" (Costa e Sardenberg 1994:389).

Não custa enfatizar, porém, "que as exigências das práticas políticas do movimento distinguem-se das exigências das práticas teóricas, científicas, acadêmicas" (*ibid:ibidem*). E, nesse sentido, a formalização do NEIM enquanto órgão suplementar veio finalmente coroar, não apenas uma longa batalha pela legitimação dos estudos feministas na UFBA, mas também o reconhecimento da sua competência como centro de estudos, pesquisas, ensino e formação de pesquisadoras e pesquisadores. Trata-se de um centro hoje composto por uma equipe permanente

com uma sólida produção científica e altamente qualificada, que responde aos parâmetros acadêmicos vigentes de 'excelência'.⁸⁹

Por outro lado, é importante lembrar que, em termos práticos, como órgão suplementar o NEIM agora tem garantida uma dotação orçamentária que, embora modesta, atende às necessidades básicas do cotidiano. E conta, por fim, com a lotação de pessoal de apoio administrativo, além de mais equipamentos e material permanente que possibilita o bom andamento dos trabalhos. Ademais, em termos administrativos, o novo *status* tem contribuído para um encaminhamento mais ágil das demandas e propostas aos órgãos competentes da Universidade, facilitando a realização das atividades em pauta.

De fato, nos últimos três anos, sob a direção competente da Profa. Dra. Elizete Passos e dos esforços da Profa. Dra. Ívia Alves na Coordenadoria de Extensão, o NEIM vem cumprido sua ampla programação com maior regularidade, a exemplo das Mostras de Vídeos bimensais e dos Seminários "Gênero em Debate", realizados mensalmente, com a participação de conferencistas tanto 'da casa' quanto 'visitantes', incluindo-se dentre ela/es pesquisadoras/es de outros estados e países.⁹⁰ Não se há de esquecer, também, que o *Boletim do NEIM*, depois de tentativas interrompidas, tem agora publicação bimestral.⁹¹

Por certo, destaque especial merece o 'Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero', evento de periodicidade anual instituído em 1995 e agora no seu quarto ano.⁹² Visando incentivar os estudos feministas na Bahia, bem como promover a articulação de pesquisadoras/es e estudiosos interessados nessa temática a nível estadual, esses simpósios anuais do NEIM já começam a figurar na agenda da UFBA como eventos de significativa expressão.

Registre-se, ainda, que no último ano (1998), como parte das comemorações do seu 15º aniversário, o NEIM coordenou, juntamente com Comissão Especial de Defesa dos Direitos da Mulher da Assembléia Legislativa do Estado, o I Seminário, "Participação Feminina no Legislativo e Executivo Municipal na Bahia",⁹³ que reuniu vereadoras e prefeitas de diversas localidades baianas. O NEIM atuou, também, em parceria com a Comissão da Mulher Advogada da Ordem dos Advogados do Brasil

⁸⁹ No momento, a equipe permanente do NEIM é composta por cinco professoras doutoras e duas doutorandas, em fase de elaboração de tese.

⁹⁰ As Mostras de Vídeo estiveram a cargo de Márcia Macedo, aluna do Curso de Mestrado em Sociologia da UFBA e Pesquisadora Associada ao NEIM.

⁹¹ O *Boletim do NEIM* foi editado originalmente sob a responsabilidade de Terezinha Gonçalves e Silvia Lúcia Ferreira. Atualmente, essa publicação está sob a responsabilidade de Sílvia Aquino, aluna do Curso de Mestrado em Sociologia da UFBA e Pesquisadora Associada ao NEIM.

⁹² O I Simpósio, realizado em 1995, esteve sob a coordenação das Professoras Ívia Alves e Florentina ; seguiram-se o II Simpósio (1996), sob a coordenação das Professoras Ívia Alves e Ana Alice Costa; o III Simpósio (1997), coordenado pela Profa. Ívia Alves e pela Mestranda Márcia Macedo; e o IV, que acontecerá nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 1998, está sendo coordenado pela Profa. Elizete Passos.

⁹³ Da parte do NEIM, este evento esteve sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Alice Costa.

Seção Bahia, na coordenação do I Seminário Estadual “O Direito e a Violência de Gênero na Bahia”, evento voltado para profissionais da área do direito.⁹⁴

Por último, mas certamente não menos importante, é preciso destacar o investimento da equipe na publicação do *Catálogo de Pesquisas e Pesquisadoras(es) sobre a Mulher e Relações de Gênero na Bahia* e, mais recentemente, no lançamento da *Coleção Bahianas*, veículo de divulgação dos trabalhos no campo dos estudos feministas que vem sendo realizados na Bahia. Com dois livros já publicados e um terceiro no prelo, a *Coleção Bahianas* representa a concretização de um antigo sonho que, se depender dos esforços da equipe do núcleo, veio, de fato, para ficar.⁹⁵

Considerações Finais: Desafios e Perspectivas

Por certo, ao lerem este relato, os membros da equipe do NEIM hão de se lembrar de muitas atividades e realizações que não foram aqui mencionadas. Nos limites deste trabalho, entretanto, não seria possível detalhar tudo quanto se fez nessa década e meia desde a sua criação, nem foi essa a tarefa a que me propus realizar. Creio, porém, que apesar das omissões, o que foi aqui exposto deixa claro o quanto e muito foi de fato realizado e alcançado pelo Núcleo nesse período. Pode-se até mesmo afirmar que, de um modo geral, a longa pauta de objetivos propostos quando da criação do núcleo, tem sido posta em prática.

Mas, se muitas foram as conquistas e avanços registrados, a trajetória do NEIM nos seus quinze anos de existência não foi linear, tampouco foi uniforme. Na verdade, o Núcleo atravessou fases bastante distintas no seu desenvolvimento, marcadas por redefinições de objetivos e metas que, ora aproximaram-se mais, ora distanciaram-se dos seus objetivos originais. Vivenciou, também, momentos de maior estreitamento com os movimentos de mulheres, enquanto outros foram marcados por uma atuação maior no espaço da academia. Isso tudo se deu em virtude do confluir de fatores externos bem como internos ao grupo. Refletiu, por um lado, mudanças verificadas na sociedade nacional como um todo e, no particular, no movimento de mulheres, tanto como prática social quanto *qua* objeto de reflexão e análise. Por outro lado, respondeu-se aos anseios, interesses e possibilidades do pessoal integrado ao núcleo, que foi redefinindo suas metas e reformulando planos de ação de acordo com as novas demandas emergentes e as limitações postas.

É preciso deixar claro, porém, que muitos são os problemas ainda enfrentados e vários os caminhos a serem percorridos, nas três áreas de atuação do núcleo, no sentido de se levar adiante o projeto feminista na academia. Nesse tocante, cumpre observar que, no próprio âmbito da UFBA, os desafios postos são múltiplos e, com certeza, bastante complexos, principalmente no que tange à situação das mulheres. De fato, um estudo recente desenvolvido pela REDOR sob a coordenação da Profa.

⁹⁴ A coordenação deste Seminário ficou sob a responsabilidade da Dra. Olivete Marques, Presidente da Comissão da Mulher Advogada da OAB/Bahia, tendo como co-coordenadora a Profa. Dra. Cecilia Sardenberg. Da comissão organizadora, participou também Sílvia Aquino, Pesquisadora Associada do NEIM.

⁹⁵ COSTA & ALVES (1997); COSTA (1998), e PASSOS, ALVES & MACEDO (1998).

Dra. Elizete Passos, Diretora do NEIM, mostrou que a UFBA, como de resto as universidades do Norte e Nordeste, permanece “um mundo dividido” em termos de gênero, no qual as mulheres ainda ocupam uma posição subordinada.⁹⁶ Apesar da sua crescente e marcante presença, tanto no corpo discente quanto docente da Universidade, as mulheres ainda se concentram nas áreas e cursos menos prestigiados, ocupam cargos e funções de chefia hierarquicamente inferiores e, são minoria dentro o pessoal que detém a mais alta titulação (doutorado).

Vale também destacar que, apesar dos muitos esforços, estamos muito aquém do desejado no tocante à introdução e incorporação de uma perspectiva de gênero nas diferentes áreas e cursos da UFBA. Conforme demonstra o estudo coordenado pela Profa. Dra. Elizete Passos (1998), tal perspectiva se limita quase que tão somente aos cursos de pós-graduação e, sobretudo, às áreas das ciências sociais, humanas e ciências da saúde (Enfermagem, especialmente). Registra-se, porém, um considerável número de monografias de conclusão de cursos de bacharelado, dissertações de mestrado e teses doutorais em torno da problemática da mulher e gênero, o que demonstra o crescente interesse e, conseqüentemente, a necessidade de se oferecer um número maior de disciplinas na temática em questão.

Mas não se pode esquecer que a continuidade dos trabalhos do NEIM prescinde de um empenho constante na formação de pesquisadoras/es apta/os a formularem projetos e desenvolverem estudos e pesquisas que, para além de uma contribuição científica, forneçam subsídios para o avanço da luta das mulheres. Destarte, é preciso definir políticas de incentivo à pesquisa, dentre as quais devem-se incluir, tanto aquelas voltadas para a captação de recursos para programas de bolsas, quanto para a ampliação, atualização e informatização do Centro de Informação e Documentação Zahidé Machado Netto. Este Centro, diga-se de passagem, cumpre uma importante função não apenas no âmbito da universidade, mas para a comunidade baiana como um todo, na medida em que é procurado por estudantes de primeiro e segundo grau, pesquisadores de outras universidades baianas, jornalistas, pessoas atuantes nos movimentos sociais, entre outros.

Importa também ressaltar que se verifica, atualmente, uma crescente demanda, tanto por parte de grupos de mulheres como de órgãos e instituições governamentais e não-governamentais, por serviços de assessoria e consultoria na área de gênero. Isso nos alerta para a premência de se definir uma política de formação de pessoal que inclua, entre outros objetivos, a promoção de cursos de treinamento e capacitação em gênero. Esses cursos não devem restringir-se apenas ao atendimento de interesses e demandas locais, mas serem dirigidos para uma clientela mais ampla, priorizando o Norte e Nordeste.

Para atender as demandas sociais, é também fundamental a capacitação do corpo técnico em metodologias de trabalho em grupo e formas de organização popular, específicas ao desenvolvimento de uma consciência crítica feminina. Esse

⁹⁶ Veja-se, por exemplo, PASSOS (1997) e PASSOS (1998).

corpo técnico deve ser treinado para coordenar oficinas de trabalho com mulheres das camadas populares, nos moldes das metodologias desenvolvidas pelos SOS- Corpo e Cidadania do Recife, de indiscutível eficácia.

Nossa larga experiência de trabalho em projetos e programas de promoção social da mulher tem revelado que contribuir para a formação de uma consciência crítica feminina requer, para além de ‘boas intenções’, uma reflexão profunda dos fatores diversos geradores da subordinação e exploração da mulher em nossa sociedade, assim como de outros aspectos da dinâmica das relações de gênero. Requer, ainda, um conhecimento da trajetória de lutas, conquistas e questões relativas ao movimento de mulheres, capaz de fornecer dados efetivos para que participantes dos programas em questão possam atuar criticamente e se engajarem nessas lutas, indispensáveis à sua emancipação e conquista de uma cidadania plena.

De fato, “há de se reconhecer que, na luta das mulheres pela conquista de uma cidadania plena, a ‘teoria’ e a ‘praxis’ estão intimamente ligadas, alimentando-se mutuamente. De um lado, o ressurgimento do movimento feminista tem sido uma fonte inspiradora bastante fértil para o desenvolvimento de estudos e pesquisas acerca da ‘questão da mulher’. De outro, é certo que esses estudos têm contribuído, ainda que indiretamente, para o avanço do movimento. Explorando questões relativas às relações de gênero na sociedade contemporânea, assim como a situação da mulher brasileira em toda a sua diversidade, esses estudos têm retratado, não raro de forma contundente, as diferentes formas, facetas e níveis em que a opressão e exploração da mulher se manifestam. Esses estudos têm se tornado importantes não só como subsídios, mas como instrumento de luta, principalmente na medida em que se voltam para a investigação e análise de questões relativas à violência doméstica, à saúde da mulher e seus direitos reprodutivos e, às formas e níveis em que vem se processando sua inserção no mercado de trabalho “ (Costa & Sardenberg 1994:388-389).

Trata-se, enfim, de um ‘caminho de mão dupla’ no qual os núcleos da mulher nas universidades, a exemplo do NEIM, têm um importante papel a cumprir. Acredito, portanto, que as considerações contidas nos limites deste relato são bem um testemunho da pertinência com que se envidaram esforços visando a implantação, na Bahia, de um organismo que, sem perder de vista seus compromissos com a ciência, vem realizando um trabalho de grande significado social na formação de uma consciência crítica da mulher em nosso meio.

Tenho por certo que, como eu, todos quantos integram ou já integraram a equipe do núcleo orgulham-se do nosso trabalho. E digo mais: não resta a menor dúvida entre nós, as ‘meninas do NEIM’, de que “começaríamos tudo outra vez, se preciso fosse”, e de que estamos preparadas para enfrentar, com entusiasmo, mais quinze anos de trabalho pela frente.

Referências Bibliográficas

MOTTA, Alda et alii, "Programa de Assessoria do NEIM a Grupos de Mulheres de Baixa Renda", Salvador: NEIM/UFBA, 1989.

COSTA, Ana Alice Alcantara, *Avances y definiciones del movimiento feminista en Brasil*. Tese de Mestrado em Sociologia. México: FCP y S/UNAM, 1981.

COSTA, Ana Alice Alcantara, *As Donas no Poder: Mulher e Política na Bahia*, Coleção Bahianas, no. 2, Salvador: NEIM/UFBA, 1998.

COSTA, Ana Alice Alcantara & ALVES, Ívia (orgs.), *Ritos, Mitos e Fatos: Mulher e Relações de Gênero na Bahia*, Coleção Bahianas no.1, Salvador:NEIM/UFBA, 1997.

COSTA, Ana Alice Alcantara & SARDENBERG, Cecilia M. B. (orgs.), *Anais do Seminário Nacional: O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e Perspectivas*, Salvador: NEIM/UFBA, 1990.

COSTA, Ana Alice Alcantara & SARDENBERG, Cecilia M. B., "Teoria e Práxis Feministas na Academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Revista Estudos Feministas*. Número especial. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1994.

PASSOS, Elizete, ALVES, Ívia & MACEDO, Márcia (orgs.), *Metamorfoses: Gênero e Interdisciplinaridade*, Coleção Bahianas no.3, Salvador: NEIM/UFBA, 1998.

PASSOS, Elizete (org.), *Um Mundo Dividido: Gênero e Universidade no Norte e Nordeste*, Salvador: NEIM/UFBA, 1997.

SARDENBERG, Cecilia M. B. et alii, "Proposta de Criação do Centro da Mulher Suburbana", mimeografado, 1988.

SARDENBERG, Cecilia M. B. & COSTA, Ana Alice Alcantara, "O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas", *Revista Impressões*, Rio de Janeiro: Rede de Artes e Literatura Feminista, 1989.

SARDENBERG, Cecilia M. B. & COSTA, Ana Alice Alcantara, "Feminismos, Feministas e Movimentos Sociais". In: Brandão, Margarida & Bingemer, Maria C. (orgs.), *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Loyola, 1994.

MINHA AMIGA ANA ALICE E EU: CAMINHOS ENTRELAÇADOS PARA SEMPRE

Cecilia M.B. Sardenberg – NEIM/UFBA

A primeira vez que vi minha amiga Ana Alice foi no coquetel oferecido pela Professora Maria Brandão durante a realização da 33ª Reunião da SBPC em Salvador, que aconteceu de 8 a 15 de julho de 1981. Eu voltara há pouco para o Brasil, vinda de Boston onde cursava o doutorado, e Ana Alice, então recém-chegada do México depois de concluído o mestrado, estava trabalhando como assessora à comissão organizadora daquela reunião da SBPC. No referido coquetel, nos cruzamos no portão da casa de Maria, mas sem trocarmos qualquer palavra. Lembro-me dela ali porque estávamos grávidas, as duas – ela de Vladimir, seu primeiro filho e eu de João, meu caçula – e sabe como é: mulher grávida sempre olha para a barriga de outra grávida! Por isso mesmo, lembro-me de ter voltado a vê-la durante a SBPC no circo armado no meio do Campus da UFBA em Ondina, onde o Grupo Brasil Mulher de Salvador, por estar acontecendo ali também o III Encontro Nacional Feminista, apresentava a peça, “Grite Fogo”, abordando a questão da violência contra mulheres no país. Ana Alice estava lá, mas, novamente, apenas trocamos olhares.

Na verdade, só nos falamos pela primeira vez em dezembro daquele ano (1981), ocasião em que, já com os filhotes nascidos (João em setembro e Vladimir em novembro), prestávamos concurso para ingressarmos na UFBA como docentes – ela no Departamento de Ciência Política e eu no de Antropologia da FFCH. Nós duas – e mais de 400 outras pessoas – fomos aprovadas no concurso; contudo, meses depois de publicados os resultados, ainda aguardávamos pela chamada da universidade. Surgiu assim o Movimento dos Concursados da UFBA, com a participação de Ana Alice, minha e de outros futuros colegas na liderança. E creio que foi precisamente a partir daquele momento que nossos caminhos (o meu e o de Ana Alice) se entrelaçaram para todo o sempre e nossa amizade começou a ser selada!

Com efeito, vencidas as primeiras batalhas pela garantia da criação de vagas efetivas para todos/as concursados/as daquela leva – fomos contratadas em setembro de 1982 -, nos voltamos então para a criação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, o NEIM. A ideia para tanto veio de Ana Alice. Ela voltara de um encontro feminista no Rio de Janeiro, animada para criarmos um núcleo de estudos sobre a mulher na FFCH, articulando um grupo de professoras e mestrandas do Mestrado em Ciências Humanas para levar adiante a proposta. Foi assim que, em maio de 1983, nasceu o NEIM, nosso filho parido junto com Alda Britto da Motta, e que tem sido fruto de muitas alegrias e, confesso, de algumas tremendas dores de cabeça nos seus quase 32 anos de existência...

Mas, sem dúvida, tudo porque, desde o início, e, quase sempre por iniciativa de Ana Alice, cometemos muitas ousadias no NEIM. Assim, criamos o Centro de Documentação Zahidé Machado Neto (1984); lançamos os primeiros ‘Cadernos do NEIM’ (em 1984, ainda impressos via mimeógrafo); vinculamos o NEIM à direção da FFCH para termos mais autonomia para atividades de extensão e um trabalho com alunas/os da graduação. Com o apoio da Fundação Ford e parceria de Antônia Garcia, investimos em um trabalho com as mulheres do Subúrbio Ferroviário de Salvador, as de Plataforma no particular, realizando pesquisas, oficinas e diferentes projetos de

intervenção de assessoria, inclusive uma pesquisa sobre creches comunitárias, publicada sob a organização de Ana Alice, além da pesquisa sobre o “Perfil da Mulher Suburbana” que acabou lastreando minha tese de doutorado. Anos mais tarde, desenvolveríamos um trabalho conjunto com as mulheres do MST, organizando oficinas e cursos para as participantes dos acampamentos anuais, uma atividade que acontecia sob a batuta de Ana Alice e de Lourdinha Schefler, pelo NEIM, e de Lucinha Barbosa, pelo MST.

Ao longo dos anos, organizamos, também, vários seminários, encontros e simpósios locais, nacionais e internacionais, a exemplo de um encontro - desta feita por ideia minha, trazida de um evento do qual participei no NEMGE/USP- em que reunimos representantes de núcleos e pesquisadoras dos estados do Norte e Nordeste em Salvador, com o intuito de articularmos uma rede. Foi assim criada a Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero- a REDOR, que recentemente completou 22 anos. Ana Alice e eu servimos como coordenadoras dessa Rede em diferentes gestões; quando os problemas daí surgidos se avolumavam, ela sempre me lembrava, brincando: “Você que inventou!” Eu replicava que, de fato, a ideia fora minha, mas não teria saído do papel se ela não tivesse investido tanta energia para torna-la realidade!

O mesmo poderia ser dito do primeiro curso de especialização que oferecemos para integrantes da REDOR, versando sobre “Gênero e Desenvolvimento Regional”, que também contou com o apoio da Fundação Ford. Ana Alice não só encampou essa proposta, como acabou criando condições para que ela se desdobrasse em vários outros cursos, culminando com a criação (confesso que com algumas reservas iniciais de minha parte) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – o PPGNEIM, com cursos de mestrado e doutorado e, posteriormente, o Bacharelado em Gênero e Diversidade – o BEGD, o que permitiu trazer gente nova para o NEIM. Foi Ana Alice que com seu olhar treinado buscando a possibilidade de um “oportunisto estratégico” (suas palavras), no bom sentido, descortinou no programa REUNI a possibilidade de crescimento do NEIM.

De fato, Ana Alice estava sempre alerta para essas oportunidades, incentivando nossa inserção em redes regionais, nacionais e internacionais, ampliando dessa forma nossa esfera de atuação e de formação nos estudos feministas. Participamos, assim, da articulação da Rede Nacional Feminista de Pesquisas, a REDEFEM, da Red Latino-Americana de Estudios de Género e da Red Alfa, RIF-MED, que nos projetou na América Latina. Ademais, com nossa inserção (desta feita, por minha iniciativa) no ‘Pathways of Women’s Empowerment Research Programme Consortium’ (para nós, o Projeto Trilhas do Empoderamento de Mulheres – TEMPO), passamos a trocar olhares e experiências de pesquisa com estudiosas feministas na Inglaterra, Bangladesh, Gana, Egito, e mais outros nove países, achando também espaço para nossas publicações e para nossas viagens ‘além-mar’.

Aliás, minha amiga Ana Alice e eu descobrimos que adorávamos viajar e que gostávamos ainda mais de fazê-lo juntas - mesmo enfrentando horas a fio na estrada ou em desconforto pelos ares, ou mesmo brigando por isso ou por aquilo pelo caminho. Senão vejamos: por cerca de dois anos, com outras companheiras do NEIM, percorremos os interiores baianos viajando em uma caminhonete Toyota por uma semana, todos os meses, trabalhando com grupos de mulheres da zona rural. Eu

reclamava da comida, da dormida, do cansaço, enquanto ela seguia em frente, reclamando apenas das minhas reclamações e do meu excesso de bagagem. Lembro-me de uma vez em que ela apareceu com conjuntivite em uma das vistas (não lembro qual), logo no início da viagem, mas não se deu por vencida. Comprou um pacote de algodão, esparadrapo e soro fisiológico na primeira farmácia que encontramos, passando o resto da viagem com um tapa-olho, sem, contudo, deixar de cumprir as tarefas que lhe foram destinadas. Dizia que aguentava o baque porque era capaz de dar suas ‘cochiladinhos’, sempre que possível, arranjando um cantinho (ou mesmo duas cadeiras juntas) para se encostar: tenho fotos hilárias de Ana Alice dormindo nos mais diferentes lugares! Uma vez, quase perdemos nosso voo para um encontro em Luanda: depois de uma longa noite desconfortável no avião, dormimos as duas, por sugestão dela, em longas espreguiçadeiras que encontramos no aeroporto de Lisboa, acordando só em cima da hora, quando ouvimos nossos nomes sendo chamados insistentemente pelo alto-falante. Fomos juntas para encontros feministas, para as conferências de políticas para mulheres, para eventos internacionais mundo afora, aproveitando, na medida do possível, para darmos umas esticadinhas turísticas (o que ela chamava de “turismo acadêmico”) e, é lógico, “cairmos no consumo!” Nossa preferência era sempre pelas feiras e mercados populares, onde sempre encontrávamos echarpes, pashminas, xales e artigos semelhantes que comprávamos para nós e para distribuímos entre nossas amigas feministas – quem já viu feminista sem um xalezinho lilás ou roxo? Tenho coleções desses artigos comprados junto com ela, cada um hoje cheio de memórias desses momentos de descontração que passamos juntas!

Mas, descontração mesmo era no Carnaval – e foram muitos os Carnavais que passamos juntas, farreando pela Praça Castro Alves, descendo a Ladeira do Pelô no Olodum e na Didá, protestando na Folia Feminista na Mudança do Garcia e sambando atrás das Muquiranas no Campo Grande ou no Bloco dos Mascarados pela Barra e Ondina e por aí vai. Nossa amiga, Marlene Libardone (que cuidou pessoalmente de Ana Alice até o último momento), era figura certa para curtir o Carnaval baiano conosco, para o que inventávamos as mais esdrúxulas fantasias: putas francesas, piratas do Caramba (nome é outro), diabetes! Essa última, desfilada nos Mascarados, nos pegou de surpresa. O lamê vermelho comprado por Silvia Lúcia na Avenida Sete, com garantias de que nos faria brilhar, desbotou logo na primeira chuva e, com ‘nosso suor e cerveja’, nos deixou com duas rodela brancas bem na altura dos seios e no traseiro! Na volta, me perdi ‘dazamiga’, e me vi obrigada a caminhar sozinha para casa, exibindo meus restos de fantasia desbotada e arrastando minhas botas, a meia arrastão furada, os chifres de diabinha na cabeça e os olhos todos borrados de tanta farra, só me dando conta da decadência e estrago total em que me encontrava quando finalmente cheguei em casa pela manhã e me vi no espelho! Ana Alice rolou de rir com meu relato, principalmente ao saber que antes eu havia passado na padaria e encontrado meus nobres vizinhos na porta do prédio, passeando, sem noção, o meu estrago pelas ruas do bairro! Que vergonha!

Ela também adorava contar a história do fã que arranjei pelo telefone (não tínhamos internet, muito menos Facebook naquela época!). Ele tinha aquela voz aveludada e sedutora de locutor de rádio e, depois de algumas conversas trocadas na calada da noite, marcamos um encontro de almoço em um restaurante perto de casa. Ana Alice ficou escandalizada com os meus planos: “Como você aceita sair com um homem que não conhece? Já pensou, ele pode ser um estuprador em potencial, não vou deixar você sair com ele, não!” Rebelde como sou, é claro que eu fui, usando uma blusa vermelha para

que ele me identificasse. Assim, logo que adentrei o tal restaurante, vi um senhor, para lá do que poderíamos chamar de ‘derrubado’, acenando para mim. E o pior, quando me aproximei, percebi que ele tinha uma unha compridona no dedo mindinho da mão esquerda, daquelas estilo ‘Zé do Caixão’ chegando a dobrar, exibida por ele com o maior orgulho! Resultado: almocei e saí correndo dali de volta para casa, certa de que nunca mais queria ouvi-lo, muito menos vê-lo! Mas, mal abrira a porta, eis que toca o telefone. Era Ana Alice querendo saber do meu encontro com o ‘príncipe encantado.’ E toco eu a descrever tudo, a unha de Zé do Caixão inclusive, enquanto Ana Alice dava gargalhadas ao telefone. Por fim, minha amiga Alice, a protetora, confessou que tinha visto tudo! Como assim? Ela achou que eu fora desmiolada por sair nessa aventura e precisava da proteção das amigas. Recrutou assim Terezinha para ir com ela atrás de mim, mas às escondidas, ficando as duas em uma mesa no canto, longe do meu alcance de visão, mas perto o suficiente para inspecionarem meu suposto ‘príncipe encantado’ e correr em meu socorro, caso eu precisasse!

Pois é, essa era a minha amiga. E, verdade seja dita, nos divertimos muito juntas! Mas nunca largamos mão da militância, nunca mesmo. Militamos muito em atividades de partido; participamos ativamente do nosso sindicato de professores da UFBA, a APUB, entidade em Alice chegou a atuar como vice-presidente; militamos juntas também no Grupo Feminista Brasil Mulher com as companheiras Bila, Neuzinha, Lena, Carminha, Amelinha e Terezinha, que até hoje se mantém como um grupo de amigas queridas e, é claro, militamos muito no meio acadêmico como integrantes do NEIM, agitando nossas bandeiras de feministas acadêmicas. Diga-se de passagem, criamos nossos filhos – Clarice e Vladimir, de Ana Alice, e Marina e João, os meus - também na militância, carregando os quatro para comícios de nossos/as candidatos/as, atividades de boca de urna, comemoração de resultados de eleição no Rio Vermelho, assembleias de professores/as na Faculdade de Arquitetura e, certamente, para as passeatas feministas do 8 de março, quando as crianças eram recrutadas para a distribuição dos panfletos e, em anos recentes, para a Marcha das Vadias e Parada Gay.

Como não tenho nenhum parente próximo aqui na Bahia além de meus filhos, há tempo que adotei a família de Ana Alice como minha também. Aliás, me tornei sua ‘irmã’ logo depois do falecimento de minha mãe, quando Dona Cenira, mãe de Ana Alice, resolveu também me adotar. Assim, tive a felicidade de usufruir dos deliciosos fins de semana e dos feriados de São João que essa família extensa passava em sua casa na ‘roça’, perto da praia de Buraquinho, quando meus filhos, os de Ana Alice e os de sua cunhada, Rita (minha outra irmã baiana) curtiam brincar na terra, de pés descalços, ficando tão imundos que só o banho de escova no tonel dado por Seu Nubem, pai de Ana Alice, conseguia trazê-los de volta à civilização.

‘Pelas mãos de Alice’ me aproximei também da roda de amigas e amigos de Sofia Olzewski, nascida do tempo em que uma chapa quase só de mulheres – com Sofia na presidência, Ana Alice na vice, e mais Ana Marluce, Sílvia Lúcia, Vera e Dora – integrava a diretoria da APUB. Dessa roda, fizeram parte também Tera, Yukimi, Elizia, Ilka, Carminha, Ana Luz, Ívia, Terezinha, Enilda e eu, mantendo nossa amizade mesmo depois que Sofia se foi (em 1995), seguida, em anos recentes, também de Elizia e Yukimi e, agora, de nossa Ana Alice. Essas amigas queridas (dentre quais também se inclui agora Lourdinha) têm sido companheiras há muitos anos, gente com quem contamos para as farras gostosas no bar às sextas-feiras, fins de semana na praia jogando buraco, trocas de presentes de ‘amigas secretas’, como também para os

momentos difíceis que enfrentamos, inclusive o de agora, de perda e de luto com a partida de uma de nós.

São amigas queridas, mas todo mundo sempre soube que a relação de amizade minha e de Ana Alice era especial – teve gente que até achou que éramos um caso, um casal! Pena que sexualmente nossos desejos se voltavam para o sexo oposto... É claro que tivemos várias brigas e desentendimentos ao longo do tempo, principalmente no trabalho. Mas, felizmente, sempre conseguíamos fazer as pazes pelo telefone, de noite, quando costumávamos a resenha do dia, discutíamos algum artigo que estávamos escrevendo juntas, ou planejávamos alguma loucura nova para propor às companheiras do NEIM. Tenho mesmo certeza que, fora minha relação com meus filhos, minha amizade com Ana Alice foi a relação mais fiel, mais duradoura e mais verdadeira que já tive em minha vida. Creio que agora, beirando que estou os 67 anos, será difícil conseguir construir outra! Como me alerta Clarice, filha de Ana Alice: “Minha tia, você ficou viúva!”

Sendo três anos e meio mais velha que Ana Alice e já tendo passado por momentos de risco de vida em virtude de um problema arterial sério, sempre pensei que eu me fosse antes dela. Por isso mesmo, já havia lido instruções de como gostaria que fosse minha despedida. Estava preparada para o pior, mas jamais poderia imaginar que essa doença avassaladora viesse e me levasse a amiga querida, tão cedo e tão rapidamente, e que fosse eu quem estivesse ali para fechar seus olhos. Hoje sei que viverei sempre com uma imensa tristeza por não poder envelhecer ao lado dela, como planejávamos, arrastando nossos chinelos juntas pela casa...

Mas nem tudo será só lamento; afinal, tive a felicidade de conhecer Ana Alice de perto e de desfrutar da sua amizade por mais de 33 anos. Guardarei sempre lembranças felizes do nosso tempo juntas, em especial, do dia em que nós duas fomos homenageadas pela Câmara Municipal de Salvador, em reconhecimento às ousadias e traquinagens feministas que aprontamos juntas no NEIM. E fico feliz por lembrar que escrevemos vários trabalhos em parceria, principalmente sobre os feminismos brasileiros, de sorte que nossos nomes, assim como nossos caminhos, ficarão entrelaçados para sempre.